

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

**São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina.**

Thaís de Mattos Albieri  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marisa Lajolo

Tese apresentada ao Departamento de Teoria e História Literária – IEL/Unicamp – como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Letras.

Dezembro 2009.

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp**

AL14s	<p>Albieri, Thaís de Mattos. São Paulo - Buenos Aires : a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina / Thaís de Mattos Albieri. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.</p> <p>Orientador : Marisa Philbert Lajolo. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Lobato, Monteiro, 1882-1948 – Critica e interpretação. 2. Intelectuais - Argentina. 3. Escritores brasileiros – Correspondência. 4. Escritores Argentinos – Correspondência. I. Lajolo, Marisa Philbert. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">tjj/iel</p>
-------	--

Título em inglês: São Paulo – Buenos Aires: the trajectory of Lobato in the Argentina

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Monteiro Lobato; Argentinian Intellectual; Brazilian writers - Correspondence; Argentine writers – Correspondence.

Área de concentração: História e Historiografia Literária.

Titulação: Doutor em Teoria e História Literária.

Banca examinadora: Profa. Dra. Marisa Philbert Lajolo (orientadora), Profa. Dra. Silvana Mabel Serrani, Profa. Dra. Regina Zilberman, Profa. Dra. Tânia Regina de Luca, Profa. Dra. Gabriela Pellegrino Soares, Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu (suplente), Prof. Dr. Jorge Schwartz (suplente), Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes (suplente).

Data da defesa: 01/12/2009.

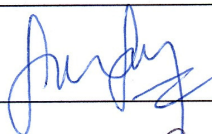
Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.

BANCA EXAMINADORA:

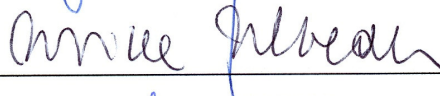
Marisa Philbert Lajolo



Silvana Mabel Serrani



Regina Zilberman



Tânia Regina de Lucca



Gabriela Pellegrino Soares



Márcia Azevedo de Abreu

\_\_\_\_\_

Jorge Schwarz

\_\_\_\_\_

Marcos Antonio de Moraes

\_\_\_\_\_

IEL/UNICAMP  
2009

## Resumo

A pesquisa intitulada “São Paulo – Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina” visa a estudar as relações entre o escritor brasileiro e os intelectuais argentinos contemporâneos do autor, em um período que se estende de 1919 – ano da primeira carta vinda da Argentina – até 1948, depois que Lobato passou 12 meses na capital portenha, entre 1946 e 1947, tornou-se sócio de uma editora, publicou o livro infantil *La Nueva Argentina* e, após sua volta ao Brasil, continuou a negociar a publicação de suas obras.

Para tanto, cartas, artigos, documentos de editoras e livros são pesquisados na tentativa de compor estas relações nos dois países. Em 1921, *Urupês* foi traduzido para o castelhano, pelo argentino Benjamín de Garay, e anunciado nas páginas da *Revista do Brasil*, de propriedade de Monteiro Lobato desde 1918, que por sua vez, publicava textos de intelectuais do país vizinho, sobre política, economia e principalmente literatura. Essa “troca” de informações literário-culturais entre Brasil e Argentina tem como base a noção de *sistema literário*, tal como a concebe Antonio Candido em *A Formação da Literatura Brasileira*.

## Resumen

El estudio titulado "São Paulo - Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina" tiene por objeto estudiar la relación entre el escritor brasileño y los intelectuales argentinos, en un período que se extiende desde 1919 - año de la primera carta de la Argentina - hasta 1948, después que Lobato pasó 12 meses en la capital argentina, entre 1946 y 1947, se convirtió en socio de una empresa editorial, publicó un libro infantil - *La Nueva Argentina* - y después de su regreso a Brasil, siguió negociando la publicación de su trabajo.

A tal fin, cartas, artículos, documentos y libros son investigados en un intento de componer estas relaciones en ambos países. En 1921, Benjamín de Garay tradujo *Urupês* al castellano, y fue anunciado en las páginas de la *Revista do Brasil*, propiedad de Monteiro Lobato desde 1918, que a su vez, publicaba los textos de los estudiosos del país vecino, sobre política, economía y principalmente a la literatura. Este “intercambio” de la cultura literaria entre Brasil y Argentina se basa en la noción de “sistema literário”, tal como es concebido por Antonio Candido en el libro *Formação da Literatura Brasileira*.

## Tabela de Abreviaturas

AAL	Academia Argentina de Letras
ABL	Academia Brasileira de Letras
BIJML	Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato
MG	Manuel Gálvez
MLb	Fundo Monteiro Lobato/CEDAE/IEL/Unicamp
ML	Monteiro Lobato
RB	<i>Revista do Brasil</i>

Aos meus pais – Eliane de Mattos Albieri e Hélio Albieri – “ouro de mina”.

## Agradecimentos

Agradeço à FAPESP, instituição que, durante quase dez anos, financiou minhas pesquisas, o que me possibilitou discutir meu trabalho e ampliar os horizontes pessoais e profissionais. Agradeço ao parecerista da FAPESP que contribuiu muito para o trabalho que ora se apresenta.

Aos meus pais – Eliane e Hélio –, à Raquel, minha irmã, à Ariete, minha avó, e ao meu tio Zé; qualquer palavra de amor escrita jamais expressará o que realmente sinto; para eles, todo o meu coração.

Aos amigos para a vida toda: Liliane Negrão, Juliana Perrella, Antonio Davis, Kátia Araújo e Marina Lopes; sem eles, eu seria menos, com certeza.

Às “Marianas”: a Musa e a Barbi; para mim, a amizade delas é simples assim: imprescindível. À Lara Barros, por todo o carinho, torcida e pelas eternas acolhidas em São Paulo.

Ao Marcus Vinicius Silva Nascimento, que acompanhou, com muito carinho, boa parte de meu percurso.

Maria Fernanda Toledo, Gabriela Grossi, João Porto, Guto Leite, Vicente Albuquerque e Telmo Valente, meus amigos queridos “da ala paulistana”; o carinho, o afeto e a amizade deles, além de ser um presente, tornam tudo mais alegre, mais doce, mais “leve” e mais vivo.

Às queridas Raquel Afonso da Silva e Lucila Zorzato, amizade que atravessou o conviver da Unicamp para se instalar no meu coração.

Ao Evandro Salvador, querido amigo, agradeço a “importação” de dois materiais que foram importantes para a pesquisa.

À Cilza Bignotto, à Célia Delácio Fernandes e à Marcia Razzini agradeço pelas conversas sempre delicadas e animadoras, pelos cafés e pelas ajudas com materiais que foram fundamentais ao longo da pesquisa.

Aos queridos, competentes e acolhedores profissionais da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato: Kazue Matuda Miúra, Nério Sacchi, Sônia Bertonazzi, Kelma Fontoura de Oliveira Castro e Rita de Fátima Gonçalves Pisniski.

Aos funcionários do CEDAE agradeço pela eficiência e competência com que sempre me receberam durante as inúmeras pesquisas feitas ao longo deste trabalho.

Aos funcionários da Biblioteca do IEL agradeço pelo respeito com que me trataram durante todos esses anos em que fui aluna da Unicamp.

Ao Claudio e à Rose, da Secretaria de Pós-Graduação do IEL, agradeço por toda a atenção e zelo com que sempre me trataram durante esse percurso.

Agradeço à Cristina, funcionária da Biblioteca del Congreso de la Nación Argentina, por toda a recepção e cuidado com que me recebeu na biblioteca durante as semanas em que pesquisei em Buenos Aires.

Alejandro Parada e Carmen Mirta Aprida, do Archivo Manuel Gálvez, da Academia Argentina de Letras, agradeço pela atenção e cuidado com que me receberam durante a estadia na capital portenha.

Agradeço à Mariana Alcobre, da Biblioteca Nacional de Maestros, à Patrícia Artundo, do Museo Xul-Solar, e ao Pablo Medina, da Biblioteca Infanto-Juvenil “La Nube”, que me proporcionaram, ao vivo e por e-mail, excelentes interlocuções.

Agradeço aos funcionários da “Fundación Espigas”, sobretudo à Lesly Peterlini e à Adriana Donini, pela possibilidade de consultar materiais que estavam indisponíveis em outros acervos de Buenos Aires.

Agradeço às professoras Márcia Abreu e Silvana Mabel Serrani, pelas importantes sugestões dadas no Exame de Qualificação.

Agradeço, também, às professoras Gabriela Pellegrino Soares, Regina Zilberman e Tânia de Luca, pelas valiosas contribuições, pelas importantes discussões, pela leitura atenta e por toda a atenção a mim dispensada durante a defesa da tese.

À Marisa Lajolo, orientadora querida, que permitiu meu reencontro com Monteiro Lobato; agradeço, ainda, a competente orientação, as excelentes discussões e todo o carinho durante todo o percurso do trabalho. Obrigada, Marisa!



“A esfera de acção da Argentina se alarga entre nós. Promovamos pois uma reciprocidade que só trará vantagem para ambos os paízes”. Monteiro Lobato. 29.08.1919.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	1
<b>Capítulo 1: A trajetória de Monteiro Lobato através das cartas</b> .....	5
Apresentação do Material.....	5
Cartas.....	12
<b>Capítulo 2: A trajetória de <i>Urupês</i></b> .....	179
<i>Urupês</i> : dos primeiros textos nos jornais ao livro de sucesso.....	179
<i>Urupês</i> em cartas, números e tradutores.....	185
<i>Urupês</i> e <i>Urupés</i> .....	201
Horácio Quiroga e Monteiro Lobato em textos, livros e correspondência.....	204
Benjamin de Garay entre São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires.....	213
<b>Capítulo 3:</b>	
O <i>Sítio</i> em terras argentinas pelas mãos de Benjamin de Garay e Juan Ramón Prieto.....	219
Juán Ramón Prieto:novos rumos aos livros infantis de Lobato .....	222
<b>Capítulo 4:</b>	
A trajetória se completa: Monteiro Lobato, de São Paulo a Buenos Aires.....	257
<i>La Nueva Argentina</i> e “Ediciones Juguetes”: fracassos editoriais?.....	274
Considerações Finais.....	291
Referências Bibliográficas.....	295
Índice Remissivo.....	303
<b>ANEXOS: Cronologia Lobatiana na América Latina.</b>	

## Introdução

A relação entre Monteiro Lobato (1882-1948) e intelectuais e artistas argentinos contemplada pela pesquisa intitulada “São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina” foi construída entre os anos de 1919 até 1948 e se deu de diversas maneiras: através de cartas, artigos publicados *de e sobre* o brasileiro e *de e sobre* os argentinos, que circulavam tanto no Brasil quanto na região do Prata, através de editores, críticos literários e, sobretudo, de livros lobatianos e argentinos traduzidos, respectivamente, para o castelhano e para o português.

Especificamente o trabalho desenvolvido com as cartas, que envolveu 3 instituições de pesquisa – O CEDAE/IEL/Unicamp, a Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato e a Academia Argentina de Letras (Archivo Manuel Gálvez) – teve como premissa, além da transcrição e da digitalização, a inserção de notas de rodapé, pois muitas referências, dada a época da correspondência, exigiam a recuperação de situações e pessoas mencionadas pelos remetentes, assunto do capítulo 1, que apresenta o conjunto de cartas e suas respectivas notas, em ordem cronológica, o que facilitou perceber, com a precisão possível, o percurso de Lobato na construção de sua trajetória no país vizinho.

Todavia, o conjunto de cartas trocadas entre Lobato e os intelectuais argentinos, além dos textos lobatianos e de argentinos publicados lá e aqui são significativos no que se refere a elementos do sistema literário – livros, editoras, anúncios, imprensa – que estabeleciam elos entre o Brasil e a Argentina. Tais objetos, instituições e agentes envolvidos nas relações literárias entre os dois países fortalecem a ideia de “sistema literário”, tal como a propõe Antonio Candido:

(...) “um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles, se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em

elementos de contacto entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade” (CANDIDO: 2000, 23).

Sendo assim, as cartas, os artigos e os livros expostos ao longo dos quatro capítulos da tese pretendem construir, a partir das informações neles contidas, uma imagem de como ocorreram as relações literárias entre Monteiro Lobato e diferentes setores da cultura Argentina, no período que se estende de 1919, data da suposta primeira carta escrita por um argentino, até 1948, quando o escritor ainda negocia publicações de suas obras, meses antes de falecer.

A partir do levantamento e da leitura deste material, foi possível estabelecer, com mais clareza, algumas hipóteses que nortearam a construção dos capítulos.

O início das relações entre Monteiro Lobato e os escritores argentinos – Manuel Gálvez e Horacio Quiroga – deu-se a partir de cartas das quais resultaram – efetivamente – textos, artigos e livros publicados e divulgados na imprensa do Brasil e da Argentina, na década de 1920.

Mas estas trocas não passaram apenas pela correspondência e pelas publicações em suas variadas formas nos dois países; elas se consolidam através de algumas figuras, responsáveis pela circulação de textos e de influências nos dois países. Nesse sentido, o tradutor argentino Benjamin de Garay foi fundamental: ele foi responsável pela tradução e divulgação da literatura lobatiana no Prata; sua importância também se manifestou no sentido oposto, em relação à literatura produzida na Argentina, pois Garay intermediou a divulgação de alguns escritores argentinos no Brasil.

Desse modo, Garay foi um dos articuladores da noção de “América” enquanto nação amiga e irmã, promovendo, no que se refere à cultura, um processo de institucionalização que passou pela tradução e pela publicação de livros de brasileiros na Argentina e vice-versa (PAGANO: 1999, 15-33). Um dos marcos dessa institucionalização foi o lançamento, em 1938, da “Coleção Brasileira de Autores Argentinos”, com patrocínio do serviço de Publicações do Ministério das Relações Exteriores; nesse mesmo ano, por intermédio de Garay, saiu, pela *Editorial Claridad*, a adaptação de *Don Quijote de los Niños*, publicada, em 1937, em formato de folhetim no jornal *La Prensa*.

Ademais, o capítulo 1 inclui a observação de como, ao longo dos anos, as trocas literárias estavam relacionadas aos assuntos políticos, sociais, econômicos, e, sobretudo,

culturais dos dois países. Isto possibilitou compreender como a produção de livros e periódicos foi afetada por estes fatores, colaborando, deste modo, para a construção de um sistema literário.

A partir da organização do material em ordem cronológica, foi possível notar as nuances das produções nas décadas de 1920, 1930 e 1940, com destaque, nos anos 1920, para a imprensa – jornais e revistas – que foi fundamental na consolidação da imagem dos escritores no Brasil e na Argentina.

A colaboração em revistas literárias permitiu aos escritores a publicação de livros e a divulgação de seus nomes para além das fronteiras de seus respectivos países; é na esteira deste movimento que Lobato, dono da *Revista do Brasil* desde 1918, vai apostar no intercâmbio das relações com diversos setores da cultura argentina, nos anos 1920, o que lhe possibilitou transitar em diferentes universos: o de Manuel Gálvez, editor e escritor; o de Horacio Quiroga, também escritor e diplomata; o de Benjamin de Garay, tradutor e o de Ramón Prieto, editor e tradutor. Este trânsito, por sua vez, garantiu a tradução para o castelhano, em 1921, de *Urupês*; tal fato, que assegura a divulgação do nome de Monteiro Lobato em outra língua, torna oportuno o estabelecimento de uma *história editorial do livro*, que envolve o processo de tradução, seleção dos textos, maneiras de divulgação da obra, número de edições e tiragens, assuntos tratados no capítulo 2.

O trabalho com as fontes (cartas, documentos e livros) mostrou três diferentes momentos e formas do diálogo entre Monteiro Lobato e a Argentina: a) a década de 1920, que marca o início das relações que culminam com o já citado lançamento de *Urupês*; b) a década de 1930, que, em meio ao *boom* editorial na Argentina, recolocou Lobato no circuito de publicações em livro; c) a década de 1940, que se subdividiu em dois períodos: b.1) num primeiro período, destaca-se a tradução da obra infantil lobatiana, registrada através da troca de missivas entre Lobato e o editor argentino Juan Ramón Prieto; b.2) o segundo momento foi marcado pela ida do escritor brasileiro para fixar morada na Argentina, em 1946; é desta época o livro intitulado *La Nueva Argentina*, resultado de uma parceria do escritor brasileiro e de editores argentinos com o órgão de Educação do governo da Argentina daquele momento, uma vez que o objetivo de tal obra era circular entre crianças em idade escolar. O capítulo 3 discute este momento.

Mas não só da prática de escrita lobatiana e de suas aproximações com o governo, que trata o capítulo 4; além de Monteiro Lobato ser, ele mesmo, agente de sua obra a partir do fim da década de 1940, quando passou a viver na capital portenha, ele tentou, ainda, diversificar seu diálogo com o país vizinho, capitalizando a divulgação de seu nome em terras argentinas; para isto, associou-se, em 1946, a outros três argentinos – Miguel Pilato, Manuel Barreiro e Ramón Prieto (o editor da série infantil lobatiana publicada ao longo da década de 40 por três editoras de Buenos Aires: a Americalee, a Tridente e a Losada), criando a *Editorial Acteón*, que seria responsável por publicar, as obras do escritor brasileiro em castelhano

A partir dessas relações, houve a necessidade de se criar uma cronologia lobatiana na Argentina, que pudesse contemplar, através dos períodos, os documentos trocados entre o escritor brasileiro e seus contemporâneos argentinos, livros e artigos publicados ao longo dessa trajetória. Tal cronologia está no ANEXO deste trabalho.

Sendo assim, os quatro capítulos aqui resumidamente expostos tentam retomar a trajetória lobatiana de São Paulo a Buenos Aires.

## Capítulo 1

### A trajetória de Monteiro Lobato através das cartas.

#### Apresentação do Material

A pesquisa “São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina” parte de um acervo de cartas e de outros documentos relativos a intercâmbios mantidos por Monteiro Lobato com intelectuais argentinos ao longo de sua vida. Parte inicial deste acervo foi depositada em dezembro de 2001 pelos herdeiros do escritor junto ao CEDAE da Unicamp<sup>1</sup>. Organizando-se o material, revelou-se a presença de 40 cartas – entre *Ativas* e *Passivas* – e que começam a delinear as relações entre Monteiro Lobato e a Argentina. As tabelas abaixo registram os itens do Fundo Monteiro Lobato, do CEDAE, relativos a estas relações.

#### CEDAE - Cartas Passivas – Total: 31 cartas

Refer. CEDAE	Data	Local	Remetente
MLb3.2.00234cx5	13.08.1919	Buenos Aires	Manuel Gálvez
MLb3.2.00261cx5	06.08.1921	Buenos Aires	Horacio Quiroga
MLb3.2.00268cx5	xx.10.1921	Buenos Aires	Horacio Quiroga
MLb3.2.00269cx5	12.11.1921	Buenos Aires	Horacio Quiroga
MLb3.2.00278cx5	20.06.1922	Buenos Aires	Horacio Quiroga
MLb3.2.00279cx5	25.06.1922	Buenos Aires	B. de Quirós
MLb3.2.00281cx6	02.07.1922	Buenos Aires	Horacio Quiroga
MLb3.2.00285cx6	03.08.1922	Buenos Aires	Horacio Quiroga
MLb3.2.00287cx6	06.09.1922	Rio de Janeiro	Horacio Quiroga
MLb3.2.00288cx6	14.09.1922	Rio de Janeiro	Horacio Quiroga

<sup>1</sup> O trabalho com este acervo resultou no site [www.unicamp.br/iel/monteirolobato](http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato).

MLb3.2.00288cx6	14.09.1922	Rio de Janeiro	Horacio Quiroga
MLb3.2.00292cx6	13.10.1922	Buenos Aires	Horacio Quiroga
MLb3.2.00297cx6	14.11.1922	Buenos Aires	Horacio Quiroga
MLb3.2.00309 cx6	19.04.1923	Buenos Aires	Vicente de Salaverri
MLb3.2.00312cx6	14.06.1923		Horacio Quiroga
MLb3.2.00320cx7	10.09.xx		Horacio Quiroga
MLb3.2.00323cx7	07.11.1923	Buenos Aires	Horacio Quiroga
MLb3.2.00328cx7	16.01.1924		Horacio Quiroga
MLb3.2.00330cx7	05.02.1924	Buenos Aires	Manuel Gálvez
MLb3.2.00333cx7	06.05.1924	Misiones San Ignacio	Horacio Quiroga
MLb3.2.00338cx7	26.12.1924		Juan Carlos Alonso
MLb3.2.00343cx7	02.01.1926	Buenos Aires	Carlos Ibarguren
MLb3.2.00356cx7	22.02.1927	Buenos Aires	Horacio Quiroga
MLb3.2.00396cx8	23.11.1937	São Paulo	Gabriela Mistral
MLb3.2.00411 cx9	12.07.xxxx	Buenos Aires	Manuel Gálvez
MLb3.2.00445cx9	20.07.1946	Buenos Aires	Constancio Vigil
MLb 3.2.00447 cx 9	29.07.1946	São Paulo	Braulio Sánchez Sáez
MLb3.2.00449cx9	05.09.1946	"El Mojón"	B. de Quirós
MLb3.2.00451cx9	29.09.1946	"El Brete"	B. de Quirós
MLb3.2.00460cx10 <sup>2</sup>	24.06.1947*	Buenos Aires	Editorial Códex
MLb3.2.00462cx10	10.09.1947*	Buenos Aires	Editorial Códex
MLb3.2.00465cx10	10.12.1947	Buenos Aires	B. de Quirós

<sup>2</sup> As cartas com \* são repetidas nos respectivos acervos, sendo as depositadas no CEDAE cópia das que estão na Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato. Diante disso, optou-se por transcrever no capítulo 1 as originais, depositadas no Acervo Monteiro Lobato.



### CEDAE- Cartas Ativas – Total: 9 cartas

Refer. CEDAE	Data	Local	Destinatário
MLb3.1.00177 cx 3	02.04.1941	São Paulo	Benjamín de Garay
MLb3.1.00189cx4	03.08.1946	Buenos Aires	Jurandyr U. Campos
MLb3.1.00190cx4	09.09.1946	Buenos Aires	Jurandyr U. Campos
MLb3.1.00191cx4	14.01.1947	Buenos Aires	José Godofredo de Moura Rangel
MLb 3.1.00192cx4	01.02.1947	Buenos Aires	Cândido Fontoura
MLb3.1.00193cx4	06.02.1947	Buenos Aires	José Godofredo de Moura Rangel
MLb3.1.00194cx4	17.03.1947	Buenos Aires	Faria
MLb3.1.00195cx4	19.03.1947	Buenos Aires	José Godofredo de Moura Rangel
MLb3.1.00197cx4	16.07.1947	São Paulo	Emílio Landolfi

Foi a partir desta documentação que se esboçou o projeto de pesquisa que contemplava, ao longo de seu desenvolvimento, identificação e recolha de mais material – sobretudo cartas – que documentasse, da forma mais completa e detalhada possível, as relações de Monteiro Lobato com a Argentina. Com tal objetivo, desenvolveram-se pesquisas junto à Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato<sup>3</sup> (BIJML), particularmente junto ao “Acervo Monteiro Lobato”, com resultados extremamente produtivos, na medida em que resultou na identificação e recolha de mais documentos. Nota-se, ainda, que o “Acervo Monteiro Lobato” da BIJML bem como o CEDAE contam com outros documentos – propagandas, demonstrativos de vendas e tiragens de obras – que também colaboraram para traçar o início de uma trajetória mais precisa de Monteiro Lobato na Argentina.

As cartas da BIJML constam da tabela abaixo:

<sup>3</sup> A Biblioteca Monteiro Lobato, primeiramente chamada de Biblioteca Infantil Municipal, foi inaugurada em 14 de abril de 1936 durante a gestão de Mário de Andrade como diretor do Departamento Municipal de Cultura, e teve Lenyra Camargo Fraccaroli como diretora até 1960. A biblioteca passou a se chamar Monteiro Lobato somente em 1955, em homenagem ao escritor, falecido em 1948. A partir disto, a biblioteca tornou-se depositária de documentos, cartas, mobiliário, fotografia e objetos pessoais, num total de 4500 itens sobre a vida e a obra do escritor<sup>3</sup>. Cf. o site da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato: [http://portal.prefeitura.sp.gov.br/cultura/bibliotecas/monteiro\\_lobato/0007](http://portal.prefeitura.sp.gov.br/cultura/bibliotecas/monteiro_lobato/0007). Último acesso: 22.04.2008.

## Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato – Cartas Passivas. Total: 36 cartas

Refer. Biblioteca	Data	Local	Remetente
Pasta 20 2500	24.06.1947*	Buenos Aires	Editorial Codex
Pasta 20 2501	10.09.1947*	Buenos Aires	Editorial Codex
Pasta 20 2502	s/d		
Pasta 20 2503	23.04.1947	Buenos Aires	Monteiro Lobato
Pasta 20 2504	29.04.1947	Buenos Aires	Monteiro Lobato
Pasta 20 2505	10.06.1947	Buenos Aires	Editorial Codex
Pasta 20 2506	12.09.1947	Buenos Aires	Editorial Codex
Pasta 20 2507	27.09.1942	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2508	15.10.1942	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2509	03.11.1942	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2510	25.11.1942	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2511	05.12.1942	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2512	23.12.1942	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2513	08.01.1943	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2514	20.03.1943	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2515	24.04.1943	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2516	06.05.1943	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2517	24.05.1943	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2518	04.06.1943	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto

Pasta 20 2519	11.08.1943	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2520	29.08.1944	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2521	17.09.1944	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2522	10.10.1944	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2523	13.01.1945	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2524	30.01.1945	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2525	29.03.1945	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2526	14.05.1945	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2527	04.08.1945	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2528	11.10.1945	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2529	19.10.1945	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2530	28.10.1945	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2531	21.05.1947	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2532	03.08.1947	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2533	03.11.1947	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2534	17.03.1948	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto
Pasta 20 2535	08.05.1948	Buenos Aires	Juan Ramón Prieto

Como era de se esperar, o material epistolar encontrado em instituições brasileiras era majoritariamente representado por correspondência passiva do escritor, isto é, por cartas *enviadas* a Monteiro Lobato por intelectuais argentinos.

As reflexões pretendidas, no entanto, exigiam que se tentasse localizar também a *correspondência ativa* do escritor de Taubaté e a hipótese era de que tal acervo talvez se encontrasse em instituições argentinas.

Foi com esta hipótese que entre outubro e novembro de 2006, pesquisa desenvolvida na Biblioteca da Academia Argentina de Letras, possibilitou encontrar cartas que Lobato enviou a Manuel Gálvez, como indica a tabela a seguir.

### Academia Argentina de Letras – Cartas Ativas – 31 cartas

Ref. AAL	Data	Local	Destinatário
Caja 03	28/08/1919	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	15/10/1919	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	10/12/1919	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	18/01/1920	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	26/01/1920	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	06/02/1920	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	31/03/1920	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	01/06/1920	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	03/07/1920	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	14/08/1920	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	22/11/1920	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	12/12/1920	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	22/12/1920	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	06/01/1921	São Paulo	Manuel Gálvez

Caja 03	10/03/1921	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	16/06/1921	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	06/07/1921	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	03/08/1921	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	24/08/1921	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	23/11/1921	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	01/03/1923	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	05/10/1923	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	26/11/1923	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	23/05/1924	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	12/10/1924	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	28/01/1925	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	28/08/1934	São Paulo	Manuel Gálvez
Caja 03	s/d		Manuel Gálvez
Caja 03	s/d		Manuel Gálvez
Caja 03	s/d		Manuel Gálvez
Caja 03	s/d		Manuel Gálvez

Apresentadas as tabelas de cartas, passemos, às cartas propriamente ditas, que estão digitadas, com notas de rodapé e organizadas em ordem cronológica, como já mencionado na Introdução desse trabalho.

Inspetor  
de Enseñanza Secundaria y Especial<sup>4</sup>

Buenos-Aires, Agosto 13 de 1919

Mi estimado colega:

Estoy leyendo “Urupês”<sup>5</sup>, que me interesa y seduce de una manera excepcional. Aquel Pontes<sup>6</sup> de “O engraçado arrependido”<sup>7</sup> me ha hecho reír de veras. Es usted un escritor de una rara fuerza de estilo. Cuando termine su libro he de darle mi sincera opinión.

Me place muchísimo hacer relación con usted. Conozco la revista<sup>8</sup> que usted dirige, y más de una vez pensé mandarle mis libros.

La literatura brasileña me interesa enormemente, y sin embargo he leído libros de Coelho Netto<sup>9</sup>, Machado de Assis<sup>10</sup>, Gustavo Barroso<sup>11</sup>, Aluizio de Acevedo<sup>12</sup>, Graça

---

<sup>4</sup> Manuel Gálvez (1882-1964) escritor, editor, colaborador em revistas e jornais argentinos, fundou em 1903 a revista *Ideas*; entre 1906 e 1930 foi Inspector de La Enseñanza Secundaria y Especial; em 1916 fundou a Cooperativa Editorial Buenos Aires e a Agencia de Librería y Publicaciones; em 1919 fundou, junto com seu cunhado Augusto Bunge, a Cooperativa Editorial Pax. Gálvez foi um dos responsáveis por editar, em 1921, *Urupês*, de Monteiro Lobato, em castelhano. Foi Inspector de la Enseñanza Secundaria y Especial, de 1906 a 1930, e seu trabalho, neste posto, incluía viagens a escolas do interior da Argentina.

<sup>5</sup> *Urupês*, livro de contos de Monteiro Lobato, foi publicado pelas Edições da “Revista do Brasil” em 1918, reuniu textos publicados pelo escritor em diversos periódicos para os quais colaborou. O texto que dá título ao livro foi publicado pela primeira vez no jornal *O Estado de S. Paulo*, na coluna “Queixas e Reclamações”, em 23.12.1914. Em abril de 1919, ano dessa carta, Lobato planejou a 4ª edição de *Urupês*, cuja tiragem foi de 4000 exemplares, como informou o escritor a Godofredo Rangel. Cf. carta de 20.04.1919. In *A Barca de Gleyre*. 2º tomo. São Paulo: Brasiliense, 1969, p. 192. Cf. também. MARTINS, Milena R. “Lobato edita Lobato: edição dos contos lobatianos”. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/Unicamp, 2003.

<sup>6</sup> Personagem do conto “O engraçado arrependido”, publicado na primeira edição de *Urupês*.

<sup>7</sup> Conto de *Urupês* publicado desde a primeira edição em 1918 foi também traduzido para o espanhol sob o título “El gracioso arrependido”; consta do livro *Urupês* traduzido por Benjamin de Garay, publicado pela Editorial Patria, de Buenos Aires e lançado em 1921.

<sup>8</sup> Gálvez faz referência à *Revista do Brasil*, periódico de cultura, inaugurado em 25.01.1916 por Júlio de Mesquita (1862-1927), juntamente com Plínio Barreto (?-?) e José Pinheiro Machado Júnior(?-?); em junho de 1918, a *RB* passou a ser dirigida por Monteiro Lobato, que passou de colaborador a dono da revista, vendida em 1925 a Assis Chateaubriand.

<sup>9</sup> Henrique Maximiano Coelho Neto (1864-1934), escritor e professor; que em 1897, ocupou a cadeira nº 2 da ABL; colaborou para diversos jornais do Rio de Janeiro, como o *Gazeta da Tarde e Cidade do Rio*. Em 1914, publicou *O Rei Negro*, livro que Manuel Gálvez pretendia editar em espanhol. Em 1918, a *RB* publicou o discurso de Coelho Neto a Ruy Barbosa. Cf. *Revista do Brasil*, nº32, agosto 1918, pp. 479-494. Em 1919, a seção “Academia Brasileira de Letras”, da *RB* publicou estudo sobre Coelho Neto. Cf. *Revista do Brasil*, nº46, outubro 1919; o mesmo número da revista publicou, na seção “Bibliographia”, o texto “Aluísio Azevedo”, de Coelho Neto, publicado pela primeira vez na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. Em 1920, escreveu, em parceria com Afrânio Peixoto, Viriato Correia e Medeiros e Albuquerque o livro *O Mistério*, publicado, no mesmo ano, pela Monteiro Lobato & Cia. Cf. carta MLb3.2.00251cx5, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato CEDAE/IEL/Unicamp.

<sup>10</sup> Joaquim Maria Machado de Assis (1839 -1908), contista, poeta, jornalista, cronista e romancista. Em 1902, seu romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* saiu pela coleção “Biblioteca La Nación”, uma série de livros publicada pelo jornal argentino *La Nación*; em 1905, *Esau e Jacó* saiu pela mesma coleção. Na Argentina, Machado de Assis também teve contos publicados em jornais e revistas de grande circulação, como a *Plus Ultra*, que em 1922 publicou “La Deseada” (año VII, nº74, junho, 1922). Em 1939, ano do centenário

Aranha<sup>13</sup> y Pablo Barreto<sup>14</sup>. Todo lo que llevo leído de ese país me ha parecido excelente. Creo, con toda sinceridad, que tienen ustedes una literatura superior á la nuestra.

Yo me permitiría solicitarle á usted algunos informes sobre literatura brasileña. ¿ Le sería demasiado molesto, enviarme una pequeña lista, - veinte nombres, cuando más-, de lo más descollante dentro de la pura literatura? Y ya que estamos en este terreno, ¿ por qué no escribe usted un artículo sobre la actual literatura brasileña, y me lo manda para “Nosotros”<sup>15</sup>? Recuerdo que, á mi pedido, mi grande y llorado amigo Abel Botelho<sup>16</sup> escribió un estudio sobre la literatura portuguesa, que yo tuve el placer de traducir y que publicamos en “Nosotros”. Yo traduciría también el suyo.

A mi vez, yo puedo escribirle á usted – algo más adelante, pues estoy lleno de trabajos -, un artículo sobre la literatura argentina del momento, para la Revista del Brasil<sup>17</sup>. Me parece lamentable que nuestros países no se conozcan, y nosotros los escritores debemos hacer algo en vista de un acercamiento e conocimiento entre ambos pueblos.

---

de nascimento de Machado, Monteiro Lobato publicou no jornal argentino *La Prensa*, na “Tercera Sección”, o texto “Machado de Assis”. Posteriormente, este artigo foi incluído em LOBATO, M. *Mundo da Lua e Miscelânea*, São Paulo: Brasiliense, 1969, pp.329-338.

<sup>11</sup> Gustavo Barroso (1888-1959), advogado e escritor, ocupou a cadeira nº19 da ABL, em 1923. Seu livro de estreia – *Terra do Sol. Natureza e Costumes do Norte* – foi publicado em 1912; em 1919, publicou *Tratado de Paz*. Em 1921, publicou pela Monteiro Lobato & Cia *Casa de Marimondos*; em 1923, Barroso propõe a Lobato uma possível segunda edição do livro. Cf. carta MLb 3.2.00306cx6, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato/CEDAE/IEL/Unicamp; no mesmo ano, saiu, pela Monteiro Lobato & Cia o livro *Mula sem Cabeça*. Sobre os livros publicados pelas editoras de Monteiro Lobato, cf. BIGNOTTO, Cilza. “Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)”. Tese de Doutorado. Campinas: IEL-Unicamp, 2007. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000410260>. Último acesso em 21/02/2009.

<sup>12</sup> Aluizio Azevedo(1857-1913),escritor; ocupou a cadeira nº4 da ABL, e publicou em 1880 seu romance de estréia *Uma lágrima de mulher*; o romance *O Mulato*, foi publicado pela primeira vez em 1881, e traduzido para o espanhol em 1904, como parte da coleção “Biblioteca La Nación”. Cf. SORÁ, Gustavo. *Traducir El Brasil*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003, p. 73. A *RB* de 1919 publicou, na seção “Academia Brasileira de Letras”, estudo sobre Aluísio Azevedo. Cf. *Revista do Brasil*, nº48, dezembro 1919, pp. 346-353.

<sup>13</sup> José Pereira da Graça Aranha (1868-1931), escritor e diplomata; ocupou a cadeira nº38 da ABL, em 1897. Em 1902, estreou na literatura brasileira com o livro *Canaã*, traduzido para o espanhol e publicado na coleção “Biblioteca La Nación”. Cf. SORÁ, G. *op.cit.*, p. 73. Cf. também cartas MLb 3.2.00318 e MLb 3.2.00325, pertencentes ao Fundo Monteiro Lobato – CEDAE-IEL-Unicamp.

<sup>14</sup>Paulo Barreto (1881-1921), jornalista, que ficou mais conhecido sob o pseudônimo de João do Rio; ocupou a cadeira nº 10 da ABL, em 1910; a maior parte dos livros de João do Rio é resultado da compilação de crônicas e reportagens escritas para o jornal *A Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro; *As religiões do Rio*, publicado em 1904, e *Cinematographo*, de 1909, ambos publicados pela editora Garnier, são exemplos de publicações em jornais que posteriormente foram reunidas em livro.

<sup>15</sup> *Nosotros*, revista mensal de letras, artes, história, filosofia, publicada em Buenos Aires. O periódico foi fundado em 01 de agosto de 1907 e teve como diretores Alfredo A.Bianchi (1882-1942) e Roberto F. Giusti (1887-1978). A revista circulou ininterruptamente até dezembro de 1934. Em 01 de abril de 1936, Alfredo A. Bianchi e Roberto F. Giusti inauguraram a 2ª fase da *Nosotros*, que durou até 1943.

<sup>16</sup> Abel Acácio de Almeida Botelho (1855-1917), escritor português. Foi militar e embaixador de Portugal na Argentina. Escreveu, entre outros romances filiados ao realismo português, o *Barão de Lavos* (1891) e *O Livro de Alda* (1898). Segundo Gálvez, ambos se conheceram em 1912, através de um amigo comum, Júlio Navarro Monzó, português que também vivia na Argentina. Quando saiu *La Maestra Normal*, primeira novela de Manuel Gálvez, em novembro de 1914, Botelho escrevera uma carta ao argentino elogiando seu livro. Cf. GÁLVEZ, M. *Recuerdos de La vida literária*. Vol I. Buenos Aires: Taurus, 2006, pp. 405 e 666.

<sup>17</sup> O texto sobre a literatura argentina talvez não tenha chegado a ser escrito por Gálvez. No entanto, o escritor argentino publicou na seção “Resenha do Mez” da *Revista do Brasil*, em 1921, o texto “Tudo nos une” que trata das relações entre a literatura brasileira e argentina, com especial atenção ao livro *Urupés*, que havia recém saído em espanhol. Cf. *Revista do Brasil*, nº 68, Agosto 1921, p.468.

En “Urupês” hay varios cuentos que podría ser traducidos y publicados en La Novela semanal<sup>18</sup> o en La novel del día<sup>19</sup>. Si usted me autoriza, lo traduciré con Aguirre<sup>20</sup> y lo haré publicar, precedido de un pequeño encabezamiento diciendo quién es usted.

Espero su respuesta.

Cordial saludo de su amigo y colega

Manuel Gálvez hijo

d/c Pampa 2502

Envíole unas hojas de propaganda que han publicado sus editores, pues creo que le interesarán las opiniones sobre mis libros.

---

<sup>18</sup> Em 16.05.1921, na revista *La Novela Semanal*, saiu “Alma Negra” (“Negrinha”, em português); a partir disto, Monteiro Lobato passou a colaborar regularmente no periódico argentino, que surgiu em 1917, com textos de Manuel Gálvez, José Ingenieros e Hugo Wast. O objetivo de tal periódico era dar ao público da Argentina textos de escritores nacionais consagrados e trazer a literatura de outros países ao alcance dos argentinos. *La Novela Semanal* deixou de ser publicada em 1927. Sobre *La Novela Semanal*, cf. NAGY, Denise. “Novelas Semanales (1917-1922) Un proyecto de intervención cultural?”. In V Jornada de Investigación Histórico Social. Buenos Aires: dezembro, 2005. A partir de 1921, inspirada na versão argentina e seguindo os preceitos de “popularizar o livro, torná-lo acessível a todos”, a Sociedade Editora Olegário Ribiero, lançou, sob a direção de Brenno Ferraz, *A Novela Semanal*. Monteiro Lobato estreou no primeiro número com a crônica “O 22 e Marajó”. Cf. *A Novella Semanal*, Anno I, nº1. São Paulo, 02.05.1921. Em 06.08.1921, após 15 números, a revista deixou de ser publicada no Brasil.

<sup>19</sup> *La Novela Del Dia* foi publicada entre 1919 e 1924 e se assemelhava à *La Novela Semanal* porque pretendia popularizar a leitura de autores estrangeiros e argentinos no Prata. Cf. RIVERA, J. *El escritor y la industria cultural*. Buenos Aires: Atuel, 1998. Cf. SARLO, B. *El Imperio de los sentimientos*. Buenos Aires: Norma, 2004.

<sup>20</sup> Julián Aguirre (1868-1928), compositor argentino que realizou parte de seus estudos musicais na Espanha. Ao retornar a Buenos Aires, deu aulas, compôs músicas e passou a colaborar em jornais e revistas, como a *Ideas*, fundada por Manuel Gálvez em 1903 e encerrada em 1905.



Papel Timbrado da *Revista do Brasil*.

S. Paulo – 29-08-919

Presado collega

Recebi os livros que me mandou e já iniciei a leitura delles. Vejo-me na frente de um forte pintor de aspectos e almas provincianas, estylisadas com arte primorosa; já apprehendi a sua qualidade primacial: interessar o leitor, empolgal-o, fazendo da leitura um requintado prazer. Em tempo opportuno darei a minha humilde opinião, ou melhor; impressão sobre ellas.

Também recebi a sua carta de 13<sup>21</sup> e folgo de encontrar no collega um espirito curioso das nossas coisas como o é o meu das coisas argentinas. Entendernos-emos perfeitamente bem.

Quanto á nossa literatura actual ha o bom e o mau, mas predomina o mediocre que é a peor forma do mau. Depois da morte de Machado de Assis, de Euclides da Cunha<sup>22</sup> e Affonso Arinos<sup>23</sup> observamos uma verdadeira lacuna nas letras. Inda não surgiu o substituto de nenhum desses escriptores de grande envergadura. Entretanto, alem dos nomes que o amigo citou, podemos ainda citar os seguintes, entre os mais representativos: na poesia – Amadeu Amaral<sup>24</sup>, Hermes Fontes<sup>25</sup>, Martins Fontes<sup>26</sup>, Guilherme de Almeida<sup>27</sup>, Catullo Cearense<sup>28</sup>, Heitor Lima<sup>29</sup>,

---

<sup>21</sup> Esta carta pertence ao Fundo Monteiro Lobato, CEDAE-IEL-Unicamp, cuja localização é MLb 3.2.00234cx5.

<sup>22</sup> Euclides Rodrigues da Cunha (1866-1909) publicou, em 1902, pela editora Laemmert *Os Sertões*, traduzido para o espanhol, em 1938, por Benjamín de Garay e publicado pela Editorial Claridad. Na *RB*, de junho 1920, saiu, na seção “Academia Brasileira de Letras” texto sobre Euclides da Cunha. Cf. *Revista do Brasil*, nº 54, junho 1920, pp. 157-166.

<sup>23</sup> Affonso Arinos de Melo Franco (1868-1916) escritor, jornalista e jurista. Ocupou em 1903 a cadeira nº 40 da ABL. Em 1898 publicou os livros de contos *Pelo Sertão* e *Os Jagunços*, em 1900, saiu *Notas do Dia*. Os outros livros publicados saíram postumamente, num período que se estendeu de 1917 a 1921. Na *RB* em 1918, na seção “Revistas e Jornaes” saiu o texto “Affonso Arinos”, de José Maria Bello, publicado pela primeira vez no *Correio da Manhã*, de 25.04.1918. Cf. *Revista do Brasil*, nº29, maio 1918, pp. 91-92. Em 1943, o livro *Política Cultural Pan-Americana*, foi publicado em espanhol, na coleção “problemas Americanos”, nº 15; em 1945, *La Literatura del Brasil*, saiu pelo Instituto de Cultura Latino-Americana.

<sup>24</sup> Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteado (1875-1929), poeta, ensaísta, crítico literário e filólogo. Publicou 4 livros de poesia: *Urzes* (1899), *Névoa* (1902), *Espumas* (1917) e *Lâmpada Antiga* (1924). Assumiu entre janeiro e julho de 1921 a direção da *Revista do Brasil* e publicou, no mesmo ano, pela Monteiro Lobato & Cia, o livro *Dialeto Caipira*, sobre o qual Lobato escreveu artigo homônimo. Cf. Lobato, Monteiro. *A Onda Verde*, p.77. Ainda em 1920, a Sociedade Editora Olegário Ribeiro, Lobato & Cia, publicou a novela “A pulseira de ferro”, que mereceu nas páginas da *RB*, na seção “Bibliographia”, texto de Brenno Ferraz. Cf. *Revista do Brasil*, nº60, dezembro 1920. Antes e depois de assumir a direção do periódico, Amadeu Amaral sempre figurou entre os colaboradores da *RB*. Cf. também as duas cartas enviadas por Amadeu Amaral a Monteiro Lobato: MLb 3.2.00231cx5 e MLb 3.2.00257 cx5, pertencentes ao Fundo Monteiro Lobato/CEDAE/IEL/Unicamp.

<sup>25</sup> Hermes Floro Bartolomeu Martins de Araújo Fontes (1888-1930), poeta e crítico literário. Colaborou na *RB* a pedido de Monteiro Lobato. Em resposta a uma carta de Monteiro Lobato, Fontes escreveu a respeito da colaboração “conte com as minhas garatujas para a revista e para V”. Cf. carta do Fundo Monteiro Lobato CEDAE/IEL/Unicamp MLb 3.2.00229cx5.s/d. A ideia de “enviar as garatujas” para a *RB* continua na carta de 23.02.1920. Cf. Fundo Monteiro Lobato CEDAE/IEL/Unicamp. MLb 3.2.243 cx5. Logo depois da escrita desta última carta, saiu na *RB* o texto de Hermes Fontes intitulado “Mães, por decreto”. Cf. *Revista do Brasil*, nº52, abril 1920, pp 325-328. Em abril de 1922, a *RB* publicou na seção “Resenha do Mez” o texto de Austregesilo Athayde sobre o livro de Fontes, publicado em 1922, *A lâmpada velada*. Cf. *Revista do Brasil*, nº 76, abril 1922.

<sup>26</sup> José Martins Fontes (1884-1937), poeta e médico. Em 1917 lançou o livro de poesias *Verão*. Sobre este livro, Amadeu Amaral escreveu o texto “Um poeta do relevo e da cor”, publicado na *Revista do Brasil*, nº 26, fevereiro 1918, pp.146-158. Quando Lobato comprou a *RB*, Martins Fontes colaborou com artigos e poesia. Em 1921, publicou também na *RB*, o poema “Rolando”. Cf. *Revista do*

Vicente de Carvalho<sup>30</sup>, Francisca Julia<sup>31</sup> etc. No romance Antonio Salles<sup>32</sup> (do qual lhe mando um livro interessantíssimo, com pontos de contato com a Maestra Normal<sup>33</sup>), Afrânio Peixoto<sup>34</sup>, Xavier Marques<sup>35</sup>, Lima Barreto<sup>36</sup>, Carlos Fernandes<sup>37</sup>, Julia Lopes de Almeida<sup>38</sup>, Albertina Berta<sup>39</sup>; J.

---

*Brasil*, nº 61, pp.32-36. Os laços de amizade entre Lobato e o escritor podem ter se estreitado graças ao cunhado de Lobato, Heitor de Moraes, pois na carta que enviou ao escritor, Fontes avisa que “o nosso Heitor entregar-te-á a pobresa que destino ao número nababesco da “Revista do Brasil”. Cf carta MLb 3.2.00342cx7. s/d, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato CEDAE/IEL/Unicamp. Em 1923, na seção “Bibliographia”, da *Revista do Brasil*, o livro *Cidades Eternas*, publicado pelas Edições “Bazar Americano”, de Santos, foi resenhado. Cf. *Revista do Brasil*, nº 96, dezembro 1923, p. 69.

<sup>27</sup> Guilherme de Almeida (1890-1969), advogado que conciliou a profissão com os ofícios de escritor, poeta, jornalista e tradutor. Em 1920, Monteiro Lobato publicou, pela Monteiro Lobato & Cia, o *Livro de Horas de Soror Dolorosa*, que mereceu, na seção “Bibliographia” da *RB*, apreciação de Brenno Ferraz. Cf. *Revista do Brasil*, nº 59, novembro 1920, pp. 273-277. A contracapa da “Coleção Brasília” anunciou, em 1921, as “Obras Poéticas editadas pela Monteiro Lobato & Cia”, dentre as quais figurava *Soror Dolorosa*, de Guilherme de Almeida, vendida a 4\$000. Em 1921, a foto de Guilherme de Almeida aparece na “Galeria dos Editados” da *Revista do Brasil*. Cf. *Revista do Brasil*, nº 64, abril 1921.

<sup>28</sup> Catullo da Paixão Cearense (1863-1946), poeta. Em 1920, a seção “Bibliographia”, da *RB* publicou texto sobre seu livro *Sertão em Flor*, editado pela Livraria Castilho, situada à Rua São José, no Rio de Janeiro, em 1919. Cf. *Revista do Brasil*, nº 52, abril, 1920. Em 1921 lançou *Poemas Bravios* que, segundo o escritor, fora inspirado no conto “Urupês”, de Monteiro Lobato: “O poemeto que, versificando-o, extrai do seu formoso conto dos “Urupês” (desbotando-o e desaromatizando-o, devo dizel-o) não é mais do que a homenagem e minha admiração ilimitada pelo seu talento prodigioso”. Cf carta MLb 3.2.00264cx5, de 03.09.1921, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato/CEDAE/IEL/Unicamp.

<sup>29</sup> Heitor Ferreira Lima (1887-1945), advogado e poeta, que em 1915 teve seu livro de poesias *Primeiros Poemas*, publicado no Rio de Janeiro, por editora desconhecida.

<sup>30</sup> Vicente Augusto de Carvalho (1866-1924), escritor, jornalista, advogado; ocupou, em 1910, a cadeira nº 29 da ABL, que tinha sido de Artur Azevedo. Em carta pertencente ao Fundo Monteiro Lobato CEDAE/IEL/Unicamp, Vicente de Carvalho discute acerca de possíveis edições que Monteiro Lobato faria de duas de suas obras, a saber: *Rosa, rosa de amor* e *Primus inter pares*. Cf. cartas MLb 3.2.00276cx6, de 30.5.1922 e MLb 3.2.00339cx7 s/d. Em 1924, a Monteiro Lobato & Cia publicou *Luizinha*. Na *Revista do Brasil* de 1925, registrou o lançamento. Cf. *Revista do Brasil*, nº110, fevereiro 1925.

<sup>31</sup> Francisca Julia (1871-1920), escritora que colaborou em jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro. Publicou, em 1903, *Esfinges*, um de seus livros mais importantes, que em 1920 foi reeditado pela Monteiro Lobato & Cia, com ilustração de capa de J. Prado. Em 1921, *Esfinges* também foi anunciado na contracapa da “Coleção Brasília”, ao preço de 5\$000. Em novembro de 1920, a seção “O Momento” foi dedicada à Francisca Júlia, que falecera no mesmo ano. Cf. *Revista do Brasil*, nº59, novembro 1920. Em janeiro do ano seguinte, a seção “Rezenha do Mez” publicou o texto “Francisca Julia”. Cf. *Revista do Brasil*, nº 61, janeiro 1921. Cf. “Movimento Editorial”. *Revista do Brasil*, nº73, janeiro 1922.

<sup>32</sup> Antonio Salles (1868-1940), historiador literário e escritor. Seu romance mais famoso é *Aves de Arribação*, publicado primeiro em folhetim, pelo jornal *Correio da Manhã*, e editado em livro em 1914. Lobato assumiu a revista em junho de 1918, e já no mês seguinte, Sales teve seu texto “Alguns autographos”, publicado na *RB*. Cf. *Revista do Brasil*, nº 31, julho 1918; além disso, Lobato também nomeou o escritor diretor regional da *RB*, como representante do periódico no Ceará, cargo que ocupou de 1918 até 1923. Cf. BIGNOTTO, C. *Op. cit.*, pp. 171-211.

<sup>33</sup> *La Maestra Normal*, de Manuel Gálvez (1882-1962) foi publicado pela editora da revista *Nosotros* em novembro 1914, com tiragem de 2000 exemplares, vendido a três pesos. Cf. GÁLVEZ, M. *Op. cit.* Tomo I, p.403.

<sup>34</sup> Julio Afrânio Peixoto (1876-1947), médico e escritor. Ocupou a cadeira nº 7 da ABL, cujo patrono era Castro Alves. Seu livro de estréia foi o romance *Rosa Mística*, publicado em 1900; em 1911 saiu o romance *A Esfinge*, cuja tradução para o espanhol fora publicada em 1912, como parte da coleção “Biblioteca La Nación”. Na seção “Academia Brasileira de Letras”, da *RB* foi publicado um estudo sobre Afrânio Peixoto. Cf. *Revista do Brasil*, nº 55, julho 1920. Em junho de 1920, Peixoto escreveu a Lobato sobre a viabilidade de publicação do livro *O Mistério*, escrito em co-autoria com Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque e Viriato Correia. Cf. carta 11.06.1920, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato CEDAE/IEL/Unicamp. MLb 3.2.00249cx5.

<sup>35</sup> Francisco Xavier Ferreira Marques (1861-1942) escritor e jornalista. Seu livro de estréia foi *Temas e Variações*, poesia, publicado em 1884. Em 1911, publicou a biografia *Vida de Castro Alves*. Ocupou, a partir de 1919, a cadeira 28 da ABL, sucedido, em 1942, por Menotti del Picchia.

<sup>36</sup> Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) foi escritor e publicou, em 1911, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Em 1919, Lobato editou, pelas “Edições da Revista do Brasil”, o romance de Lima Barreto *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*, cuja resenha saiu na seção “Bibliographia” da *RB*. Cf. *Revista do Brasil*, nº39, março 1919. Antes, porém, em novembro de 1918, Lobato escreve a Rangel que Lima Barreto é “romancista de verdade. Amanhã vou assinar com ele o contrato de *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*”. In Lobato, M. *A Barca de Gleyre*. Carta de 24.11.1918, p. 185-186. Em fevereiro do ano seguinte, o escritor paulista dá a notícia do lançamento do livro de Lima Barreto a Godofredo Rangel, em carta de 20.02.1919 “Ontem saiu o romance do Lima Barreto”. Cf.

Antonio Nogueira<sup>40</sup>, Gilberto Amado<sup>41</sup>, Assis Chateaubriand<sup>42</sup>, Medeiros de Albuquerque<sup>43</sup>, Alberto Rangel<sup>44</sup>, Humberto de Campos<sup>45</sup>, Oliveira Lima<sup>46</sup>, Martim Francisco<sup>47</sup> e Gilka Machado<sup>48</sup> são nomes valiosos no jornalismo, no pampheto, na poesia e na novela.

---

LOBATO, M. *op.cit.*, p.189. No mesmo ano, a *RB* publicou de Lima Barreto a crônica “Magua que rala”. Cf. *Revista do Brasil*, nº 48, janeiro 1919, pp. 310-317. A crônica continua no nº49, de janeiro 1920.

<sup>37</sup> Carlos Dias Fernandes (1874-1942), escritor paraibano, que em 1905 publicou seu romance de estréia *In Memoriam*; em 1908 saiu, pela “Livreria Econômica, Imprensa Industrial”, de Recife, o romance *A Renegada*, que em 1921 faria parte da “Coleção Brasília”, dirigida por Monteiro Lobato; o mesmo ocorreu com a obra *Os Cangaceiros*, que publicado em 1914 pela “Imprensa Oficial” da Paraíba do Norte, pertenceu à coleção. O livro *O Algoz de Branca Dias*, lançado pela editora “A Novella”, da Paraíba, foi anunciado na seção “Bibliographia”, da *Revista do Brasil*. Cf. *Revista do Brasil*, nº 80, agosto 1922.

<sup>38</sup> Julia Lopes de Almeida (1862-1934) escritora. Em 1901 saiu pela editora “A Tribuna” o romance *A falência*, considerado pela crítica sua melhor obra. Em 1922, a “Editora Leite Ribeiro”, do Rio de Janeiro, publicou *Jardim Florido* – livro de jardinagem, que foi anunciado na seção “Bibliographia”, da *Revista do Brasil*. Cf. *Revista do Brasil*, nº 87, março 1923. Neste mesmo ano, a *RB* anunciou, na seção “Bibliographia” (Cf. *Revista do Brasil*, nº89, maio 1923), o livro *A Isca*, publicado também pela “Editora Leite Ribeiro”, com a qual Lobato pretendia associar-se em 1922, mas não deu certo, como explica ao amigo Godofredo Rangel em carta: “A projetada fusão [entre a Cia Graphico Editora Monteiro Lobato e a Leite Ribeiro] com o Leite Ribeiro forçou-nos a muitos estudos e viagens ao Rio e afinal fracassou. Não nos convinha o negocio”. Carta de 15.12.1922. In: LOBATO, M. *A Barca de Gleyre*. 2º Tomo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1969, pp. 246-47. Cf. também. MACHADO, U. *Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008, pp. 119-120.

<sup>39</sup> Albertina Berta Lafayette Stockler (1880-1953) escritora. Em 1916, a editora carioca Jacintho Ribeiro dos Santos publicou o romance *Exaltação*. Entre os anos 20 e 30, colaborou nas páginas d’*O Jornal do Commercio* e *O Jornal*, ambos do Rio de Janeiro.

<sup>40</sup> José Antonio Nogueira (1882-1947), escritor; integrou, juntamente com Monteiro Lobato, Godofredo Rangel, Tito Livio e Ricardo Gonçalves o *Cenáculo*, grupo de amigos da Faculdade de Direito de São Paulo. Entre dezembro de 1918 e setembro de 1920, saiu na *RB*, em formato de folhetim, *País de Ouro e Esmeralda*, que, em 1921, Monteiro Lobato editou pela Monteiro Lobato & Cia, com tiragem de 3.000 exemplares; em 1922, foi editado pela mesma casa editora *Sonho de Gigante*. Além disso, Peixoto colaborou na *RB* e teve diversos de seus textos publicados em outros periódicos que foram reproduzidos na revista de Monteiro Lobato. Cf. seção “Resenha do Mez” “Olavo Bilac – Micromegas”, publicado pela primeira vez no *Imparcial*, do Rio de Janeiro, e transcrito na *RB*. Cf. *Revista do Brasil*, nº 38, fevereiro 1919. Cf. também o texto “Os bandar-log”, que figura na seção “Resenha do Mez”, e que fora publicado pela primeira vez n’*O Estado de S. Paulo*. In *Revista do Brasil*, nº48, dezembro 1919. No ano seguinte, Lobato lançou o romance prefaciado por Alberto de Oliveira, *Amor Imortal*, apesar de “ser muito alto para a mediania do publico”, como explica em carta de 23.03.1920 ao amigo Godofredo Rangel; já em 1921, o mesmo livro, segundo Lobato, “foi recebido melhor do que esperávamos. Está tendo ótima imprensa e conspícuas opiniões”, como registra em carta de 25.04.1921. Sobre *Amor Imortal*, Lobato escreveu um texto crítico, cujo título é homônimo ao livro. Cf. LOBATO, M. *Op. cit.*, p. 148. Em 1922, saiu transcrito e traduzido na seção “A literatura nacional no estrangeiro”, da *Revista do Brasil*, um artigo do jornal argentino *La Nación* sobre *Bugrinha*, de Peixoto. Cf. *Revista do Brasil*, nº 82, outubro 1922, p. 150. A revista *Nosotros* também publicou o texto de J.A.Nogueira “Surnacionalismo sudamericano”, em ocasião do Centenário da Independência do Brasil. Cf. *Nosotros*, septiembre, 1922.

<sup>41</sup> Gilberto de Lima Azevedo Souza Amado (1887-1969), escritor, advogado e diplomata. Foi eleito para a ABL em 1963. Sua obra de estréia foi *A Chave de Salomão e outros ensaios*, publicado em 1914. Segundo Brito Broca, Monteiro Lobato “lançaria obras de Gilberto Amado”. Catálogos das casas editoras fundadas por Monteiro Lobato, bem como os anúncios, resenhas e artigos publicados na *RB*, não permitem confirmar se Amado fora publicado por Monteiro Lobato.

<sup>42</sup> Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo (1892-1969), jornalista. Dirigiu revistas como *O Cruzeiro* e *A Cigarra*, nas quais Monteiro Lobato colaborou. Em 1924, assumiu a direção d’*O Jornal*, órgão para o qual Lobato também colaborou. Em carta enviada a Lobato, provavelmente de 1919, Chateaubriand felicita o escritor “pelo êxito golpeante de Jeca Tatu. Está eterno e sonoro como o bronze. Recebi Problema vital”, escreve ainda que “A colaboração na Revista, para este número, creio não poderei satisfazê-lo pelo que me tomam a mim o Jornal”. Em 1925, comprou de Lobato a *Revista do Brasil*. Cf. carta pertencente ao Fundo Monteiro Lobato CEDAE/IEL/Unicamp. MLb 3.2.00238 cx 5.

<sup>43</sup> José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (1867-1934), escritor e jornalista. Seu livro *O Mistério*, escrito em co-autoria com Coelho Neto, Afrânio Peixoto e Viriato Correia, foi publicado, no fim de 1920, pela Monteiro Lobato & Cia, e aparece na seção “Movimento Editorial” da *Revista do Brasil*, nº 61, de janeiro de 1921, p. 69, entre “aquelas que foram editadas no fim do ano passado”. Em 1921, a Monteiro Lobato & Cia publicou *Fim*, “livro de versos”, de Medeiros e Albuquerque. O autor escreve ao editor Lobato combinando direitos autorais e de tiragem dos exemplares: “Ilmos. Srs. Monteiro Lobato & Cia. Conforme combinamos em cartas anteriores, autorizo-vos a que tireis uma edição de 2.000 exemplares do meu livro de versos intitulado — Fim, bem como a que a vendais, mediante parceria, cabendo a mim, como autor, cinquenta por cento dos lucros líquidos, recebíveis quando a edição estiver praticamente esgotada. Saudações cordiais. Medeiros Albuquerque”. Carta de 12.10.1921, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato CEDAE/IEL/Unicamp. MLb 3.2.00267 cx5. Em espanhol foi publicado *Flor seca y otros cuentos*, segundo Sora, “entre el año 1910 y 1935”. Cf. SORA, G. *Traducir el Brasil*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003, p.99. Medeiros e Albuquerque, assim como Lobato, teve um de seus contos publicados no *Brazilian Tales*, em 1921. Cf. [www.loc.gov](http://www.loc.gov) Último acesso em 06.02.2009.

Logo que possa hei de mandar para “Nosotros” um artigo sobre a literatura actual e o mesmo fará o amigo sobre as letras argentinas, para a Revista do Brasil. Contribuiremos assim para o intercambio das ideias entre visinhos que tão pouco e tão mal se conhecem.

Esteve comnosco Aguirre, e combinamos varias cousas interessantes relativas á publicação duma serie de traducções brasileiras que a Revista pretende lançar ahi. Conto agora, para isto, com os preciosos conselhos do novo amigo. Como Aguirre vae traduzir “Urupês” para publicarmos ahi, foi com grande prazer que recebi sua proposta para dar uma ou mais novellas na “Novela Semanal”. Dou-lhe plena autorisação para isso. A venda desse livro cá no Brasil foi enorme. Basta dizer que a 5ª edição está no prelo, attingindo assim a tiragem de 16 milheiros no

---

<sup>44</sup> Alberto Rangel (1871-1945), escritor. Na seção “Resenha do Mez” da *RB*, Rangel publicou “Carrilhão de Symbolos”. Cf. *Revista do Brasil*, nº41, maio 1919, pp. 46-52.

<sup>45</sup> Humberto de Campos (1886-1934), escritor e crítico literário. Lobato, em 1918, parece convidar Campos para ser colaborador da *RB*, via carta, carta esta que é respondida, com aceite para colaborar na revista: “Estou as suas ordens, na forma da sua proposta de colaboração, minha, para a Revista do Brasil. Você pode estabelecer, quando a deseje, o número de páginas, o dia em que devo mandar-a, a retribuição e, especialmente, a tonalidade do bom ou do mau-humor”. Cf. carta de 28.09.1918 pertencente ao Fundo Monteiro Lobato CEDAE/IEL/Unicamp. MLb 3.2.00220 cx 4. Embora tenha aceitado colaborar na *RB* na carta enviada em 1918, esta colaboração parece não ter acontecido, uma vez que Humberto de Campos estava às voltas com sua candidatura à Academia Brasileira de Letras. Em carta de 31.05.1919, o escritor explica sua situação e pede a Lobato que edite um livro de crônicas de sua autoria: “Eu estou, há quatro ou cinco meses, em dívida com você: a que assumi prometendo-lhe a minha colaboração na obra social e literária da Revista” (...) “Você pode imaginar, porém, meu caro Jeca, o que é um homem, nas suas preocupações e nos seus sustos, quando ele se faz candidato à Academia de Letras. Todos os cuidados e horas são absorvidos por esse pensamento, devorados por essa idéia fixa, que ainda lhe rouba o sono e lhe destrói, como a geada, a flor de ouro da jovialidade”. (...) “Eu venho acompanhando com interesse a orientação da *Revista* como instituição editora, e tenho observado que é pensamento, seu, e dela, demonstrar, com elementos literários, a jovialidade da raça. E é firmado nela, que eu lhe pergunto: não quereria você editar, em edição barata e vendável, uma seleção das crônicas miúdas, do ano passado, do conselheiro X.X.?” Cf. carta MLb 3.2.00232 cx5, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato CEDAE/IEL/Unicamp. Após a consulta aos catálogos das casas editoras de Lobato, bem como os anúncios da *RB* não consta que o escritor-editor tenha publicado qualquer obra de Humberto de Campos.

<sup>46</sup> Manuel de Oliveira Lima (1867-1928), escritor e diplomata. Colaborou com artigos para a *Revista do Brasil*, a convite de Monteiro Lobato. O primeiro texto publicado por Oliveira Lima para a *RB* foi “A Argentina e a Liga das Nações”, que figura na seção “Debates e Pesquisas”. Cf. *Revista do Brasil*, nº62, fevereiro 1921. Seu primeiro livro – *Pernambuco – seu desenvolvimento histórico* – foi publicado em 1894; em 1896 saiu *Aspectos da Literatura Colonial Brasileira*, ambos pela editora alemã Leipzig: F.A.Brockhaus. Em 1918, a Editorial América, de Madrid, publicou *Formación histórica de la nacionalidad brasileña*. Em 1920, *En la Argentina* (impressões de 1918-19), traduzido por Valentín Diego, foi lançado pela editora A. Barreiro y Ramo, de Montevideú. Cf. [www.loc.gov](http://www.loc.gov). Último acesso em 12.01.2009.

<sup>47</sup> Martim Francisco Ribeiro de Andrada (1853-1927), escritor e jornalista; iniciou sua colaboração na *RB* com a série de textos “Viajando” (coisas do meu diário), no período de agosto de 1918 a setembro de 1919. Cf. *Revista do Brasil*, nº 32 a nº 45. Em novembro de 1919, Lobato escreveu a Rangel comentando sobre a contratação da edição de cinco livros de Martim Francisco, “esse homem que chispa como curto circuito. Em dezembro de 1918, saiu na *RB* o texto “Patria Morta?”. Cf. *Revista do Brasil*, nº 36, dezembro 1918, pp. 392-397. Em 1919, pelas “Edições da Revista do Brasil”, saiu o livro *Rindo*, que foi o primeiro dos cinco livros contratados por Lobato; dos outros quatro, *Contribuindo, Viajando, Falando e Recordando*, só *Contribuindo* saiu, em 1921 pela “Cia Graphico Editora Monteiro Lobato”, com tiragem de 3.000 exemplares. Em telegrama a Lobato, Martim Francisco pede “os últimos cinco exemplares de *Rindo*”. Cf. telegrama de 27.05.1919, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato CEDAE/IEL/Unicamp. MLb 3.2.00233 cx5. O livro de Lobato *Idéias de Jeca Tatu*, publicado em 1919 é dedicado a “Martim Francisco, personalidade feita de homem, esse grito de guerra contra o macaco”. Cf. LOBATO, M. *Op.cit.* Além disso, em 1921, Lobato escreveu na seção “O Momento” da *Revista do Brasil* defendendo a candidatura de Martim Francisco à Academia Brasileira de Letras. Cf. *Revista do Brasil*, nº 68, agosto 1921. Em dezembro de 1918, saiu na *RB* o texto “Patria Morta?”. Cf. *Revista do Brasil*, nº 36, dezembro 1918, pp. 392-397. Em 1919, pelas “Edições da Revista do Brasil”, saiu o livro *Rindo*, que foi o primeiro dos cinco livros contratados por Lobato; dos outros quatro, *Contribuindo, Viajando, Falando e Recordando*, só *Contribuindo* saiu, em 1921 pela “Cia Graphico Editora Monteiro Lobato”, com tiragem de 3.000 exemplares. Em telegrama a Lobato, Martim Francisco pede “os últimos cinco exemplares de *Rindo*”. Cf. telegrama de 27.05.1919, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato CEDAE/IEL/Unicamp. MLb 3.2.00233 cx5. O livro de Lobato *Idéias de Jeca Tatu*, publicado em 1919 é dedicado a “Martim Francisco, personalidade feita de homem, esse grito de guerra contra o macaco”. Cf. LOBATO, M. *Op.cit.* Além disso, em 1921, Lobato escreveu na seção “O Momento” da *Revista do Brasil* defendendo a candidatura de Martim Francisco à Academia Brasileira de Letras. Cf. *Revista do Brasil*, nº 68, agosto 1921.

<sup>48</sup> Gilka da Costa de Melo Machado (1893-1980), poeta. Em 1915, publicou seu primeiro livro de poesias *Cristais Partidos*. No período entre 1918 e 1923, foi colaboradora da revista carioca *Souza Cruz*. Em 1932 foi publicada na Bolívia, pela editorial Lopez, a antologia *Sonetos y Poemas de Gilka Machado*, prefaciado por Antonio Capdeville.

espaço de 15 mezes. Se a tradução Argentina pudesse sair pela Cooperativa<sup>49</sup> seria ótimo, mas não sei se ella é restricta aos autores argentinos. Aguirre nos causou ótima impressão e temos esperança de fazer muita coisa por intermedio d'elle.

Depois de lidos os seus livros daremos uma nota bibliographica na Revista. A esphera de acção da Argentina se alarga entre nós; Ingenieros<sup>50</sup> é muito lido; as obras da “Cultura Argentina”<sup>51</sup> vendem-se em todas as livrarias. Promovamos pois uma reciprocidade que só trará vantagens para ambos os paizes.

Meu caro amigo, creia na admiração e disponha deste collega muito agradecido Monteiro Lobato.

---

<sup>49</sup> Cooperativa Editorial de Buenos Aires, fundada por Manuel Gálvez em 1916. A criação da editora ocorreu para que os autores argentinos não mais tivessem que pagar suas edições ou ter seus livros publicados na França e na Espanha; sendo assim, formou-se uma sociedade de 100 acionistas, composta por escritores novos (que colaboravam mediante publicação de seus livros) e aqueles que já tinham projeção, como Horacio Quiroga, Alfonsina Storni, José Ingenieros, Benito Lynch e o próprio Gálvez. A distribuição dos livros ficava a cargo da Agencia General de Librería y Publicaciones, sucursal da editorial francesa Hachette. Durante os 5 anos em que Gálvez ficou a frente da editora (1916-1921), publicou 68 títulos, 13 só no primeiro ano. Diante do volume de publicações da editora, *A Revista do Brasil*, lançou, em 1919, a seção “Novidades Literárias Argentinas”, que registrava os títulos publicados pela Cooperativa Editorial Buenos Aires, à venda na sede da RB. Cf. GÁLVEZ, M. *Recuerdos de la Vida Literária*. Vol. I. Buenos Aires: Editorial Taurus, 2006, pp. 437-450; Cf. SAGASTIZABAL, L. *La Edición de libros en la Argentina*. Buenos Aires: EUDEUBA, 1995, pp. 42-44; *Revista do Brasil*, nº 47, novembro, 1919.

<sup>50</sup> José Ingenieros (1877-1925), escritor, psicólogo, médico, professor, filósofo e sociólogo. Em maio de 1918, antes mesmo de Lobato assumir a *Revista do Brasil*, a seção “Bibliographia” anunciou o livro *Proposiciones relativas al porvenir de la filosofía*, publicado pela L.J.Rosso & Cia, de Buenos Aires. Um dos seus livros mais famosos é *Evolución de las Ideas Argentinas*, dividido em 5 tomos e que mereceu elogiosa crítica de Monteiro Lobato na *Revista do Brasil*, nº 69, de setembro 1921, o que rendeu para Ingenieros, além do texto, uma foto com a seguinte legenda: “Um nome mundial”; em 1920, o sociólogo argentino passou a ser colaborador da RB, cuja estréia foi marcada pelo texto “A democracia funcional na Russia”. Na seção “Resenha do Mez” do mesmo número da revista, saiu a nota intitulada “José Ingenieros”, que explica o início da colaboração do argentino no periódico: “A “Revista do Brasil” publica neste numero um notavel estudo sobre a situação social russa devido á penna do grande sociologo argentino José Ingenieros. Convidado ha tempos para honrar a revista com sua preciosa collaboração, deferiu nosso pedido e hoje a inicia com esse trabalho devéras notável e que tanta luz derrama sobre a revolução encabeçada por Lenine. E temos esperanza de que não ficará ahi, continuando a projetar a luz da sua alta mentalidade por intermédio da nossa publicação, contribuindo dess’ arte, para o estreitamento das relações intellectuaes entre as duas grandes nações sul-americanas, que mais amigas serão enquanto mais se conhecerem. Cf. *Revista do Brasil*, nº 53, maio, 1920.

<sup>51</sup> “La Cultura Argentina” foi uma coleção criada e editada por Ingenieros, entre 1915 e 1925, e publicada pelos Talleres Graficos Rosso; o objetivo de tal coleção era diversificar a oferta de livros, tornando-os acessíveis – do ponto de vista editorial (eram editados, basicamente, autores argentinos já falecidos) e econômico (o custo de produção era baixo, o que, conseqüentemente, torna o exemplar mais barato) – ao grande público. Observa-se, ainda, que “La Cultura Argentina” não contava com instituições ligadas ao governo como forma de aumentar as vendas das obras que dispunha no mercado; tal situação pode ser vista na contracapa dos exemplares, que apresentava o seguinte texto: “La Cultura Argentina no tiene subvenciones ni vende ejemplares a las reparticiones públicas. La Cultura Argentina edita en el país y vende los libros a precio de costo. La Cultura Argentina persigue fines educativos y no es una empresa comercial. Nótese que la colección de Ingenieros, totalmente impersonal en su enunciación, imprime al proyecto cierto carácter de formación cultural, o colectivo”. Apud. MERBILHÁA, M. “La época de organización del espacio editorial”. In DIEGO, José Luis de. *Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2000)*. México: Fondo de Cultura Económica, 2006, pp. 29-58. Após a morte de Ingenieros em 1925, a coleção passou a ser dirigida por Lorenzo Rosso, responsável pela impressão e distribuição da coleção que trocara de nome e passara a chamar-se “La Cultura Popular”; a mudança de nome, no entanto, não alterou os objetivos da coleção: o de vender livros baratos e considerados canônicos pela crítica literária argentina da época. Cf. RIVERA, J. *El escritor y la industria cultural*. Buenos Aires: Atuel, 1998; SORÁ, G. *Op. Cit.*

Papel Timbrado da *Revista do Brasil*

S.PAULO, 15 de Outubro de 1919

Presado amigo:

Recebi sua carta de 25 p.p., na qual me pergunta de Aguirre. Não sei noticias delle, nem recebi comunicação nenhuma delle a respeito das combinações que aqui fizemos. Escrevi a Braz Lauria<sup>52</sup> sobre a edição de “El mal metafísico”<sup>53</sup>, mas não obtive resposta até agora e creio que não a obterei, porque me parece que esse Lauria é analphabeto. Se vier, entretanto, cominical-a-ei ao amigo. Pela rezenha que me fez da literatura Argentina, vejo que é de fato menos rica que a nossa; mas vejo também que, acompanhando o progresso geral do paiz, está em plena florescencia. Inda ha pouco recebi um livro de versos de Julio Usandivaras<sup>54</sup>, que achei interessantissimo, e do qual no proximo numero da nossa revista falarei na bibliographia, abrindo assim uma seção argentina. Continuamente estamos recebendo obras dahi, apesar da revista não ter penetração no seu paiz. Poderia o amigo indicar-nos uma livraria ou varias que a quizessem receber em consignação, inda que a título de curiosidade? Tambem se encontrassemos um bom agente, seria negocio para a obra de intercambio que temos em vista estabelecer com a Argentina.

Aguirre combinou comnosco tratar disso, mas Aguirre desapareceu. Quanto ao meu livro, vou mandar-lhe um exemplar annotado, porque do contrario será ilegível pelos muitos brasileiroismos que contem.

Aproveito a oportunidade para lhe mandar uma colleção de nossa revista, com falta de alguns números, que estão esgotados.

Receba a amizade do aº e adº

Monteiro Lobato

---

<sup>52</sup> Agência de Publicações Mundiaes Braz Lauria foi uma editora sediada no Rio de Janeiro, à rua Gonçalves Dias, 78. Quando a editora anunciou a publicação de *O Mal Metafísico*, de Manuel Gálvez, em português, *O Jornal* publicou um texto intitulado “Uma iniciativa digna de applausos”. Cf. caderno de recortes de jornal “Juicios del Brasil”. Vol. 1, depositado no Archivo Manuel Gálvez da Academia Argentina de Letras. Este material contém recortes acerca da repercussão de livros argentinos no Brasil.

<sup>53</sup> *El Mal Metafísico*, de autoria de Manuel Gálvez (1882-1962), foi publicado na Argentina em 1916. A edição de 1500 exemplares foi paga, segundo o escritor, por ele mesmo, embora aparecesse editado pelas “Ediciones Nosotros”. Cf. GÁLVEZ, Manuel. *Op.cit.*, p. 420. A obra foi traduzida para o português em 1920, prefaciada por Claudio de Souza e publicada pela editora Braz Lauria, do Rio de Janeiro. Sobre a tradução em português, na seção “Bibliographia”, da *Revista do Brasil*, saiu o texto “O Mal Metafísico” assinado com as iniciais M.L, que pode remeter a Monteiro Lobato. Cf. *Revista do Brasil*, nº60, dezembro 1920, pp. 371-373. Múcio Leão, em 11.11.1920, escreveu para a seção “Livros Estrangeiros” d’*O Jornal*, do Rio de Janeiro, o texto “O Mal Metafísico, de Manuel Gálvez”. No dia 06.12.1920, saiu em *A Razão* um texto de autoria desconhecida, que tinha por título “Intercâmbio literário entre Brazil e Argentina – O Mal Metaphisico de Manuel Gálvez – edição de Braz Lauria”. Cf. caderno “Juicios del Brasil”, vol.1.

<sup>54</sup> Julio Carlos Díaz Usandivaras (1888-?), escritor argentino. O “livro de versos” a que Lobato se refere pode ser tanto *Agreste: poesias*, publicado em Buenos Aires em 1917, como *Cantos Triunfales*, coletânea de poesia argentina, organizada por Usandivaras e publicada em 1919. Lobato não cumpriu o prometido, visto que no número de novembro da revista não saiu o livro de Usandivaras na suposta seção argentina.

AAL – Archivo Manuel Gálvez  
Papel Timbrado da *Revista do Brasil*.

S.PAULO, 10 de Dezembro de 1919

Presado amigo

Recebi sua carta de 27 de Novembro. Aguirre esteve aqui e combinou muita coisa comigo. Mas foi para o Rio e não deu mais sinal de si, nem respondeu ás cartas que lhe dirigi. Creio que não se póde contar com elle. Encarregou-se de traduzir os “Urupês”, combinou condições, etc., dizendo-me que tinha conversado com o amigo a respeito. Vejo que elle é um tanto trapalhão e por esse motivo me deixa num embrulho, sem saber que fazer. Falou-me de um seu livro de contos (ou da sua autoria, ou organizado por V.) muito próprio para ser traduzido em portuguez e editado pela Revista. Será verdade e será possivel isso?

O caso é que em virtude das phantasias de Aguirre estou completamente no ar, sem poder cuidar seriamente de coisa nenhuma, das muitas combinadas. Se ao menos elle respondesse ás cartas...

Aqui espero a “Nacha Regules”<sup>55</sup>, de que farei apreciação na revista. Se a Maestra Normal não fosse uma novella tão grande eu proporia a traducção della e a publicação aqui. Mas já verifiquei, como editor, que dado o preço do papel e a pequena receptividade do povo brasileiro, não é negocio publicar livros que excedam de 250 paginas.

Quando Aguirre apparecer por ahi acho que o amigo deve acertar qualquer coisa com elle e me mandar dizer, e eu me guiarei d’ora em diante exclusivamente pelo que o amigo me disser, pondo de lado Aguirre.

Aproveito a opportunidade para lhe mandar o meu ultimo livro “Cidades mortas”<sup>56</sup>, e também um livro novo que, por mal feito e mal revisto, estou com a edição em casa, sem coragem de pol-a á venda. É bem possivel que o venda a peso.

Sem mais, disponha do amigo

Mont. Lobato (assinado)

---

<sup>55</sup> *Nacha Regules* é o título do romance de Manuel Gálvez, publicado em espanhol, e que saiu em dezembro de 1919 pela Editorial Pax, com tiragem de 3000 exemplares. Antes, porém, de sair em livro, o primeiro capítulo da novela fora publicado na revista *Vida Nuestra*, dirigida por Risnik e Kibrik, dois amigos de Gálvez. Cf. GÁLVEZ, M. *Recuerdos de La vida literária*, op.cit.p.469.

<sup>56</sup> *Cidades Mortas*, livro de “contos de Areias e Taubaté, dados no *Minarete*”, tal como denominou Monteiro Lobato em carta a Rangel, teve sua primeira edição em 1919 pela Cia Gráfico Editora Monteiro Lobato, com tiragem de 4.000 exemplares, tal como escreve Lobato a Rangel: “Tenho no prelo varias obras, somando aí uns 15 mil volumes, inclusive novos *Urupês*, *Cidades* e *Ideias*. Tiro de cada um 4.000”. Carta de 05.11.1919. In LOBATO, M. *A Barca de Gleyre*, 2ºtomo. São Paulo: Brasiliense, 1969. pp.205-206. Cf. também. MARTINS, Milena R. *Op. cit.*, principalmente o capítulo 5.

Presado a<sup>o</sup> Gálvez<sup>57</sup>

Ainda não recebi factura da Cooperativa Editora relativa aos livros que vieram, razão pela qual ainda não os puz á venda , apesar do interesse que há por elles.

**J.B. MONTEIRO LOBATO** Escrevi-lhe neste sentido ha muitos dias; e como a resposta está demorando a vir escrevo novamente.

Disponha do a<sup>o</sup>

Lobato

---

<sup>57</sup> Provavelmente, esta carta pode datar do período entre 1919 e 1920, visto que Lobato recebera livros da Cooperativa Editorial Buenos Aires livros para vender na *sede da Revista do Brasil*.



Papel Timbrado da Revista do Brasil.

S. Paulo 18-1-1920.

Presado amigo Manoel Gálvez

Recebi e já li a Nacha Regules, onde vejo acentuar-se a evolução de sua arte para um simbolismo que lembra o de Zola<sup>58</sup> e muito o de Tolstói na Ressurreição<sup>59</sup>. Apesar de haver conduzido a tarefa até final com o maior garbo e brilhantismo, tenho para mim que a sua obra prima continua sendo a Maestra. Aquilo é inesquecível. Aqueles tipos gravam-se na memória do leitor para o resto da vida.

Tendo convivido com elles durante a semana da leitura hoje sinto a impressão de ter vivido em La Rioja<sup>60</sup>, de ter conhecido pessoalmente a pobrezinha da Raselda, de ter visto passar nas ruas as terríveis Guanacas, de ter parolado á mesa em casa de dona Crispula... A Maestra é o museu de typos mais completo que conheço da literatura sul americana. Don Nilamon, Urtubey, a Regente<sup>61</sup>, todos....

Conheço pouco a literatura argentina, mas duvido que haja nella um romance que valha a Maestra. Raselda é a mulher fraca de todas as partes e de todos os tempos-victima da ingenuidade de seus instinctos. Há-as aqui em quantidade. A vida riojana é a mesma vida provinciana cá do Brasil e foi isso uma das coisas que mais me impressionaram no seu livro, essa identidade ou semelhança de ambientes.

Tão grande é ella que, traduzido em portuguez, e aportuguezados os nomes das personagens e das localidades esse livro passaria entre nós como um authentic romance brasileiro – ou pelo menos paulista.

---

<sup>58</sup> Emile Zola (1840-1902), escritor, grande representante do naturalismo francês, que em 1925 teve uma de suas obras – *Aventuras del gran Sidonio y del pequeño Mederic*, cuento a Ninón (versão de *Conté a Ninon*, publicado em 1864 em francês) – traduzida para o espanhol e publicada em Buenos Aires, por editora desconhecida. Cf. <http://www.bcnbib.gov.ar/>. Último acesso em 12.01.2009. Lobato, em *Mundo da Lua*, escreveu uma pequena reflexão – “Zola” – a respeito do escritor francês. Cf. LOBATO, M. *Mundo da Lua*. São Paulo: Editora Globo, 2008, p. 70.

<sup>59</sup> Liev Tolstói (1828-1910), escritor russo, que teve seu romance *Ressurreição* publicado em 1899. Em 1922, a Editorial TOR, de Buenos Aires, publicou o título *Qué es el dinero?*, pela coleção “Ediciones Seletas América”. Cuadernos quincenales de letras y ciencias, a. IV, nº 50. Em 1936, saiu pela editora “Civilização Brasileira”, a versão em português do romance.

<sup>60</sup> La Rioja é a cidade ao Norte da Argentina onde se passa o romance *La Maestra Normal*. Segundo Gálvez, a cidade foi escolhida para ser o cenário da novela, porque “tenía alma soñadora y nostálgica y había en ella algo de sensual”. In. *Recuerdos de La Vida Literária*. Tomo I. Cf. Capítulo III. “El escándalo de *La Maestra Normal*”, pp.397-418.

<sup>61</sup> Raselda, Guanacas (animal típico da região dos Andes, semelhante ao dromedário), Dona Crispula, Nilamon, Urtubey e a Regente são todas personagens de *La Maestra Normal*.

Nossos vícios e qualidades, a intrighada do mundinho pedagogico tudo é muito nosso. Acho notavel isso e se o livro fosse menor eu lhe proporia a traducção em portuguez – mas infelizmente nosso mercado não comporta livros de mais de 250 paginas.

Agradecendo-lhe a remessa da Nacha retribuo a gentileza com o Professor Jeremias<sup>62</sup>, uma verdadeira obra prima que acaba de revelar ao Brasil o sucessor de Machado de Assis. não deixe de o ler que não perderá o seu tempo.

E disponha cá deste seu muito admirador e amigo

Mont. Lobato

---

<sup>62</sup> *O Professor Jeremias*, do escritor e jornalista Leonel Vaz de Barros (1890-1973), mais conhecido como Leo Vaz, foi publicado pela Monteiro Lobato & Cia, no ano de 1920. Em carta de 14.02.1920, Lobato comenta sobre o sucesso do livro com Godofredo Rangel: “Estrondoso triunfo está tendo o Leo Vaz. A primeira edição do *Jeremias* esgotou-se antes que os jornais tivessem tempo de falar – em pouco mais de quinze dias!...”. Em outra carta a Rangel, de 23.03.1920, Lobato informa que imprimiu “mil *Jeremias*”. Lobato, nesta carta a Gálvez, quando considera Leo Vaz “o sucessor de Machado de Assis”, repete o juízo emitido na missiva de 23.03.1920 enviada a Rangel, quando trata do estilo do autor, comparando-o com o do escritor carioca: “O *Jeremias*, sim, está tendo saída excelente. Leste-o? Perpassa nele um humorismo displicente de quem não quer – tal qual o autor. Aquilo é o Leo escarrado. Uma especie de Machado de Assis sem a gagueira. S.Paulo está se saindo. Os “novos” entram “feitos” e impõem-se de jacto”. Cf. LOBATO, M.*Op.cit.*, pp.215-217. Na seção “Bibliographia”, da *Revista do Brasil*, de maio de 1920, foi publicado um texto de Tristão de Athayde, que também estabelece comparações entre Leo Vaz e Machado de Assis: “E é nesse meio e nesse momento propícios ás figuras do Sr. João do Rio, que surgem esses typos de admirável e apenas prematuro equilibrio de Machado de Assis, dos srs. Afrânio Peixoto e Lima Barreto e agora do Sr. Leo Vaz, cuja estréia, ao que parece, é uma formosa revelação. Da estirpe intelectual de France, de Machado, conquista, com este livro, um posto de certo relevo em nossa literatura”. Cf. *Revista do Brasil*, nº 53, maio 1920. Na *Revista do Brasil*, de agosto de 1921, saiu uma nota sobre *O professor Jeremias*, que atingiu, “em um ano e meio, a tiragem de 8.000 exemplares”, e que, “já vertido para o espanhol por Benjamin de Garay, sahirá brevemente em Espanha ou na Argentina”. Cf. *Revista do Brasil*, nº 68, agosto 1921, p. 456. Aparentemente, o livro não saiu em espanhol, tal como fora anunciado na revista. No livro *Cidades Mortas*, da “Coleção Brasília”, saiu uma propaganda da obra de Vaz, com os seguintes dizeres: “O autor revela-se o novo Machado de Assis”. Em agosto de 1922, foi transcrito em português e veiculado na *Revista do Brasil*, o texto publicado na revista *Elpis*, de Buenos Aires, sobre *O Professor Jeremias*; o artigo de Braulio Sánchez Sáez discorreu, entre outras questões, acerca da necessidade da tradução do livro para o espanhol: “Leiam Leo Vaz. Sua obra “O Professor Jeremias” tem sobrados méritos para que amemos seu autor e lhe rendamos merecido estímulo com a traducção”. (...) “Creio, porém, que não faltará entre os jovens escriptores da America quem emprehenda essa tarefa”. Cf. *Revista do Brasil*, nº80, agosto 1922, pp. 88-91.

Papel Timbrado da *Revista do Brasil*

SPaulo 26.01.1920

Presado aº M. Gálvez

Recebi sua carta de (sem data) que me anuncia o sucesso da Nacha Regules. Outra coisa não era de esperar de um livro seu. Tenho-os dado a ler a vários amigos e são todos unanimes em dizer “que são obras que agarram o leitor na 1ª pagina e arrastam-no ate a ultima”. Esta impressão é o melhor dos elogios.

Aproveitando as suas indicações vou por-me em contato com a Agencia sul americana. Também mandei registrar o seu nome entre os nossos assignantes para que receba a nossa Revista, que está crescendo lentamente. Em Junho vamos elevar a tiragem de 4 para 5 milheiros, o que já é alguma cousa cá na Sul America.

Antonio Salles vive em Fortaleza, Estado do Ceará. Quanto à edição de Nacha vou estudar o negocio e em tempo lhe escreverei.

Aguirre continua “mysterioso”. Deixou-me o seu endereço no Rio; escrevi-lhe, mas não respondeu. É positivamente platônico.

Quanto aos Urupês (que entra na 6ª edição – 20º milheiro) acho negocio fazer delle uma edição ilustrada, de luxo. Mas não temos aqui ilustradores. Lembrei-me de recorrer aos da Argentina, que figuram com tamanho brilho na Plus Ultra<sup>63</sup>. Eu daria as indicações, mesmo esboços dos desenhos, e elles ahi fariam a obra. Pediria pois ao amigo que tomasse preços de um delles, do mais capaz. Vinte ou 30 desenhos bastariam. Pode fazer-me esse obséquio?

Os livros que lhe mandei perderam-se no caminho. Mando outros.

E aqui o espera na sua proxima viagem ao Brasil

o aº e adº

M. Lobato

---

<sup>63</sup> A revista ilustrada *Plus Ultra* foi inaugurada em 1916, na Argentina; misturando comentários políticos e sociais da época com sátira política e colaborações literárias, a revista se configurou como um grande espaço para que os escritores daquele momento, como Benito Lynch, Manuel Gálvez, Leopoldo Lugones, Miguel Unamuno, publicassem seus textos. Cf. LAFLEUR, et al. *Las revistas literárias argentinas*. Buenos Aires: 8vo, 2006, p. 49. A estreia de Lobato na *Plus Ultra* aconteceu em 1920, com o conto “Os Faroleiros”; em junho de 1922, a revista publicou “El drama de la helada”, conto de *Negrinha*. Cf. *Plus Ultra*, nº 74, junio 1922; em novembro do mesmo ano, saiu “Una precursora de la humanidad superior”, texto sobre a escritora Rosalina Coelho Lisboa. Cf. *Plus Ultra*, nº 79, noviembre 1922.

Gálvez

Agora que chegaram os originais passo responder ás suas carta.

A escripta em portuguez está optima e com poucas mudanças vira portuguez legitimo. Devolvo-a com as emendas para que ao menos alguma coisinha Gálvez tenha aprendido do Lobato.

Corri os olhos nas correções e eu mesmo concertarei agora a traducção, sendo desnecessário renvial-a á Murilla<sup>64</sup>. Se quiser escrever-lhe seu endereço é Murilla Torres, Rua Estácio de Sá 256, Nicterohy, Estado do Rio.

É uma menina deveras inteligente como V. verá por um livrinho seu que vamos editar e que mandarei.

Quanto à sahida do seu romance demora um pouco. Neste começo de anno só cuidamos de livros escolares, que é o grande negocio, e só de março em diante recomeçamos com as outras coisas. O melhor é V. esquecer do livro, que um bello dia elle rompe por ahi.

Nós fechamos varias torneiras, e estamos intensificando a produção do livro escolar e scientifico, mto mais rendoso que o literário. Aqui junto um catalogo p/ v. ver o que temos feito.

E adeus.

Lobato.

---

<sup>64</sup> Murilla Torres, de Niterói, ao que tudo indica, seria a tradutora de *Nacha Regules* que Monteiro Lobato tinha intenção de publicar pela Cia Graphico Editora Monteiro Lobato. Em carta a Rangel, Lobato parece anunciar, já em 1923, o livro de Murilla: "Quem vai fazer um lindo livrinho, de sensações, é a Murila. Não te mandou ainda? Tem real talento aquela moça. E sincera, solida, honestissima de carater. Admiro-a e respeito-a tremendamente" Cf. carta de 10.02.1923. In: LOBATO, *Op. cit.*, p. 253.. Em 1924, também pela Cia Graphico Editora Monteiro Lobato, saiu seu livro *Meu Amor*; em 1925, na seção "Bibliographia", da *Revista do Brasil*, há uma resenha sobre a obra, que consistia em um "diário em que se foram anottando as ocorrências que mais chocaram á autora". Cf. *Revista do Brasil*, nº 109, janeiro 1925. Além disso, em 1933, a Cia Editora Nacional, de propriedade de Octalles Marcondes Ferreira, publicou a tradução feita por Murilla Torres de *A volta de Tarzan*.

SPaulo 31.3.920

Presado amigo Gálvez

Recebi sua carta, e a de Alvarez<sup>65</sup>. Conheço-o através da Plus Ultra e da Caras y Caretas<sup>66</sup> e considero-o capaz de belíssimas coisas, embora não consiga dar aos desenhos o caracter local que eu desejava. Mas que fazer, se neste enorme paiz não encontro um ilustrador siquer? Temos optimos artistas, do desenho e da pintura, mas a illustração para livro é uma arte especialíssima que nos falta por completo. Havia aqui um excelente, allemão de nascimento, mas com 30 annos de vida entre nós – A. Zimmermann<sup>67</sup>. Encomendei-lhe as illustrações; fez uma e... morreu. Sae reproduzida – e mal reproduzida, no proximo numero da Revista.

Para os Urupês preciso de tres desenhos para cada conto: 1 de cabeça, um de pagina, um de fim. São doze outros (os dois últimos capítulos do livro, Urupês<sup>68</sup>, e Velha Praga<sup>69</sup> não devem ser traduzidos para evitar as expressões idiotas do patriotismo indigena) ou sejam: 12 illustrações de pagina a 50\$ =

600\$

24 illustrações de cabeça e fim a 15\$ = 360\$

Capa 40\$

Soma 1030<sup>70</sup> \$

1.030\$ em 1:751.000 da nossa moeda. É caro. Ate o preço de 1 conto de reis eu trataria o serviço, mas o Alvarez talvez não aceite esta proposta.

<sup>65</sup> Nicanor Balbino Alvarez (1890-1953), desenhista mais conhecido como Alejandro Sirio, que em 1912 começou a colaborar em *Caras y Caretas* e, nos anos 1920, teve suas illustrações também veiculadas na revista *Plus Ultra* e no jornal *La Nación*.

<sup>66</sup> *Caras y Caretas*, fundada em 8 de outubro de 1898 pelo jornalista espanhol Eustaquio Pellicer, contou com a direção de José S Alvarez, jornalista conhecido como Fray Mocho. A revista foi, segundo Jorge Rivera, “una de las primeras publicaciones que pagó en forma regular las colaboraciones”; além disso, lançou novos escritores e proporcionou a diversificação do público-leitor, dado que o periódico era composto de várias seções: caricaturas, contos, crônicas, notas de atualidade, crítica literária, informações esportivas, reportagens e publicidade. O periódico circulou até 17 de outubro de 1939, somando 2139 números. Cf. LAFLEUR, et al. *Op. cit.* 70; RIVERA, J. *Op.cit.* sobretudo o capítulo 2, pp. 33-53.

<sup>67</sup> Aurélio Zimmermann (1854-1919), artista plástico alemão, que em 1905 passou a viver em São Paulo. Lobato lhe dedicou artigo sobre sua arte na *RB* intitulado “Aurélio Zimmermann”. Cf. *Revista do Brasil*, nº39, fevereiro 1919. Este mesmo texto está reproduzido em Lobato, M. *Críticas e outras notas*. São Paulo: Brasiliense, 1965, pp.136-139. Em 1920, saiu na *RB* uma série de desenhos “Illustração dos *Urupês*” por A. Zimmermann. Cf. *Revista do Brasil*, nº 52, abril 1920.

<sup>68</sup> O artigo “Urupês” foi publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 23.12.1914, provocando “uma seria discussão, na qual poucos concordaram comigo totalmente, mas todos foram unanimes em que sou “novo de forma” e “uma revelação”. Cf. LOBATO, M. carta de 12.02.1915. In *Op. cit.*, p. 19.

<sup>69</sup> O artigo “Velha Praga” foi publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 12.11.1914. Lobato o comenta com Rangel, em carta do mesmo mês: “Publiquei um artigo no *Estado*, e com surpresa, recebi, a propósito cinco cartas e um convite da Sociedade de Cultura Artística de São Paulo para fazer uma conferência lá”. Carta de 22.11.1914. Cf. LOBATO, M. *Op. Cit.*, p.365-366. Em 1918, o artigo foi incluído no livro *Urupês*.

<sup>70</sup> A soma dos serviços pagos por Lobato para viabilizar a publicação de seus livros era praticamente 4 vezes maior do que o salário de um professor argentino de “primera categoria”, cujo salário era de \$275 mensais. Cf. SARLO, B. *Op. cit.*, p. 63.

Escrevi hoje uma noticia impressionista sobre letras argentinas, sua expansão entre nós, e concluo com umas notas relativas á Maestra e á Nacha. Sahirá no numero de Maio. E desejava manter uma secção, pondo assim os nossos leitores ao par do movimento de idéias argentino. Lembrei-me, porem, que o verdadeiro era permutarmos mensalmente um artigo na Nosotros. Mandariamos daqui uma nota brasileira e receberiamos d'ahi uma nota argentina. Deste modo favoreceríamos a interpenetração literaria, com real proveito para ambos os paizes. Em maio começamos. Caso Nosotros queira pagar na mesma moeda, a coisa ficará muito interessante.

Creio que lhe mandei os meus livros. Vou reinviál-os de novo, mas depois de saída as novas edições, que as 1<sup>as</sup> se foram em menos de dois mezes. Em jane<sup>o</sup> e fevereiro vendi 4.000 de cada um. O Jeremias tbem exgotou-se em 15 dias, mas a edição era de 1.000 apenas. Já saiu a 2<sup>a</sup> e segue com esta. É um livro realmente interessante e merecedor do sucesso que teve. Tenho varios outros no prelo, e não esqueceréi do amigo sempre que o livro merecer atravessar a fronteira. Conhece Usandivaras? Recebi carta e livro delle, mas não me parece que seja algo notavel ahi. Poderá definir-m'ó n'uma palavra?

Pode dirigir-se a A. Salles que já é um seu apreciador. Em carta conversamos a seu respeito.

Aguirre casou em Minas, e está agora aqui, montando duas – duas! revistas, Centenário e Papel e Tinta<sup>71</sup>. Disse-me que traduziu Urupês. Pedi para ver. Prometeu voltar com os originaes mas...ate agora. No entanto tem escriptorio a 50 passos daqui. Desconfio que traduziu...imaginariamente.

Escrito à margem do papel:

Adeus, meu caro Gálvez, e disponha do am<sup>o</sup> seu

Monteiro Lobato.

---

<sup>71</sup> Não se obtiveram informações sobre a existência da revista *Centenário*. A revista *Papel e Tinta* de que se tem informação, foi fundada em São Paulo por Menotti Del Picchia e Oswald de Andrade. Como Lobato menciona que Julián Aguirre casou-se em Minas e na ocasião estava em São Paulo, é provável que tenha contribuído, de alguma maneira, para a circulação da revista, inaugurada em 31 de maio de 1920 com Oswald de Andrade entrevistando Monteiro Lobato. A entrevista foi publicada na biografia de Lobato. Cf. SACHETTA, et.al. *Op. cit.*

SPaulo 1.6.920

Aº M.el Gálvez

Recebi a sua carta e espero os livros. Quanto ao negocio das illustrações, dado o valor de Alvarez, não acho caro o preço, só receiando que as faça de character differente do livro, visto como só um artista nativo pode bem interpretar certas coisas. Em todo o caso, como ha tempo, vou pensar nisso, e mais tarde escreverei dando resposta definitiva.

Muito me alegrou saber que o livro já está traduzido, mas acho conveniente eu mesmo rever essa traducção por causa de modismos e brasileirismos que ha ali. Inda agora recebi de Portugal uma carta do philologo e dicionarista Candido de Figueiredo<sup>72</sup>, pedindo-me o sentido de 70 palavras que elle desconhecia e quer metter na nova edição do dicionario. Ora, se para um portuguez a coisa é assim, para um argentino que não será?

Tenho a certeza que uma revisão minha melhoraria m.ta coisa.

E Aguirre? Está aqui. Estive com elle hontem , disse-me ter recebido carta sua, e está certo que V. conta com a traducção delle – que alias não fez ou fez em parte. Não acha conveniente desencarregal-o disso, para evitar aborrecimentos futuros? Eu combinei com elle a traducção há m.to tempo, mas vi logo que não a faria. E agora si elle a faz, fica um trabalho perdido.

Recebi “La Nota”<sup>73</sup> e li o artigo do Hayes<sup>74</sup>, deveras interessante e preciso porque dá medida de Gálvez. Em Nosotros já havia lido a apreciação de Gahisto<sup>75</sup>.

---

<sup>72</sup> António Candido de Figueiredo (1846-1925), dicionarista e filólogo português. Foi sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras. A carta a que Lobato se refere é a apreciação de *Urupês*: “*Urupês* é um belo repertório de numerosos e interessantes brasileirismos, que contribuirão para a melhoria do meu Dicionário, cuja 3ª edição estou preparando. *Urupês* e o autor são muitas vezes aludidos no meu trabalho, e o livro ocupará lugar na relação impressa das obras que consultei. Mas, de par com os vocábulos por mim colhidos nos *Urupês*, alguns ou muitos há, cujo significado e razão morfológica eu desconheço não podendo registrá-lo no *Dicionário*, se eu não obtiver os respectivos esclarecimentos. É por isso que, se eu tivesse o direito de pedir favores a V.Exª, pediria com empenho que me devolvesse a ajunta lista de vocábulos com a correspondente significação”. Carta de 26.04.1920, pertence ao Fundo Monteiro Lobato CEDAE/IEL/Unicamp, cuja referência é MLb3.2.00246cx5.

<sup>73</sup> *La Nota* era uma revista semanal de literatura, publicada em Buenos Aires. Foi fundada dia 14 de agosto de 1915 e circulou até 1921; o objetivo da revista era ser “una tribuna abierta a todos los intelectuales del Río de La Plata”; teve como um de seus colaboradores permanentes José Ingenieros, que também publicou na *R.B* de Monteiro Lobato. Cf. PROVENZANO et al., *Op. cit.*, p.80.

<sup>74</sup> Ricardo Saénz Hayes (1888-1976), escritor e jornalista argentino que em 1924 publicou o livro *Blas Pascal y otros ensayos*. Segundo Gálvez, em sua autobiografia, Hayes “ en 1918, habló de una novela que jamás salió de mi imaginación”. Cf. GÁLVEZ, M. *Op.cit.* p. 469. Além disso, Hayes colaborou junto com Gálvez na revista argentina de educação, letras e ciências sociais *Renovación*, que veiculou 12 números, de abril de 1914 a julho de 1915. Cf. LAFLEUR et. Al. *Op. cit.*,p. 70.

<sup>75</sup> Manuel Gahisto (1878-1948), tradutor de *Nacha Regules* para o francês e diretor da *Revue de L’Amerique Latine*, foi considerado por Monteiro Lobato “um amigo do Brasil”, já que mantinha na revista que dirigia “uma seção dedicada amorosamente ao Brasil”. Cf. LOBATO, M. “Amigos do Brasil”. In *Na Antevéspera*. São Paulo: Brasiliense, 1950, pp. 163-165. Em 1923, na seção “Notas do Exterior” da *RB*, foi reproduzido e traduzido para o português o texto de Gahisto “A vida literária. As letras brasileiras”; neste, Gahisto faz as seguintes considerações ao texto de Lobato, bem como à RB: “Logicamente, o Sr. Monteiro Lobato reclama um estylo e não a copia em todas as artes; e agrupando os moços de merito, rodeando-se do seu precioso concurso, leva elle, por deante, e com êxito, a “Revista do Brasil”, cuja roupagem cuidadosa e original conquistou sympathias sinceras alem das fronteiras da sua terra. Ele faz surgir, em artigos de uma verve persuasiva, uma personificação, a grandes traços, do espírito “nativista”, transcreve as “Ideias de Jeca Tatú”. Cf. *Revista do Brasil*, nº 85, janeiro 1923, pp. 154 -157. “A apreciação de Gahisto” a que se refere Lobato na carta é o texto “Manuel Gálvez

Bello, o programa das edições e eu m.to contente de estar marcado para setembro.  
Deliciosa aventura!

Espero o catalogo da Cooperativa, e si me mandasse o plano ou os estatutos da Sociedade eu agradecería. Quem sabe uma organização semelhante seria possível aqui? Darei o catalogo às livrarias fazendo o devido encômio das obras, mormente das suas, que tem grandes qualidades para agradar nosso publico. Para iniciar transações vou fazer uma remessa endereçada a V., de alguns livros nossos, para que os ponha em conta nas livrarias que entender. M.to obrigado deste offerecimento, que é practico.

Adeus. Disponha do

Monteiro Lobato

P.S.

Logo que sairem as novas reedições que tenho no prelo mandarei os livros

---

y La Novela Nacional en la Argentina”, cuja tradução do francês de Manuel Gahisto foi publicada na revista *Nosotros*, reproduzindo matéria do *Le Courier Franco-Américain*, de Paris. Cf. *Nosotros* año 14, v. 34, nº130, pp 373-377, marzo de 1920.



SPaulo 3.7.920

MGálvez

Recebi a sua carta. Sciente de tudo. Agirei como me aconselha relativamente ao Aguirre, o qual já mudou-se para o Rio. Fundou aqui, associado a outros, uma revista – Papel e Tinta – mas brigaram todos logo no primeiro numero e Aguirre sahiu. Acharam-no phantasista, ou phantastico mais do que o permitido para ser gerente duma publicação.

Entreguei a Leo o seu livro. Está lendo e lhe escreverá depois.

Quanto a Alvarez, acho melhor não fazermos os desenhos. Encarece o livro e alem disso suas illustrações primorosas quanto á technica, não o seriam quanto ao character. E não há nada mais feio do que um livro ilustrado onde os desenhos destoam do texto.

O critico de Leo Vaz – Tristão de Athayde, pseudônimo de Alcêo Amoroso Lima<sup>76</sup>, é, de facto, a melhor aptidão critica dos novos. Escreve no “O Jornal”<sup>77</sup> do Rio, e progride rapidamente. Será, si continuar, o nosso grande critico de amanhã.

Aguardo a remessa dos seus livros, com as condições, e quando as receber, escreverei de novo.

E vou dar ordem para uma remessa dos nossos.

Sem mais disponha sempre do ami<sup>9</sup>

Lobato

---

<sup>76</sup> Tristão de Athayde, como Lobato escreve na carta, é pseudônimo do escritor, advogado, jornalista e crítico literário Alceu Amoroso Lima (1893-1983). O pseudônimo foi criado em 1919 quando Alceu Amoroso Lima passou a colaborar n’ *O Jornal*, do Rio de Janeiro, mesmo ano em que teve seu primeiro texto “À margem de um livro” publicado pela *Revista do Brasil*. Cf. *Revista do Brasil*, n° 37, janeiro 1919. Em 1921, escreveu uma série de três artigos publicados na *RB* sob o título “A literatura em 1920”. Cf. *Revista do Brasil*, n°64, 65, 66. Abril-Agosto 1921.

<sup>77</sup> *O Jornal*, fundado no Rio de Janeiro em 1919 pelo jornalista Renato de Toledo Lopes, passou a ser, em 1924, de propriedade de Assis Chateaubriand, que a partir de então, contou com textos de Monteiro Lobato, Anita Malfatti, Millôr Fernandes.

Papel Timbrado da Monteiro Lobato & Cia.

SPaulo 14.8.920

Presado amigo Gálvez

Recebi a sua carta de 4 deste e fico sciente de tudo. Como não tenho livraria, não posso receber directamente as suas obras, mas já falei com as principais d'aqui para as pedirem á Agencia<sup>78</sup> e ellas m'ó prometteram. Quando sair o "Mal Metaphysico" hei de promover um movimento na critica indigena. É pena um livro não ter um titulo mais commercialmente suggestivo; dá idéa ao publico duma obra philosophica. Inda não tive tempo de o ler. Tão [ilegível] de serviço ando com a reorganisação da minha casa editora, mas na primeira folga hei de mergulhar-me nelle. Garanto que a edição de Lauria sairá inteira. Quanto ao meu livro, mando-lhe uma revista com o discurso do Ruy<sup>79</sup>, e mais uma opinião de Bilac<sup>80</sup> e do Bramier. Creio que bastam. As edições saídas ate agora montam a 6 – a 1<sup>a</sup> é de Junho de 1918 e a ultima de março deste anno, num total de 20.000 exemp. Já está em parte traduzido para o italiano e o allemão. Retratos: vou arranjar umas caretas minhas para lhe remeter. Infelizmente sou muito feio...Si coincidisse sair um conto meu na "Plus Ultra" não seria vantajoso para a edição?

Adeus e disponha do m.to amigo

Monteiro Lobato

---

<sup>78</sup> Provavelmente se trata da "Agencia General de Librería e Publicaciones", fundada por Gálvez em 1919 para distribuir, aos países vizinhos, livros publicados pela Cooperativa Editorial, que teve Gálvez no comando entre 1916 e 1919. Segundo Manuel Gálvez, logo após sua saída da Cooperativa, a má administração de Julio Noé obrigou o fechamento da editora. Cf. GÁLVEZ, M. "El novelista se hace editor". In *Op.cit.*, vol. II, *op.cit.*pp.437-450.

<sup>79</sup> Ruy Barbosa de Oliveira (1849-1923), escritor, jurista, filólogo, diplomata, tradutor e orador. O discurso do Ruy a que se refere Lobato recebeu o título "A questão social e política no Brasil". Proferido no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, em 20 de março de 1919, as palavras de Ruy Barbosa teciam considerações elogiosas à personagem Jeca Tatu, criada por Lobato. Numa edição de *Jeca Tatu* impressa na Bahia em 1919 é possível ler, na folha de rosto, uma alusão ao discurso de Rui: "Jeca Tatú / VIDA E COSTUMES / CONTO BRAZILEIRO / Celebrisado pelo Conselheiro Ruy Barbosa/ 1919 / IMPRENSA CARVALHO / Rua do Corpo Santo n. 76 e 78 - (1º andar) / BAHIA". Um exemplar dessa edição pode ser encontrado no acervo da Biblioteca Nacional (Seção de Obras Raras, código: 73, 1, 40 nº1). Esse mesmo texto foi publicado na *RB*, nº 40, abril 1919, pp. 381-421. Nos meses de maio, junho e julho de 1919, a revista de Lobato também publicou "Conferência", de Ruy Barbosa. Cf. *Revista do Brasil*, nº 41,43, 43, 1919.

<sup>80</sup> Olavo Brás Martins de Guimarães Bilac (1865-1918), escritor. Entre janeiro e março de 1919, a *RB* publicou diversos textos, de diferentes autores, em homenagem ao escritor. O texto de crítica a que Lobato se refere na carta a Gálvez não foi localizado. Cf. *Revista do Brasil*, nº37, 38 e 39, janeiro-março 1919.

Papel Timbrado da Revista do Brasil.

S. Paulo, 22-11-1920.

Amigo Gálvez:

Infelizmente perdeu-se a sua carta anterior, mas tenho em mãos a de 31 de Out., chegada hoje – 22 dias!! Fico ciente das condições da Soc. Editora<sup>81</sup> e também da demora em sair o livro. É preferível retardal-o do que sacrificar-o com uma tradução defeituosa, e muito lhe agradeço o interesse que tomou para evitar isso. Como não temos pressa não acha que seria conveniente mandar-me uma prova da trad. para eu indicar aqui os pontos fracos, contribuindo assim para melhorá-la, no próprio interesse da empresa editora? Isso também pouparia trabalho ao amigo, hoje ás voltas com a neuritis do braço, que, espero, não o atormentará por muito tempo.

Os livros que recebi saem este mez anunciados na revista, e espero vendel-os todos aqui mesmo no escriptorio. Não o fiz ha mais tempo devido a falta de instruccões que vinham na carta que se perdeu.

Quanto a Nosotros, com muito prazer acceitarei o convite para três ou quatro artigos annuaes sobre letras cá da terra. E por falar em Nosotros, não recebi o numero onde vinha o annuncio do meu livro.

Seguem as photographias e uns dados auto-biographicos. Aproveito a occasião para enviar mais alguns extractos da crítica, os que dão a comprehender o modo porque o livro foi interpretado entre nós.

Do M. Gahisto recebi uma carta onde ha trecho que se refere ao collega. Transcrevo-o: “Je suis comme vous lês ouvrages de Manoel Gálvez, qui comme vous l’avez noté dans le Correio da Manhã<sup>82</sup>, changé d’attitude philosophique. Son dernier roman, Nacha Regules, me plait en son cotê descriptif de types et de scenes portenaises. Mais je regrette la “these” qu’il a adopté et qui me parrait menacée de banalité en cherchant d’être universelle. L’artiste doit “voir” avant toute a

---

<sup>81</sup> A “Sociedade Editora” a que Monteiro Lobato se refere é, provavelmente, a “Editorial Pax”, fundada por Augusto Bunge, cunhado de Gálvez, em 1919. Logo após a saída de Manuel Gálvez da “Cooperativa Editorial Buenos Aires”, seu cunhado lhe propôs editar um livro sobre a guerra, intitulado *El hombre es bueno*; Gálvez aceitou e se tornou colaborador de Bunge na casa editora, que passou a publicar literatura internacional traduzida para o espanhol, além de obras como *Nacha Regules*, do próprio Gálvez.

<sup>82</sup> O *Correio da Manhã*, periódico carioca que durou de 15.06.1901 a 08.07.1974, foi dirigido pelo jornalista Edmundo Bittencourt. Monteiro Lobato, em 1920, escreveu a Rangel que pensava “numa coisa revolucionária e notavel: o *Dicionario Brasileiro*, cujo programa aparecerá em artigo no *Correio da Manhã*”, já que “Ando a colaborar no *Correio da Manhã* e tive convite d’ *O Jornal*. Cincoenta mil réis o artigo”. In. Lobato, M. *A Barca de Gleyre*. Carta de 23.03.1920, p. 216-216. O artigo saiu publicado no *Correio da Manhã* e transcrito na seção “Resenha do Mez” da *RB*. Cf. “O Dicionario Brasileiro”. In *Revista do Brasil*, nº56, agosto 1920, pp. 378-380.

notre époque, dès détails particuliers, locaux, nationaux et se placer au dessus dès courant politique dignes de consideration, certes, mais par essence éphémères tandis que l'art construit dès formes durables”.

Quanto a mim estou lendo o *Mal Metaphisico* e impressionado que sob tantos aspectos o ambiente social argentino se apresente tão semelhante ao nosso.

Ha alli uma serie de typos que é apertuguezar os nomes e elles ficam typos perfeitamente brasileiros. Isso mesmo notei em relação ao meio pedagógico da *Maestra*. Na *Revista de Dezembro* falarei do livro, cuja tradução acabo de receber do Lauria. Não está mal a trad., embora pudesse ser melhor.

Agora, os dados que me pediu.

Nasci em Taubaté, E.S.Paulo, em 84. Formei-me em Direito; fui promotor publico tres annos e abandonando a carreira metti-me a fazendeiro. E fazendeiro ficaria o resto da vida si um incidente fortuito não me mudasse o curso á vida. Esse facto refiro-o no prefacio da 3ª edição dos *Urupês*, que lhe enviarei anotado. A revolta contra os caboclos que me queimaram terras, como lá explico, levou-me á imprensa com um artigo que foi a origem do que sou: *Velha Praga*. O “estyllo sem estylo”, a rudeza, o cheiro da terra e das selvas que impregnavam essa catilinaria impressionaram o publico. Houve replicas, defesas, contestações. Insisti no meu ponto de vista escrevendo outro artigo “*Urupês*”, procurando demolir a estylisação heroica do caboclo que vinha desde Alencar<sup>83</sup> e era tido como dogma intangível. A repercussão desse artigo impressionou-me. Houve debates largos pela imprensa, dividida em dois campos – o que mantinha e defendia o velho ponto de vista e o que aceitava a minha interpretação verista. O resultado disso foi que veio abaixo o ídolo, e o caboclo passou a ser representado pelo *Jeca Tatu*, tomando essa representação grande vulto depois que Ruy Barbosa a consagrou em discurso memoravel. Essa palavra entrou para a língua corrente, foi adoptada pelo povo, desdobrando-se em prole: *Jécatauismo*, *Jécataulândia*, *Jéquice*, *Jécalhada*, etc.

---

<sup>83</sup>José de Alencar (1829-1877), escritor considerado grande representante da literatura romântica do país, particularmente da indianista; no conto “*Marabá*”, de 1923, Lobato reforça a forte presença do indianismo na obra de Alencar: “Quer indianismo? Ponha duas arrobas de Alecar”. (...) “ E a moça desmaiava, e o leitor chorava e a obra recebia etiqueta de histórica , se passada unicamente entre dons e donas , ou de indianista, se na manipulação entravam ingredientes do empório Gonçalves Dias, Alencar & Cia.” Cf. LOBATO, M. “*Marabá*”. In *Negrinha*: São Paulo: Brasiliense, 1994. Lobato, em carta a Rangel, escrita em 1914, expõe a necessidade de se olhar para o homem do campo com menos idealização, do que a promovida por Alencar em seus romances: “Rangel, é preciso matar o caboclo que evoluiu dos índios de Alencar e veiu até Coelho Neto. (...) A nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos. E se por acaso um deles se atreve e faz uma “entrada”, a novidade do cenário embota-lhe a visão, atrapalha-o, e ele, por comodidade, entra a ver o caboclo romântico já cristalizado – e até vê caipiras cor de jambo”(…). In. Lobato, M. *Op. Cit.* Carta de 20.10.1914. pp. 362-365. Alencar também figurou nas páginas da *RB*; sob o título “Do arquivo de José de Alencar”, algumas cartas endereçadas ao escritor cearense foram publicadas na revista de Lobato. Cf. *Revista do Brasil*, nº 25-35, janeiro-novembro 1918. Lobato ainda tinha a intenção de publicar textos de José de Alencar em português e em espanhol, tal como escreveu a Rangel em 1919: “Estamos estudando a nossa associação com a Cooperativa Editorial Argentina e uma agencia de publicidade. Iniciaremos a série com Alencar e outros artigos em domínio público, dando simultaneamente uma edição em português e outra em espanhol”. In Lobato. *Op. Cit.* Carta de 06.07.1919, pp.202-203.

Neste interim vendi a fazenda e mudei-me para São Paulo e como de lá havia mandado uns contos para a Revista do Brasil, fui aconselhado a fazer uma coisa que nunca me passou pela cabeça: edital-o. Editei-o certo de que estava fazendo uma grande asneira, tirando apenas mil exemplares, e ficando muito satisfeito se vendesse metade. O publico e a critica, porem, receberam o livro de maneira que me surpreendeu. A edição foi-se em dias e logo a segunda e as outras, ao todo seis, em anno e meio, num total de 20.000 exemplares, facto virgem no Brasil. Toda a gente se metteu a discutir o livro sobre o qual appareceram mais de duzentos artigos criticos, ficando verdadeira mania fallar desse livro. A discussão sobre o Jeca me valeu grandes apologias e grandes descomposturas. Para uns era patriota, para outros, diffamador da pátria.

Nesse intervallo escrevi uma serie de artigos sobre o Saneamento dos sertões. Nova celeuma. Salvador da pátria-diffamador: não havia meio termo. Reuni esses artigos em folheto que lhe mando – Problema Vital<sup>84</sup>. Nelles mostrava que a população rural era o que era devido ás doenças endemicas que a empolgava. A repercussão foi enorme pela forma violenta e pitoresca com que abordei um thema até então tratado pelos médicos em estylo de cientista. Depois disso mantive-me na imprensa, malhando sobre uns tantos figurões que personalizavam idéas contrarias ás minhas em materia de arte. Defendi o individualismo nacionalista e ataquei o francezismo. Sairam desses artigo o livro – Idéas de Jeca<sup>85</sup> – em cujo prefacio resumo em meia dusia de palavras o meu credo. O brado valeu. Surgiram companheiros seduzidos pela idéa e a corrente nacionalista tomou um bello incremento em S. Paulo e em muitos outros estados do Brasil. Para melhor conduzir movimento fiz-me editor pra lançar as obras condizentes com o meu programma. Essa tentativa deu resultados surprehendedentes, em pouco tempo a nossa empreza se impoz-se. Introduzi uma novidade no commercio livreiro: por á venda as nossas edições em quase todas as cidades do Brasil. Hoje possuímos vendedores em 400 cidades e villas. Constitui sociedade e a firma actual, com quatro meses de existência, já é alguma cousa na praça. Lançamos a venda até aqui oitenta e tantos mil volumes, sendo 61.000 de livros meus, e temos um programma formidavel para os próximos annos, dependente apenas duma melhoria no preço do papel.

Quando publiquei os Urupês comprei na mesma occasião a Revista do Brasil que conservo ainda conseguindo eleva-la a uma tiragem hoje de 4.500 ex.

---

<sup>84</sup> “Problema Vital” foi o nome dado primeiramente à coluna de Monteiro Lobato n’*O Estado de S. Paulo*, que durou de 1914 a 1917, na qual ele discutia as relações entre o homem do campo e a terra, além de abordar os problemas do saneamento no Brasil e lançar uma campanha pró-saneamento. Em 1918, esta série de artigos foi publicada em livro, sendo seu título homônimo ao da coluna do periódico paulistano; a 1ª edição da obra trazia o seguinte esclarecimento: “artifigos publiciados n’“O Estado de S. Paulo”, e enfeixados em volume por decisão da “Sociedade de Eugenia de S. Paulo” e da “Liga Pró-Saneamento do Brasil”. Cf. LOBATO, M. *Problema Vital*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1969, p. 155. Segundo Lobato, estes artigos veiculados no jornal o favoreceram muito, porque “popularizou a marca Monteiro Lobato”. Cf. Lobato, M. *Op.cit*, Carta de 08.07.1918, pp. 174-175.

<sup>85</sup> *Idéias de Jeca Tatu*, reunião de textos lobatianos publicados em jornais e revistas, saiu em dezembro de 1919, e “foi atamancado em uma semana, depois de encalhado em uma tipografia falida e mudada para outra peor ainda, que também ia falir ou mudar”; a edição saiu pelo selo da “Revista do Brasil”, numa tiragem de 4.000 exemplares. Cf. LOBATO, M. *Op. cit*. Carta de 30.12.1919, pp207-208.

Eis aqui, meu caro collega, o que fiz e que sou. em resumo um teimoso que gosta de andar em picadas que ele mesmo abre. Este mez lanço mais dois livros: *Negrinha*<sup>86</sup> (contos) e “A Menina do Narizinho Arrebitado”<sup>87</sup> (livro para creanças).

Escrito ao final, a tinta:

Muito tempo já tomei a quem o tem contado e preciso. Mas lembre-se que foi a pedido seu.

Adeus e disponha do

Monteiro Lobato

---

<sup>86</sup> *Negrinha*, livro de contos de Monteiro Lobato, foi lançado em 1920 pelas “Edições da Revista do Brasil”, com tiragem de 6.000 exemplares, tal como foi exposto no “Movimento Editorial”, da *Revista do Brasil*. Cf. *Revista do Brasil*. “Movimento Editorial”, nº61, janeiro 1921, p. 89. Ao lançar esse livro, Lobato parece fazer uma nova experiência editorial: lançar livros “inteiros” ou “meios livros”, tal como explica a Rangel, em carta de 29.11.1920: “Lanço meu agora um verdadeiro filhote de livro – *Negrinha*, para fazer uma experiencia: se vale mais a pena lançar “livros inteiros a 4 mil réis, ou “meios livros” a 2\$500. Cf. LOBATO, M. *Op. cit.*, p. 220. Sobre esse assunto, cf. também. MARTINS, Milena R. *Op. cit.* sobretudo capítulo 5.

<sup>87</sup> *A menina do Narizinho Arrebitado* foi publicado em 1920 pelas “Edições da Revista do Brasil”, com tiragem de 5.000 exemplares; após a saída do livro, Menotti del Pichia e Brenno Ferraz fizeram apreciação da obra infantil lobatiana, respectivamente no *Correio Paulistano* e na *Revista do Brasil*. No ano seguinte, Monteiro Lobato publicou uma versão escolar do livro, que passara a se chamar *Narizinho Arrebitado*; tal edição foi comprada pelo governo do estado de São Paulo para ser distribuída em todas as escolas da rede pública de ensino, o que obrigou Lobato a fazer “a maior edição do mundo”!: 50.500 exemplares. Cf. Lobato, M. *op. Cit.* Carta de 21.05.1921, p. 230. Além disso, em 1921, foram publicados na *RB* fragmentos de *Lúcia ou A menina do Narizinho Arrebitado*, com ilustrações de Voltolino. O primeiro fragmento saiu na *Revista do Brasil*, nº62, fevereiro 1921, pp. 121-126. Cf. sobre o tema, o artigo de BERTOLUCCI, Denise Maria de Paiva. “*Reinações de Narizinho: um livro “estupendo”*”. In. LAJOLO, M; CECCANTINI, J.L. *Monteiro Lobato: livro a livro (obra infantil)*. São Paulo: Ed.Unesp; Imprensa Oficial, 2008, pp. 187-198.

A<sup>o</sup> Gálvez

12.12.920

Garay<sup>88</sup> apareceu por aqui. Revi as provas da tradução. Está ótima. Comentei alguma coisa, e depois de consertar o resto ficarei descançado e sciente de que forma livros difíceis de traduzir o foram com tanta perfeição. O conto da Plus Ultra está muito bem. Soube por elle que foi ahi publicado Os Pharoleiros<sup>89</sup>. Poderá mandar-me isso? Breve escreverei mais longamente. Este vai só para substituir os retratos que mandei por estes que estão mais decentes.

Adeus.

Lobato

---

<sup>88</sup> Benjamin Bertoli de Garay (?-1943), tradutor argentino, traduziu para o espanhol *Urupés*, em 1921, *El macaco que se hizo hombre* (sem data), *El Presidente Negro* (1935) *Don Quijote de los niños* (1938). Conheceu Manuel Gálvez na cidade de Santa Fé, quando ambos ainda eram adolescentes. Viveu em Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo, onde conheceu Monteiro Lobato. Foi colaborador da *Revista do Brasil*, cujo primeiro texto – “O movimento paulista na literatura brasileira (notas para um estudo)”- publicado no jornal *La Unión*, de Buenos Aires, foi transcrito para a revista; neste, Garay tece os seguintes comentários sobre Monteiro Lobato: Monteiro Lobato, além de observador capaz do meio roceiro, da vida das pequenas cidades do interior, é um analista agudo dos homens e das coisas, que possui uma pena em brasa, que ao mesmo tempo é pincel, buril, escapelo e lápis finíssimo”. Cf. *Revista do Brasil*, nº 73, janeiro 1922, pp. 70-71; escreveu, também, artigos para a argentina *Plus Ultra*, por onde publicou, no mesmo ano de 1922, o texto “La Architetura del Brasil Colonial”, com ilustrações de Wasth Rodrigues. Cf. *Plus Ultra*, nº 74, junio 1922. Além disso, a partir de 1924, a revista *Novíssima* anunciou Garay como o “único representante de *Novíssima* em todas as repúblicas hispano-americanas”; no mesmo ano, a revista publicou uma entrevista concedida por Garay. Cf. *Novíssima*, nº 4 e nº7, março-abril/setembro-outubro, 1924. Apud. GUELF, Maria Lucia Fernandes. *Novíssima: contribuição para o estudo do Modernismo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1987.

<sup>89</sup> O conto “Os Faroleiros”, escrito em 1915, veiculado na *Revista do Brasil* em 1917, e publicado em 1918 no livro *Urupés*, foi também adaptado para o cinema, e produzido pela Sociedade de Cultura Artística Romeiros do Progresso. Cf. SACHETTA, et al. *Op.cit.* O conto foi publicado na Argentina, segundo Maria Paula Gurgel, na revista *Plus Ultra*, em 1920. Cf. RIBEIRO, Maria Paula Gurgel “Monteiro Lobato e a Argentina: mediações culturais”. Tese de Doutorado – FFLCH-USP, 2008.

Papel Timbrado da *Revista do Brasil*.

S. Paulo 22.12.1920

Amigo Gálvez,

Antes de mais nada meus calorosos parabéns pela penetração nos Estados Unidos e na Alemanha. Isso chega a ser honroso até para a America do Sul, tida até aqui como colonia, incapaz de manifestações serias no domínio das artes. E seu sucesso lá é garantido porque o amigo é um verdadeiro romancista, desses que possuem o segredo de interessar o leitor desde a primeira linha e condizil-o até á ultima sem descahidas. Tenho aqui entre amigos feito uma boa propaganda de seus livros de modo a augmentar seu circulo de leitores. Até aqui dos argentinos só Ingenieros tinha publico – como agora vi com os livros da editorial que me mandou e dos quaes vendi todos os exemplares da Loucura na Argentina<sup>90</sup>. Puz esses livros na Livraria Lealdade<sup>91</sup>, na vitrina, e tenho esperança de breve vendel-os todos. Sobre o Mal Metaph. pouco disse a imprensa alem do que o amigo já conhece e isso graças á estupidez de Lauria que não distribue o livro. Mando-lhe uma lista de nomes aos quaes poderá remetell-o com vantagem para a propaganda.

Tenho lido as suas novellas em Caras y Caretas e na Nov. Semanal<sup>92</sup>, que me deu o Garay. Sempre noto os mesmos característicos: a arte de prender o leitor. O que me admira é tambem a sua capacidade de trabalho... Extraordinaria!

Não há ahi uma livraria Menendez<sup>93</sup>? Seria boa para collocar-se nella os livros que mandei porque o dono della é um velho assignante da Revista.

---

<sup>90</sup> *Loucura na Argentina* é o nome em português do livro de Ingenieros *La Locura en la Argentina*, publicado em espanhol pela Cooperativa Editorial Limitada, em 1920.

<sup>91</sup> A Livraria Lealdade, onde se podiam comprar livros em espanhol, existiu no começo do século XX, primeiramente como tabacaria. O proprietário era Álvaro São Jorge e o comércio se estabeleceu na rua Líbero Badaró, perto do Largo São Bento, em São Paulo. Posteriormente, a livraria mudou para a rua Boa Vista, adquirindo prestígio e se especializando em livros técnicos. Em fim dos anos 20, a livraria abrigava a maior variedade de livros técnicos e em língua espanhola. Cf. SORÁ, G. "Brasílianas: a casa José Olympio e a instituição do livro nacional". Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1998.

<sup>92</sup> *La Novela Semanal*, revista publicada na Argentina. Sobre este assunto, conferir carta de 13.08.1919 (MLb 3.2.00234 cx5) e a respectiva nota.

<sup>93</sup> A "Librería y Casa Editora de J. Menendez" foi fundada em 1900 pelo argentino Jesús Menendez, constituindo-se como uma das empresas "con fines informativos o educativos" no que diz respeito "a los hábitos de lectura de los sectores médios y populares" do público argentino. Cf. MERBILHAA, M. "La época de organización del espacio editorial". In. DE DIEGO, (dir.). *Op. cit.*, p. 31. Sobre alguns títulos lançados pela casa editora, cf. <http://www.bcnbib.gov.ar/> último acesso em 20/02/2009.



Tenho a Plus Ultra com meu conto e também a Caras com o Comprador de estancias<sup>94</sup> – mui bem traduzidos ambos. Isso ajudará muito a saída do livro. Quanto á Nación<sup>95</sup> estou á espera do exemplar que V. me mandou. Confesso muito grato por tantas gentilezas, vendo sempre nisso tudo o dedo indulgente do amigo. Vi-o também na nota que deu Nosotros.

Vou fazer na Revista do Brasil umas reformas este anno novo e abrirei uma secção de literatura sul-americana, a qual será nos começos quasi que somente Argentina, pois não temos relações ainda com os outros paizes. Assim trabalharemos mutuamente para um reciproco conhecimento.

Estou cada vez mais interessado no movimento mental argentino e admirado do que ha por ahi. Estou a ler Sarmiento<sup>96</sup>. É um gênio. *Facundo*<sup>97</sup> é uma obra notabilissima que vou traduzir e publicar – no caso de já estar extinta a propriedade literária – o que peço me informar. O “rastreador”, o “gaucho malo” e os outros typos – que esplendidos! E que descortino filosofico tinha elle da influencia do meio no homem...

Mando-lhe hoje as minhas ultimas edições: um livrinho meu para creanças, para o natal<sup>98</sup>, e VIDA OCIOSA<sup>99</sup>, uma perfeita obra prima das mais puras que possui a nossa literatura. É o que se pode chamar um livro perfeito. Perca o amor a uma hora e por favor leia esse livro.

Adeus caro amigo e mais uma vez aceite sinceros parabéns pela victoria nos Estados Unidos. Os Estados Unidos hoje são quasi o mundo...

---

<sup>94</sup> “O comprador de estâncias”, publicado na *Caras y Caretas* é a tradução do conto lobatiano “O comprador de fazendas”, publicado pela primeira vez na *Revista do Brasil*, nº27, março 1918, pp. 244-256. Posteriormente, o conto foi incluído na primeira edição do exemplar *Urupês*, publicado em junho de 1918. Sobre esse assunto, cf. MARTINS, Milena Ribeiro. *Op.cit.*, sobretudo o capítulo 5.

<sup>95</sup> *La Nación*, jornal argentino fundado em 04.01.1870 (com tiragem de 1.000 exemplares), pelo jornalista e ex-governador de Buenos Aires à época, Bartolomé Mitre (1821-1906).

<sup>96</sup> Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), escritor argentino que se exilou no Chile de 1840 a 1852, porque se opôs à ditadura de Juan Manuel de Rosas. Colaborou em diversos jornais chilenos durante o exílio e, de 1868 a 1874, foi presidente da Argentina. Cf. PRIETO, M. *Breve História de la literatura argentina*. Buenos Aires: Taurus, 2006, pp.107-127.

<sup>97</sup> *Facundo o Civilización y Barbárie* é o título do livro escrito por Domingo F. Sarmiento. Em 1845, foi publicado no Chile “en el diario *El progreso* a la manera de un folletín, desde 2 de mayo de ese año, durante tres meses, su *Facundo*” (...), que “ fue convertido en libro inmediatamente terminada su publicación periodica”. Cf. Idem, *ibidem*. p. 115

<sup>98</sup> O livro para crianças “para o natal” é *A Menina do Narizinho Arrebitado*, lançado no natal de 1920, “com capa ilustrada e cartonada, de 29X22 cm, 43 páginas e muitos desenhos de Voltolino”. Apud, SACHETTA. et al. *Op.cit.*, p. 77. Cf. nota 85 da carta de 22.11.1920.

<sup>99</sup> *Vida Ociosa*, de Godofredo Rangel, foi publicado pela primeira vez, em forma de folhetim, na *RB*, entre maio de 1917 e maio de 1918. Cf. *Revista do Brasil*, maio-agosto 1917 e maio-agosto 1918. Em 1920, Monteiro Lobato publicou a versão em livro pela “Cia Gráfico Editora Monteiro Lobato”, com uma tiragem de “3 milheiros”. Cf. Lobato, M. *Op.cit.*, carta de 03.02.1921, pp. 228. O “Movimento Editorial” da *RB* de 1920 comprova a tiragem de 3.000 exemplares do livro de Rangel. Cf. *Revista do Brasil*, nº61, janeiro 1921. Além disso, na seção “Bibliographia”, da *Revista do Brasil*, Monteiro Lobato escreveu um texto sobre *Vida Ociosa*. Cf. *Revista do Brasil*, nº63, março 1921, pp.262. Em novembro de 1922, a revista de Lobato transcreveu o texto “Vida Ociosa”, escrito por Braulio Sánchez Saéz, primeiramente publicado no periódico *Crisol*, da Argentina. Cf. *Revista do Brasil*, nº 83, novembro 1922, pp. 247-249.

S. Paulo 6-1-921

Amigo Gálvez

Recebi “Luna de miel”<sup>100</sup> cujo primeiro conto já conhecia da *Novela Semanal*. Já o li inteiro tendo gostado imensamente da história de um momento espiritual, rico de poesia e de uma psicologia penetrante. Parabens por mais essa victoria. Propuz ao “Estado de S. Paulo” – que é o jornal de maior circulação no Brasil – publicação dum livro argentino (um seu) em folhetim e elles acharam boa a idea. Agora consulto o amigo si consente nisso. É um bom meio de expandir o seu nome aqui no Brasil, onde só Ingenieros é conhecido. A prova está em que já vendi todos os seus exemplares da “Loucura” que me vieram.

Recebeu a segunda remessa de retratos? Estão mais parecidos e mais...bonitos...Chegou a *Nacion* com o conto e a optima illustração de Grenet<sup>101</sup>. Si pudesse conseguir o original... Estou colleccionando os desenhos que tem apparecido sobre o meu livro para dal-os mais tarde uma bella edição. Já tenho vários, optimos. Dei ao meu amigo Lourenço Filho<sup>102</sup>, que é um jornalista de valor e muito amigo da Argentina, o “Mal”, pedindo-lhe um artigo a respeito, no “Estado”. Prometteu-me. Estou a ler a *Hist. da Literatura Argentina*, de Rojas<sup>103</sup>, que considero um monumento de erudição e de critica á moderna. Tenho, porem, só os dois primeiros volumes. Já saíram os outros? Como nós nos desconhecemos, nós vizinhos sul americanos! Como nos tyranniza e unilateraliza a fascinação européia – ou franceza...Creia que a Argentina está sendo para mim uma revelação esplendida!Que genial pampheto o “Facundo”! Como era grande o Sarmiento! Pode indicar-me

---

<sup>100</sup> *Luna de Miel y otras narraciones* é uma coletânea de contos de Gálvez, que foi publicada pela “Editorial Pátria, de Buenos Aires”, em 1920, como parte da coleção “Biblioteca de Novelistas Americanos”, dirigida pelo próprio Manuel Gálvez; o conto que abre o livro é homônimo ao título da obra. Cf. [www.elaleph.com](http://www.elaleph.com). Último acesso em 08.01.2009.

<sup>101</sup> Julio Málaga Grenet (1886-1963), ilustrador peruano que viveu em Buenos Aires. Grenet foi diretor de arte da revista *Caras y Caretas*, a partir do ano de 1913; teve, ainda, suas ilustrações veiculadas na *Plus Ultra* e na *Nosotros*.

<sup>102</sup> Manuel Lourenço Filho (1897-1970), educador e jornalista, que colaborou no jornal *O Estado de S.Paulo*, e em 1921, assumiu a direção regional da *RB* no Ceará. No mesmo ano, na seção “Pesquisas e Debates” da revista foi publicado um texto de Lourenço Filho, veiculado primeiro n’*O Estado de S.Paulo*, sobre os rumos da instrução pública nacional. Cf. *Revista do Brasil*, nº62, fevereiro 1921, pp. 177-179. Em sua atuação com educador, foi Diretor de Instrução Pública do Ceará, de 1922 a 1923; durante o período em que Lourenço Filho ocupou tal cargo, Lobato enviou *A Menina do Narizinho Arrebitado* para que o livro pudesse ser adotado nas escolas públicas cearenses, o que ocorrera: (...) “A esta hora já terá recebido o jornal com a nota oficial da aprovação e da adoção dos seus livros”; no entanto, a medida do diretor de adotar as obras de Lobato, trouxe-lhe indisposição com o clero local, fazendo com que Lourenço Filho, para manter a compra, inventasse uma segunda edição do livro: “O clero me moveu tremenda guerra, sob o pretexto de que a adoção do livro visava ridicularizar a sagrada religião católica. Foi preciso, para manter a aprovação, que eu inventasse haver uma 2ª edição, sem os inconvenientes da primeira”. Cf. carta de 1922, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato – CEDAE-IEL-Unicamp. MLB 3.2.00284cx6

<sup>103</sup> *La literatura argentina. Ensayo filosófico sobre la evolución de la cultura en el Plata*, considerado o primeiro livro sobre a história da literatura argentina, publicado entre 1917 e 1922, pelo escritor e professor de literatura da Universidade de Buenos Aires, Ricardo Rojas (1882-1957). Cf. PRIETO, M. *Op. Cit.*, pp. 180-189.

uma boa livraria onde possa adquirir livros argentinos? Não há uma edição do Sarmiento com a iconographia da época? Também desejo possuir uma coleção dos melhores livros didacticos ahi adoptados nas escolas primarias. Pode arranjar-me um catalogo ou indicação dellas?

Garay me escreveu hontem, do Rio. Como o chamasse de metaphisico disse que vae propor-me um grande negocio para provar que não é. Um bello camarada.

Recebeu Vida Ociosa? Leia esse livro o que é um primor.

e adeus. Disponha do

Lobato (escrito com caneta)

SPaulo 10.3.1921

Presado a<sup>e</sup> Gálvez

Recebi cartas. G<sup>104</sup> é uma creatura verdadeiramente angélica! Como se devota aos outros; como trabalha sinceramente, amorosamente pela gloria dos outros! É um caso rarissimo de corretor gratuito da gloria alheia. A paixão que elle tem pelos amigos leva-o à credulidade que V. aponta. De facto, sei que muitas promessas lhe tem feito rapazes do Rio de escrever a respeito de Gálvez. Tudo o que ele enumerou é facto, mas em estado de promessa. G collecciona essas promessas, sacca sobre o futuro, desconta-as e dá a noticia como dinheiro liquido.

Também a mim vários rapazes d’ahi tem prometido escrever sobre os livros de V., mas por enquanto nada. Quanto ao “Estado de S. Paulo” está resolvido dar-se em folhetim a “Maestra”, mas inda não acharam um traductor competente.

Por falar em “Maestra”: ja saíram todos os exemplares que me mandou.

Quanto á “Menina”<sup>105</sup> o que propus ao Garay foi lançarmos ahi uma versão hespanhola, ou livro infantil; o resto é por conta delle – excelente creatura!

Quanto a Pater<sup>106</sup>, nada posso dizer. Não li essa novella, mas a verdade é que por aqui nenhum valor lhe dão.

Não escrevi ainda p<sup>a</sup> Nosotros porque me deu este anno um tal horror á tinta e a penna que só escrevo cartas.

Suspendi toda a collaboração nos jornaes e puz dois novos diretores na Revista para não ter que lidar com originaes e literatos. Assim posso dedicar-me à casa editora cujos negócios vão de vento em popa. Basta dizer que já editamos de Jan<sup>o</sup> de 1920 a Março de 1921, 120.000 exemplares de varias obras, todas literárias. Quanto a mim passei já do 100<sup>o</sup> milheiro. Minhas edições a partir da 1<sup>a</sup> em Julho de 1918 ate o presente, sommam ja, exactamente, 109.500.

Quando julguei eu possivel semelhante absurdo, ao lançar ha dois annos e meio, o meu primeiro livrinho!

---

<sup>104</sup> Provável referência ao tradutor Benjamin de Garay.

<sup>105</sup> *A Menina do Narizinho Arrebitado*, publicado em português, em 1921, pela “Monteiro Lobato & Cia”. Ao que parece, a primeira tentativa de publicação em espanhol aconteceu a partir da carta que Lobato trocou com Garay e que é aqui mencionada. No entanto, a publicação desta obra infantil em espanhol só acontecerá na década de 1940, quando a *Obra Completa* –série infantil – de Monteiro Lobato foi traduzida para o castelhano e publicada em Buenos Aires.

<sup>106</sup> *Pater*, livro de Cláudio de Souza(1876-1954), publicado em português, em 1913, pela editora Garnier, e em espanhol em 1921 pela “Editorial Patria”, na coleção “Biblioteca de Novelistas Americanos”, dirigida por Manuel Gálvez. Na contracapa de *Urupês* em espanhol, há o anúncio de *Pater* a ser lançado “Proximamente”. Além disso, Souza escreveu o prólogo do livro de Gálvez *O Mal metafísico*, que, como já mencionado, saiu pela primeira vez em português em 1920 pela editora do Rio de Janeiro Braz Lauria. Cf. GÁLVEZ, M. *Op. cit.* pp. 653-654.

Ora, sendo assim, pesava-me muito dirigir a Revista, e passei a direção a outro continuando seu proprietário.

Mando essa reportagem a respeito de nosso movimento editorial em 920.

Espero que me remeta um exemplar de “Arca de Noé”<sup>107</sup> de sua esposa, cujos versos li admirando a fina sensibilidade de poeta que ella é.

Não sei se accusei o recebimento de “Lua de Miel”. Creio que não. E não sei também se lhe mandei “As Esphinges”, versos da maior poetisa brasileira. Vae endereçado ou offerecendo á sua esposa que foi collega de uma ilustre morta.

E é só por enquanto.

Adeus.

Lobato.

Logo que me voltar o animus scribendi mandarei a (?) prommettida a “Nosotros”<sup>108</sup>.

L.

---

<sup>107</sup> *El Arca de Noe: Libro de lectura para segundo grado*, de Delfina Bunge, esposa de Gálvez, foi publicado pela editora “Cabult”, de Buenos Aires, em 1918.

<sup>108</sup> O *animus scribendi* de Monteiro Lobato parece ter voltado somente em maio, quando sai, na revista *Nosotros*, o artigo intitulado “Letras Brasileñas: Visión General de la Literatura Brasileña”. Cf. revista *Nosotros*, año 15, l 3, n. 144, Mayo 1921, pp. 96-100.

Papel Timbrado da Monteiro Lobato e Cia.

S. PAULO 16.6.921

Amigo Gálvez

Recebi um telegramma seu datado de S. Borja<sup>109</sup> e venho agradecer essa nimia gentileza. Mas...está de passagem pelo Rio Grande ou vem subindo, com idéas de realizar o velho projecto de chegar até aqui ao centro? Em qualquer das hypotheses bemvindo seja.

Recebi ha dias os dez exemplares dos *Urupes*<sup>110</sup> e espero os cem que mandei pedir á casa editora. Quero com eles fazer a minha fitinha por cá...

Escrevi um artigo sobre o Garay realçando o muito que em matéria de traducções elle tem feito pela nossa literatura. O Garay é um traductor fora do comum porque se apaixona pela obra e a traduz com verdadeiro carinho. Merece porisso todos os estimulos

É só. Fico a espera de ver o amigo resurgir subitamente por cá.

Do amigo

Lobato (assinado de caneta)

---

<sup>109</sup>São Borja, cidade brasileira que fica no extremo oeste do Rio Grande do Sul, na divisa com a Argentina.

<sup>110</sup> Lobato acusa recebimento de dez exemplares de *Urupês*, traduzido para o castelhano por Benjamín de Garay e publicado pela "Editorial Pátria", de Buenos Aires. A *R.B* de Janeiro de 1921 dá a notícia da saída do livro na Argentina. Cf. *Revista do Brasil*, nº 61, Jan.1921. O escritor também avisa a publicação do livro em espanhol ao amigo Godofredo Rangel, em carta do mesmo ano; nesta, Monteiro Lobato diz: "recebi o *Urupês* em espanhol lançado na Argentina. Bela edição". Carta s/d, In LOBATO, M. *Op. cit.*, p. 232. Em julho, de 1921, a *Revista do Brasil* publicou, em espanhol, o texto sobre *Urupês* que saiu no jornal *El Telegrapho*, de Montevideo, do crítico uruguaio Martín Saavedra, que comenta sobre a possível tradução do livro para o inglês, feita por Isaac Goldberg, além da edição espanhola feita por Calleja. Cf. *Revista do Brasil*, nº 67, julho 1921, p. 365. Na Espanha, o livro saiu em 1923, pela "Editorial Cervantes", de Barcelona e teve por título *El comprador de haciendas*, "título de um dos mais belos contos de "Urupês"; ao que parece, o livro só teve alterado seu título, já que a tradução é de Benjamin de Garay, e, segundo o texto publicado na revista, foi o próprio tradutor quem preferiu alterar o nome da obra. Cf. *Revista do Brasil*, nº 90, junho 1923. A revista argentina *Nosotros*, em 1921, também veiculou um texto sobre o livro de Lobato, recém traduzido para o castelhano: "*Urupês: cuentos del Brasil*"; além disso, o crítico Julio Aramburu (1883-1960) escreveu o texto "Monteiro Lobato", publicado na mesma revista, em junho de 1921. Cf. *Nosotros*, nº 145, junio 1921, pp. 274-75. Em 1947, *Urupês* em espanhol teve uma segunda edição, dessa vez traduzida por Ramón Prieto e publicada pela "Editorial El Ateneo"; tal edição teve também textos publicados na imprensa, como o jornal *La Prensa*, que em janeiro de 1948, na seção "La actividad bibliográfica en el exterior", publicou "Urupês". Cf. *La Prensa*, 18.01.1948.

Papel Timbrado da Monteiro Lobato & Cia

S.PAULO 6.7.921

Presado amigo

Recebi a sua carta de 20p.p passado com dois recortes relativos ao meu livro, e nada do artigo de Goldberg<sup>111</sup> a que se refere a carta. Esqueceu-o? Mais uma vez agradeço a extrema boa vontade que tem demonstrado para commigo, furtando do seu tempo precioso bastante delle para vulgarizar e impor o meu livro ahi. É dessas coisas que não se pagam nunca...

Recebi a Nueva Era<sup>112</sup> (que permuta com a Revista do Brasil) e lá vi o retrato e o conto. Sempre o dedo mágico de Gálvez! Por falar em revista, communico-lhe que voltei a dirigir a minha, tendo sahido Amadeu Amaral, e em o numero deste mez darei nella um longo estudo de Mucio Leão sobre a Nacha Regules<sup>113</sup>.

Recebi uma carta de V. Salaverri<sup>114</sup>, muy gentil (sempre reflexo de Gálvez...), e tambem os seus contos do Rio da Prata. Alem disso, muitos outros livros me tem chegado, com dedicatórias, consecuencia já do apparecimento dos Urupês. Entre elles vieram os três livros de versos de Alfonsina Storni<sup>115</sup>.

---

<sup>111</sup> Isaac Goldberg (1887-1938), crítico literário americano, publicou diversas obras sobre literatura brasileira e hispano-americana. Lobato figura no *Brazilian Tales* (prefaciado e traduzido por Goldberg em 1921) e *Brazilian Short Stories*, de 1924. Antes disso, em 1922, publicou um estudo crítico sobre nossa literatura intitulado *Brazilian Literature*, resenhado, em 1923 por Gilberto Freyre e publicado na *Revista do Brasil*. Cf. *Revista do Brasil*, nº 89, maio 1923, pp. 43-49. Sobre a América Espanhola, publicou, em 1921, *Studies in Spanish-American Literature*. Na seção "Bibliographia" da *RB* de agosto de 1921, foi publicado um texto sobre este livro do crítico americano. Cf. *Revista do Brasil*, nº 68, agosto 1921, p. 451; no exemplar de dezembro do mesmo ano, o texto de Goldberg – "Um novelista do nacionalismo brasileiro" – que trata de Lobato, publicado no jornal *Evening Boston*, dos EUA, foi transcrito na *Revista do Brasil*. Cf. *Revista do Brasil*, nº 72, dezembro 1921, pp. 377- 380. Sobre outras obras de Goldberg, cf. site da Biblioteca do Congresso Americano: [www.loc.gov](http://www.loc.gov), última consulta em 18/03/2008.

<sup>112</sup> *Nueva Era* foi uma revista literária que circulou na Argentina no início do século XX; por ocasião do lançamento de *Urupês* em espanhol, diversas revistas estamparam a fotografia de Monteiro Lobato, dentre elas, a *Nueva Era*, tal como se pode observar no site: [www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/lobato/lobatonotempo1915.htm](http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/lobato/lobatonotempo1915.htm) última consulta em 18/03/2008.

<sup>113</sup> Mucio Leão (1868-1969), escritor e crítico literário pernambucano, foi apresentado a Monteiro Lobato por Assis Chateaubriand através de uma carta: "O Pujol [Alfredo Pujol, um dos diretores da *Revista do Brasil*] lhe falou acerca de Mucio Leão? É uma criança de 20 anos, com um talento fascinante, que acaba de aqui chegar. Se você me obtivesse um lugar de colaborador para elle, seria esse um belo gesto de fraternidade intelectual, digno de um holskwiki do espírito"; carta pertencente ao Fundo Monteiro Lobato CEDAE/IEL/Unicamp MLb 3.2.00238cx5. Depois desta, provavelmente de 1919, Mucio Leão passou a colaborar na *RB* em 1920. O "longo estudo sobre *Nacha Regules*" escrito por Mucio Leão foi publicado na *R.B* nº 67, de julho de 1921; o artigo é homônimo do livro de Gálvez.

<sup>114</sup> Vicente A. Salaverri (1887-?), escritor de origem espanhola que viveu no Uruguai, teve sua novela *El Corazon de Maria* publicada pela Cooperativa Editorial, de Manuel Gálvez, em 1919. Em 1922, a *RB* publicou, na seção "Bibliographia" uma resenha sobre seu livro *El Hijo del León*. Cf. *Revista do Brasil*, nº81, setembro 1922.

<sup>115</sup> Alfonsina Storni (1892-1938), poeta suíça naturalizada argentina, teve seu primeiro livro de poemas, *La Inquietud del rosal*, publicado em 1916. Em 1921, a *RB*, na seção "Bibliographia", resenha o livro *Irremediamente*, publicado em 1919. Cf. *Revista do Brasil*, nº69, setembro 1921.

Mandei traduzir o Facundo. Quero iniciar a serie argentina prestando homenagem ao grande Sarmiento. O segundo será um seu ou de quem o amigo indicar. Um negocio: com a diferença de preços causada pela baixa do cambio valia a pena fazer livros argentinos aqui. Pense nisso, sabendo que o custo das minhas edições orça por mil reis e o mil reis está valendo hoje 30 cent.

Adeus, caro amigo, até a proxima

Lobato (assinado de caneta)



AAL – Archivo Manuel Gálvez

Papel Timbrado da Monteiro Lobato & Cia

S.PAULO 3-8-921

Gálvez

Recebi o artigo do Goldberg. Optimo. E recebi tambem o livro delle, um excelente estudo critico da literatura sul-americana<sup>116</sup>.

A Revista do Brasil deu neste numero o artigo do Leão, algo sacrificado pelo revisor. É preciso a gente fiscalizar tudo! Mas falamos de negocio. Os preços que eu tenho são calculados pra o meu formato e talvez elle não sirva para a Nacha. Em todo o caso aqui vão elles:

Impressão: - 3.000 ex –

Papel, igual ao da Revista: 2600 o k. para resmas de 27 kilos

Cada folha dá 64 paginas. Há ainda a capa que é nada.

Clichês – 70 reis por cent. 2

Se serve os nossos formatos, com esses poderá calcular o custo do livro. Se não serve, preciso pedir novos preços á typ.

Creio que ha margem para baratear o livro ahi.

Novidade: apresentei-me para a Academia, na vaga de Pedro Lessa<sup>117</sup>. Isso é facil. O difficil é ser eleito...

Adeus

Lobato

---

<sup>116</sup> Provavelmente se trata do livro de Goldberg *Studies in Spanish-American Literature*, traduzido para o espanhol em 1922 por R. Cassinos-Assens e publicado pela Editorial América, de Madrid, sob o título *Literatura hispanoamericana: estúdios criticos*. Cf. [www.loc.gov](http://www.loc.gov) último acesso em 08/05/2008. Cf. nota 1 da carta de 06.07.1921.

<sup>117</sup> Monteiro Lobato candidatou-se pela primeira vez para ocupar vaga na Academia Brasileira de Letras, em 1921, mas em seguida, retirou a candidatura, enviando uma carta à instituição. Lobato em carta a Rangel, se justifica quanto à retirada da candidatura: “A idéia da Academia falhou por birra minha. Não quis transigir com a praxe lá – a tal praxe de implorar votos, e eles são extremamente suscetíveis nesse ponto”. Cf. *A Barca de Gleyre*, 2º tomo. S. Paulo: Editora Brasiliense, 1969, carta de 15.02.1922, p. 244. A vaga para a qual Lobato se candidataria era a de Pedro Lessa (1859-1921), jurista e professor; seu livro de estréia *Interpretação dos Arts. 23, 34, 63 e 65 da Constituição Federal* foi publicado em 1899. Em maio de 1910 entrou para a ABL; com sua morte em 1921 e com a desistência da candidatura de Monteiro Lobato, Alfredo Pujol foi eleito para a cadeira nº 11. A seção “Revistas e Jornaes” da *RB* transcreveu, em maio de 1918, o texto “Pedro Lessa”, publicado pela primeira vez no jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro. Cf. *Revista do Brasil*, nº 29, maio 1921.

MLb3.2.00261cx5

B Aires, 6 de agosto de 1921

Mi estimado Monteiro Lobato:

¿Recibió los libros por fin?

Como tres días después de su carta me llegaron los suyos, confío en que a esta hora estean los míos en su poder. Si no es así, dígamelo en dos líneas para una nueva remesa.

Después le hablaré largo de Negrinha y Cía<sup>118</sup>. – Afectos

H Quiroga<sup>119</sup>

---

<sup>118</sup>A expressão “Cia” que acompanha a citação de Quiroga suscita duas hipóteses: a primeira pode remeter aos outros contos que compõem o livro *Negrinha*; a segunda estaria ligada a outras duas obras de Monteiro Lobato, publicadas até então: *Urupês* e *Cidades Mortas*.

<sup>119</sup>Horacio Quiroga (1878-1937), escritor, que nasceu na cidade de Salto, no Uruguai. Em 02 de setembro de 1899 lançou, com outros amigos saltenses, uma revista intitulada *Revista del Salto*, que circulou até 04 de fevereiro de 1920. Em 1903, abandonou a direção da revista e se mudou para Buenos Aires, onde passou a colaborar em periódicos, a escrever romances e a atuar como diplomata. Seu primeiro livro, *El crimen del otro*, foi lançado em 1904, por editora desconhecida; em 1917 lançou *Cuentos de Amor Loucura y Muerte*, e em 1918, *Cuentos de La Selva* e a versão para crianças do mesmo livro; *El Selvaje* saiu em 1920; em 1921, reuniu contos em *Anaconda*, todos publicados pela “Cooperativa Editorial Limitada”. Na seção “Bibliographia”, da *Revista do Brasil*, de julho de 1921, saiu um artigo sobre *Cuentos de La Selva (pra niños)* e outro sobre *El Selvaje*. Cf. *Revista do Brasil*, nº 69, julho, 1921, pp.76-77.

SPaulo 24.8.921

Gálvez

Recebi a sua de 11, e ainda nada de *Atlantida*<sup>120</sup>. Obrigado pelos recortes que me mandou. Seguiram hoje os exemplares da Revista do Brasil pedidos.

Mucio Leão é um rapaz de vinte e poucos annos, recém chegado de Pernambuco ao Rio, onde trabalha no Correio da Manhã. É quasi um menino. Tenho com elle relações ligeiras, tendo-o visto uma só vez, por cinco minutos, quando veio do Rio a S. Paulo em aeroplano.

Quanto á traducção de Nacha poderei obetl-a aqui mesmo. Estou á espera do Facundo, cuja traducção deve estar adeantada; depois do Facundo darei a sua Nacha.

Estou com idéas de fazer uma experiênciã: editar o Prof. Jeremias em espanhol aqui e mandar vendel-o ahi e no resto da America Latina. Simples experienciã. Resta que as typographias d'áqui tenham certos caracteres espanhóis indispensáveis, o que ainda não verifiquei.

Li o artigo do Goldberg. Magnífico. Parece-me um outro Garay, cavaleiro andante da gloria alheia – não acha?

O livro delle sobre literatura sul-americana parece-me interessantissimo.

A nossa casa editora cresce vertiginosamente, e eu alcanço, no fim do anno, só dos meus livros, um total de 140.000. Creio que é o record em tres annos e meio.

Adeus, meu caro amigo. Ate outra.

Lobato.

---

<sup>120</sup> A revista *Atlantida* foi fundada em 1918 pelo escritor Constancio C. Vigil (1876-1954). É interessante ressaltar que na Argentina, desde o final do século XIX até o fim da primeira década do XX, existiram 4 revistas com este mesmo título, pertencentes a pessoas diferentes. A revista, considerada de variedades, já que publicava charges, piadas, fotos da sociedade, contos (Kipling e Jack London foram publicados no eriódico), resenhas e notícias sobre livros, não tinha um perfil vanguardista e alguns de seus colaboradores – Leopoldo Lugones, Horacio Quiroga, Manuel Gálvez, Arturo Capdevilla – também publicavam seus artigos na *Nosotros*.

Buenos Aires – Octubre 1921

Mi estimado Monteiro Lobato: Recibí últimamente el ejemplar de la revista que me envió. Gracias de nuevo, e igualmente al amigo Ferraz<sup>121</sup> – a “Negrinha”, ¿es anterior o posterior a Urupés? Hay allí una historia “El drama de la helada”<sup>122</sup>, que me place de corazón. Si no fuera acaso molestia para el compañero Garay, traduciría con gusto “Negrinha” para “La Nación” o periódico similar.

Le mando con ésta dos ejemplares de “Anaconda”,<sup>123</sup> uno para Ud. desde luego, y el otro para algún amigo – Ferraz, si quiere tenerlo.

Me gustó que Alfonsina Storni les haya agradado a Uds. ¡Es uno de los buenos escritores que tenemos aquí!

Claro que es muy evidente la analogía entre Ud. y yo. Particularmente en el Judas para tratar los sentimientos. Buenos hijos de Kipling<sup>124</sup>, al fin y al cabo.

Saludos de los compañeros que lo estiman bien aquí, y muy grandes de su amigo.

Horacio Quiroga

---

<sup>121</sup> Brenno Ferraz do Amaral(1894-1961), escritor e jornalista. Ferraz começou na *RB* como colaborador; em outubro de 1920 passou a assinar a seção “Bibliographia”, e em janeiro de 1922, junto com Monteiro Lobato, integrou a diretoria da publicação, cargo que ocupou até dezembro do mesmo ano.

<sup>122</sup> O conto “O drama da geada” foi publicado pela primeira vez na *RB*, nº 56, agosto 1920, pp. 314-320. Posteriormente, foi incluído na primeira edição de *Negrinha*, que sai u em novembro do mesmo ano. A tradução deste conto para o espanhol foi publicada na revista argentina *Plus Ultra*. Cf. LOBATO, M. *Plus Ultra*, nº 77, septiembre 1922.

<sup>123</sup> *Anaconda*, reunião de contos de Horacio Quiroga, publicada em 1921, pela “Cooperativa Editorial Limitada”; em maio de 1922, Monteiro Lobato escreveu texto sobre *Anaconda*, publicado na seção “Bibliographia”, da *Revista do Brasil*. Cf. *Revista do Brasil*, nº 77, maio 1922, p. 68.

<sup>124</sup> Quiroga acena com a hipótese de que tanto ele quanto Monteiro Lobato sejam influenciados pelo escritor inglês Rudyard Kipling(1865-1936), autor de *Kim*, publicado pela primeira vez em 1901, e traduzido para o português por Lobato em 1934.

Buenos Aires, noviembre 12 de 1921

Mi estimado Monteiro Lobato: — Acabo de recibir una carta del amigo Garay en que, anunciándome haber sido traducido “C.de A.y de M.”<sup>125</sup> por la sta Camargo<sup>126</sup>, me pide autorización para publicar dicha traducción en su casa editora de ud. Como Ud me habló alguna vez de eso mismo, tendría mucho más placer en tratar este asunto directamente con Ud, como me parece razonable. Me dice Garay que la Sta traductora no tiene aspiraciones pecuniarias al respecto. Tampoco las tengo yo muy grandes, amigo, bien como profesional, y pobre, me sienta halagado cuando consigo unos pesos. En este asunto editorial, dejo a su criterio de colega y editor lo que pueda tocarme a mí de una problemática ganancia. No es detalle el que va a poner una traba en mi amable relación con el Brasil, con su casa editora y con la señorita que tuvo a bien traducir el libro.

No quisiera que el amigo Garay malentendiera esto, y le escribiré aclarándole el punto. Pero siendo Ud el editor posible, y yo el autor, creo razonable que entre Ud y yo se trate directamente la cosa. Unas cuantas líneas suyas al respecto, me dejarían muy halagado.

- Le mandé días atrás dos ANACONDA, que confío habrá recibido. Y hasta su próxima, muy cordial saludo de su amigo

H Quiroga  
Reconquista 586<sup>127</sup>

---

<sup>125</sup> “C de A. y de M.”, abreviação do título do livro “Cuentos de Amor Locura y de Muerte”, publicado em 1917, pela “Cooperativa Editorial Buenos Aires”, de Manuel Gálvez.

<sup>126</sup> “Senhorita Camargo” é Lila Escobar de Camargo, que traduziu e publicou no nº 73 da *Revista do Brasil*, de janeiro de 1922, “Uma estação de Amor”, conto de Horacio Quiroga escrito em 1898. Antes disso, porém, na *RB* de julho de 1921, saiu, na seção “Bibliographia”, a resenha do livro de Lila Escobar de Camargo *Caracteres Femininos*. Cf. *Revista do Brasil*, nº 67, p. 355.

<sup>127</sup> Este era, à época, o endereço de Horacio Quiroga na capital portenha.

AAL – Archivo Manuel Gálvez

SPaulo 23.11.921

A<sup>o</sup> Gálvez

Recebi a sua de 12. Por aqui vamos caminhando, a despejar livros a jorros. Vou este anno a 750 milheiros (1919 - 25.000; 1920 - 56.000). Bella progressão. E só dos meus livros, com as reedições no prelo, alcanço 148.000 em 4 annos. Quer isto dizer que a industria prospera.

Lancei este anno uma colleção popular “Coleção Brasília”<sup>128</sup>, de que mando uma amostra a titulo de curiosidade editorial, e da qual espero muito. São tiragens de 5.000 e de custo mínimo, 280 a 300 reis o exemplar, ou sejam 10 cent. Ao lado desta vou lançar para o anno uma “Coleção América”<sup>129</sup> para obras traduzidas, e nella darei Facundo, Quiroga, Lynch<sup>130</sup>, Gálvez e outros. Os contos do Quiroga diz-me Garay que estão traduzidos, mas não os vi ainda.

Recebi Atlantida com boa noticia critica. Obrigado. Goldberg publicou um estudo sobre mim num jornal americano. Excelente propagandista e optimo critico.

Aqui andamos ás voltas com o Cesáreo Quirós<sup>131</sup>, bellissimo typo de artista que a todos nos encanta com a sua arte e a sua intelligencia.

É possível que em Janeiro ou Fevereiro eu vá com o Garay ate ahi, passar uns quinze dias.

Depende, porém, de haver folga no serviço.

Adeus. Ate outra ou ate por ahi.

Do Lobato

---

<sup>128</sup> A “Coleção Brasília”, idealizada por Monteiro Lobato e publicada pela Monteiro Lobato & Cia, foi lançada em 1921, e se compôs dos seguintes títulos: nº 1 *Urupês*, Monteiro Lobato; nº2 *A Renegada*, Carlos Dias Fernandes; nº3 *Cidades Mortas*, Monteiro Lobato; nº 4 *Romance de Engenho*, Mario Sette; nº 5 *Os Condemnados*, Gabriel Marques; nº 6 *Os Cangaceiros*, Carlos Dias Fernandes; nº 7 *O Bandido do Rio das Mortes*, Bernardo Guimarães; nº 8 *Negrinha*, Monteiro Lobato. Sobre esse assunto, cf. BIGNOTTO, Cilza. *Op. cit.* CD anexo “Catálogos”.

<sup>129</sup> A “Coleção América” veio a se chamar “Coleção Sul-Americana”. Quase um ano depois desta carta, em outubro de 1922, o próprio Lobato explica o objetivo desta coleção: “Esta coleção se comporá de cuidadasas edições das melhores obras aparecidas na Sul-América e iniciará praticamente o programa de aproximação que tem a empresa. Iniciar-se-á com o *Facundo*, do Sarmiento, dará obras de Gálvez, de Quiroga, de Lynch, de Salaverri, de Barrios e de todos os grandes representativos da literatura hispano-americana”. Cf. Lobato, M. “El Hermano Asno”. In *Revista do Brasil*, nº82, outubro 1922. Apesar de o escritor anunciar a publicação de diversos escritores latino-americanos, os dois livros que saíram por esta coleção, que constam do catálogo da Monteiro Lobato & Cia, foram *Facundo* e *Nacha Regules*.

<sup>130</sup> Trata-se de Benito Lynch (1880-1951) novelista e romancista argentino. Monteiro Lobato, na seção “Bibliographia”, da *RB*, escreveu um texto sobre *Los Caranchos de La Calle Florida*, livro publicado pela Editorial Patria, de Buenos Aires, em 1920, e que também integrava a Coleção “Biblioteca de Novelistas Americanos”, idealizada por Manuel Gálvez. Cf. *Revista do Brasil*, janeiro-março 1921.

<sup>131</sup> Cesareo Bernaldo Quirós (1879-1968), artista plástico argentino, foi considerado um dos grandes nomes da arte na América, por retratar em diversas obras a figura do *gaucho*, o homem da zona dos pampas argentinos. Sua primeira exposição no Brasil, em 1921, lhe rendeu dois artigos na *Revista do Brasil* - “O Embaixador”, publicado na seção “O Momento”, e “Um grande artista”, este da autoria de Monteiro Lobato – além da publicação de sua foto e de “O Antiquário”, um de seus quadros. Cf. *Revista do Brasil*, nº 71, novembro 1921; é importante lembrar que em *Idéias de Jeca Tatu* foi publicado “Um grande artista”, pp. 211-217; em *Críticas e Outras Notas*, o texto de “O Momento” foi intitulado “Quirós”, pp. 163-164. O artista argentino também pintou em 1922, um retrato do escritor brasileiro, intitulado “Lobato por Quirós”, descrito a Rangel em carta (...) “[Quirós] Anda agora a pintar o meu retrato aqui no escritório: eu em mangas de camisa com o *Narizinho* album entreaberto no colo, e ao fundo a minha secretaria na barra funda de sempre e os desenhos pregados na parede”(…). Cf. Lobato, M. *op. cit.*, carta de 07.04.1922, p. 245. Em 1922, Lobato e Quirós trocam cartas que constam, também, do *corpus* desse trabalho.

MLB3.2.00278cx6

B. Aires, junio 20-22

Mi estimado Lobato: Acabo de recibir el numero de la "Revista do Brasil", donde me hallo con sus lineas sobre "Anaconda"<sup>132</sup>. Bien que por tratarse de usted no debía sorprenderme de su buena voluntad para conmigo, és tan raro, amigo, hallar una partícula de sinceridad y honradez en los colegas! Tanto más contento en este caso, por ser usted, junto con Lynch, los dos verdaderos hermanos que encuentro en esta América de Sur. Y la tareita, para gentes que como nosotros escriben de obras poco literarias, es dura.

Aprovecho esta ocasión para reiterarle mi apoyo en cuanto ud quiera hacer con "C. de Amor, L y M" tal vez en las cartas anteriores adquirió ud de mi la idea de un muy tacaño personaje. No hay tal; quiero decirle, como lo repito ahora si llegara a haber ganancia en cualquier traducción mia, me agradecerían unos pesos del excedente, pero nada más. En fin, me alegro de saberlo bueno, y con verdadera amistad le saluda su compañero

H Quiroga

Per avion

---

<sup>132</sup> Quiroga se refere, provavelmente, à resenha sobre "Anaconda" assinada por Monteiro Lobato e publicada na seção "Bibliographia" da *Revista do Brasil*; nesta, Lobato faz os seguintes comentários acerca do livro: ""Anaconda" encerra 19 contos, que o são de facto. É muito commum confundir-se o conto com a chronica, gênero dos mais abundantes e no qual os escriptores sem talento se sentem perfeitamente á vontade. Os de Quiroga são realmente contos intensos, vivos, bem marcados, com começo, meio e fim, além da dose de dramaticidade, de cômico e de psychologia, necessária á perfeita caracterisação do gênero". Cf. *Revista do Brasil* nº 77, maio de 1922, p.68.

Buenos Aires 25 Junio 1922

Sr. Dr. Monteiro Lobato

Mi querido amigo: ahora mismo llego de Entre Ríos<sup>133</sup>, de ese lugar que hasta ahora habia sido fuente de sueños y de trabajo pero que este año ha sido la tumba de todo ello y motivo de grandes disgustos. Como te digo llego ahora, y aqui, me espera tu carta, cartita, un poco palida; concretandose únicamente a comunicarme que salió la recontura en poder de Garay, y algo sobre un cuadro. ¿Por que tan poco, mi querido amigo?

¡Ud. y demás amigos tienen razon! Mi proceder, no corresponde ni a mi afecto para con Ud, mis deberes; pero algun dia me lo dispensarán cuando sepan todo lo que me sucede.

Mucho he lamentado no haber podido atender a Mesquita<sup>134</sup> que es tan buen amigo. Te aseguro Lobato, que lo he sentido en el alma y asi se lo expresaré apenas le escriba.

Disculpame tu con todos los amigos que por mi pregunten hasta que pueda yo ponerme al dia con ellos.

Tengo hace tiempo una larga carta de Heitor<sup>135</sup> y otra de Alexandrino<sup>136</sup>; aqui estan, esperando dias de calma y de voluntad, que no obstante mi cariño para con ellos, no llegan: ahora, aqui en mi taller, no dudo que lo conseguiré.

¿Y que es de tu vida caro Lobato. ¿ Como sigue la salud de tu esposa y tus lindos hijos? ¿Como van tus bellas obras? ¡Cuanto te envidio compañero, desde mi triste inoperosidad!

Enfin ya veremos. Aqui en Buenos Aires, al calor de mi taller puede que todo cambie y que revuelvan a mi los pinceles.

---

<sup>133</sup> Entre Ríos é a província argentina onde Cesareo Bernaldo de Quirós, remetente da carta, tinha uma casa.

<sup>134</sup> Julio César Ferreira de Mesquita (1862-1927), advogado e jornalista, que em 1902 comprou o jornal *O Estado de S.Paulo*. À frente do periódico, Mesquita, em 1916, expandiu e reformulou a redação e fundou, junto com Plínio Barreto e José Pinheiro Machado Júnior, a *Revista do Brasil*, para a qual Lobato passa a colaborar desde o primeiro número. Ressalte-se que Lobato, desde 1913, já era colaborador d' *O Estado*, onde publicou, em 1914, dois artigos – “Velha Praga” e “Urupês” – que teriam grande repercussão no meio intelectual paulista da época. A *RB* publicou o texto de Mesquita “Ruy Barbosa – Reminiscências”. Cf. *Revista do Brasil*, nº 87, março 1923.

<sup>135</sup> Heitor de Moraes (? – 1938), jornalista e poeta, cunhado de Monteiro Lobato, casado com Ester Monteiro Lobato (1886-?), tratada por Teca pela família. As cartas trocadas entre Lobato e Heitor de Moraes sugerem a colaboração de Lobato no jornal *A Tribuna*, de Santos, nas primeiras décadas do século XX, por intermédio de Moraes: (...) “Falas em colaboração para a Tribuna, paga... (...) Se o queres sèriamente e se há possibilidade de alguma compensaçãozinha (que jeitinho, hein?) sòmente eu mandarei, para a Tribuna ver, um conto já escrito – Bocatorra e um artigo que posso escrever já – A Futura Guerra Anglo-Alemã”(carta de 15.08.1909); “Conforme a tua cara estou me preparando para começar a colaboração na Tribuna. Tenho algumas coisas velhas aqui e acho opotuna a ocasião para dá-las à luz” (carta s/d de 1909). In LOBATO, M. *Cartas Escolhidas*, 1º volume. São Paulo: Editora Brasiliense. Heitor também teve um de seus artigos – “Polícia de Cães I e II” – publicado pela primeira vez no jornal *Commercio de Santos* e veiculado na *RB*. Cf. *Revista do Brasil*, nº 76, abril 1922.

<sup>136</sup> Pedro Alexandrino Borges (1856-1942), artista plástico, discípulo de Almeida Júnior e professor de Tarsila do Amaral. Na *RB*, Monteiro Lobato escreveu longo artigo intitulado “Pedro Alexandrino”. Cf. *Revista do Brasil*, nº 26, fevereiro 1918, pp.120-130.



Referente a el primer motivo de tu carta, te diré que por ahora no sé nada del señor Garay, pero calculando por la fecha de tu carta, que es del – de Mayo, ya debia estar aqui nuestro hombre. Enfin ya te infomaré de lo que suceda. ¿Quiero que me digas, si el importe de la recontura, quieres que te lo remita de aqui, o te lo cobrarás en esa de los fondos, que produzca el cuadro de Mesquita? ¿Contestame?

Sueno mi querido amigo, con el cariño de aquellas horas lindas va un abrazo de tu compañero.

Suyo

Quirós.

MLb 3.2.00281 cx6

B. Aires, Julio 2-22

Hermano: ¿Pertenece Ud. a este mundo? Si pertenece Ud. a él aún, ruégole me lo communique, explicándome de paso que hice yo para merecer un tan completo y magnifico [ilegível] con que Ud. me obsequia.

Felicidad, de todos modos

Horacio Quiroga

MLb 3.2.00285 cx6

B. A. agosto 3 – 22

Mi estimado Lobato:

Recibí su última, y quedo enterado del asunto C. de A y M, y demás. No hay apuro.

Garay me dejó el encargo de obtener de Centurión<sup>137</sup> una carátula para aquel libro. Si Ud. tiene un gusto concreto sobre el tema de la carátula, comuníquelo, y lo pasaré a Centurión.

En carta a Garay le hago notar lo imprescindible que es para mí conocer “Os sertões”<sup>138</sup>, ya que iré a Rio en septiembre. Si Ud. puede ayudarme a su vez en esta tarea de conocer tal libro, le quedaré muito obrigado.

Y como nos hemos de ver, en Rio o en esa, hasta pronto saludo de H Quiroga

---

<sup>137</sup> Emílio Centurión (1894 ?-1970), artista plástico e professor da Escuela de Bellas Artes de Buenos Aires, entre 1920 e 1950. Há, no Museu de Belas Artes de Buenos Aires, diversas obras de Centurión, que também ilustrava alguns contos da revista *Atlântida*. Cf. RIBEIRO, Maria Paula Gurgel *Op. cit.* pp. 174-181.

<sup>138</sup> *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1866-1909), publicado em 1902 pela editora Laemmert, foi traduzido para o espanhol em 1938, por Benjamin de Garay e publicado pela Editorial Claridad, de Buenos Aires. Na ocasião do lançamento do livro na Argentina, o jornal *La Prensa* publicou o texto de Newton de Freitas “Euclides da Cunha (apuntes para su biografía)”. Cf. *La Prensa*, Segunda Sección, 05.06.1938. Em 1937, o mesmo jornal, publicou a versão castelhana do texto de Euclides da Cunha “Judas Ashverus”.

MLb 3.2.00287 cx6

[papel timbrado]

HOTEL GLÓRIA<sup>139</sup>

END. TELEGRÁFICO

GLORIA HOTEL

Rio de Janeiro, septiembre 6 1922

Mi estimado Lobato:

¿Se le verá a Ud. por aquí, o deberemos esperar ir a San Paulo para ello? Supondrá las ganas que tengo de verle la cara. – Si anda Garay por allí adviértalo de mi estada por aquí.

Si me manda dos líneas sobre modo de vernos, etc, encantado.

Suyo

Horacio Quiroga.

---

<sup>139</sup> O Hotel Glória, localizado no Rio de Janeiro foi inaugurado em 1922 como parte das comemorações do Centenário da Independência do Brasil.

MLb 3.2. 00288 cx 6

*papel timbrado com os dizeres:*

*HOTEL GLORIA*

END TELLGRAPHICO

*GLORIA HOTEL*

Rio de Janeiro Septiembre 14 1922

Estimado Lobato: Salgo de aquí para ahí el martes 19, a las 7.30 de la mañana. Me sentará bien pasar unos cuantos días extra-diplomáticos<sup>140</sup>.

Hoy solo; pero el 23 o 24 caerán allí los demás tipos de la embajada, que entiendo desean ver Butantam<sup>141</sup>.

Ya hablaremos de todo.

Abrazo [ilegível] de

Horacio Quiroga

\_\_\_\_\_

A última hora la embajada decide ir sin carácter alguno oficial. Lo que es excelente.

\_\_\_\_\_

---

<sup>140</sup> Em 1916, Quiroga assumiu o cargo de diplomata, na Argentina, e neste permaneceu até 1936. Sua visita ao Brasil, em 1922, fez parte de uma visita cultural, promovida pela Embaixada do Uruguai, presidida por Asdrúbal Delgado, pelo motivo do Centenário da Independência do Brasil. Por ocasião desta visita de Quiroga, Monteiro Lobato ofereceu ao uruguaio, no dia 24.09.1922, um almoço, durante o qual homenageou o visitante com um discurso Cf. LOBATO, M. "Saudação a Horacio Quiroga". In. *Conferências, Artigos e Crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1969, pp. 51-53.

<sup>141</sup> "Butantan" é o Instituto Butantan, inaugurado em 1901, na cidade de São Paulo.

Buenos Aires, octubre 13 – 1922

Querido Lobato:

Cuando me disponía a escribirle hoy, llega su carta. Sabrá que llegué aquí anteayer, pues quedé en Montevideo 8 o 10 días. Estoy por fin descansando, después del horrible traqueteo diplomático de feliz memoria.

Buen recuerdo la foto pauliceana. No falta por aquí algún mal intencionado que asegura que he ido a San Pablo a surtirme de nuevos cuentos, que luego firmo como míos. Con la postal adjunta se convencerán más aún.

Antes que me olvide: dígame si no se opone a que traduzca y publique donde me sea posible EL PADRE DE LA GUERRA<sup>142</sup>. Para mayor coincidencia de nuestras tristes personas, también escribí yo un artículo sobre el mismo asunto, que le remito con ésta. No pude meter dicho artículo en LA NACION, por razones que comprenderá Ud. de sobra. Don Leopoldo Lugones<sup>143</sup> se había desatado en una vergonzosa campaña ultra francesa en aquel diario, y de rabia le contesté sin nombrarlo. Otra vez le he de mandar a Ud. otros artículos sobre el mismo tema. Contésteme en seguida a este respecto. Yo le pondría una especie de prologuillo.

Le mando también la traducción del contrato que hice por CUENTOS DE LA SELVA y una de las últimas cartas de N. York<sup>144</sup> recibidas, donde se enterará de las esperanzas que – Ud. y yo por lo menos – debemos tener de aquel mercado. Devuélvame todos los papeluchos. Mañana escribiré a la THE FOREIGN PRESS SERVICE<sup>145</sup> hablándole de Ud. con el respeto debido. Y si luego Ud. hace traducir y revisar allí mismo uno de sus cuentos más yankizables, les facilitaré el trabajo a aquellas gentes, cuando se pongan en pour parler.

---

<sup>142</sup> “O pai da guerra”, texto de Monteiro Lobato incluído em 1921 no volume *A Onda Verde*, que reúne seus artigos jornalísticos escritos nos anos em que colaborou no jornal *O Estado de S. Paulo*. A respeito desse livro, Lobato escreveu a Rangel: “O nome é lindo – *Onda Verde* – e merece aproveitada em obra melhor”. Carta de 9.02.1921. In: LOBATO, M. *Op. cit.*, p. 227.

<sup>143</sup> Leopoldo Lugones (1874-1938), escritor argentino, que depois de viver na Europa, passou, do ponto de vista ideológico, a apoiar o militarismo, criticar o liberalismo praticado pelos governantes de Buenos Aires da época; tais posições, corroboraram no engajamento do escritor em uma campanha ultra-nacionalista na Argentina, de caráter fascista.

<sup>144</sup> *Cuentos de la Selva*, de Horacio Quiroga, publicado em 1918, pela “Cooperativa Editorial Limitada”. A referência ao contrato feita pelo escritor remete à tradução da obra para o inglês, lançada em 1922, pela editora Duffield and Company, com o título de *South América Jungle Tales*, traduzido por Arthur Livingston.

<sup>145</sup> “The Foreign Press Service”, criada por Arthur Livingston em 1918, com sede em Washington, visava a publicação, em inglês, de autores estrangeiros.

Juanita<sup>146</sup>, a quien dí su libro, me pide autorización suya para traducir un cuento, el que Ud. quiera, y publicarlo aquí o en Montevideo, donde tal vez sea mejor, por lo poco que lo conocen a Ud. allá. Juanita dice entender perfectamente su lengua y aún dominarla casi, pues es fronteriza cerrada. Ella me mandaría la traducción, para que yo eche una ojeada masculina sobre la tal.

Y hablando de faldas: ¿Y Rosalina<sup>147</sup>? Ud. por lo menos tiene con ella el desahogo del tubo. Le mandaré algún libro, para que acabe de desprecirme por no emprenderla a pensamiento puro con sus sertoes.

Desde Montevideo, al llegar, envié dos líneas a Lila<sup>148</sup> y a Garay, explicandole por qué los cité en falso en la estación. Salúdelos com el afecto debido, y que Garay cuide más de su hígado, para alegría personal y de todos sus amigos.

Nada más, pues. Véngase en cuanto pueda, pues lo menos que le pueden decir aquí es que Ud. me roba a mí. Lo que es un placer para ambos. Y ciao, hermano viejo

*H. Quiroga*

Diga a Garay que conforme me vaya restableciendo, iré mandando los mil ejemplares que debo allí.

Duffield & Co. N. Y.<sup>149</sup>

The Foreign. Press. Service, Inc. – 215 – West 33<sup>rd</sup> Street

N. Y

---

<sup>146</sup> Juana Fernández Morález (1892-1979), poeta uruguia, é mais conhecida como Juana Ibarbourou, sobrenome adotado depois de seu casamento com o capitão Lucas Ibarbourou.

<sup>147</sup> Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti (1900-1975), escritora, que publicou, em 1921, pela "Monteiro Lobato & Cia" seu primeiro livro de poemas *Rito Pagão*, sobre o qual sai matéria na seção "Bibliographia", da *RB*. Cf. *Revista do Brasil*, nº72, dezembro 1921, pp.358-360. A contracapa da "Coleção Brasília" nº03, contém anúncio da obra, registrando seu preço: 4\$000. No ano seguinte, Lobato pública, na revista argentina *Plus Ultra*(nº 79, noviembre 1922), "Una precursora de la humanidad superior", texto sobre a escritora (cf. também nota da carta de 26.01.1920.) Dois anos depois de saído o *Rito Pagão* pela editora de Lobato, Rosalina Coelho Lisboa publicaria, ainda pelo selo da "Monteiro Lobato & Cia", a tradução de *O príncipe Luiz*, de Oscar Wilde. Este lançamento foi anunciado com um texto na seção "Bibliographia", da *RB*, nº95, novembro 1923, pp.282-283.

<sup>148</sup> Lila Escobar de Camargo já foi mencionada na carta MLb 3.2.00269.

<sup>149</sup> Duffield & Co. , editora com sede em New York que publicava traduções de livros da literatura latino-americana nos EUA, desde o final do século XIX.

14\_11\_1922

B. Aires, noviembre 14 de 1922

Mi querido Lobato:

Recibida carta. Junto con la suya me llegaba la traducción de CUENTOS DE LA SELVA, que le envíe. Trabaja con gran gusto aquella gente. Han hecho lo que ellos llaman “adaptación libre”, y en verdad se trata de eso. Pero a lo que entiendo han conservado bastante bien el espíritu del libro. El traductor no me lo oculta, tampoco. Cuando lleguen noticias editoriales, se las comunicaré. Parece también que en E.U. hay tendencia a hacer libros para chicos en formato para grandes. Tal, el libro mío.

Muy bien por la HOUSTON PUBLISHING<sup>150</sup>. Aprovéchese de ella, pues yo no puedo, por ser la FOREIGN PRESS mis agentes exclusivos en E.U. Y todavía nada he podido hacer en cuentos, pues me comunican que a pesar de haber tratado la colocación de A LA DERIVA<sup>151</sup> en un magazine de allá, a última hora hallan inconvenientes los del magazine, por la resistencia cada vez mayor de aquel país a aceptar cosas extranjeras de ambiente. ¡Estamos frescos, amigos! ¿Querrán que les demos estúpidas historietas de amor, como las que hacen ellos? En fin, tantee Ud, y puede ser que por el HOUSTON PUBLISHING se averigüe algo de bueno. El pago me parece magnífico. Esos 25 peos oro suponen 75 u 80 nuestros, lo que es enorme tratándose de una traducción... que podrían muy bien robar.

Tal como yo lo tendré al corriente de lo que pase por mi sector, infórmeme Ud del suyo. Al llegar escribía a la FOREIGN PRESS a su respecto, pero aún no he tenido respuesta. No nos apuremos, amigo.

Reté considerablemente a Juanita por la descortesía con Ud cometida, no enviándole un libro. ¡Habrás visto hembras iguales! Pero la pobre Juanita se ve un poco complicada con su hijito, su marido y treinta o cuarenta amigos.

Otra cosa es Rosalina. Esta mujer de paraíso no tiene perdón dándose el lujo de demorarme respuesta. Tiene hijo y amigos como Juanita, pero carece de marido, lo que no es

---

<sup>150</sup> Houston Publishing, com sede na cidade de Houston (Estados Unidos), era concorrente da Foreign Press. Ambas agenciavam escritores de outros países, divulgando seu nome, traduzindo suas obras, publicando artigos sobre eles em revistas, jornais e outros veículos. Cf. [www.google.com.br/houstonpublishing](http://www.google.com.br/houstonpublishing), acesso em 30/04/2008.

<sup>151</sup> “A la Deriva”, conto que integra a obra *Cuentos de Amor de Loucura y de Muerte*, publicada em 1917, pela “Cooperativa Editorial Limitada”.



poco. Digale por teléfono que con su proceder nefasto se expone a perder a su más grande admirador, desde S. Pablo al sur. Y que le tome a Ud de barnum en su viaje al majestuoso Plata.

Si va a parar a Rio, naturalmente para asociarse con Lisboa también, cuídese el pellejo cuando entre en trato diario con Rosalina. Se va a acalentar Ud más de lo conveniente a un varón. Si yo pudiera repartir a su lado unas cuantas calorías... Dígale esto también.

Y ciao, amigazo. Pronto le mandaré ATLANTIDA con la traducción de E.P.D.L.G.<sup>152</sup>, si es que a último momento el director no se asusta. Le dije para amansarlo que la cosa iba gratis, tanto para ud como para mí. Artículos como ése, apenas si se colocan gratis.

Un buen abrazo

H. Quiroga

Aunque parecería innecesario decirlo, salude a Garay, porque temo que este excelente amigo tenga algún malentendido conmigo.

---

<sup>152</sup>Iniciais da tradução do título do conto de Lobato "El Padre de La Guerra" (E.P.D.L.G), já mencionado por Quiroga na carta MLb3.2.00292 cx6.

Papel Timbrado Monteiro Lobato

Amigo Gálvez<sup>153</sup>

Recebi a Tragédia de um homem forte<sup>154</sup> e apesar da escassez do meu tempo iniciei a leitura, entrando já na página 100. Parece-me que o livro estuda o eterno problema argentino, desequilíbrio entre a “cidade” e o campo desta vez sob o aspecto psicologico. Que caso interessante!

Logo que termine a leitura darei minhas impressões.

Garay está aqui e prepara-se para seguir no dia 10. Levará recados meus.

Adeus. Até breve.

Lobato

---

<sup>153</sup> Pelo contexto da carta, que indica a publicação de *La Tragédia de um Hombre Fuerte*, trata-se do ano de 1922.

<sup>154</sup> *La Tragédia de un hombre fuerte*, de Manuel Gálvez, teve sua primeira edição em 1922.

SPaulo 1.3.923

Aº Gálvez

Meus parabéns pela Historia de Arrabal<sup>155</sup>. Editorialmente creio que agora V. acertou. O publico dá preferencia as novelas curtas em corpo 12, e como o editor encorpendo o papel, dá-lhes volume, conciliam-se os interesses de todos. Sabe qual a observação que ouvi de vários amigos a quem apresento seus romances anteriores? “Tinha vontade de ler, mas é muito grande, não tenho tempo”. De reiteradas observações como essa tirei lições para o meu commercio de edições e não me tenho arrependido. A pressa moderna exige desses menores – de literatura, de theatro, de cinema. Aqui, por exemplo, o theatro que dá lucro, que está sempre repleto, é o de peças concentradas que cabem duas em cada noite. Meu amigo, temos que seguir o velho adagio: dançar conforme tocam. Para a tal biblioteca sul-americana que pretendo fazer, penso agora dar esta sua novela. É a que me convem commercialmente. Objecta alguma coisa contra isso? Poderíamos até dal-a com as illustrações de Bellocq<sup>156</sup>. Tão (?). Que acha? Inda não comecei isso porque o traductor inda não me deu prompto o Facundo, com que iniciarei a serie. Mas sei que está adiantada a tradução.

O meu negocio vae aos pinotes. Inventei uma nova coisa: vendo os livros a prestações mensaes. O freguez escolhe no catalogo o que quer, paga 20% no ato e o resto em prestações mensaes de 10%. A entrada inicial cobre o custo do livro, de modo que na peor das hipoteses, o capital fica a salvo. E como augmentamos de 20% o preço dos livros, ha margem para os calotes inevitaveis e para muito lucro. Inicieei isso ha poucos dias e já estamos com media diaria de contratos que excedem de 1:000\$000. O grande problema, meu caro, não é editar, é vender. V. sabe muito bem disso. A sua biblioteca teria ido longe se V. tivesse applicado toda a sua atenção no desenvolvimento da venda.

O Goldberg mandou-me o seu novo livro: Brazilian Literature. Pelo que li parece-me excelente, embora como estrangeiro não possa apprehender certas sutilezas da literatura alheia.

---

<sup>155</sup> *História de Arrabal*, novela de Gálvez, publicada em 1922 pela “Agencia General de Librería y Publicaciones”. Na seção “Recebemos” da *Revista do Brasil*, de 1923, aparece o título do livro. Cf. *Revista do Brasil*, nº 89, maio 1923. Em janeiro de 1923, a revista *Nosotros* publicou artigo sobre o livro. Cf. *Nosotros*, nº 164, janeiro 1923, pp. 127-128.

<sup>156</sup> Adolfo Bellocq (1899-1972), artista plástico e ilustrador que se encarregou dos desenhos da edição ilustrada do livro *Nacha Regules* e de *História de Arrabal*, de Manuel Gálvez. Cf. GÁLVEZ, M. *Op. cit.*, p. 474.

Conhece o B. Sánchez Sáez<sup>157</sup>? Parece-me de muito boa vontade, mas...De-me sua opinião sobre o mas , caso o conheça.

Adeus, caro amigo. Disponha sempre do Lobato

---

<sup>157</sup> Braulio Sánchez Sáez (? - ?), professor, crítico literário e tradutor. Em 1922, na condição de “representante da *Revista do Brasil* na República Argentina”, Saez publicou no periódico brasileiro o “Inquérito Sul-Americano” promovido em Buenos Aires, que consistia em saber se era possível promover uma integração entre as culturas brasileira e argentina. Cf. *Revista do Brasil*, nº83, novembro 1922; no mesmo número da revista, foi publicada a tradução do artigo que saiu na revista *Crisol*, de Buenos Aires, sobre o livro de Godofredo Rangel *Vida Ociosa*. Em 1924, traduziu e publicou na revista *Lecturas*, de Buenos Aires, o conto “Barba Azul”, que integrava o livro *Negrinha*. Viveu, durante os anos 1940, na cidade de Campinas, onde foi professor da PUCCAMP (Pontifícia Universidade Católica de Campinas). Em 10.09.1944, publicou no jornal *Correio Popular*, de Campinas, o texto “Gálvez: historiador biográfico de América”. Cf. caderno “Juicios del Brasil”, da Academia Argentina de Letras. Sánchez Sáez também foi colaborador da revista *Plus Ultra*, da Argentina, por onde publicou, em 1924, o texto “Playas de Brasil: Rio de Janeiro e Santos”. Cf. *Plus Ultra*, nº 74, junio 1922.

MLb 3.2.00309 cx6

[cartão postal]

UNION POSTALE UNIVERSELLE

CARTE POSTALE – TARJETA POSTAL

Señor Monteiro Lobato  
Editorial – Gusmões 70  
São Paulo  
(Brasil)

[texto]

Buenos Aires 19 – Abril 1923

Ilustre compañero:

Desde aquí, un saludo. Le hemos recordado en la comida de “Nosotros”. Ayer almocé con Arturo Cancela<sup>158</sup> é hicémos de usted las mejores ausencias. Muchas venturas. Le abraza  
Vicente de Salaverri

---

<sup>158</sup> Arturo Cancela (1882-1957) , escritor e crítico literário, foi diretor do “Suplemento Literário” do jornal *La Nación* entre 1917 e 1924. Em 1919 pertenceu ao grupo de colaboradores do primeiro número da primeira fase da revista *Martín Fierro*. Em 1922 lançou *Tres relatos porteños*. Segundo Manuel Gálvez, este livro de Cancela “fue uno de los mayores éxitos de nuestra literatura”. Cf. GÁLVEZ, *Op.cit.*, p. 594.

MLb 3.200312 cx6

Junio 14 – 1923

Meu grande irmao Lobato:

Eu vo a escrever a Vossé en esa bella e tropical lengua irmá, para que vossé pueda gostar dos grandes adelantos feitos por o infrascripto. Aymé, irmao! Fosse vossé tam sequer Rosalinísima entao que lee, e a minha elocuencia – até que a grammatica – fosse muito mais engracada do que parecerá a – vossamercede. En fim, lá va.

Nao recibí os libros que vossé me anonciou por carta. Nao fique vossé tan cossoador como a prima Lisboa, que prometeu, prometeu... e nao mandóu us versos hindúes. Eu mando agora a vossé a HISTORIA D'UM AMOR TURBIO<sup>159</sup>; um exemplar para vossé, e outro para a prima Lila, rogándole a o irmao faga chegar a elle o exemplar que le está dedicado. Nada sei de issa menina. Tal vez está zangada conmigo. Por qué? Os eternos misterios femininos.

Os journaes informan-me do que Garay está doente. E viene-me o recuerdo de uma otra vez que o mesmo amigo estuvo doentinho, e cuya terapéutica vossé me contou. Salude e diga a o caro amigo que on otro correio enviaré-le un exemplar do amor turbio.

Como quiera, irmao, paréceme que esto falandon todavia n'aquela mesa do paseo público, com as anaconditas de Camargo. Efeito da lingua...

Vossé quiere facer uma grande fortuna, e conseguirá-lo. (!) Mais nao dexe, de quando em quando, de pensar en fabricar uma grande casa, con cuartos para huéspedes, afim de que o misero irmao que lhe escreve, poda ir a hospedarse dez días na excelsa finca de vossé. E a conta da litteratura.

¿Por qué nao recevo mais a REVISTA DO BRAZIL?

E um grande abraço, irmao,

Horacio Quiroga.

---

<sup>159</sup> *História d'um amor turbio*, novela de Horacio Quiroga, publicada em 1908, pela editora "Arnaldo Moen y Hno", de Montevideú, no Uruguai.

Setiembre 10 –

Querido Lobato: Hace rato que no le escribo. Sin embargo, me enteré de su vida y milagros por Garay, quien escapó hace ya días.

Debe advertirle que Garay me aseguró que tenía poder de Ud. para colocar en plaza algunos cuentos suyos. Por mi intermedio “Atlántida” le pagó \$50 por “El rapto”<sup>160</sup>, traducción de Garay y que yo retoqué un tanto, a los fines de su publicación. Aunque Garay me dijo que le comunicaría a Ud. este asunto, se lo cuento a mi vez, por las dudas.

¿Qué faz agora, seu Lobato? ¿ Es cierto que prospera inverosímilmente con sus casas editoras? Bendito sea su país. – Al propósito de país, estará muy enterado de la campanha ultra nacionalista del compañero Lugones<sup>161</sup>. Este ilustre colega hizo lo posible para malquistarnos con Uds. y los chilenos. Resultado: Murature y Cía<sup>162</sup>., a partir un confite. Los literatos solemos ser tontos e inofensivos; para cuando uno sale tonto y perjudicial, os [ilegível]

También pasamos por la crisis de la superintendencia argentina sobre el continente, personificada en Firpo<sup>163</sup>. ¡Dios sea lovado, amigo! Cuanto más vive uno, más ganas de ganar la selva de nuevo. Ciao, Lobato. Abraze a Rosalina, y guárdeme el calor que le sobre

Horacio Quiroga

---

<sup>160</sup> O conto “O rapto” foi publicado pela primeira vez na *RB*, e em seguida inserido no livro *O Macaco que se fez homem*. Vale destacar, ainda, que, embora Cavalheiro aponte *O macaco* como contendo dez contos inéditos, o ineditismo de “O rapto” é relativo, dado que este texto fora publicado na *Revista do Brasil*, nº 92, agosto 1923, e o livro só saiu em novembro ou dezembro do referido ano, tal como se observa na carta de Lobato a Rangel datada de 07.10.1923, em que o escritor paulista avisa que está “revendo as provas do meu livro – *O Macaco que se fez homem*”. Cf. *A Barca de Gleyre*, 2º Tomo, p. 258. Sobre este assunto, cf Martins, Milena, *Op. cit.*, sobretudo os capítulos 5,6 e7 que tratam das histórias editoriais de *Negrinha*, *Cidades Mortas* e *O Macaco que se fez homem*. Na Argentina, o conto saiu na revista *Atlantida*, de 23.10.1923, ilustrado por Bonomi e traduzido por Garay. Cf. RIBEIRO, Maria Paula Gurgel *Op.cit.* p 175.

<sup>161</sup> A campanha ultra nacionalista de Lugones teve início em 1920, quando publicou *Mi Beligerância*, livro que contém panfletos doutrinários. Sua conferência no Teatro Coliseu – Buenos Aires, “Ante la doble amenaza”, em 1923, foi considerada anti democrática.

<sup>162</sup> José Luís Murature (1876-1929), advogado e jornalista; foi secretário de redação do *La Nación* em 1903. Além disso, assumiu, de 1914 a 1916, o cargo de Ministro das Relações Exteriores da Argentina.

<sup>163</sup> Luis Ángel Firpo (1894? – 1960), boxeador argentino.

SPº 5 out 923

Amigo Gálvez

Recebi sua carta e o volume do Nacha encurtado. Ficou de um tamanho ótimo e acabo de remetel-o á Srta Murilla Torres, moça de cultura, com um livro no prelo e capaz de uma ótima tradução. Mandarei provas antes de começar a impressão. Vou combinar com ella o preço e tal seja elle, a parte de lucros do autor será sacrificada, porque tenciono dar uma edição de 2.000 apenas. Estes nossos paizes, caro amigo, possuem inda muito pequena a receptividade para livros. Em todo o caso, farei o possível para que os lucros também cheguem ao autor, porque sei que prazer isso dá.

Facundo está a imprimir-se e traduzo também o Hermano Asno, de Barrios<sup>164</sup>, e um de Gutierrez, Juan Moreira<sup>165</sup> bem popular. Vamos ver se serei mais feliz aqui do que v. foi ahi com a colleção sul-americana. Tudo depende de experiência: experimentemos pois.

Recebi o seu ultimo livro<sup>166</sup> e inda estou no começo da leitura, por escassez de tempo, mas já vivamente interessado. Cada vez mais me convenço que Gálvez é o grande novellista sul-americano.

Menotti<sup>167</sup> ficou de procurar a nota que escreveu, e se achal-a, remettel-a-á pª ahi.

É só, fico por enquanto.

Um abraço do Lobato

---

<sup>164</sup> *Hermano Asno*, novela do chileno Eduardo Barrios (1884-1963), foi publicada em 1922, pela Agencia General de Librería e Publicaciones, comandada, à época, por Manuel Gálvez. Monteiro Lobato publicou na *RB* resenha sobre *El Hermano Asno*. Cf. nota 2 da carta de 23.11.1921. Este mesmo texto foi publicado no livro *Críticas e Outras Notas*. São Paulo: Brasiliense, 1965, pp.104-106.

<sup>165</sup> *Juan Moreira*, livro do argentino Eduardo Gutierrez (1861-1889). A obra teve sua primeira edição em 1880. Em 1924, Monteiro Lobato publicou, pela Cia Graphico Editora Monteiro Lobato, esta obra de Gutierrez. O anúncio foi feito na seção “Bibliographia”, da *RB*. Cf. *Revista do Brasil*, nº110, fevereiro 1925, p.155.

<sup>166</sup> Provavelmente, Lobato recebera de Gálvez o livro *El cántico espiritual*, publicado em 1923 pela “Agencia General de Librería y Publicaciones”.

<sup>167</sup> Paulo Menotti del Picchia (1892-1988), escritor, jornalista e advogado. Em 1920, fundou, com Oswald de Andrade, a revista *Papel e Tinta* (já mencionada na carta de 31.03.1920); no mesmo ano, a casa editora “O livro”, publicou o romance *Flamma e Argila*, que foi resenhado por Sud Menucci na seção “Bibliographia”, da *Revista do Brasil*. Cf. *Revista do Brasil*, nº 50, fevereiro 1920. Em março de 1920, Lobato escreveu a Rangel sobre o livro de Menotti: “*Flama e Argila* não é livro vulgar, mas não fixa tipos. Li-o e conservo nomes na cabeça. Mas não vejo as criaturas. Tem tido critica ótima, mas o Menotti me disse que se vende pouco”. Carta de 23.03.1920. In. LOBATO, M. *Op. cit.*, p.216. Ainda em 1920, Menotti tornou-se redator do jornal *Correio Paulistano* e diretor da *Gazeta*. Neste ano também saiu, pela “Typographia Piratininga”, o livro de poemas *As mascaras*, que mereceu artigo na seção “Bibliographia”, da *RB*. Cf. *Revista do Brasil*, nº 63, março 1921. No final de 1920, é Menotti del Picchia quem trata de Lobato, publicando, no *Correio Paulistano*, de 23.12.1920, um texto sobre o livro *A menina do Narizinho Arrebitado*. Cf. CAMARGOS, M. et. Al. *Op. cit.*, p. 77. Em 1922, depois da Semana de Arte Moderna, que teve Menotti como um dos líderes – junto com Oswald de Andrade e Mário de Andrade – Monteiro Lobato publicou pela sua “Monteiro & Cia” *O homem e a Morte*, romance de del Picchia, com capa de Anita Malfatti. Em 1923, saiu *A mulher que pecou*, também pela “Monteiro Lobato & Cia”. O catálogo de 1924, registra as seguintes obras de Menotti del Picchia editadas por Lobato: *As mascaras* (última edição -poesia), *Juca Mulato* (4ª edição- poesia), *O homem e a morte*, *Dente de Ouro* (romance), *O Nariz de Cleopatra* (contos), *Moyses* (poema bíblico), *O Crime daquela noite* (romance). Cf. BIGNOTTO, Cilza. *Op. cit.* CD Anexo “Catálogos”.



B. Aires, noviembre 7-23

Mi querido Lobato: Va esta con demora, porque quería mandarle “Un raptó”, en Atlántida. Apareció, pero es el caso que no lo tengo aquí al número ese. Apareció ilustrado, lo que es un bueno síntoma.

Recibí libro y revistas. Dí a “Atlántida” dos o tres reflexiones de “Mundo da Lua”:<sup>168</sup> paginas 57 – 59 – 72 – 76 – 107 – Cuando aparezcan no me olvidaré de mandarle los números. En cuanto a la traducción, debo recurrir a veces a giros, no tanto por dificultad mía para hablar el equivalente, como por las cosquillas académicas de los directores de revistas. En fin, amigazo, poco a poco iremos domando a la gente.

¡Siempre encontrándonos! Escribí un artículo, poco después del Match Dempsey – Firpo<sup>169</sup> en que decía exactamente lo que Ud. dice sobre la insanía sportista sudamericana. ¡Ya lo creo que me alegro también de que el Firpo haya perdido!

Escuso decirle que lo que haga publicar de Ud por aquí, será gratis para Ud e para mí.

Enterado de la futura traducción, que encomiendo a você. Cuando recuerdo la bonhomía con que ponía (en “A la deriva”) Paulino en vez de el hombre!<sup>170</sup>

Alguns de los cuentos suyos de “R. do Brasil”, sería macanudo para una reproducción; pero son nombrado largos para estas revistas. Y también me animaría a traducirlos yo solo. Você ten uma lingua muito caipira (¿así se dice?)

Y hasta pronto, irmão. Yo le enviaré numeros de sus traducciones. Beije [ilegível] a Rosalina, cuando la vea. Le recomiendo la historia “Así fría”, de Conan Doyle<sup>171</sup>, ya que hace cuento. Un fuerte abrazo.

H Quiroga

---

<sup>168</sup> *Mundo da Lua*, publicado em 1923 e escrito a partir de anotações de um diário de Monteiro Lobato. Em carta a Rangel, o escritor justifica o nome do livro: “*Mundo da Lua* é o nome do meu livrinho, porque de fato naquele tempo eu vivia no mundo da lua. Não me interessa a crítica”. Carta de 10.02.1923. In LOBATO, M. *Op. cit.*, p. 253. Os textos que Quiroga deu à *Atlantida*, em 08.11.1923, foram “A crueldade da natureza” e “Filosofias”; no entanto, o título é apenas “De Monteiro Lobato”. Cf. GURGEL, M.P. *Op. cit.*, p.177. Na edição da Brasiliense de 1969, os textos estão, respectivamente, nas páginas 26 e 27; já na edição da Globo, os textos localizam-se às páginas 67 e 69.

<sup>169</sup> A luta de boxe, ocorrida em 13 de setembro de 1923, entre o americano Jack Dempsey e o argentino Luis Angel Firpo, vencida pelo primeiro num resultado que gerou polêmica.

<sup>170</sup> Paulino é nome do protagonista do conto “A la deriva”.

<sup>171</sup> Embora não tenha sido possível localizar mais referências, “Así fría” parece ser o texto de Arthur Conan Doyle (1859-1930), escritor escocês, criador de Sherlock Holmes.

AAL- Archivo Manuel Gálvez

Papel Timbrado Monteiro Lobato

Presado amigo<sup>172</sup>,

Science de tudo. Também creio que a Nacha é muito adequada aos nossos propósitos. Se puder fazer uns cortes que concentrem a novella, faça-a e mande-me.

O Facundo já está em revisão, e a Nacha, logo depois de recebida, irá para a tradução.

Aguardo a carta sua, sobre armamentos. Meu Deus! Somos governados por cretinos!

Enfim, que a fatalidade histórica siga seu curso inexorável.

Disponha do

Lobato

Mandei-lhe um livrinho meu.

---

<sup>172</sup> A carta é provavelmente anterior a novembro de 1923, pois em 26.11.1923, Lobato escreveu a Gálvez avisando que *Facundo* saíra, enquanto nesta o livro está em revisão.

AAL – Archivo Manuel Gálvez

Papel timbrado de Monteiro Lobato

SPaulo 26.11.923

Aº Gálvez

Está feita a trad. de Nacha e ahi a mando para avaliaries della. Produziu-a uma moça, srta Murilla Torres, da qual vou publicar um livro e que possui um bello talento, muita leitura e estylo fácil. Deve ter senões a traducção, mas no geral supponho estar optima, pois que bem conheço a traductora.

Mando-lhe junto um trecho da carta que ella me escreveu a propósito. Embirrou com certas repetições, mas traduziu com prazer, apaixonada pelo livro.

Como é uma opinião intima e sincera, que a Murilla nunca pensou fosse até ahi, tem seu valor.

O Facundo já sahi<sup>173</sup>.

Do

Lobato

---

<sup>173</sup> O *Facundo* saiu na coleção "Bibliotheca Americana" e foi publicado pela Monteiro Lobato & Cia, em 1923, com tradução de Carlos Maul e prefácio de Ricardo Rojas. No catálogo de 1924, da "Monteiro Lobato & Cia", o *Facundo* figura na parte de História, ao preço de 3\$000. Cf. BIGNOTTO, C. *Op. cit.* CD Anexo "Catálogos".

Enero 16 – 24

Querido Lobato:

Ayer o anteayer le escribí medio largo. Hoy agrego unas líneas más, con este objeto: Creo que, si Vd me ayuda en algunas expresiones, me animaría a traducir LA NUBE DE LANGOSTA<sup>174</sup>, y tal vez la TRAGEDIA DE UN CAPON DE POLLOS<sup>175</sup>. Su ayuda consistiría en explicarme los términos que yo le enviara por carta. No serían pocos, sin embargo. Es idiota que aquí no conozcan todo lo posible de Vd.

Pago: Pudiera ser que ATLANTIDA (con quien estoy en buena relación), pagara \$ 50. Con seguridad, \$30. A medias, seu Lobato. Con sus quince pesos, Vd compra una cerradura para el cuarto suyo que ha de hospedarme un día. Y yo, con mis quince, hago más que Vd. Indispensable que tratemos estas cosas como dos pobres diablos cualesquiera, viejo amigo.

En estos días sabré si ATLANTIDA llega a los \$50. Infórmeme Vd si está dispuesto a ayudarme en la traducción. ¿No lo tomará a mal Garay, como estuvo a punto de pasar con la presunta traducción de NEGRINHA? Infórmeme también de esto.

Salude a Lila cuando la vea. Anda zangada conmigo.

Buen abrazo

H. Quiroga

---

<sup>174</sup> O conto lobatiano "A Nuvem de gafanhotos" foi publicado pela primeira vez em *O Macaco que se fez homem*, de 1923. Posteriormente, este conto foi incluído em *Cidades Mortas e Contos pesados*, junção de *Urupês*, *Negrinha* e *O Macaco que se fez homem*. Cf. MARTINS, Milena R. *Op.cit.* Ver, principalmente, os capítulos 5,6 e 7.

<sup>175</sup> O conto "Tragédia de um capão de pintos" também pertence ao livro *O macaco que se fez homem*, de 1923, e posteriormente foi incluído em *Cidades Mortas e Contos Pesados*. Este texto fora primeiramente publicado na *RB* nº91, julho 1923, pp.206-214. Sobre este assunto, cf. MARTINS, Milena Ribeiro, *Op.cit.* Ver, principalmente, os capítulos 5, 6 e 7.

B. Aires Febrero 5 de 1924

Mi estimado colega:

Quiero presentarle y recomendarle à un joven escritor argentino de mucho mérito: Lorenzo Stanchina<sup>176</sup> que parte en breve para San Pablo. Stanchina es autor de varios cuentitos llenos de ternura y de verdad, y en los cuales asoma un noble temperamento de artista. En colaboración con otro joven, también de mucho valor: Nicolás Olivari<sup>177</sup>, ha escrito un pequeño volumen sobre mi, que aparecerá en Abril. Como persona, Stanchina es un muchacho excelente, trabajador y serio, lleno de cualidades. Le pido que le presente á algunos jóvenes brasileños. El tiene vivos deseos de conocer al maestro de “Urupes” y hacerle un reportaje.

No me queda sino despedirme y rogarle nuevamente que reciba á Stanchina con su habitual gentileza.

Afectos de su amigo,

Manuel Gálvez hijo

1/C Pampa 2502

Stanchina lleva copia de uno de los capítulos del volumen sobre mi<sup>178</sup>. Se trata de una pagina inédita, y de primer orden, sobre mi livro Historia de Arrabal. Le agradecería que la publicara traducida, ya la en la Revista do Brasil, ya en algún diario importante de San Pablo.

---

<sup>176</sup>Lorenzo Stanchina (1900-?), escritor e jornalista, que esteve no Brasil durante a Semana de Arte Moderna de 1922 e visitou a *Revista do Brasil* para entrevistar Monteiro Lobato. Na *RB* nº80, de agosto de 1922, foi resenhado o livro de Stanchina *Los Dormidos – Segundas Nupcias*, publicado também em 1922 pela editora “Elpis”, de Buenos Aires. Publicou, pela “Agencia General de Librería y Publicaciones”, em 1924, com Nicolás Olivari (1900-1966), escritor e jornalista, que também esteve no Brasil em 1922, um estudo sobre o livro de Manuel Gálvez, *História de Arrabal*. Em 1924, Stanchina, colaborador da revista paulista *Novíssima*, publicou artigo sobre as relações entre Brasil e Argentina a partir de uma entrevista concedida por Manuel Gálvez. Cf. *Novíssima*, nº6, julho-agosto 1924. O texto consta do caderno “Juicios del Brasil”, da Academia Argentina de Letras. Sobre a revista *Novíssima*, cf. GUELF, Maria Lucia Fernandes. *Op.cit.*, p. 243.

<sup>177</sup>Nicolás Olivari (1900-1966) é pseudônimo de Diego Arzeno, escritor, poeta e jornalista que, junto com Stanchina, esteve em São Paulo durante a Semana de 22. A *Revista do Brasil*, de 1922 publicou na seção “Notas do Exterior”, um texto de Braulio Sánchez Sáez sobre Olivari; segundo o autor, Olivari é “escriptor da moderna geração argentina” e “se bem que não esteja de acordo com sua apreciação crítica, não deixo de reconhecer-lhe uma inteligência superior e um conhecimento sensato na exposição”. Cf. *Revista do Brasil*, nº 76, abril 1922, p. 377. Em 1925, Olivari e Stanchina publicaram diversos textos na revista argentina *Martín Fierro* (año 2, números 22 e 23, 1925) sobre o movimento modernista brasileiro; integrou, junto com Stanchina, a equipe de colaboradores argentinos da *Novíssima*, por onde publicou o texto “A jovem poesia argentina”. Cf. *Novíssima*, nº8, novembro-dezembro 1924. Apud. GUELF, Maria Lúcia Fernandes, *Op. cit.*, p. 243.

<sup>178</sup>“Los capítulos del libro sobre mi” a que Gálvez se refere é *Manuel Gálvez: ensayo sobre su obra* – publicado em 1924, em Buenos Aires, pela “Agencia General de Librería y Publicaciones”; o capítulo mencionado na carta se refere justamente ao ensaio sobre a *História de Arrabal*, como já mencionado na nota 175.

Misiones – San Ignacio, mayo 6-24

Querido Lobato: - É menster allazar el viaje a B. Aires para octubre, porque yo quedaré por aquí hasta esa fecha. ¿ Macanudo que você se largue hasta B. Aires! Hemos de devolverle como es debido el famoso banquete del malecón del río. ¿ tiene apuro de ir en Junio? Hace mucho frío en esa época. Si no tiene urgencia en el viaje, allace hasta octubre. Sin mi, Ud no se va a orientar bien, como yo no me hubiera orientado sobre los tipos de ésa, sin o irmão Lobato. (Una noche, comiendo en casa varios amigos – entre ellos Estella -, se leyó una carta suya. Un otro amigo preguntó al final a Estella: - ¿de quién es esa carta? de Lobeiro Montalo?” Nos pareció de perlas ese Lobeiro Montalo.

En cuanto a hospedaje, Ud. se viene a casa, - minúsculo departamento, donde tengo una pieza que hace de comedor y taller. Allí dormirá Ud. y comerá los mas de las veces con amigos y amigas y tengo en cuenta que es lo primero y que yo hospedo a nadie. A você, irmão, te le puedo hospedar en un taller.

Si por a o b no le interesa este programa, encontraremos un hotelito acomodable. Y bien mirado lo mejor sería que Ud. se hospedara en un hotel cualquiera para dormir y recibir las visitas que le faltará. Y comeríamos en casa. Un literato brasileño en Buenos Aires debe guardar algunas fórmulas elementales: una salieta de recibo. Fuera de de esto, el tiempo es nuestro. En el fin de las contas, una hospedaje así no costará más de cinco pesos diarios. Y para un editor, que diablos..

Nada sé de Quirós, y mucho menos desde aquí. Sé que tiene en Palermo<sup>179</sup> un lindo estudio instalado en pleno rosedal; pero no tengo relación con él. Quirós o algún otro artista del mundo le será a Ud. muy util en la diplomacia periodística – literaria. En fin sigamos hablando de la casa en cartas sucesivas.

Pláceme que le gusten las dos historias que cita. Por “Juan Darien”<sup>180</sup>, en particular, tengo cierta debilidad. ¿Ya lo creo que nos posamos en face de sutiles en esta South America! Pues nunca falta un amigo que entienda, cercano o lejano.

La proxima le escribiré a maquina, que me llegará estos días. No sé cómo se las arregla Ud. para entender mi letra.

Invite a R<sup>181</sup>. a buenosairear. Traga-la Ud. de manages suyo. Es mujer hábil.

---

<sup>179</sup> Bairro de Buenos Aires.

<sup>180</sup> “Juan Darien” é um conto de Quiroga, publicado pela primeira vez no *La Nación*, em 25 de Abril de 1920. O texto foi transformado em teatro nos EUA, com o nome de “Juan Darien: a Carnival Mass”. A estréia se deu na St. Clement’s Church, em New York, no ano de 1988.

Un fuerte abraço

Quiroga

No olvide que estoy en San Ignacio - Misiones

---

<sup>181</sup> Rosalina Coelho Lisboa.

Papel Timbrado de Monteiro Lobato

Gálvez<sup>182</sup>

Entristeceu-me a notícia do teu fracasso literario. Tão boas intenções, tão bello programa...Como estamos atrasados ainda! Já sabia da tiragem d'ahi. Informou-me disso o Quiroga, como supreza minha. Aqui vende-se mais, porque o paiz é maior, apenas por isso. E eu venci por um conjunto de circunstâncias felizes. Iniciei com edições e desdobrei logo a casa, montando officinas. Vou emittir agora novos galhos: fabricação de livros em branco, commerciaes, envelopes, etc. Industria typographica. Porque na parte editora já vi que não posso lançar mais de 200.000 volumes por anno. O paiz não comporta uma progresão. Admitti socios comandatarios e a firma tem hoje um capital registrado de mil contos de reis. Está de pedra e cal.

O caso do Wast<sup>183</sup> é interessante. O homem descobriu o segredo dos Dumas<sup>184</sup>, do Koch<sup>185</sup>, do Escrich<sup>186</sup>. Todos o leem. É lidissimo aqui. As moças gostam muito d'elle. Os jornaes publicam-no em folhetins, como ao Ponson<sup>187</sup>, ou Zamacois<sup>188</sup> e outros. Ás vezes penso: estaremos errados?

De Goldberg nada sei. Não nos temos correspondido ha mto tempo.

Vou escrever-lhe de novo. Continuo com idéa de dar obras sul-americanas. O Sarmiento (Facundo) está no traductor. Depois darei uma sua. Vou repetir aqui no Brasil a sua experiência. Serei feliz?

Lobato

---

<sup>182</sup> Lobato, na carta, comenta com Gálvez que estava investindo em "indústria tipographica", o que fez em 1924, quando fundou a Companhia Graphico Editora Monteiro Lobato, de onde se supõe que a data de tal missiva seja do mesmo ano.

<sup>183</sup> Gustavo Martinez Zuviria (1883-1962), que escrevia sob o pseudônimo de Hugo Wast.

<sup>184</sup> "Os Dumas" a que Monteiro Lobato se refere são Alexandre Dumas pai (1802-1870), autor de *Os três mosqueteiros*, e Alexandre Dumas filho (1824-1895), autor de *A Dama das Camélias*.

<sup>185</sup> Provavelmente se trata de um escritor alemão chamado Adolf Koch (1855-?).

<sup>186</sup> Enrique Pérez Escrich (1829-1897), escritor e dramaturgo espanhol e um dos iniciadores do folhetim na Espanha; foi também conhecido por pseudônimos como Carlos Pena-Rubia e Tello. Lobato, em 1921, escreve o texto "Os livros fundamentais", no qual faz referência jocosa a Escrich, restringindo-o ao campo da leitura feminina: (...) "As meninas, já essas vão todas para Escrich. Só Escrich sabe o segredo de interessar a sensibilidade das nossas "meninas e moças". Em Escrich ama-se com furor, pelos processo embriagadores do "romantismo do coração". (...) O objetivo, o fim supremo de tudo: cair nos braços do objeto amado ou traduzindo isso na linguagem utilitária da mulher: casar. Mil cidadesinhas pelo interior do Brasil existem onde, em materia de leitura, de pais a filhos, gerações sucessivas gravitavam em torno desse trio: Tereza, Carlos Magno, Escrich". Cf. LOBATO, M. *A Onda verde*. São Paulo: Brasiliense, 1964, pp. 83-88.

<sup>187</sup> Pierre Alexis Ponson Du Terrail (1829-1871), escritor francês que publicou, em 1857, *Rocambole*.

<sup>188</sup> Miguel Zamacois (1866-1940), escritor, poeta e dramaturgo francês.



SPaulo 23.5.924

A Gálvez

Recebi sua carta de 15. Inda não comecei a impressãso de Nacha por estar assoberbado com grandes edições escolares que nos ocupam todas as officinas. Alem disso a mudança para o predio novo me atrazou tudo. Mas acabo de transformar a nossa casa em sociedade anonyma – Compa Graphico – Editora Monteiro Lobato<sup>189</sup>, com forte augmento de capital e estamos augmentando enormemente as officinas de modo a attender o serviço de empreza, sempre crescente. E creio que inda no começo deste semestre farei imprimir a Nacha.

De facto disse a Stanchina que dava por finda minha acção literária, para me absorver de todo industrial. Mas o homem põe o microbio, o virus literário dispõe, de modo que é possível que mais tarde o literato surja. Não creio muito nisso porque me falta fôlego e vocação – mas tudo é possível no mundo.

Stanchina... Gosto muito delle, e reconheço nelle um grande talento avaliando por tres ou quatro contos que li. Mas eu estava tão absorvido na formação da nova sociedade quando ele esteve cá que não pude recebê-lo devidamente. E como ele hospedou-se com Garay foi um tanto influenciado por esse amigo que anda frio commigo. Nossas relações esfriaram (isto muito em reserva e de amigo para amigo) porque G estava me sahindo muito caro e eu tive que defender a bolsa. Estremecimento economico, apenas. Garay é uma excellente creatura, mas muito imaginoso, sem o tacto das realidades e acostumado a tirar das amizades um partido maior do que o permitido. Eis tudo.

Tem razão no que diz da concorrência do livro espanhol e portuguez. Este nos faz menos mal do que aquele ao argentino. Mas inda assim nos propicia bastante.

Este anno tenciono dar um passeio por ahi. Será depois do frio, em Agosto, ou melhor em Setembro ou Outubro e então terei o prazer de conhecer pessoalmente tantos e tão excellentes amigos que ahi tenho.

Adeus, caro amigo; um pouco mais de paciência e a Nacha virá à luz.

Do

MLobato

---

<sup>189</sup> Em 1924, Monteiro Lobato ainda era dono da *Revista do Brasil*, mas deixou na direção Paulo Prado e Sergio Milliet para se dedicar quase que inteiramente à “Cia Graphico Editora Monteiro Lobato”, tal como explica a Rangel, em carta: “Entreguei a *Revista* ao Paulo Prado e ao Sergio Milliet e não mexo mais naquilo. Eles são modernistas e vão ultramodrniza-la”. Carta de 07.04.1924. In: LOBATO, *Op. cit.* p. 264. A editora foi fundada no mesmo ano e contava com mais de sessenta acionistas; com isso, a empresa adquiriu um dos maiores parques gráficos do país e intensificou a produção de livros e da *R.B.* Sobre este assunto, cf. BIGNOTTO, Cilza. *Op.cit.*

AAL – Archivo Manuel Gálvez

Papel Timbrado Monteiro Lobato

SPaulo 12 Out 924

MGálvez

A Nacha sahiu finalmente. Houve isto: como eu desejava rever a tradução, e os trabalhos da empreza se accumularam extraordinariamente, nunca tinha tempo para isso. Afinal vi que assim o livro não sahiria nunca, e puz-me a revel-o mesmo sem ter tempo. Foi aos poucos mas foi, e agora está em revisão.

Isto aqui cresceu tanto que o pobre literato que havia em mim hibernou, se não morreu. Bem quer elle continuar, mas o outro, la bête rouba-lhe o tempo inteiro.

Mandei traduzir a María do colombiano Isaacs<sup>190</sup>, que é o que ha de romantico e vagaroso, como o querem os sentimentaes.

Também dei um livro popular d’ahi, Juan Moreira<sup>191</sup>, coleção de facadas e tiros de arrepiar os cabellos.

Andei pensando no Gutierrez com os romances do tempo de Rosas<sup>192</sup>. Aconselha-me a editar algum? Quaes os mais interessantes?

E Amália<sup>193</sup>? Que és eso? Seria tradução aconselhavel?

Estou com idéas de passar uns dias ahi. Depende tudo só de tempo – esse elemento que para tanta gente é coisa de tão pouco que vivem inventando meios de matal-o (matar o tempo, se diz aqui). Adeus, caro amigo. Na outra virei com a Nacha.

Lobato

---

<sup>190</sup> *María*, novela do colombiano Jorge Isaacs (1837-1895), publicada em 1867, na Colômbia. A *RB* transcreveu o texto “Innocencia e Maria”, de Argeu Guimarães, escrito em Bogotá, em 1924, que trata da relação entre *Inocência* (de Afonso de Taunay) e *María* (de Jorge Isaacs). Cf. *Revista do Brasil*, nº119, março 1925, pp. 220-227.

<sup>191</sup> *Juan Moreira*, novela de Eduardo Gutierrez (1861-1889), publicada em 1879, em forma de folhetim, pelo jornal *La Patria Argentina*; em 1880, saiu em livro. Embora Lobato anuncie nesta carta que havia dado “um livro popular d’ahi” em 1923, *Juan Moreira* só faz parte do catálogo da Monteiro Lobato & Cia em 1925, vendido a 3\$500. Cf. BIGNOTTO, C. *op. cit.* CD Anexo “Catálogos”.

<sup>192</sup> General Juan Manuel de Rosas (1793-1877), governador de Buenos Aires de 1829 a 1832, e de 1835 a 1840. Manuel Gálvez escreveu *Vida de Don Juan Manuel de Rosas*, biografia do militar, publicada pelas Ediciones Tor, em 1954.

<sup>193</sup> *Amália*, novela do argentino Jose Mármol (1817-1871), saiu em forma de folhetim, no periódico uruguaio *La Semana*, entre 1851 e 1852, porém foi interrompida, já que Mármol voltou para a Argentina antes de acabar a história, o que fez somente em 1854, quando preparou a 1ª edição de suas *Obras Completas*, juntando o que havia publicado no jornal com o que escrevera posteriormente, totalizando 77 capítulos. Cf. PRIETO, *Op. cit.*, pp. 100-105.

MLb 3.2.00338 cx 7

Papel Timbrado

CARAS Y

CARETAS

DIRECTOR

ARTISTICO

Sr. Monteiro Lobato

Mi querido amigo: Ya compuesto e ilustrado "Era en el Paraíso" me doy cuenta de que se publicó en el número de septiembre de "Revista do Brazil"<sup>194</sup>. Así que no podré ponerle el epígrafe "cuento inédito" especialmente escrito para "Caras y Caretas". También corrí el altar de que otra revista o diario lo traduzca y publique antes.

Agradeceriale mucho que cuando nos envíe otro trabajo sea inédito. Para mi es un honor publicar sus cuentos, abonandole la cantidad que fije.

¿No podría enviarnos un (¿) cuento por mes?

Le remito certificado el último número de "Caras y Caretas" n° extraordinario de Navidad y n° aniversario en el que aparece su "Era en el Paraíso" que me proporcionó un placer inmenso al lerlo. Que artistazo es usted manejando la pluma! Puedo asegurarle que fue comentadísimo entre todos los grupos literarios.

¿Y de Benjamín de Garay...? Nunca supe una sola palabra de la liquidación de mi exposición. Tenian razón quienes dudaban de el... No hay derecho a venir a B. Aires y no tener el valor de aprontar una entrevista conmigo. Usted y yo eramos los únicos que lo defendiamos. Hoy puedo asegurarle, mi gran amigo Lobato, que he sentido deseos de meterlo en la cárcel. No lo hago, porque mi exposición no tenía ningún carácter para mi comercial. El se me ofreció; y muy gustoso le dí mi representación para ayudarlo pecuniariamente que agradecer en mi exposición su interés personal. Me refiero al de usted, mi nunca inolvidable Monteiro Lobato, que me proporcionó una ayuda tan desinteresada, y sobre todo, su artigo literario, que lo conservaré con todo el cariño con que por usted fue escrito.

---

<sup>194</sup> "Era en el Paraíso" é a tradução para o espanhol do conto "Era no Paraíso", de Monteiro Lobato, publicado pela primeira vez em 1923, na *Revista do Brasil*, nº93, setembro de 1923, e publicado no mesmo ano em *O Macaco que se fez homem*. Posteriormente, foi incluído em *Cidades Mortas*. Cf. MARTINS, Milena. *Op. cit.* Ver, principalmente, os capítulos 5,6 e 7.

Perdóname el que me extienda en un asunto tan personal como lo es – la exposición de mis asuntos – pero con me ¡50%! sobre la receta.

He ayudado a su familia en esta, a cuenta también, de su liquidación.

Usted la ha visto? – Yo tampoco sé perfectamente de las dificultades que muchas veces se presentan para poder cobrar en total las obras vendidas. Todo eso lo tenía yo descartado, prueba de ello, es que nunca lo molesté en lo mas mínimo. Solo tengo nunca creí capaz a Benjamín de Garay – que solo de mi recibió atenciones en silencio tan significativo.

Aprovecho la ocasión para enviarle un fuerte abrazo. Su siempre amigo

Juan Carlos Alonso<sup>195</sup>

Feliz Año nuevo – 26 diciembre 1924

---

<sup>195</sup> Juan Carlos Alonso (1886-1945), desenhista, nasceu na Espanha e vivia na Argentina. Estreou em *Caras y Caretas*, em 1912, produzindo caricaturas; a partir de 1916, passou a ser diretor artístico da revista, cargo que deixou em 1936.

AAL- Archivo Manuel Gálvez

Papel Timbrado Monteiro Lobato

SPaulo 28.1.925

MGálvez

Obrigado pelas informações. O negocio não é fácil, mas um dia farei a experiência. Depois que for ahi e assumtar o ambiente.

Nacha sahiu, finalmente, e mando-lhe 20 exemplares. Se quiser mais é só pedir. Tirei 2.000 ex, em papel de jornal, e nesse um pouco melhor. Vamos agora ver como se comporta o nosso publico em relação ao grande romancista argentino.

Estão aqui Stanchina e Olivari, dois excellentes rapazes, ambos seus amigos sinceros. O bem que disseram da obra de Gálvez no ultimo livro publicado<sup>196</sup>, dizem-no de viva voz sempre que seu nome vem á scena. É um gosto ver uma obra como a sua despertar tão sólidos entusiasmos.

Junto com a Nacha mando-lhe um livrinho para creanças<sup>197</sup>, da minha lavra.

Sem mais, felicidades sem conta no anno novo.

Lobato

---

<sup>196</sup> Provavelmente, Lobato faz referência ao já mencionado livro *Manuel Gálvez: ensayo sobre su obra*, escrito por Stanchina e Olivari, em 1924 e publicado pela "Agencia General de Librería y Publicaciones", de Buenos Aires. Cf. carta MLb3.2.00330cx7, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato/CEDAE/IEL/Unicamp.

<sup>197</sup> O "livrinho para creanças" que Monteiro Lobato envia a Gálvez pode ser *Caçadas da Onça*, publicado em 1924, visto que a carta foi escrita nos primeiros dias de 1925. Até esta data, Lobato já havia publicado para crianças *A menina do Narizinho Arrebitado* (1920), *Narizinho Arrebitado* (1921), *Fábulas de Narizinho* (1921), *O Sacy* (1921), *Fábulas em Prosa* (1922), *O Marquez de Rabicó* (1922), *Jeca Tatuzinho* (1923) e *A caçada da onça* (1924).

Carlos Ibarguren<sup>198</sup>

Saluda con su consideración más distinguida al eminente escritor Señor Monteiro Lobato y le agradece mucho los interesantes artículos que con motivo de su libro *Manuelita Rosas*<sup>199</sup>, ha publicado en el diario *O Jornal* y que ha leído con viva complacencia.

Buenos Aires, enero 2 de 1926. -

---

<sup>198</sup> Carlos Ibarguren (1877-1956), advogado e escritor; foi Ministro da Justiça e da Instrução Pública, de 1913 a 1914, além de ser membro da Academia Nacional de História e Presidente da Academia Argentina de Letras.

<sup>199</sup> Carlos Ibarguren, em 1924, teve seu livro *Manuelita Rosas* publicado em espanhol, o que mereceu artigo de Monteiro Lobato publicado n' *O Jornal*, do Rio de Janeiro, como informa Ibarguren. O artigo, porém, não foi localizado.

Buenos Aires, febrero 2 – 27

Querido Lobato: Recibí su libro, que leí de punta a punta con la facilidad que es de esperar tratándose de Ud. Me supongo la intención que tendrá para su país ese problema y su resolución.

Le he escrito varias veces, pues temía que algún mal intencionado se hubiera interpuesto entre nuestra amistad. Veo que no es así, por suerte. También le mandé allá por octubre LOS DESTERRADOS<sup>200</sup>. Si no lo recibió, y quiere leerlo, avise.

Me alegro mucho de que haya resucitado, y un buen abrazo.

H Quiroga(assinado)

Rue Lavalle 671

---

<sup>200</sup> *Los Desterrados*, livro de contos de Horacio Quiroga, publicado em 1926, pela editora Babel, de Buenos Aires, na coleção "Biblioteca Argentina de Buenas Ediciones Literarias". Cf. [www.loc.gov](http://www.loc.gov) último acesso em 19/01/2009.

S. Paulo 28, agosto, 934

Presadissimo amigo Manuel Gálvez:

Deu-me grande prazer o recebimento da sua carta de 21 do corrente. De fato, a nossa aproximação foi breve, e interrompida quando começávamos a conversar assuntos de interesses mútuos por um desastre comercial que mudou o rumo da vida. Mas vejo agora que meu admirado e grande amigo não esqueceu o velho colega de lutas literarias – como eu não o esqueci. Acompanhei pela imprensa aqui o movimento em prol duma concessão do Premio Nobel ao grande romancista argentino<sup>201</sup> e não vi nisso nenhum favor. Mero ato de justiça apenas.

Encanta-me saber da sua ininterrupta atividade e da mocidade de seu espirito. Cincoenta dois anos – exatamente a idade que tenho. Isso, meu caro, é o apogeu da vida nos homens que sabem conduzir-se com moderação.

Nada conheço das suas ultimas obras. Creio que parei em Historia de Arrabal. Mudei de mundo por vários anos, e naquele mar sem fundo da literatura inglesa perdi de vista o meu país e a América Latina. Agora que retornei tenho uma grande tarefa diante de mim, qual de por-me ao corrente do que se fez nesse interregno.

Estou metido em uma outra industria muito afastada da editorial – a do petróleo, e justamente hoje minha companhia está em festas por termos chegado com o nosso primeiro poço á profundidade de 1000 metros. Petroleo e ferro, é o que me preocupa, havendo já, depois de minha chegada, organizado duas empresas de petroleo, duas de ferro e ressuscitado ainda duas velhas empresas petrolíferas que estavam mortas havia muitos anos. Veja que homem de letras degenerado! Ha dois terríveis impulsos dentro de mim, o literario e o industrial. Este nunca permite sossego áquele, de modo que a minha literatura é feita em momentos roubados. Até na America fundei uma companhia – Enterprizes Brazilian Incorporated<sup>202</sup>...

---

<sup>201</sup> Lobato refere-se ao fato de Manuel Gálvez, em 1931, apresentar-se como candidato ao prêmio Nobel de Literatura de 1932, a pedido do embaixador da Argentina na Suécia, Eduardo Labougle. O escritor brasileiro diz ter acompanhado pelos jornais – provavelmente o *Jornal do Comércio* – do Rio de Janeiro, que, segundo Gálvez, dedicou-lhe “una página entera sin un solo aviso. Una página entera y algo de la siguiente. Una página de buen tamaño, mayor que la de nuestros diarios más grandes”; os brasileiros que apoiaram a candidatura do escritor argentino foram, entre outros, Claudio de Souza (que, em 1920 escrevera o prefácio da tradução de *O Mal metafísico*), Afrânio Peixoto e Coelho Neto. Cf. GÁLVEZ, M. *Op.cit.*, pp. 120. Gálvez perdeu o prêmio para o escritor russo Ivan Bunín.

<sup>202</sup> Sobre a fundação desta companhia, nada foi encontrado. Lobato, durante sua estadia nos EUA, de 1927 a 1931, tentou fundar uma casa editora, a “Tupy Publishing Company”, que não deu certo. SACHETTA, V. et al. *Op.cit.* p. 116.



Daquela grande companhia editorial que tinha o meu nome e naufragou em 1925 extraí no mesmo ano outra, a Cia Editora Nacional<sup>203</sup>, que é hoje a maior do Brasil. O ano passado editamos 1.300.000 volumes e este ano já chegamos a 1.000.000 este mês. Sucesso absoluto, com sucursais em todas as capitais brasileiras, em Portugal e colônias. Estamos a vender livros em todos os continentes – Na Ásia, em Macau, e na África, em Moçambique e Angola.

Creio que bati um record no Brasil, havendo passado de 600.000 exemplares dos meus livros em dezembro do ano passado; e este ano já editei 80.000 e tenho um programa de mais 40.000 até o fim do ano. Positivamente o Brasil já lê.

Mando-lhe uma coleção dos meus últimos livros e chamo a sua atenção para o gênero novo iniciado com essa “Emília no país da Gramática”<sup>204</sup>, da qual já vendi 14.000 em dois meses.

Números, números! Eternamente preocupado com os números! Não fosse essa maldita tendência e eu seria um puro homem de letras. A mania industrial não me deixa. Há sempre dentro de mim um sonho enorme que não me dá treguas. Uns livros que sempre desejei escrever ficam protelados eternamente por causa dos malditos negócios.

Garay escreve-me que vai dar aí, pelo Tor<sup>205</sup>, umas traduções minhas. Tudo coisa velha. Dessa pobre cabeça saem mais companhias que livros.

Esse velho amigo acaba de mandar-me os seus livros sobre a guerra do Paraguai<sup>206</sup>, mas não mandou a série completa. Hei de consultar a editora se há possibilidade duma tradução brasileira.

Diz o amigo que não é calvo. A mesma desgraça me acontece. Sou até peludíssimo. Lamento isso, porque acho que a calvície favorece o surto das idéias. As energias vão todas para

---

<sup>203</sup> A “Cia Editora Nacional” surgiu em 1925, após a falência da “Cia Graphico Editora Monteiro Lobato”. Associado a Octalles Marcondes Ferreira, Lobato, quando foi morar nos EUA vendeu sua parte ao sócio, como conta na carta a Rangel: “Octalles foi minha maior invenção. Começou comigo aos 17 anos e é o dono único da Editora Nacional. Já te contei que, quando na América, lhe vendi minha parte para sustentar um jogo de Bolsa (compra de títulos com margem) e perdi tudo”. Lobato, M. *A Barca de Gleyre*, 2º tomo, carta de 07.10.1934, pp. 328-330. Sobre este assunto, cf. BIGNOTTO, Cilza. *Op.cit.* sobretudo capítulo 5, pp. 227-264.

<sup>204</sup> Os últimos livros infantis a que Monteiro Lobato se refere e que foram publicados na década de 1930, são *Reinações de Narizinho*, *Viagem ao Céu* (1932), *História do Mundo para Crianças* (1933), *Caçadas de Pedrinho* (1933), *Emília no país da Gramática* (1934); com este, ele iniciaria um “gênero novo”: o dos paradidáticos, cuja função seria ensinar e entreter. Depois de *Emília no país da Gramática*, saído em julho de 1934, Lobato publicou *Aritmética da Emília* e *Geografia de D. Benta*, ambos em 1935. Sobre esse assunto, cf. LAJOLO, M; CECCANTINI, J.L. (orgs.). *Op. cit.* pp.187-289.

<sup>205</sup> Juan Carlos Torrendell (1895-1961), editor e jornalista espanhol; em 1916 fundou as Ediciones TOR, que publicava literatura argentina e universal. Além disso, Tor foi colaborador da revista *Atlántida* para a qual escreveu, em 1921, o texto sobre o recém lançado *Urupês* em espanhol; “*Urupês*: contos de Monteiro Lobato”, que foi transcrito, em português, na *Revista do Brasil*, nº71, novembro 1921, pp. 271-272. Em novembro de 1922, a revista publicou, na seção “As letras brasileiras do exterior”, a tradução do texto de Torrendell sobre *Urupês*, que saíra no jornal *El Día*, de Palma de Mallorca. Cf. *Revista do Brasil*, nº 81, setembro 1922; em carta a Rangel, de 10.02.1923, Lobato comenta, provavelmente, sobre esta crítica: “Crítica...conheces a de Torrendell? Segue. Se vale a pena, traduzo-a para a *Revista*. Ou a *Revista* já deu isto? Cf. LOBATO, *Op. cit.*, p. 253. No ano seguinte, também publicou na *Atlántida*, na coluna literária “Os livros da Semana”, uma crítica a *Urupês*, *Cidades Mortas* e *Negrinha*. Cf. *Atlántida*, 22.11.1923. Apud. GURGEL, M.P. *Op. cit.* Em 1924, saiu pela coleção “Lecturas Selectas – Biblioteca Mensual Argentina de Autores Americanos”, o volume XVI, *Los Ojos que sangran*, novela de Monteiro Lobato, com tradução de Braulio Sánchez Sáez, ao preço de \$ 0.60 (sessenta centavos de peso).

<sup>206</sup> Trilogia sobre a guerra do Paraguai, escrita por Gálvez entre os anos de 1928 e 1929. Os três livros que compõem a coleção *Los Caminos de la Muerte* (1928), *Humaitá* (1929) e *Jornadas da Agonia* (1929) foram publicados pela Editorial La Facultad, de Buenos Aires.

os miolos em vez de se perderem a alimentar pêlos inúteis. Diz também que detesta a velhice. Estou de pleníssimo acordo. Detesto-a do fundo da alma, sobretudo porque sinto que estamos condenados a ela e no meu caso já lhe percebo vários sinais. Que pena envelhecer! Nada há mais lindo e sadio que a mocidade, e o grande mal, o mal dos males é justamente a ausência ou o afastamento da mocidade. Infelizmente ela é como a flor do lótus que em cem anos só floresce uma vez...

Adeus, meu caro amigo, e obrigadíssimo pela lembrança da sua carta. Para tudo quanto queira neste país lembre-se sempre do literato manqué

mas muito camarada

Monteiro Lobato.

MLb 3.2.00396 cx 8

*papel timbrado com os dizeres:*

*Departamento dos Correios e Telégrafos*

*Telegrama*

Origem: de São Paulo

Número: 5219 29/32

Data: 23/XI/37

Hora: 11:00

Destinatário: Monteiro Lobato

Editorial Nacional 118 Gusmoes Capital

DESEO TENER LA HONRA DE SALUDARLE Y PEDIRLE DATOS SUYOS BIOGRAFICOS QUE NECESITO.

AGRADECERIALE CONTESTARME AL HOTEL TERMINUS<sup>207</sup>

SU ADMIRADORA – GABRIELA MISTRAL<sup>208</sup>

---

<sup>207</sup> O Hotel Terminus ficava na Avenida Ipiranga nº 741, em São Paulo.

<sup>208</sup> Gabriela Mistral (1889-1957) é o pseudônimo de Lucila de Maria del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga, poeta, educadora e diplomata chilena. Em 1914, publicou *Sonetos de La Muerte*; em 1922, saiu pela Universidade de Columbia, em Nova York, *Desolación*, obra poética que foi adotada nas escolas hispano-americanas; em 1924 lançou *Ternura* reunião de poemas infantis. Em 1932, o governo do Chile nomeou a escritora diplomata. Em 1937 visita São Paulo em missão diplomática, e em 1940, para fugir da guerra, pediu para ser transferida da França ao Brasil, onde passou a viver em Niterói e depois em Petrópolis. Em 1945, ganhou o prêmio Nobel de Literatura.

S. Paulo – Casa de Detenção, 2/4,941

Garay:

Escrevi a v. de muitos lugares, mas nunca imaginei fazê-lo duma prisão. Life is funny! Mas eu tenho o espírito esportivo. Em vez de revoltar-me, filosofo e engordo. Já estou detido há doze dias – “preventivamente” – pelo crime de haver pensado em mudar-me para Buenos-Aires. Quer dizer que os dirigentes de hoje não admitem que um cidadão pense em ares bons – há que aturar até o fim a malaria reinante. Malaria em italiano quer dizer ARES MAUS.

O incidente, entretanto, veio completar a minha série de experiências da vida e ensinar-me uma coisa muito importante – o valor da liberdade e da esperteza. Como estava certa a Emília quando, nas suas “Memórias”<sup>209</sup>, disse: “Se eu tivesse um filhinho, só lhe daria um conselho: Seja esperto, meu filho.”

Há neste presídio uns 400 homens vítimas da falta de habilidade em fazer as coisas lá fora. O Mário tomou com seis anos de prisão em consequência dum roubo de 1:700\$000. Provei-lhe por A + B que o castigo veio por ter roubado só isso, em vez de 1.700 ou melhor ainda 17.000 contos. Mário convenceu-se da sua inépcia e baixou a cabeça. Outro está preso porque matou a mulher, pilhada em flagrante com um sujeito.

– Foi inépcia, meu caro. Se em vez dessa solução violenta você tivesse feito ao tal sujeito presente da sua mulher, que aconteceria? Os dois já andariam fartos um do outro e você livre lá fora, a folhear novidades femininas, esse esporte.

Esse também baixou a cabeça, convencido da inépcia.

Outro está aqui porque sonhou em dar petróleo próprio ao Brasil.

– Você foi inepto, Lobato. Isso de querer dar qualquer coisa a um país revela apenas imperdoável pretensão. Um país é um grande reservatório de coisas para uso dos patriotas. O patriota é um ser sumamente sábio – vive da pátria; em vez de dar-lhe coisas, tira-as, mas tira-as à força de retórica. Quando morrem, os necrológios choram o desaparecimento de um servidor da pátria. Eu sei como a servem: roendo-a, devorando-lhe as carnes, vivendo à custa dela a vida inteira. E acham jeito de, mesmo depois de mortos, prosseguirem no servimento da pátria; há os

---

<sup>209</sup> Em de outubro de 1936, saiu pela “Cia Editora Nacional”, com ilustrações de Belmonte e tiragem de 10.571 exemplares, a primeira edição de *Memórias da Emília*. Em entrevista ao jornal *A voz da infância*, Lobato explica o suposto atraso da publicação do livro: “As “Memórias da Emília” são como a Emília. Mas a diabinha anda com uma preguiça danada. Escreveu o primeiro capítulo e parou. Temos que esperar que a veneta lhe venha. Ela é a criatura mais veneteira desse mundo”. Apud, MENDES, E. “*Memórias da Emília*”. In. LAJOLO, M; CECCANTINI, J.L. *Op. cit.*, pp. 341-351. Na Argentina, *Memórias da Emília* saiu em 1945, pela “Editorial Americalee”, com tradução de M.J.Sosa e ilustrações de Arturo Travi, com tiragem de 3.000 exemplares, vendidos a \$ 4 (quatro pesos) cada.

montepios e pensões às viúvas e filhas por meio dos quais eles prolongam o devoramento por anos e anos depois da morte.

Casa de detenção, 19/4/1941

Garay:

Eu havia começado esta carta, mas interrompia-a durante dias. Retomo-a hoje, com a situação já mudada. Fui absolvido no 1º julgamento do Tribunal de Segurança; houve apelação e breve serei julgado pelo tribunal inteiro, talvez na próxima semana. Vai haver confirmação da primeira sentença. A vitória foi tremenda. O Conselho do Petróleo<sup>210</sup> sofreu uma derrota que v. nem imagina, e está completamente desmoralizado. Getúlio<sup>211</sup> esteve do meu lado. O caso ocupou a atenção de todo o país, porque as cartas que deram causas a tudo foram divulgadas aos milhares e a denúncia havia sido publicada em todos os jornais do país e também irradiada pela Hora Nacional<sup>212</sup>. As infâmias contidas nessa denúncia, porém, caíram no Tribunal. Quando estivermos juntos contarei como foi a coisa. Vi-me transformado dum momento para outro em caso do dia – discutido pelo país inteiro, pró e contra. As infâmias assacadas na Denúncia deixaram muita gente tonta – mas soltei as cartas aos milhares e quem a leu viu tudo claro. Para remate veio a absolvição numa sentença esplêndida – e o Conselho está ferido de morte e desmoralizado. Tudo vai começar a mudar, daqui por diante.

Não cedi uma linha. Além da carta ao Getúlio, soltei a ao Góes<sup>213</sup>, que é insolente e de que te mando algumas. Eu mesmo admirei a minha vitória. Recebi um número das Notícias Gráficas<sup>214</sup> daí com uma nota sobre o caso, e retrato. Foi você quem fez? Escreva-me. Estou sequioso por notícias daí. Até os jornais americanos trataram do meu caso – dado lá como manobra do fascismo.

---

<sup>210</sup> O Conselho Nacional do Petróleo (CNP) foi criado por Getúlio Vargas em 1938 e tinha por objetivo definir as políticas relacionadas ao petróleo, como avaliar os pedidos de pesquisa e lavra, fiscalizar as atividades de exportação, importação, transporte e comércio do petróleo.

<sup>211</sup> Getúlio Dornelles Vargas (1883-1954), presidente do Brasil por duas vezes. Em 1941, Monteiro Lobato foi preso graças às cartas que enviara, durante anos, a Vargas e aos seus secretários de governo (especialmente o diretor do Departamento Nacional de produção Mineral e o presidente do Conselho Nacional de Petróleo) alertando sobre as manobras econômicas e políticas feitas com relação ao petróleo para que o Brasil continuasse a importar o produto, servindo ao capital externo. Diante das cartas, consideradas assintosas, abriu-se processo contra Lobato, que veio a ser preso em 1941, por duas vezes. Cf. SACHETTA, V. et. Al. *Op. cit.* e CHIARADIA, K. “Ao amigo Franckie, do seu Lobato”. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/Unicamp, 2008.

<sup>212</sup> “Hora Nacional”, um programa de rádio obrigatório, instituído pelo governo Vargas, em 1934.

<sup>213</sup> Pedro Aurélio de Góes Monteiro, o general Góes Monteiro (1889-1956), chefe do Estado Maior do Exército no governo Vargas. O general participou, em 1930, da deposição de Washington Luís, amigo de Monteiro Lobato. Em 1940, Góes Monteiro foi um dos alvos das cartas enviadas por Monteiro Lobato à alta cúpula do governo de Getúlio; Monteiro Lobato escreve o seguinte: “(...) sou obrigado a continuar na campanha, não mais pelo livro ou pelos jornais, porque já não temos a palavra livre, e sim por meio de cartas aos homens do poder”. Apud. SACHETTA, M. et. Al. *Op. cit.*, p. 158.

<sup>214</sup> *Notícias Gráficas*, revista argentina, que circulou de 1914 a 1963.

Transformei a prisão em escritório e fiquei um personagem muito importante no presídio. Popularidade medonha. Mandei buscar dezenas de meus livros e os distribuí pelos presos (há 400), e todo mundo anda a devanear no sítio de d. Benta. A coisa aqui dá um estupendo livro, que escreverei quando estiver aí.

Logo que me libertem, cuidarei da viagem. A espionagem da minha correspondência cessou. Já recebi até agora 230 visitas. E é tanto doce e bolo e coisas gostosas, que engordei um quilo. Ontem, dia de meus anos, veio de casa um dourado recheado de 4 palmos de comprimento, pescado por meu filho no rio Piracicaba. Foi uma festa na nossa sala. Se v. nunca foi preso, Garay, procure ser. Interessantíssimo.

Aproveito o tempo traduzindo o KIM, de Kipling<sup>215</sup> – e essa estadia na Índia me faz esquecer da maneira mais completa a prisão. Pena é que o excesso de visitas me tome tanto tempo.

Como vai a tradução de *Reinações*?<sup>216</sup> Recebeu a papelada que mandei para Zamora<sup>217</sup>? Recebeu as amostras dos desenhos do Jurandyr<sup>218</sup>?

Adeus

Lobato

---

<sup>215</sup> A informação da tradução de *Kim*, a que Lobato se refere nesta carta de 1941 merece atenção, pois em 1934, o escritor noticia a Rangel a escrita de *Emília no país da Gramática* e a tradução de *Kim*. A partir de uma carta de 17.09.1941, publicada em *A Barca de Gleyre*, Monteiro Lobato desfaz a confusão: “A primeira tradução de *Kim* (provavelmente a de 1934) lançada pela Editora era uma neblina. A gente lia e entedia vagamente. Octales encomendou-me outra” (esta de 1941 que Lobato diz estar traduzindo na Casa de Detenção). Cf. LOBATO, M. *Op. cit.*, p. 334.

<sup>216</sup> *Reinações de Narizinho*, lançado em 1931, a partir da compilação de histórias escritas por Lobato ao longo da década de 1920. Sobre os “bastidores” desse livro, Lobato faz os seguintes comentários ao amigo Godofredo Rangel: “Tenho em composição um livro absolutamente original, *Reinações de Narizinho* – consolidação num volume grande dessas aventuras que tenho publicado por partes, com melhorias, aumentos, unificações num todo harmonico. Trezentas páginas em corpo 10 – livro para ler, não para ver, como esses de papel grosso e mais desenhos do que texto. Estou gostando tanto, que brigarei com quem não gostar. Estupendo, Rangel!”. In. LOBATO, M. *Op. cit.*, p. 328-330. Carta de 07.10.1934 (conforme aponta Emerson Tin em sua tese de doutorado sobre as cartas do escritor Monteiro Lobato, essa carta não poderia ser de 1934, tal como foi impresso no volume *A Barca de Gleyre*, já que *Reinações de Narizinho* saiu em 1931. Sendo assim, a carta é, provavelmente, de 07.10.1931. Cf. TIN, E. “Em busca do Lobato das cartas”. Tese de Doutorado. Campinas: IEL-Unicamp, 2007. Cf. também. BERTOLUCCI, Denise Maria de Paiva. In. *Op. cit.*, pp. 187-198.

<sup>217</sup> Antonio Zamora (1896-1976) nasceu na Espanha e se mudou, ainda criança, para Buenos Aires. Em 30 de janeiro de 1921, editou 2.000 exemplares da tradução do livro de Anatole France, *Crainquebille*; deste modo, surgiu a coleção de livros “Los Pensadores”, que logo se transformou em uma revista de mesmo nome. Após 22 números do periódico *Los Pensadores*, Zamora resolveu batizá-lo de *Claridad*, mudando também o nome do selo de sua editora, que passaria a se chamar “Editorial Cooperativa Claridad”. Zamora, durante os anos 1920, editou diversas coleções, como “Biblioteca Científica”, “Teatro Popular”, “Clasicos del Amor”, “Los Realistas” (que teve como um dos diretores Nicolás Olivari). O editor publicou, em 1938, pela “Biblioteca de Textos para lectura Libre”, a adaptação de Monteiro Lobato de *Don Quijote de los Niños*, traduzido por Benjamin de Garay. Cf. SAGASTIZÁBAL, L. *Op. cit.*, pp. 69-76.

<sup>218</sup> J.U. Campos é Jurandyr Ubirajara Campos (1903 - ?), artista plástico e genro de Monteiro Lobato (casado com Marta, a primeira filha do escritor), ilustrou os livros infantis lobatianos publicados pela Cia Editora Nacional, bem como os editados em Buenos Aires, nos anos 40.

Pasta 20 2507

Papel Timbrado da Editorial Americalee<sup>219</sup>

Uma organización al servicio del lector  
Tucumán 299<sup>220</sup> – B.A

Buenos Aires, 27 de Septiembre de 1942.

Sr. Dr. M.L

Rua dos Gusmões, 118<sup>221</sup>

São Paulo (Brasil)

Prezado Amigo:

Damos em nosso poder seu favor de 20 do corrente, juntando contrato, que agradecemos. Tomamos boa nota no referente a futuros pagamentos, que devem ser realizados aqui em c/corrente ao seu favor. Outro sim, agradecemos as suas referencias ao Quixote<sup>222</sup> y ao Sacy<sup>223</sup>,

---

<sup>219</sup>“Editorial Americalee “publicou, entre 1944 e 1945, 23 títulos infantis de Monteiro Lobato, além da segunda edição da tradução de *Urupês* para o espanhol. Em entrevista, Lobato comenta sua publicação na Argentina: “Tenho contrato com a Editorial Americalee de Buenos Aires para a publicação de 23 livros, que estão saindo um atrás do outro, em ótima tradução de Ramón Prieto e com desenhos de Baldassari”. “Monteiro Lobato fala da Academia, dele mesmo e de outros assuntos”. In. LOBATO, M. *Prefácios e Entrevistas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1969, pp. 135-150. Destaca-se, no entanto, que nem todas as obras tiveram tradução de Prieto e desenhos de Baldassari, como veremos ao longo das notas de rodapé.

<sup>220</sup> Endereço da “Editorial Americalee” na cidade de Buenos Aires.

<sup>221</sup> Endereço da Cia Editora Nacional, que nos anos 1920, funcionou em outros três números na mesma rua: 26, 31 e 33. Cf. SACHETTA, et, al. *Op. cit.*, p. 97.

<sup>222</sup> *Dom Quixote das Crianças*, adaptação em português feita por Monteiro Lobato, cuja primeira edição saiu em 1936, pela Cia Editora Nacional, com tiragem de 10.625 exemplares. Lobato, em 08.03.1925, escreveu a Rangel pedindo-lhe um “*D. Quixote* para crianças”: “Andas com tempo disponível? Estou precisando de um *D. Quixote* para crianças, mais correntio e mais em língua da terra que as edições do Garnier e dos portugueses. Preciso do *D. Quixote*, do *Gulliver*, do *Robinson*, do diabo! Posso mandar o serviço?” In LOBATO, M. *Op. cit.*, p. 276. Cf. também. LAJOLO, M. “Lobato, um Dom Quixote no caminho da leitura”. In *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Editora Ática, 1994; Cf. também. PRADO, Amaya. O. M de Almeida. “*Dom Quixote das crianças* e de Lobato”. In LAJOLO, M.; CECCANTINI, J.L. *Op. cit.*, pp. 325-338. Em espanhol, saiu sob o título *D. Quijote de los niños*, primeiramente em forma de folhetim, no jornal *La Prensa*, em 1937; em 1938, traduzido por Benjamin de Garay e publicado pela “Editorial Claridad”, integrou a coleção “Biblioteca de textos para lectura libre”, dirigida por Antonio Zamora. Em 1945, saiu pela “Editorial Americalee”, com tradução de M.J Sosa e ilustrações de Gustave Doré, como parte das *Obras Completas* de Lobato em espanhol - Série Infantil, com tiragem de 3.000 exemplares. A maioria dos dados de tiragem das edições brasileiras dos livros de Lobato pertence ao “Acervo Histórico da Editora Nacional”; estes foram gentilmente cedidos pela pesquisadora Tâmara Abreu, que desenvolve tese de doutorado acerca das obras infantis do escritor, sob orientação da professora Marisa Lajolo. Quando tais dados não pertencerem a este arquivo, serão citadas as devidas fontes. Todos os dados de tiragem dos livros em espanhol foram retirados das cartas Pasta 20 2493 e Pasta 20 2494, pertencentes à Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato – Acervo Monteiro Lobato.

<sup>223</sup> *O Sacy*, denominado “fantasia infantil”, na seção “Movimento Editorial”, da *RB* (nº 67, julho 1921), foi publicado em 1921, pela Monteiro Lobato & Cia, com ilustrações de Voltolino, ao preço de 2\$500 e tiragem de 5.300 exemplares. Cf. “O Momento”. In *Revista do Brasil*, nº 73, janeiro de 1922; esta figura do folclore brasileiro, no entanto, já havia sido tema do primeiro livro publicado por Monteiro Lobato, em 1918: *Sacy Pererê*: resultado de um inquérito. Sobre o lançamento do livro infantil, Lobato comenta a Rangel, em carta de 25.04.1921: “Lanço agora mais um meu, *Onda Verde* e outro para crianças – *O Sacy*. In. LOBATO, M. *op.cit.*, p. 229. Cf. também, CAMARGO, E. “Algumas notas sobre a trajetória editorial de *O Sacy*”. In. LAJOLO, M.; CECCANTINI, J.L. *Op. cit.*, pp. 87-99. Cf. também. CAMARGO, E. “Um estudo comparativo entre *O Sacy-Pererê*: resultado de um inquérito (1918) e *O Sacy* (1921), de Monteiro Lobato”. Dissertação de Mestrado. Assis: Unesp, 2006. E castelhano, saiu sob o título *EL genio del bosque*, pela Editorial Americalee, em 1945, com tiragem de 6.000 exemplares, vendidos a \$ 4 (quatro pesos); quando da chegada de Lobato a Buenos Aires, o magazine “Harrods” manifestou interesse em fazer uma encenação baseada neste livro lobatiano; quem conta isso ao escritor é Domingo Landolfi, dono da Americalee: “Hemos conseguido también la aceptación de un proyecto de exhibición d euna adaptación de

absolutamente d'acordo com o prezado amigo no que se refere ao assentimento do Sr. Zamora em relação ao 1º. Temos o máximo interesse em que as relações de fraternidade que a nossa empresa mantém com as casas similares permaneça nesse pé. Vamos nos pôr d'acordo com o Garay nesse sentido quando for oportuno.

Sr. Garay – Com o comum amigo marginado temos chegado ao seguinte acordo: vamos realizar a tradução dos livros, todos os quais serão supervisionados pelo amigo Garay uma vez traduzidos. Essa supervisão é determinada pelo desejo de oferecer ao prezado amigo o máximo de garantia em quanto a fidelidade da versão castelhana. A razão fundamental que nos moveu a chegar a esse acordo é que a capacidade de trabalho de Garay está, ultimamente, resumida. Os anos passam até para os tradutores! A idade, o seu estado de saúde, fazem com que o Garay, independente de sua boa vontade, não se adapte à literatura infantil. Ahí está o Quixote assinado pelo Zamora na forma y na falta de ilustrações, mais com um evidente cumplicidade da tradução. Isso não significa, de maneira nenhuma, excluir o Garay da participação econômica que lhe temos garantido, e, inclusive, adiantado.

Alterações: Está terminada a tradução de “Reinações” e “Aritmética”<sup>224</sup>. Esperamos nos indique as alterações para a “Geografia”<sup>225</sup>, “História do Mundo”<sup>226</sup> e “Minotauro”<sup>227</sup>, se pensa fazel-as nesses dois últimos.

---

su libro “El gênio del bosque”, que se efectuaría em los salones de la casa “Harrods”. Carta de 23.05.1946, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato – Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato. Pasta 20 2484.

<sup>224</sup> *Aritmética da Emília*, lançado pela Cia Editora Nacional, em 1935, com ilustrações de Belmonte e tiragem de 15.000 exemplares, compôs o número 21 da coleção “Biblioteca Pedagógica Brasileira”, dirigida por Fernando de Azevedo. Em carta a Oliveira Viana, Lobato conta acerca das intenções de escrever a *Aritmética*, aproveitando o sucesso feito pela *Gramática*: (...) “Vale como significação de que há caminhos novos para o ensino das matérias abstratas. Numa escola que visitei a criançada me rodeou com grandes festas e me pediram: “Faça a Emília do país da Aritmética”. Esse pedido espontâneo, esse grito d’alma da criança não está indicando um caminho?(...) Todos os livros podiam tornar-se uma pândega, uma farra infantil. A química, a física, a biologia, a geografia prestam-se imensamente porque lidam com coisas concretas. O mais difícil era a gramática e é a aritmética. Fiz a primeira e vou tentar a segunda. O resto fica canja”. Carta de 15.08.1934. In NUNES, C. *Monteiro Lobato: vivo*. Rio de Janeiro: MPM propaganda, 1986, pp. 95-96. Cf. também. LUIZ, F. T. “*Aritmética da Emília*: matemática para (não) matemáticos?”. In. LAJOLO, M.; CECCANTINI, J.L. *Op. cit.*, pp. 275-285. Cf. ALBIERI, Thais de Mattos. “Lobato: a cultura gramatical em *Emília no país da Gramática*. Campinas: IEL/Unicamp. Dissertação de Mestrado, 2003.

<sup>225</sup> *Geografia de D. Benta*, publicado em 1935, pela Cia Editora Nacional, com ilustrações de J.U.Campos, teve tiragem inicial de 15.000 exemplares. O livro era o de número 22 da coleção “Biblioteca Pedagógica Brasileira”, dirigida por Fernando de Azevedo. A crítica ao livro resultou em um texto, de autoria desconhecida – “O Brasil insultado por brasileiros” – veiculado pelo jornal *Diário da Noite*, de 13.03.1936, que acusa Monteiro Lobato, com a obra, de ser separatista: “O espírito separatista que anima todo o livro se denuncia claramente, como aqui: “São Paulo é um pequeno país, capaz de viver por si mesmo, bastando a si proprio em tudo. Mato Grosso, que fica lá atrás, não passa de uma dependência de São Paulo, espécie de fundo de quintal”, ao que Lobato responde: “Mas é isso mesmo. Pelas suas realizações na agricultura e na industria, São Paulo é uma pequena nação que se basta a si mesma.(...) Mato Grosso. Mas Mato Grosso é também, de fato, uma espécie de fundo de quintal de São Paulo. Esse imenso trecho de terras que vai da costa atlântica às fronteiras do Paraguai e da Bolívia, está politicamente dividido em duas seções, uma com o nome de São Paulo e outra com o nome de Mato Grosso”. Cf. LOBATO, M. “Insultos ao Brasil” – Entrevista dada ao *Radical*. In. LOBATO, M. *Op. cit.* pp.156-165. Sobre esse assunto, cf. também. CARDOSO, R. D. “*Geografia de Dona Benta*: o mundo pelos olhos da imaginação”. In. LAJOLO, M.; CECCANTINI, J.L. *Op.cit.* pp.289-302. Em castelhamo, o livro teve por título *Geografía para los niños* com tiragem de 3.000 exemplares ao preço de \$4 (quatro pesos). Cf. carta de 30.09.1946, pertencente ao “Acervo Monteiro Lobato” – Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato. Pasta 20 2493.

<sup>226</sup> *História do Mundo para crianças* teve sua primeira edição publicada pela Cia Editora Nacional, em 1933, com ilustrações de J.U.Campos e tiragem de 12.500 exemplares; compôs o volume 10, da “Biblioteca Pedagógica Brasileira”, dirigida por Fernando de Azevedo. Trata-se de uma adaptação do livro do americano V.M.Hyller (1875-1931), *A Child's History of the World*, publicado em 1924 pela The Century Co, de New York e Londres, e também adaptado e traduzido no Brasil por Godofredo Rangel, sob o título de *Pequena História do Mundo para crianças*. Sobre esse assunto, cf. PALLOTTA, M. “*História do Mundo para crianças*: uma obra inovadora”. In.



Propaganda: As grandes livrarias distribuidoras daqui fazem, geralmente, uns boletins mensuales. Alguns deles são verdadeiras revistas ilustradas (o do Ateneo<sup>228</sup>, por exemplo). Já chegamos a uma combinação com 3 dos grandes boletins bibliográficos a fim de publicarmos páginas em cores con resumos de seus livros, así como ilustrações com as personagens. Isso independente do nosso plano de propaganda, que oportunamente informaremos ao prezado amigo, no cual estamos vendo a forma de incluir uma fita de desenhos animados, em cores, apresentando as personagens dos seus contos. A vantagem está que essas fitas são passadas em 1.600 cinemas do país e num número quase igual de cinemas sudamericanos.

Ilustradores: Cuidamos com a máxima atenção deste aspecto das edições. Estamos fazendo experiências com os melhores, procurando ver qual se adapta melhor ao texto e a psicologia das personagens. Oportunamente enviamos ao amigo as provas a fim de que colabore conosco na escolha. Em nenhuma das hipóteses o futurismo entra nas nossas cogitações.

Gratos a todas as sugestões que julgue oportuno fazer, com estima e apreço,

Carimbo da editora e assinatura de  
R. Prieto<sup>229</sup>.

---

LAJOLO, M; CECCANTINI, J.L. *Op. cit.*, pp. 221-233. Cf. também. PALLOTTA, M. "Uma história meio ao contrário: estudo sobre a obra *História do Mundo para crianças*". Tese de Doutorado. Assis: FCL - Unesp, 2001. Em castelhano, o livro foi intitulado *História del Mundo* e saiu em 2 volumes, com tiragem de 3.000 exemplares, ao preço de \$ 4.50 pesos. Cf. carta de 30.09.1946, pertencente ao "Acervo Monteiro Lobato" – Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato. Pasta 20 2493.

<sup>227</sup> *O Minotauro*, publicado pela Cia Editora Nacional em 1939, com ilustrações de Belmonte e Rodolpho, teve tiragem de 9.937 exemplares. Em carta a Regina Toledo Moreira, filha do amigo Lino Moreira e aspirante a escritora, Lobato sugere a seguinte alteração ao seu *O Minotauro*: "Vou mandar-te um livro "O Minotauro". Na página 43, linha sete, deve mudar o que está por isto: "A escrava simpatizou-se com os meninos e levou-os"... Cf. carta s/d. In. LOBATO, M. *Op. cit.*, pp.41-42. Em castelhano, o livro saiu em 1945, pela "Editorial Americalee", sob o título de *El Minotauro*, com tiragem de 3.000 exemplares ao preço de \$4 (quatro pesos). Cf. carta de 30.09.1946, pertencente ao "Acervo Monteiro Lobato" – Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato. Pasta 20 2493.

<sup>228</sup> Casa editora e livraria El Ateneo, fundada em 1912 pelo espanhol, natural de Logroño, Pedro García. As revistas ilustradas a que se refere Prieto tornaram-se famosas em toda a Argentina, pois as publicações de El Ateneo eram divulgadas nos "Boletins Bibliográficos", que saíam a cada dois meses.

<sup>229</sup> Juan Ramón Prieto, editor, escritor e tradutor argentino. A partir de 1946 fundou, juntamente com Monteiro Lobato, Miguel Pilato e Manuel Barreiros, a "Editorial Acteón", com sede em Buenos Aires. Em 1947, publicou pela Editorial "El Ateneo" a sua versão e tradução de *Urupês*, que reunia além de contos lobatianos já traduzidos para o castelhano (como "O rapto", "Os faroleiros", "O comprador de fazendas") e veiculados em revistas como *Plus Ultra* e *Atlántida*, textos publicados em *Negrinha*, *Cidades Mortas* e *O Macaco que se fez homem*.

Pasta 20 2508

Papel Timbrado da Americalee

Sr. Dr. Monteiro Lobato  
Gusmões, 118 – São Paulo

Buenos Aires, 15 de Octubre de 1942.

Distinguido Amigo:

Acusamos recibo de su atenta del 6 del corriente y aguardamos el ejemplar del Minotauro que nos anuncia. Si aún no lo ha enviado, le rogamos que lo haga por vía aérea, cargándonos los gastos correspondientes, pues es muy posible que por el correo marítimo demore casi un mes.

Advertencia Indispensable: Nos parece óptima su decisión. Nosotros habíamos pensado en algo similar, ya que es del mayor interés el establecer la serie de los volúmenes. Aguardamos la que nos envía.

Propaganda: Este aspecto de la cuestión está siendo estudiado con el cariño que justifica. Lo esencial, creemos nosotros, es hacer con que la existencia de esos libros sea conocida por el mayor numero posible de personas. La literatura infantil que de una manera general se ofrece al niño sudamericano (al argentino fundamentalmente) es de escasísimo interés y carente de humorismo. Nuestros esfuerzos, en ese sentido, tienden a hacerla conocer, demostrar que es de un “nuevo contenido” y superior a las similares y que enseña concretamente al par que distrae. De ahí que hayamos elegido los cinco primeros volúmenes con preponderancia, entre ellos de los de tipo pedagógico (Geografía, Aritmética, Historia).

HISTORIA DO MUNDO: Desde luego. En este aspecto, como en su propia opinión. La elección de la Historia do Mundo para el primer lote obedece exclusivamente al criterio arriba indicado, es decir, a la necesidad de “caracterizar” bien su literatura infantil, lo que estimamos una ventaja considerable. No hay que olvidar que los primeros libros presentan al autor a sus lectores (eso no quiere decir que no sea ud. conocido aquí, sino que ese conocimiento es muy relativo y, aún, así, que está, para los efectos de la literatura infantil, ligado a los cuentos publicados en la prensa y a esa lamentabilísima edición del Quijote<sup>230</sup>. Al elegir la Aritmética, la Geografía, la Historia del Mundo y el Minotauro, precedidos por las Reinações, visábamos cimentar sus libros

---

<sup>230</sup> A referência feita ao “Quijote” pode remeter ao lançamento da tradução para o espanhol intitulada “Don Quijote de los Niños”, cuja adaptação, em português, foi feita por Monteiro Lobato. Tal versão para o espanhol foi publicada no jornal argentino *La Prensa*, em formato de folhetim, aos domingos, no período de 30 de junho até 05 de setembro de 1937, e em 1938, a “Editorial Claridad” publicou em livro a versão de Benjamin de Garay.

sobre las bases que nos parecen más sólidas. Después de eso todos los otros sufrirán la influencia de los primeros y bastará su firma para que el éxito cubra cualquier otra edición. Estamos, pues, completamente de acuerdo con ud. en cuanto a la remodelación de la Historia do Mundo, pero creemos que ese volumen no debía ser substituido por la segunda parte de las Reinações (que es hermosísimo sin duda) pero que no tiene ese matiz pedagógico, sino por otro que lleve ese matiz, El Viaje al Cielo<sup>231</sup>, por ejemplo. Este libro, que no va a sufrir modificación, podría substituir a la Historia do Mundo, si es que le parece a ud. y está de acuerdo con ello. Sugieranos algo al respecto para proceder a su traducción. La segunda parte de Reinações irá encabezando el segundo lote del año proximo.

Agradiecendole sus noticias, disponga siempre de sus att. Amgs y ss ss.

R. Prieto (junto com assinatura, carimbo da Americalee)

---

<sup>231</sup> *Viagem ao Céu*, lançado pela Cia Editora Nacional no ano de 1932, compôs o número 3 da "Biblioteca Pedagógica Brasileira", dirigida por Fernando de Azevedo. Em espanhol, *Viaje al cielo* foi publicado em 1944 pela "Americalee", com tiragem de 6.000 exemplares, a \$ 4 (quatro pesos), traduzido por Ramón Prieto e ilustrado por Silvio Baldessari. Cf. [www.bnm.me.gov.ar](http://www.bnm.me.gov.ar) e [http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/biblioteca\\_lobatiana.htm](http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/biblioteca_lobatiana.htm). último acesso em 05/02/2009. Sobre esse assunto, cf. MARTINS, M. "Viagem ao Céu: aventura, fantasia e ciência". In. LAJOLO, M; CECCANTINI, J.L. *Op. cit.*, pp. 201-217.

Pasta 20 2509

Papel Timbrado da Americalee

Baires, 3 de Novembro de 1942.

Sr. Monteiro Lobato  
Gusmões, 116  
São Paulo (Brasil)

Prezado Amigo:

Damos em nosso poder sua atenta de 22, así como uma da que foi portador o Prf. Mello e Souza<sup>232</sup>, com quem tivemos o prazer de conversar e, possivelmente, chegemos a alguma coisa prática no que se refere aos seus livros de Matemática. Agradecemos ao prezado amigo a atenção de tel-o enviado a esta sua casa.

O Minotauro, mais a Geografia ainda estão em viagem. Geralmente, a correspondência por via marítima demora 30 días. Esperamos que cheguen nestes dias. Logo que chegarem nos poremos ao trabalho.

Não duvide, prezado amigo, en fazer-nos todas as recomendações que achar oportuno. Temos a vista as edições que lhe fizeram, cá e lá e isso só justificaria as suas justificadíssimas insistências sobre o cuidado da apresentação, tradução e ilustração dos volumens. Por nossa parte, temos estudado sem esquecer qualquer detalhe esa questão. Não temos a menor presa – (ainda que até o mês passado jusgasemos da possibilidade de apresentar 5 volúmens até fins do anno, coisa desde já vista impossível). Sabemos e valoramos os seus livros como uma permanente possibilidade editorial e não estamos dispostos de maneira nenhuma, a estragar esa possibilidade presentando uns volumens que não se aproxima até onde é possível a máxima perfeição no que diz a esses pontos fundamentais. Por isso estamos ainda estudando bocetos de vários desenhistas (até agora 8 dos melhores desta Capital) para procurar qual deles se adapta melhor ao espírito dos livros e a psicología das personagens. Contamos poder enviar-lhe, para a semana, alguns desses bocetos, a fim de que o amigo colabore na eleição; mesmo porque esses originais devem ser-lhe remetidos para o seu aproveitamento lá. O atraso, fundamentalmente, está por conta dos desenhos. Ya temos alguns profissionais que movem con naturalidade as personagens más nestes dias vamos receber os bocetos de Arteché<sup>233</sup> que, pelo gosto e a

---

<sup>232</sup> Mello e Souza, cujo nome completo é Júlio César de Mello e Souza (1895-1974), professor de Matemática, tornou-se popularmente conhecido como Malba Tahan. Estreou em 1925 no jornal carioca *A Noite*, na coluna "Contos de Malba Tahan". Devido à formação em engenharia, escreveu livros de matemática e didática matemática. A obra de maior sucesso do matemático é *O Homem que Calculava*, publicada em 1938, e traduzida para 12 idiomas, entre eles o espanhol, inglês e francês. Ao que se supõe por esta carta de Prieto, Malba Tahan ficou conhecido em terras argentinas através de Monteiro Lobato, admirador da obra de Mello e Souza.

capacidade do autor devem preencher as condições requeridas. O Guevara<sup>234</sup>, a quem consultamos em primeiro lugar, ainda não trose os seos “bonecos” mais prometeu, também, para fins de semana. Neste ponto a eleição se vae fazer entre profissionais da máxima idoneidade.

Em quanto esperamos pelo Minotauro e a Geografia, estamos procedendo a tradução da Viagem ao Céu. Quando chegarem as correções faremos a revisão dos textos. Esta tradução adiantada facilita a possibilidade de adiantar as ilustrações.

Em nossa anterior exponíamos francamente a nossa opinião no que respeita às substituições. Achamos que o amigo é o mais indicado para julgar quais os livros que devem substituir os que estavam previstos inicialmente mais que precisam correção e demorarão. A eleição tinha sido determinada exclusivamente pelo nosso interesse comun em lanzar os volumens com uma base sólida que garantise a continuidade e o interesse do garoto leitor. Se o amigo achar preferivem a Chave<sup>235</sup> antes da Viagem, faremos a Chave ou vice-versa. O amigo é quem dispõe de maiores elementos para decidir. Faça-o, pois, sem nenhum constrangimento.

Sua projectada História de América<sup>236</sup> é um verdadeiro achado. Se achar tempo e tranqüilidade para fazel-a não há duvida que constituirá livro de maior êxito da série. Anime-se, pois. Nestes dias tornaremos a escrever acompanhando bocetos. Até então, pois, com nossos melhores desejos de melhora para o seu filho.

Disponha sempre

R. Prieto. (assinatura e carimbo da editora)

---

<sup>233</sup> Miguel Arteche (1926-), escritor e ilustrador chileno, que revisou a obra de Monteiro Lobato em espanhol, durante o período em que esta foi editada pela Americalee.

<sup>234</sup> Andrés Guevara (1904-1963), ilustrador paraguaio que viveu na Argentina e também no Brasil. O ilustrador publicou na revista carioca *A Maçã*, de 28/08/1926, uma charge de Monteiro Lobato. Apud. SACHETTA, et. al. *Op. cit.*, p. 103.

<sup>235</sup> *A Chave do Tamanho*, publicada pela Cia Editora Nacional em 1942, com ilustrações J.U.Campos, compôs o número 33 da coleção “Biblioteca Pedagógica Brasileira”. Assim escreve, em 1942, Lobato à esposa Purezinha, que estava em Taubaté, cuidando do filho Edgar, que estava doente: “Hoje é um dia importante: vai sair “A Chave do Tamanho” e mandarei um para aí. Estou com muitas esperanças nesse livro lá fora. Leia e me dê a impressão exata. (...) Daqui vou a Editôra, assistir ao parto da “Chave”, e hoje mesmo irá um exemplar para aí”. Carta s/d. Cf. LOBATO, M. *Op. cit.*, 89-91. Sobre as diferentes edições da obra, cf. VALENTE, T. A. “A Chave do Mundo: o tamanho”. In LAJOLO, M; CECCANTINI, J.L. *Op. cit.*, pp.455-467. Cf. também. LAJOLO, M. et al. “A *Chave do Tamanho*: uma guerra de verdade e uma chave de mentirinha”. In: *Revista da ANPUH*, vol. 32, 2006, pp. 369-381. Em 1945, a “Editorial Americalee” publicou o livro com tradução de Ramón Prieto e ilustrações de Silvio Baldessari. Cf. [www.bnm.me.gov.ar](http://www.bnm.me.gov.ar) último acesso em 05/02/2009.

<sup>236</sup> Monteiro Lobato tinha planos de escrever uma história da América pela “boca do Aconcágua”. Em carta de 01.02.1943, o escritor também conta a Rangel suas ideias para esta história. “A ultima da pestinha [Emília] está me dando dor de cabeça. Imagine que encasquetou conhecer a história da America “auto – contadamente”. Quer conhecer a formação dos Andes e de todas as plantas e animais que evoluíram no lombo dos Andes e á margem das crias dos Andes (ela acha que até o Rio Amazonas não passa do desenvolvimento de uma pequena cria dos Andes). E quer saber, depois, como apareceram os aborígenes (ela sabe o que quer dizer aborígene), e quer, ao vivo, a história de *todos* os descobridores da America até Colombo)”. Cf. LOBATO, M. *Op. cit.*, pp.338-344.

Pasta 20 2510

Papel Timbrado da Americalee

Buenos Aires, 25 de Noviembre de 1942.

Sr. Monteiro Lobato  
Rua dos Gusmões, 118  
São Paulo (Brasil)

Prezado Amigo:

Damos em nosso poder sua carta de 11 do corrente. Há dias chegaram a “Geografia” e o “Minotauro”. Estamos trabalhando na tradução desses dois.

Esperamos “A Chave do Tamanho”. Sem dúvida, se as ilustrações são boas, poderão ser aproveitadas aqui. Nosso interesse é que o livro seja ilustrado de acordo a psicologia das personagens e com a perfeição de “forma” que o público leitor exige. Inmediatamente que chegue o exemplar vamos escrever ao prezado amigo a respeito. No que diz sobre a publicação na Prensa<sup>237</sup>, julgamos que é de interesse e deixamos à sua exclusiva decisão todo e qualquer julgamento a respeito. Se for publicada isso pode contribuir a venda do volume e a popularização do seu nome, coisa que resultará em benefício da editorial e da obra.

Há um aspecto das edições que ainda não temos tratado e que é do maior interesse: o título dos volumens. O Minotauro, Reinações de Narincha, Viagem ao Céu (para fallar dos iniciais) estão fora de questão. Os títulos se adaptam perfeitamente ao castelhano, gramatical e simbolicamente, isto é, como conteúdo e “praxe” geral. Isso, porém, não se dá com “Aritmética da Emília” e “Geografia de Dona Benta”. Claro que o amigo vai dizer que é porque as personagens não são, ainda, populares e isso resta-lhes sentido. Más não é só. Há um problema de ordem psicológico (derivado da rudeza da língua) que faz o castelhano reagir contra o nome próprio. Não é atoa que no Brasil se diz por exemplo: General Isidoro<sup>238</sup>, Dr. Washington Luís<sup>239</sup>, “seu” fulano etc. O nome, e não o sobre nome, serve para indicar a pessoa. Na América Hespanhola se da u otro pólo. Nunca se emprega o nome e sim o sobre nome, por que o primeiro é despectivo. Isto é

---

<sup>237</sup> “A publicação na Prensa” pode se tratar do jornal *La Prensa*, de Buenos Aires, fundado em 18 de outubro de 1869, por José C. Paz, e que publicou a versão espanhola da adaptação lobatiana de *D. Quixote*.

<sup>238</sup> General gaúcho Isidoro Dias Lopes (1865-1949).

<sup>239</sup> Washington Luís Pereira de Sousa (1869-1957), presidente do Brasil, no período de 1926 a 1930. Antes, porém, entre 1920 e 1924, presidiu o estado de São Paulo, período em que o Estado comprou 50.500 exemplares do livro lobatiano *Narizinho Arrebitado* – versão escolar de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, a ser distribuído nas escolas estaduais. Logo após chegar à presidência da República, Washington Luís recebeu carta de Lobato pedindo-lhe que baixasse as taxas sobre o papel de impressão dos livros. Cf. carta de 21.05.1926. In. Lobato, M. *Cartas Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1969, pp.193-198. Em 1927, Lobato foi nomeado por Washington Luís, Adido Comercial do Brasil nos EUA, onde morou de 1927 a 1931. Em carta de março de 1927, Lobato avisa a Rangel de sua nomeação: “Estou a fazer a bagagem. A 27 de abril sigo de mudança para os Estados Unidos, para onde fui nomeado Adido Comercial. Verei se lanço lá a edição inglesa do *Choque das Raças*”. Carta de 23.03.1927. In. LOBATO, M. *Op. cit.*, pp. 299-300. De sua passagem pelos EUA resultaram o livro *América* e as campanhas do ferro e petróleo.

um aspecto da questão. U outro é que nestes mercados “Aritmética da Emília”, não tem sentido específico, não indica de uma maneira geral o que é o livro (isto é, uma aritmética infantil para garotos) nem predispõe a curiosidade e simpatía. Como o amigo compreende, não temos o mínimo interesse em trocar títulos; o que pretendemos é contribuir ao máximo para deixar de lado pequenos entraves e nada mais. Pensamos así que a “Aritmética para los niños” e a “Geografía” da mesma forma, “Geografía para los niños”<sup>240</sup>, fazendo na contra tapa a salvedade de que o título original da obra é tal e tal. Como é natural, esperamos sua opinião antes de fazer qualquer coisa, mas insistimos para que o amigo pense nisso e nos diga sua opinião a possível brevidade. Precisamos iniciar a propaganda. Da mesma maneira a “Chave do Tamanho”. Sobre este não fazemos ainda a referência pois é preciso conhecer a obra para isso.

Queremos insistir uma vez mais perante o amigo que todas estas “chateações” no obedecem mais do que a convicção de que é preciso solucionar no possível todos os pequenos entraves por que consideramos que suas obras no so podem senão que devem constituir um fondo editorial permanente. O momento actual é extraordinariamente próprio para obter isso. Pocas obras infantis e todas ellas mediocres. Até breve, disponha sempre

R. Prieto (assinatura e carimbo da Americalee)

---

<sup>240</sup> O título final de *Geografía de Dona Benta* foi traduzido em castelhano para *Geografía para los niños*; já *Aritmética da Emília* teve tradução literal: *La Aritmética de Emília*. Cf. carta de 30.09.1946, pertencente ao “Acervo Monteiro Lobato”, da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato.

Pasta 20 2511

Papel Timbrado da Americalee.

Buenos Aires, 5 de Diciembre de 1942.

Sr. Monteiro Lobato  
Rua dos Gusmões, 118  
São Paulo (Brasil)

Prezado Amigo:

Só duas palavras. Ainda não chegou a “Chave do Tamanho” anunciada na sua de 11 de novembro. Segundo a mesma o Visconde<sup>241</sup> é exactamente assim e estamos esperando a obra para proseguir com as ilustrações dos outros. Isto é, todo o nosso trabalho de desenho está paralizado até a chegada da Chave. O temor é que se tenha extraviado.

GEOGRAFÍA: Na parte modificada da Geografia (as páginas datilografadas que integran o livro) falta a de n.o 119 (correspondente ao Capítulo XI Petróleo). O pacote chegou em perfeitas condições; pensamos que o prezado amigo esqueceu de por a 119.

Fazem uns 30 días enviamos ao amigo um pacote de livros das nossas últimas edições. Até breve, disponha sempre dos amigos obgdos.

---

<sup>241</sup> Visconde de Sabugosa, personagem lobatiana, feito por Tia Nastácia com sabugo de milho; aparece desde o livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Considerado sábio pela turma do sítio, o Visconde mereceu um texto escrito por Lobato – “O Visconde científico”, publicado pelo jornal *O Estado de S.Paulo*, em 1955, sete anos após a morte do escritor. Cf. LOBATO, M. *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1969, pp. 163-169. Sobre as interferências das personagens infantis de Lobato em cartas, cf. a tese de doutorado de SILVA, Raquel Afonso da. “Entre livros e leituras: um estudo das carats de leitores”. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/Unicamp, 2009.



Pasta 20 2512

Papel Timbrado da Americalee

Buenos Aires, 23 de Diciembre de 1942

Sr. Monteiro Lobato  
Gusmões, 118  
São Paulo (Brasil)

Prezado Amigo:

Recebemos a sua atenta de 12 do corrente. No día 9 tínhamos recebido o pacote aéreo com “A Chave”. Naturalmente a situação geral de anormalidade e os retardos consecuentes à censura fazer das cartas aereas cartas normais. Aproveitei o domingo para ler a Chave. É estupenda. Cada dia temos maior seguridade de que os seus livros, em edição hespanhola vão ter um sucesso de arromba. Por isso mesmo, por que planejamos eses volumens em grande escala e o mais aproximados a perfeição dentro do possível (em cuanto a apresentação, tradução, ilustrações) renunciámos a aproveitar esse fim de ano, abrindo mão da venda de alguns bons milheiros de ejemplares. Dá dó ver as vitrines das livrarias, todas ellas dedicadas a garotada, numa pobreza incrível de literatura infantil. Os mesmos contos de há vinte annos, alguns isentos de penetrar a saque na zoologia e nada mais. Más iniciamos tarde e como temos certeza de que na serie vae ser um negocio editorial permanente, o melhor é isto mesmo: aproveitar o verão para preparar os cinco iniciais, preparar os outros antes de setembro próximo e encher as livrarias de todo o continente com eses volumens. Para isso não temos descuidado a organização no exterior e temos em andamento iniciativas interesantísimas, dum volume verdadeiramente excepcional sobre as que informaremos ao prezado amigo dentro de pocos días, apenas tenham passado as festas. Isto para não anuncia mais do que ya seja facto.

Disenhos: Temos uns lotes grandes de bocetos, provas, etc. Estamos em contato com um grupo de desenhistas para que as ilustrações tenham a unidade consecvente as personagens. Vamos enviar-lhe, nos próximos dias do mês entrante, alguns jogos de ilustrações terminadas para que nos transmita a sua opinião.

Traduções : Ótima sua sugestão. Temos quatro traduções terminadas e corregidas no original. Mais esses originaes foram feitos sem copia. Vamos fazer a composição e enviar-lhes um jogo de provas. O amigo nos devolverá as galeradas que tiverem correções as que trasladaremos ao jogo de provas que tiraremos aqui. Desta manera, o amigo llerá e verificará todos os textos antes de serem impressos, podendo fazer as modificações que julgar conveniente. Poso garantir-

Ihe que se há um aspecto de control especial é no que diz a tradução. O amigo verificará nestes días.

Garay: É lamentável o que tem acontecido, apesar de toda a boa vontade e desejo de que colaborase efetivamente no assunto. Especialmente para mim, por que foi conmigo, pessoalmente e por uma razão pessoal, o desgosto.

Conheço o Garay e sei que as suas inconveniências são todas elas determinadas pela angustia econômica de que não consegue sahir. Tenho insistido para que não misture nossa desaveniência pessoal e por razões que nada tem a ver com os livros com os seus trabalhos para a Editorial até agora inutilmente.

Não deixe de escrever sempre que tiver tempo. E muito boas festas para si e os seus  
Disponha sempre.

R. Prieto (assinatura e carimbo da editora)

Pasta 20 2513

Papel Timbrado da Americalee.

Buenos Aires, 8 de janeiro de 1943.

Sr. Monteiro Lobato  
Rua dos Gusmões, 118  
São Paulo (Brasil)

Prezado Amigo:

Confirmamos nossa última de 23 de dezembro sem nenhuma sua a que fazer referência. Hoje chegou outro exemplar da Chave.

Inicialmente precisamos informar ao prezado amigo das nossas demarches em relação as formas de venda dos livros que oferecem maior garantia de exito. Temos estudado com o maior cuidado o mercado d'aqui e do exterior e as conclusões a que temos chegado são todas elas baseadas na experiência própria e alheia. Vamos resumir por partes. En primeiro logar NÃO HÁ DUVIDA de que seus livros vão constituir o maior sucesso editorial infantil en castelhano; o conteúdo é inmelhorável, não há concorrência série (não se pode chamar concorrência as bobagens de Atlantida e ainda menos aos volumens de character "gnasteriano" que publicam otras editoras). A parte que corresponde a apresentação será cuidadísima e tem garantia de que vae se ocupar d'ella o melhor técnico gráfico que há por aquí. Estudamos a apresentação encapando os volumens em linho, com impreção em cores reproduzindo as personagens em piqueno tamanho.

Qualidade de papel, tipos especiais, estética nos brancos, todos os detalhes tem sido estudados pois é preciso que a primeira edição seja a definitiva a fim de poder-mos matricular as páginas e não tornar a compor em novas edições. Em segundo logar, temos chegado ao ideal de disenhos. Depois de muito boceto e muita experiência, achamos o disenhista que move os "bonecos" e consegue traducir todos os matices que há no texto. Vamos enviar logo provas de gravados e disenhos para que o amigo fique plenamente sosegado nesse particular. Posso lhe adiantar que as ilustrações são 100% logradas e o amigo vae verificar. Em tercer logar, nossas consultas e estudos destes meses tem mostrado que há duas formas para a venda: 1º a normal isto é, a venda dos volumens na medida da sua aparição, aos distribuidores e livrarias; 2º. A venda em coleções, de TODOS OS VOLUMENS em conjunto, dentro de um móvel especialmente disenhado para isso. Este segundo aspecto da venda tem sido estudado e consultado exhaustivamente e demonstra que há possibilidade de colocar neste anno, alguns milheiros de coleções. Claro que isso a bases de viajantes. Já temos chegado a um acordo com uma organização especializada que neste anno, só no Uruguay, colocou 2.500 coleções de

“Billiken”<sup>242</sup>. Imagine o amigo que poderá fazer dispendo das suas obras completas para vender em toda América! Temos, pois, decidido, adoptar as duas formas de venda: a primeira feita directamente por nós e nossos distribuidores; a segunda por uma organização especializada com a que vamos fazer contrato nesse particular, e que abandona as outras colecções para trabalhar esta.

Como o amigo pode ver, as perspectivas são optimas. Não ignoramos que vamos achar inúmeras dificuldades no começo, mais com bom material e entusiasmo é “cancha”. Por nossa parte, temos chegado a todas estas decisões sem esquecer por um só momento a existência dos seus interesses como autor e procurando de todas as maneiras salvaguardal-os. A venda em colecções significará venda em muito maior número e, por conseguinte, de maior interesse para o amigo. Mais nos obrigará a editar muito mais rapidamente a totalidade dos volumens. Isso não se traduz em presa que conspire contra a boa apresentações etc da obra. Temos muitos, meses por diante e a necesaria disposição para irmos resolver os problemas sem presa.

Mais, o que lhe queremos recomendar é que aprese no possível as correições da “História” e da “Viagem ao Céu”. Assim mesmo, que nos envie os volumens que faltam que são: O Sacy, Aventuras de Hans Staden<sup>243</sup>, História das Invenções<sup>244</sup>, Serões de Dona Benta<sup>245</sup>, Memórias de Emília<sup>246</sup>, O Picapau Amarelo<sup>247</sup>, O garimpeiro do Rio das Garças<sup>248</sup>, Reforma da Natureza<sup>249</sup>,

---

<sup>242</sup> *Billiken*, revista infantil publicada pela Editorial Atlántida, de Constancio C. Vigil. A publicação teve seu primeiro número em 17 de novembro de 1919 e circula até hoje em Buenos Aires. Segundo Gabriela Pellegrino Soares, “a idéia de formação das crianças como um processo prazeroso, que enfatizasse a educação moral, mas também estimulasse a inteligência e a curiosidade por informações, esteve no cerne do projeto da revista”; o periódico era semanal e composto por seções de historietas, quadrinhos divertidos, contos de fadas e novelas publicados em partes, maquetes para recortar e montar, notícias sobre eventos esportivos infantis, além das biografias, que “eram curtas, aproximando-se de um gênero jornalístico muito popular na época que buscava definir, segundo Mirta Varela, o homem a partir de anedotas. A revista destacava o período da infância de seus heróis, explorando projeções de certas experiências sobre sua vida adulta” Cf. SOARES, G.P. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, pp. 121-134. Cf. também. VARELA, M. *Los hombres ilustres de Billiken: héroes en los medios y en la escuela*. Buenos Aires: Colihue, 1994.

<sup>243</sup> *Meu Cativoiro entre os Selvagens do Brasil*, publicado pela primeira vez em português no ano de 1892, por Alencar Araripe, teve adaptação de Lobato em outubro de 1925, dando início às publicações da Cia Editora Nacional, com tiragem de 3.000 exemplares, que em janeiro de 1926 já estava esgotada, tal como explicou o escritor a Rangel: “Mando-te um *Staden*, a edição primogênita da nova companhia e, por coincidência, o primeiro livro que se publicou sobre o Brasil. É obra realmente interessante e merecedora do sucesso que tem tido. A edição inicial está no fim. Vamos tirar outra e maior”. Carta de 26.01.1926. In. LOBATO, M. *Op. cit.*, pp.288-290. Em julho de 1927, porém, Lobato publicou a adaptação infantil da obra, sob o título *Aventuras de Hans Staden*, com tiragem de 6.000 exemplares e ilustrações de André Le Blanc. Em 1945, a “Editorial Americalee” publicou o livro em castelhano, com tradução de Ramón Prieto e ilustrações de Silvio Baldessari, com tiragem de 3.000 exemplares e custando \$4 (quatro pesos). Cf. [www.bnm.me.gov.ar](http://www.bnm.me.gov.ar). Último acesso em 08/02/2009. Cf. também ZORZATO, L.B. “Hans Staden à lobatiana”. In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J.L. *Op. cit.*, pp. 151-167.

<sup>244</sup> *História das Invenções*, adaptação feita por Lobato da obra do escritor Van Loon (1882-1944), originalmente intitulada *The Story of Invention: Man, the Miracle Maker* e publicada em 1928, teve primeira edição em português em 1935, com ilustrações de J.U.Campos e compôs o número 23 da coleção “Biblioteca Pedagógica Brasileira”, da Cia Editora Nacional, com tiragem de 15.000 exemplares. Em espanhol, o livro saiu em 1945, pela “Editorial Americalee”, sob o título *Las Invencciones*, tiragem de 3.000 exemplares, vendido s a \$4 (quatro pesos), com tradução de M.J.Sosa e ilustrações de Arturo Travi. Sobre a edição em português, cf. MINCHILLO, C.C. “*História das Invenções*: “a saga de Peludo” ou as queixas de um pioneiro”. In. LAJOLO, M; CECCANTINI, J.L. *Op.cit.*, pp. 305-321.

<sup>245</sup> *Serões de D. Benta*, publicado pela Cia Editora Nacional em 1937, integrou o número 28 da coleção “Biblioteca Pedagógica Brasileira” e teve tiragem de 10.036 exemplares. Em espanhol, *Las lecciones de Doña Benita* foi traduzido por Ramón Prieto e publicado em 1945 pela “Editorial Americalee”, com tiragem de 3.000 exemplares, vendidos a \$ 4 (quatro pesos) cada. Cf. DUARTE, L.C. “*Serões*: verdades científicas ou comichões lobatianas”? In. LAJOLO, M; CECCANTINI, J.L. *Op. cit.*, pp. 391-405.

Espanto das Gentes<sup>250</sup>. Todos os outros estão em nosso poder (com exceção das correções da História e da Viagem). Um pacote por estrada de ferro (via Uruguay) não demora mais de 20 días.

En resumo: temos vencido a etapa preliminar agora estamos perfeitamente orientados. O que resta é trabalho e vontade de realizar e isso até sobra. O amigo vae ver um facto, mais um facto que até vae exigir que a Emília mova a chave do tamanho para acharmos um fôlego.

Independente das suas notícias vamos ir informando continuamente da marcha do programa. Mas é desejável que o prezado amigo nos escreva con alguma frecuencia, sugerindo o que achar conveniente y colaborando para que isto tome o vulto que deve ter.

Até breve, pois, e disponha do amigo obgdos.

---

<sup>247</sup> Em 1939 foi lançado *O Picapau Amarelo* pela Cia Editora Nacional, com ilustrações de Rodolpho e tiragem de, aproximadamente, 5.100 exemplares, já que os números que constam dos dados de tiragem "Acervo Histórico da Editora Nacional" apresentam como 1<sup>ª</sup>/2<sup>ª</sup> edição, o total de 10.163 exemplares. Em castelhano, *El Benteveo Amarillo* saiu pela "Editorial Americalee", em 1945, com tradução de M.J.Sosa, ilustrações de Arturo Travi, tiragem de 3.000 exemplares, ao preço de \$ 4 (quatro pesos). Cf. GENOVA, M.B. "O pica-pau amarelo: o espaço ideal e a obra-prima". In LAJOLO, M; CECCANTINI, J.L. *Op. cit.*, pp.409-424. Cf. também. GENOVA, M.B. "As terras novas do sítio: uma nova leitura da obra *O pica-pau amarelo* (1939). Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/Unicamp, 2006.

<sup>248</sup> *O Garimpeiro do Rio das Garças*, lançado em 1924, ilustrado por Kurt Wiese e publicado pela Cia Graphico Editora Monteiro Lobato. A história narra as aventuras de João Nariz e seu cachorro Filó, num formato que a aproximava das revistas em quadrinhos. O livro não teve tradução em espanhol. Cf. BIGNOTTO, C. "João Nariz, o garimpeiro que virou raridade". In LAJOLO, M.; CECCANTINI, J.L. *Op.cit.*, pp.123-135.

<sup>249</sup> *A reforma a Natureza*, publicado em 1941, pela Cia Editora Nacional, teve ilustrações de Belmonte e tiragem de 10.105 exemplares. Em espanhol, *La reforma de la naturaleza*, traduzido por M.J.Sosa e ilustrado por Arturo Travi, foi publicado junto com *El Espanto de las gentes* e teve tiragem de 3.000 exemplares. Sobre esse assunto, cf. ABREU, Tâmara. "Entre Guerras, Ciências e Reformas: Emília consertando a natureza". In. LAJOLO, M; CECCANTINI, J.L. *Op. cit.*, p. 439-451.

<sup>250</sup> *O Espanto das Gentes* foi lançado no mesmo ano que *A Reforma da Natureza*: 1941; em 1944, passou a figurar junto com *A Reforma*; em 1947, tornou-se a segunda parte de *A Reforma da Natureza*. Sobre este assunto, cf. o site <http://www.unicamp.br/monteirolobato>. Última consulta em 11/02/2009.

Pasta 20 2514

Papel Timbrado Americalee

Buenos Aires, 20 de Marzo de 1943.

Sr. Monteiro Lobato  
Gusmões, 118  
São Paulo (Brasil)

Prezado Amigo. Damos em nosso poder suas atentas de 22/2 e 2/3, chegadas com diferença dum dia e com grande atraso. Assim mesmo, os volumens de O Sacy, CAÇADAS DE PEDRINHO<sup>251</sup>, Dom Quixote, Memórias, Aventuras de Hans Staden, Viagem ao Céu, cuja remodelação anunciou na sua de 22/2 não chegou. Ya temos aquí a Revista "El Economista"<sup>252</sup> con a foto e os dados. O Diccionario ainda não chegou. Muito grato a essa lembrança sua, utilíssima. A lista completa dos libros chegou nas Memórias.

Gramática<sup>253</sup>. Perfeita a sua iniciativa de preparar ahí a versão hespanhola com o Nuñez<sup>254</sup>. Peço transmitir a esse grande amigo meu abraço muito afetuoso.

Coleção: Como lhe expliquei em carta anterior, temos já organizada nesse trabalho, (A Editorial Losada<sup>255</sup>) que está colaborando conosco, na preparação dos volumens em tudo quanto diz respeito a ilustrações, apresentação etc. Temos dez volumens traducidos, corrigidos e revisados

---

<sup>251</sup> *Caçadas de Pedrinho* foi publicado pela Cia Editora Nacional em 1933, com ilustrações de Jean G. Villin, integrou o número 9 da coleção "Biblioteca Pedagógica Brasileira", com tiragem de 10.000 exemplares. No entanto, esta é uma re-escritura de *A Caçada da Onça*, de 1924, publicada pela Cia Graphico Editora Monteiro Lobato e ilustrado por Kurt Wieser. Sobre este assunto, conferir a dissertação de mestrado de ROCHA, Jaqueline Negrini. "DE CAÇADA ÀS CAÇADAS: O processo de re-escritura lobatiano de *Caçadas de Pedrinho* a partir de *A Caçada da Onça*". IEL/Unicamp, 2006. Cf. também. ROCHA, J.N. "História de caçador, histórias de caçadas". In LAJOLO, M; CECCANTINI, J.L. *Op. cit.*, pp.237-251. Las *Cacerías de Perucho*, traduzido do português por M.J Sosa e ilustrado por Silvio Baldessari, foi publicada pela "Editorial Americalee", no ano de 1945, teve tiragem de 3.000 exemplares, ao preço de \$4 (quatro pesos) cada.

<sup>252</sup> O título "El Economista" é muito comum nos países de língua espanhola (Cuba, Espanha, Paraguai, Argentina), o que torna difícil saber de qual região é a revista "El Economista" citada por Prieto; entretanto, deve-se tratar do periódico argentino, já que a projeção de Lobato teve início no país.

<sup>253</sup> A referência é feita ao livro *Emília no país da Gramática*, traduzido para o espanhol como *El país de la gramática* e publicado pela "Editorial Americalee" em 1944, com tradução de Maria B. de Petriz, ilustrações de Arturo Travi, tiragem de 3.000 exemplares, vendidos a \$4 (quatro pesos) cada.

<sup>254</sup> Pascoal Nuñez-Arca, redator espanhol, que viveu em Santos, onde foi encarregado de publicar, em 1938, a revista *Letras*, editada em castelhano, que se dedicava a mostrar a literatura brasileira aos países ibero-americanos e aos Estados Unidos. O primeiro volume de *Letras* atingiu a marca de 1.500 exemplares vendidos somente em Buenos Aires.

<sup>255</sup> A "Editorial Losada", fundada em 1938, pelo espanhol Gonzalo Losada (1894 - 1981), colaborou não só para preparar as traduções de Monteiro Lobato nos países de língua espanhola, tais como Uruguai, Paraguai, Espanha e na Argentina, como também, a partir da década de 1950 passou a publicar as obras lobatianas. As publicações das obras de Lobato parecem atender às necessidades da casa editora que, desde o seu surgimento tinha como plano "desde la ficción literaria hasta el tratado filosófico". Apud. DE SAGASTIZÁBAL, L. *Op. cit.*, p.112. Cf. também. DE DIEGO, J.L. "La época de "oro" de la industria editorial". In. DE DIEGO, J.L (dir.) *Editores y políticas editoriales en Argenina (1880-2000)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006, pp. 91-121. O site [http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/biblioteca\\_lobatiana.htm](http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/biblioteca_lobatiana.htm) traz alguns dos livros infantis lobatianos publicados pela "Editorial Losada".

que ainda não mandamos compor exclusivamente por que a composição tem que sugetar-se aos desenhos, pelos recorridos etc. O passado Fevereiro foi um mez de mudança dos nossos oficinas ao novo prédio de Tucumán, 353. O machinismo nos permite producir 12 volumens mensais. Ya vê, pois, que por nossa parte, não há problema para lançar este anno a totalidade dos volumens. O que está pegando o carro são os desenhos. Os fundos, as perspectivas e as cenas são boas, mas as personagens não foram ainda captadas pelos desenhistas. Na segunda-feira, pelo avião, vae um amigo nosso; ainda hoje deve trazernos uns desenhos novos e vamos envial-os ao amigo por ele. Temos observado que o SACY e CAÇADAS estão muito melhor ilustrados que os outros volumens (menos a Chave). Hoje vamos entregar aos desenhistas um desses volumens para que vejan as personagens.

Como o amigo compreende, temos maior interesse em que este anno se vendam os livros em coleção. Estamos fazendo todos os esforços para que isso seja possível. Mas como os desenhos devem ser permanentes, definitivos, estamos experimentando os melhores desenhistas antes de resolver. A seção ilustração de Losada colabora conosco y achamos que allí vamos encontrar a solução, porque é a melhor de B. Aires. De todas maneiras, ainda que o problema desenhos (pelo problema tempo) não nos permita editar a totalidade, isto é, os 26 volumens, editaremos a maioria. Temos ainda 8 meses por diante (entregando os últimos em novembro) e é tempo suficiente para entregar a totalidade se os desenhos não nos retardam mais do esperado. Estamos, inclusive, vendo a possibilidade de incluir os do SACY e CAÇADAS, com algumas modificações (principalmente a Tía Anastacia<sup>256</sup> das CAÇADAS).

Tomamos nota do título que sugere para Peter Pan<sup>257</sup>. E melhor. Esperamos a “Viagem ao Céu” (ya a tenga traducido) para a nova tradução. Neste asunto da tradução o amigo vae ficar satisfeito. O tradutor conhece o português fallado no Brasil, fauna, flora, costumes, vida do interior e o Guarani (não o de Alencar senão o idioma). A versão castelhana respeita enteramente a forma imagens e o pensamento de autor, sem o mais pequeno espírito de “colaboração”. Cada um escreve o que quer, mais bolas! para quem pensa reformar o que o outro escreve.

---

<sup>256</sup> Personagem lobatiana, Tia Nastácia, quituteira do sítio e famosa por sua sabedoria popular, fez a boneca de pano Emília e o Visconde de Sabugosa. Lobato publicou pela Cia Editora Nacional, em 1937, *Histórias de Tia Nastácia*, em que esta conta histórias do folclore brasileiro às crianças do sítio; a personagem é assim definida por Pedrinho, no livro: “Tia Nastácia é o povo. Tudo o que o povo sabe e vai contando ela deve saber. Estou com plano de espremer Tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela”. In. LOBATO, M. *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo: Brasiliense, 1968. Cf. SILVA, R.A. “*Histórias de Tia Nastácia*. serões sobre o folclore brasileiro”. In LAJOLO, M.; CECCANTINI, J.L. *Op.cit*, pp. 373-388.

<sup>257</sup> Lobato fez uma adaptação de *Peter Pan*, publicada em português em 1930, pela Cia Editora Nacional, com tiragem de 5.000 exemplares; durante o Estado Novo, o livro fez parte da lista de livros proibidos pelo DEOPS (Departamento de Ordem Política e Social), sob a alegação de que “alimentava nos espíritos infantis, ‘injustificavelmente’, um sentimento errôneo quanto ao governo do país” e “incutia às crianças brasileiras ‘a nossa inferioridade, desde o ambiente em que são colcoadas até os mimos que lhes dão” Apud. VIEIRA, A.S. “Peter Pan lido por Dona Benta”. In. LAJOLO, M.; CECCANTINI, J.L. *Op. cit*, pp.171-183. Cf. também. VIEIRA, A.S. “Um inglês no sítio de Dona Benta: Estudo da apropriação da obra de Peter Pan na obra infantil lobatiana”. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/Unicamp, 1998. Em espanhol, *El niño que no quiso crecer*, foi publicado pela “Editorial Americalee” em 1945, com tradução de M.J Sosa e ilustrações de Arturo de Travi, com tiragem de 3.000 exemplares, ao preço de \$ 4 (quatro pesos).

Na sua penúltima carta fala de uma anterior que não chegou. Coitado do Garay. Si o amigo achar oportuno, podemos propor a Chave a Prensa. Temos amigos lá. Penas o amigo deve dicernos as condições que devemos apresentar a Prensa ou se quizer se entender, no aspecto econômico, directamente. Nos poríamos a disposição do jornal a tradução sem ônus algum. Até breve.

R. Prieto.



Pasta 20 2515

Papel Timbrado da Americalee.

Tucumán, 353

Buenos Aires, 24 de Abril de 1943.  
Sr. Monteiro Lobato  
Gusmões, 118  
São Paulo (Brasil)

Prezado Amigo:

Acusamos recibo da sua carta de 3 do corrente. Assim mesmo chegaram os livros, inclusive o dicionário. Muito obrigado a sua atenção. Só falta FÁBULAS<sup>258</sup> que ainda não chegou.

Disenhos: Nas escenas já chegamos a uma coisa boa. Vamos nos aproximando aos personagens. O problema fundamental está em Emília, que ainda não entrou na cachola do desenhista. Fornece-mos-lhe os últimos volumens recebidos, com a Nova Emília que é muito melhor que as anteriores. Pedrinho e Naricinho<sup>259</sup> ya estão bem, engraçados e vivos. Para o visconde, vamos tomar como modelo o último, da Chave e do Espanto das Gentes. De uma maneira geral, o que se nota nas últimas ilustrações, que são muito melhores que as anteriores, é a ausência de cenas das que são tão férteis os livros. Vamos carregar os volumnes nesse sentido, não multiplicando as personagens senão introducindo cenas maiores, de página cheia, e em cores. Dessa maneira e aproveitando alguns desenhos dos últimos, vamos iniciar a série. Ya mandamos fazer alguns clisés y na semana mandaremos, por via aérea as provas de grabado para que o amigo veja e opine.

COLEÇÃO: O problema dos desenhos (dos desenhistas) posivelmente vae fazer impossível a apresentação de toda a série, isto é, dos 26 volumens deste anno. Ya temos conversado sobre o particular com os vendedores de coleções (Editorial Losada) e chegamos a seguinte combinação: Dividir as obras em duas séries, série A de 14 volumens (os 14 iniciais com exceção de Novas Reinações que pasará a encabezar a série B) e a série B com 12 volumens, esta para o anno proximo.

---

<sup>258</sup> O livro *Fábulas*, publicado pela Monteiro Lobato & Cia no ano de 1922, com tiragem de 5.200 exemplares e aprovado pela Diretoria de Instrução Pública do Estado de São Paulo, surgiu a partir de uma re-escritura do livro lançado em 1921, ilustrado por Voltolino, *Fábulas de Narizinho*. O objetivo de Lobato com este livro foi "Tomar de La Fontaine o enredo e quanto ao urdimento andei ao sabor do meu capricho" (*Apud*, Sachetta. p. 80). Em fevereiro do ano seguinte, a *RB* veiculou anúncio das *Fábulas* "em edição escolar, muito augmentada, com desenhos em sombra" ao preço de 2\$500". Cf. *Revista do Brasil*, nº 73, janeiro 1922 e nº 86, fevereiro 1923. Em espanhol, *Las viejas fábulas* saiu em 1946, com tradução de M.J. Sosa e ilustrações de Gustave Doré.

<sup>259</sup> Pedrinho e Narizinho são, no "rocambole do sítio", netos de D. Benta. A menina vive no sítio com a avó e o menino passa férias eternas ao lado de Narizinho, sua prima, e das outras personagens do sítio.

Dessa maneira Losada pode iniciar as vendas para o mez de Novembro (que é o forte das vendas de livros infantis) e oferecer uma serie completa que vae abrir o caminho a nova serie do anno próximo. Para o anno se poderá oferecer a serie B. aos fregueses da A e a serie completa aos novos compradores. Losada achou optima a solução. Esperamos sua opinião a respeito.

PRESENTAÇÃO: Ya está estudado este problema. Os volumens serão encapados em linho e y temos encomendada a fazenda a uma estamperia que vae nos preparar o necessário estampando especialmente o linho com motivos dos livros e personagens em cores. O prezado amigo vae ver oportunamente que este aspecto, importantíssimo, foi tomado na devida consideração.

PROVAS: Na semana próxima comenzamos a composição e irão as provas. Dos novos volumens traducidos ya iremos tirando copia, na tradução, de maneira de enviar-la para seu examen ahí. Isto porque um grande problema está na conservação, en deposito, do cumbo de composição, escassísimo e impossível de conservar inmovilizado durante varios mezes.

A venda, em prestações, requer, efetivamente, emprego dum grande capital. Está fora das nossas possibilidades e mesmo ao margem de qualquer organização, porque é fundamental organizal-a. Editora Atlántida empregou mais de um milhão de pesos para organizar uma seção e assim fracassou. Só mesmo Losada, que trabalha desse jeito ha annos. No anno passado vendeu 4.000 coleções de Vigil (uma coisa mediocrísima). As vendas a prestaciones serão realizadas por elles.

Afectuosamente

R. Prieto.

Pasta 20 2516

Papel Timbrado da Americalee

Buenos Aires, 6 de Mayo de 1943.

Sr. Monteiro Lobato  
Rua dos Gusmões, 118  
São Paulo (Brasil)

Prezado Amigo:

Confirmamos nossa carta de 24 de Abril.

Assim mesmo, acusamos recibo de “Fábulas” e “Reforma da Natureza” que chegaram na segunda-feira.

PROVAS: Junto remetemos 9 provas de grabados para que o prezado amigo va vendo o que se faz em materia de desenho. As três cenas (Rabicó<sup>260</sup> nas unhas do polvo, a viagem de Naricinha pelo fundo do mar e a expulsão de Rabicó do quarto de Narizinha) estão reduzidas. O tamanho vae ser de página completa. Estes clichês são para os prospectos da propaganda. Outra observação: não preste atenção à Emília que vae na carroça; vamos fazel-a novamente porque é horrorosa. Pensamos que os dois garotos, a negra, o rabicó são satisfactorios. O visconde não é bem o que o amigo deu com o melhor, más vae se aproximando. Dona Benta<sup>261</sup> ainda não está, é preciso amenizar mais o manchão preto da saia. Emília é a mais difícil.

Como vê o amigo vamos progredindo. O fundamental é captar bem as personagens. O forte do desenhista está nas cenas (a de Rabicó com o polvo é muito boa, não acha?). É preciso tomar em consideração que só agora u home vae percebendo a psicologia dos tipos da sua criação e que na medida que for trabalhando vae melhorar muito mais. Para prova (estes son mais do que provas ainda) não está mal.

Na anterior já decíamos ao prezado amigo que vamos carregar nas cenas. Esa é uma laguna que se percebe nos volumens chegados. Pensamos que é preferível ilustrar mais na base do texto do que multiplicar a reprodução das personagens. Os garotos gostan das cenas que falam à imaginação de acordo ao texto.

Para fins de semana teremos as provas de alguns volumens e vamos envia-las as novas traduções que estão sendo feitas com cópia de forma a podermos enviar a cópia antes de ordenar

---

<sup>260</sup> Trata-se do porco do sítio, com quem Emília se casara, tornando-se a “marquesa de Rabicó”, já que o animal tinha o título de marquês. Em 1922 saiu, pela Monteiro Lobato & Cia, o livro *O Marquês de Rabicó*, incorporado, em 1931, à obra *Reinações de Narizinho*.

<sup>261</sup> D. Benta é a dona do sítio do Picapau Amarelo e avó de Pedrinho e Narizinho. É a responsável por contar as histórias às crianças do sítio, tanto assim que, na maioria das histórias, a narradora das aventuras das crianças é Dona Benta, personagem comentada em diversos textos sobre a saga do sítio. Cf. COELHO, N.N. *A literatura infantil: história, teoria e análise*. Brasília: INL, 1981.

a composição. Dessa maneira o amigo poderá com suficiente anterioridade leer os originais e fazer as correções que achar necessaria, sem que isso signifique excessos de correição.

Na semana proxima publicamos o primeiro número do “Boletín Bibliográfico Americalee”<sup>262</sup>, instrumento de propaganda para nossas colecções que dedica já uma boa parte do espaço coleção infantil. Vamos enviar alguns exemplares.

Esperamos suas notícias sobre a modalidade que vamos adotar (divisão em dois colecções) que comunicamos en nossa anterior. Dessa maneira poderemos ofrecen a venta em colecções este anno.

Gratos, disponha sempre dos seus amigos affms.

Sem assinatura, mas pelo contexto, pode-se atribuir a Ramón Prieto.

---

<sup>262</sup> O “Boletín Bibliográfico da Americalee” visava a apresentar as colecções da editora ao público. A iniciativa teve início em 1943.

Pasta 20 2517

Papel Timbrado Americalee.

Buenos Aires, 24 de Maio de 1943.

Sr. Monteiro Lobato  
Rua dos Gusmões, 118  
São Paulo (Brasil)

Prezado Amigo:

Acusamos o recibo de sua carta de 28/4. Escrevemos ao amigo em 30/3, 8/4, 24/4 e 6/5. Junto a esta última seguiram 11 provas de grabado. Estamos esperando suas notícias para mandar fazer a coleção completa de grabados correspondentes a “Reinações de Narizinho”, primeiro dos volumes da serie. Insistimos que esas amostras enviadas não são as definitivas. Apenas tinham a missão de que o amigo julgara da “conseição do desenhista” em quanto as cenas.

Já escrevemos a Sra Villareno<sup>263</sup> convidando-a a uma visita ou que nos indique quando poderíamos visitá-la. Se ya traduciú a Gramática, vamos aproveitá-la. Em caso contrario, não esqueça que esse volume ia ser traducido ahí, com a cooperação do Nuñez-Arca.

Confirmamos, no que diz ao presente anno, o que já tínhamos adiantado ao amigo: vamos lanzar 12 volumens (os 12 primeiros) que Losada vae vender a pazos, sob o título de Primeira Serie. Os 14 restantes para o anno, como Segunda Serie e Serie Completa aos novos compradores. O problema dos desenhos não permite outra solução. Na medida que forem aparecendo, nós realizamos as nossas vendas directas as livrarias, independentemente das vendas que realizar depois Losada, que só venderá en coleção num movel apropriado.

As traduções listas são: Naricita, Viagem ao Céu, Minotauro, Geografia, Aritmética e Chave do Tamanho. Estou terminando Caçadas e logo depois Hans Staden. Estas últimas ya estão sendo feitas com copia, de forma que não seja preciso esperar provas de composição para enviá-lhas ao amigo. Nos próximos dias vão começar a compor Naricita e seguir com o resto. Ainda não se fez a causa dos desenhos (pelo problema dos recorridos). De todas as formas pensamos que comecem a aparecer em Setembro, pois Losada precisa a totalidade a meados de novembro, quando os seus corredores saem a vender exclusivamente bibliotecas de caracter infantil.

Aguardamos suas notícias sobre as cenas. Até breve, disponha sempre do amigo grato

R. Prieto (assinatura e carimbo da editora)

---

<sup>263</sup> Maria de Villarino (1905 - 1994), escritora argentina, que em 1943 publicou pela “Editorial Losada” o livro de contos *Pueblo en la niebla*. Cf. o site da Biblioteca del Congreso de la Nación: <http://www.bcnbib.gov.ar/> último acesso: 12/02/2009.

Pasta 20 2518

Buenos Aires, 4 de Junho de 1943

Sr. Monteiro Lobato  
Gusmões, 118  
São Paulo (Brasil)

Prezado Amigo:

Recebemos suas cartas de 8 e 20 do passado. Já acusamos ter recebido “FABULAS”. O que ainda não chegou é ERAMOS SEIS<sup>264</sup>. Estamos plenamente d’acordo com seu pensamento no que diz respeito a necessidade de publicar, com o número 1 e 2 Reinações e Novas Reinações<sup>265</sup>. D’acordo, pois. Estes dois volumens vão iniciar a serie deste anno.

Disenhos: Temos tornado a estudar esta questão d’acordo ao teor da sua carta. Não há duvida que o J.U.Campos tem melhorado infinitamente os desenhos dos seus livros. Há, porém, uma questão muito importante a nosso ver: é a necessidade de unificar a coleção, inclusive, e principalmente, nos desenhos. O amigo tem visto como encaramos esse problema; sem pressa e, especialmente, dispostos a não sacrificar os livros pela possibilidade, a veces seductora, dum negocio editorial imediatista mais que conspira contra a continuidade das edições, que é nosso objetivo fundamental. A proposta da sua carta é, economicamente, muito vantajosa, mas não parece muito prática. Seria necessário completar o volume com cenas feitas aquí e, sem duvida, lá iria a unidade do volume ao beleleu. O desenhista autor das amostras enviadas tem trabalhado muito neste último mês; demos-lhe o modelo do visconde e da Emília realizado por Campos para que se adapte a elles. Temos insistido muito no aspecto que senhala sua carta: que o visconde é solemníssimo e não apalhasado e que Emília tem uma psicología especial. Fornecemos-lhe as traduções para que se illustre melhor e pensamos que vae melhorar muito o trabalho, a julgar pelos novos bocetos que nos traz.

Parece, pois, prezado amigo, que o certo é insistirmos aquí, até conseguir aproximar-nos ao que todos desejamos. O nosso desenhista está entusiasmado com os livros e disposto a

---

<sup>264</sup> *Éramos Seis*, da Sra Leandro Dupré (Maria José Dupré 1898-1984), foi publicado em 1943 pela “Editora Brasiliense” e teve como prefaciador Monteiro Lobato, que escreveu o texto “Prefácio a *Éramos Seis* Da Sra Leandro Dupré”. Cf. Lobato, M. *Prefácios e Entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1964, pp. 43-57. Lobato comenta com Rangel sobre o livro de Dupré: “Como nos envenenou aquela gente que andamos a ler na mocidade! Só agora me sinto completamente sarado, graças á medicação Dupré. Para que bem me entendas, terás que ler o ÉRAMOS SEIS, romance que a Editora acaba de publicar com prefacio meu, que a autora não encomendou, pois nem sequer de vista a conheço. O caso me interessou tanto (li o livro em provas), que me lancei a esmiuça-lo nesse prefacio. Carta de 01.02.1943. In. LOBATO, M. *Op. cit.*, pp. 338-344.

<sup>265</sup> *Novas Reinações de Narizinho* foi publicado em português no anno de 1933, pela Cia Editora Nacional, dois anos depois de *Reinações de Narizinho*. Cf. CAVALHEIRO, E. *Op. cit.* Em espanhol, *Nuevas Travesuras de Naricita* saiu pela “Editorial Americalee, em 1945, com tradução de Ramón Prieto, ilustrações de Silvio Baldessari, com tiragem de 6.000 exemplares, a \$ 4 (quatro pesos) cada. Cf. [http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/biblioteca\\_lobatiana.htm](http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/biblioteca_lobatiana.htm). Último acesso em 12/02/2009.

esforçar-se até chegar a apanhar de facto as personagens. Tem maior boa vontade e nenhum complexo de suficiência, essencial isto para o caso. Vamos a enviar-lhe os desenhos para que o amigo verifique os progressos realizados. Entre tanto, isso não significa desistir da oferta que faz na sua para a Viagem ao Céu. Veremos ao receber os desenhos se é possível lograr unidade somando-lhe as cenas que forem necessárias. Insistimos num aspecto do negocio que ya temos debatido com o amigo suficientemente: e que temos estudado muito bem o negocio e que este nos é interesantíssimo nas suas possibilidades de continuidade, isto é, duma política de reedições ininterrupta. E nestas condições, sem pecar de utópicos, não podemos esperar que inicialmente se chegue ao ideal, tanto em desenhos como em todos os aspectos materiaes dos livros. Será um trabalho de superação e de experiência para o qual temos verdadeira vontade e o espírito de auto crítica indispensável.

Na segunda-feira vae a primeira copia da versão castelhana. E da Viagem ao Céu. Os outros vão segui-la na medida que forem compostos, pois não se faz copia. Mas como de todos vamos faze-la agora, o amigo vae receber a curto prazo Novas Reinações, Caçadas e Hans Staden.

Logo que recebermos ERAMOS SEIS avisaremos. Entretanto, muy grato a tudo e disponha sempre dos amigos aff.obds.

R. Prieto (assinatura e carimbo da editora)

Pasta 20 2519

Buenos Aires, 11 de Agosto de 1943.

Sr. Monteiro Lobato  
Gusmões, 118  
San Paulo (Brasil)

Prezado Amigo:

Só algumas líneas para lhe propor um negocio: Tenho um contrato con uma agencia de publicidade radial para fazer uma audição para creanças. Tinha-mos pensado, inicialmente, adaptar em forma de conto animado os livros de Henry Favre<sup>266</sup>, sobre a vida dos insetos. Faz dias, porem, fallei-les dos seus, que penso sejam muito melhores para o que se quer fazer e lhes fornecí uma síntesis de “Geografia”, “Minotauro”, “Viagem ao Céu”. Temos feito uma prova, juntamente com o Sr. Alberto Bianchi<sup>267</sup>, que é especialista nesses assumtos de adaptação ao radio e a opinião geral é que seria um sucesso.

Se trata, agora, desses tres volumens; as mesmas personagens, ficando as centraes, Emília, Naricinha e Pedrinho, que dão a volta ao mundo no veleiro de Vito Dumas<sup>268</sup>, o navegante solitário argentino que chegou nesses días. Essa obra dará 35 episodios; a Viagem ao Céu uns 25 e o Minotauro uns 30. Em total uns 80 episódios.

A adaptação será feita pelo sr. Bianchi e eu, previa tradução dos livros. Ainda não sei o título da audição, mais parece que será “Audición Infantil Argentina”<sup>269</sup> (Adaptação da obra de Monteiro Lobato). As condições são as seguintes: 35 pesos de direito por episodio, recebidos por intermédio de “Argentores” (Sociedad Argentina de Autores) que desconta 10% de comissão. Ficam, pois 31,50 pesos. A proposta que estou autorizado a lhe fazer é a seguinte: \$10 m/arg<sup>270</sup>. Por cada episodio, que o amigo receberá directamente da Argentores ou da Agencia “ORA” (Organização Radial Argentina). Isso e tudo.

Mais precisaria uma resposta urgente sua. A audição começa no dia 15 de Setembro e é preciso preparar uma obra completa antes de iniciar a audição, pois a Rádio-Comunicação exige

---

<sup>266</sup> Henry Favre (1901-1966), professor suíço, teve diversos livros voltados para o estudo de insetos e da área de engenharia, publicados em francês e em espanhol. Cf. [www.loc.gov](http://www.loc.gov). Último acesso em 12/02/2009.

<sup>267</sup> Houve, na Argentina do período, mais de um Alberto Bianchi: um integrou o grupo de colaboradores da revista de caráter anarquista *La Antorcha*, publicada na Argentina entre os anos de 1921-1931; o outro, músico, compôs o grupo “Café de los Maestros”. Por hipótese, o provável Bianchi a que Prieto se refere é o segundo.

<sup>268</sup> Vito Dumas (1901-1965), navegador argentino, ficou conhecido em Buenos Aires como “El navegante solitário”; em 1942, partindo de Montevideo, começou sua viagem cujo objetivo era dar a volta ao mundo. Em 07 de agosto de 1943 retorna a Buenos Aires, depois de percorrer 22.000 milhas.

<sup>269</sup> Este era o nome do programa que seria transmitido pelo rádio.

<sup>270</sup> m/arg é abreviação de moeda argentina .



que seja assim. Poderia o amigo mandar um telegrama dizendo só “aceito condições” e depois confirmar por carta aérea? Dessa forma ganharíamos um tempo precioso.

A audição será, além do mais, uma grande propaganda para a editorial. Peso-lhe pois resolva.

Minha função, em Americalee, está reduzida a tradução dos seus livros. Amanhã entregarei, com cópia, como “Viagem ao Céu”, “A Caçadas”.

Saudações Afectuosas

R. Prieto.

Para toda correspondencia R. Prieto y A.Bianchi

“Unión Cinematográfica Argentina”<sup>271</sup>

Sarmiento 846 – 3º piso

Buenos Aires.

---

<sup>271</sup> Não foi encontrada nenhuma referência à Unión Cinematográfica Argentina.

B. Aires, julio 12<sup>272</sup>

Mi querido colega:

Junto con esta carta recibirá usted el Saravia<sup>273</sup>. He enviado otro a la Editora Brasiliense<sup>274</sup>. Me quedaban cinco ejemplares. Ahora me quedan tres.

En cuanto escriba usted a la editora, le ruego que me lo comunique, para hacerlo yo también.

En estes días reaparecerá mi novela *Hombres en Soledad*<sup>275</sup>, que se publicó en 1938 y lleva vendidos 15.000, lo que es mucho para la Argentina. Creo que le interesará. Le enviare el primer ejemplar.

Salúdalo mui cordialmente

Manuel Galvão<sup>276</sup>

Santa Fe 3018<sup>277</sup>

---

<sup>272</sup> A carta pode ser de julho de 1944, dado que a fundação da Brasiliense só ocorreu em novembro de 1943, e a carta é de 12 de julho; acrescenta-se a isto, o fato de o livro *Hombres en Soledad* ter segunda edição em 1944.

<sup>273</sup> Trata-se da biografia *Vida de Aparício Saravia* (1856-1904), escrita em 1942, por Gálvez, com edição paga por ele. Segundo o autor, "El Partido Nacional uruguayo me compró una cantidad de ejemplares, y otra un librero montevideano". Los dos mil ejemplares restantes los administró El Ateneo. Cf. GÁLVEZ, M. *Op. cit.* Vol. II, p. 456.

<sup>274</sup> A Editora Brasiliense foi fundada em novembro de 1943 por Caio da Silva Prado (1872-1947), Leandro Dupré (1905-1984), Hermes Lima (1902-1978), Arthur Neves (1916-1971) e Caio Prado Júnior (1907-1990). Três anos depois de seu surgimento, em 1946, a casa editora triplicou o capital e teve a adesão de mais oito sócios, dentre eles, Monteiro Lobato, que tinha profunda identificação com o projeto editorial, iniciado na década de 1940, com o lançamento da revista *Hoje*. Cf. SACHETTA, V. et al. *Op. cit.*, p. 193-194.

<sup>275</sup> *Hombres en Soledad*, foi publicado, com tiragem de 10.000 exemplares, pelo Club del Libro, de propriedade do italiano Clemente Pellegrini. Cf. GÁLVEZ, M. *Op. cit.* Vol. II, p.371.

<sup>276</sup> Manuel Gálvez, provavelmente na tentativa de aporuguesar seu nome, escreveu Manuel Galvão.

<sup>277</sup> Endereço de Gálvez na capital argentina.

Pasta 20 2520

Papel Timbrado Ediciones del TRIDENTE<sup>278</sup>  
Av. R.S.Peña 868 – U.T 34-9438

Buenos Aires – Rep. Argentina

Buenos Aires, 29 de Agosto, 1944

Sr. Monteiro Lobato  
Alabastro, 299<sup>279</sup>  
São Paulo

Prezado Amigo:

Ontem recibí a sua de 22 y agradeço muito a atenção da sua lembrança. Bolas para os traductores que colaboram! Quem quizer escrever um livro que o faça. Traducir e escrever “ao ditado do otro” e o problema radica precisamente nisso: em fazer uma astração completa de si mesmo e ouvir o ditado. Duma manera geral quem escreve luta instintivamente contra isso. Nos seus livros o problema é menor, pois são tão legitimamente infantis (diafanidade, amenidade, interesse, exaltação do que tem de mais nobre a garotada) que a idéia de colaborar, que está intimamente ligada a da superação, é burrice. Palavra que é muito agradável saber que achou boa a tradução.

Antes de sahir da “Americalee” ficou terminada a da “Novas Reinações”, Caçadas de Pedrinho, O Sacy, O Minotauro, A Chave do Tamanho, Viagem ao Céu, e Serões. Uma señora de La Plata<sup>280</sup>, escritora ultimamente premiada, estava fazendo a Gramática. Os outros volumens não sei quem vae traducir. Aqueles amigos tiveram comigo um desentendimento que começou com o assunto do bom Garay e terminou acedando até determinar a minha saída. Coisas que acontecem todos os dias mais que eu achei safadeza depois de haber levantado cuasi sosinho a editorial com um trabalho de 20 horas diarias. Pasei alguns meses na direção da “Interamericana” y agora, faz uns 40 días comecei a organizar a “El Tridente” com um amigo español e uns capitalistas de Rosário<sup>281</sup>. Parece que desta vez vae.

---

<sup>278</sup> “Ediciones Del Tridente” foi a editora em que Ramón Prieto trabalhou, depois que saiu da direção da “Editorial Interamericana” e da “Americalee”.

<sup>279</sup> Endereço residencial de Monteiro Lobato.

<sup>280</sup> La Plata é a capital da província de Buenos Aires, que foi fundada por Dardo Rocha, em 19 de Novembro de 1882.

<sup>281</sup> Rosário é uma das principais cidades argentinas. Sua fundação teve um longo processo de formação, que se estendeu de 1689 até 1751.

Tenho notícias das “Travesuras”<sup>282</sup> e sei que vão muito bem. A época de grandes vendas desse tipo de literatura, até que os leitores daqui conheçam melhor as suas obras, são os próximos Outubro o Novembro, até Fevereiro Americalee tinha, quando saí, um começo de contrato com Editorial Losada para distribuição no Uruguay de seus livros e Losada vende, habitualmente, com uma literatura vagabundíssima, mais de 5.000 coleções de livros infantis em Montevideo. Cada uma dessas coleções tem uns 20 volumens. Isso sem contar a América Central e México que consomem grandes quantidades de livros de literatura infantil e que quando conhecerem os seus vão consumir muito mais. O ponto desagradável disso está na concepção “bolichera” que tem Americalee dos problemas editoriais. Falta espírito de empresa, audácia e conhecimento que tem na mão. A propaganda, pois, não vale ser muita. Este é o problema. Se eu tivera na minha editora uma coleção desse tipo tenho a certeza de colocar mais de 100.000 exemplares no primeiro ano e duplicar a venda o seguinte.

O assunto dos direitos de autor não pode ser encarado com a S.A de A<sup>283</sup> (Argentores) pois estes se ocupam, exclusivamente, de direitos teatrais, cinematográficos. O amigo deve ter aqui algum amigo a quem enviar um poder para que controle as tiragens, faça as liquidações trimestrais ou semestrais e deposite, ao seu nome, num banco da cidade, o producto. A experiência mostra que não se deve acumular direitos nas mãos dos editores, pois estes sempre acham excessivo o que pagam ao autor e é o diabo. De todas maneiras vou le informar con frecuencia marcha do livro. Tenho elementos para poder fornecer-lhe dados certos e bons sobre vendas, tiragens, etc. Si o amigo preferir um representante comercial profissional, isto é, um destes amigos que se ocupam exclusivamente de representar autores yanquis e ingleses, conheço alguns deles, com os que tenho relações diárias. Disponha a vontade e sem nenhum constrangimento. Aquí, no “Tridente” temos como sócios a dois advogados especializados em direitos de autor que são uns “feras”. Imagine que cobraram ao TOR, que não paga a ninguém, nada menos que 118.000 pesos argentinos pelos direitos das obras completas de Perez Galdos<sup>284</sup> que esse safado tinha “raqueteado” tranqüilamente. Um deles é o Dr. Maañon<sup>285</sup>. Se o amigo quizer poderá representá-lo sem nenhum interesse comercial.

---

<sup>282</sup> *Travesuras de Naricita* é a versão espanhola de *Reinações de Narizinho*.

<sup>283</sup> S.A.de A. é a abreviatura de Sociedad Argentina de Autores, mais conhecida como Argentores, preocupada em difundir e proteger as obras de escritores de rádio, cinema, teatro e televisão.

<sup>284</sup> Benito Perez Galdós (1843-1920), escritor espanhol, que teve seus relatos sobre a História da Espanha, publicados por Torrendell, na Argentina, em 1943, como parte da coleção “Episodios Nacionales”. Além disso, durante os anos 40, Perez Galdós teve diversos de seus livros publicados pela “Editorial Losada”. Cf. GÁLVEZ, M. *Op. cit.* Cf. também: <http://www.bcnbib.gov.ar/> último acesso em 13/02/2009.

<sup>285</sup> José F.Maañon Lopez, um dos sócios da “Ediciones del Tridente”.

Por minha parte não preciso dizer-lhe que estou as suas ordens e que me dará un prazer se me encarregar de cualquier coisa que seja do seu interesse. Não va se preocupar pelo tempo, pois é um problema de vontade e não de horas. Não duvide, pois, caro amigo, em dispor de mim em qualquer coisa que julgar necesario. Isto com a maior franqueza.

“Tridente” está organizando seis coleções: a) – Técnicos, isto é, mecánica, dinámica, electricidade, etc. b) – Estúdios Médicos. Se trata de monografías, por especialidades, asignadas pelos melhores médicos do paiz. – c) – Literatura e estudos franceses, em francés. O primeiro volumen a sahir no próximo día 4 e “Histoire de la Comune” de Lissagaray<sup>286</sup>. d) – “El vuelo de la gaviota” uma coleção para, literatura romântica. e) – Biografias. Temos as de: Musset<sup>287</sup>. Diderot<sup>288</sup>, Kipling<sup>289</sup>, Stendhal<sup>290</sup>, Dumas<sup>291</sup> pae, Ignácio de Loyola<sup>292</sup>, Gerard de Neval<sup>293</sup>, etc, etc,etc. f) – Romanas. Ainda sem nenhum preparado.

Penso que o amigo nos poderia recomendar, para tradução do português, alguns volumens para a coleção de mulheres e as Grandes Novelas. Para não lhe dar excesivo trabalho, si lhe é possível, recomendeme os títulos e os autores, que eu escrevería as editoriais pedindo os direitos e o original. Há muita coisa por esa para esta coleção. Eu estou meio esquecido do romanticismo brasileiro.

Obrigado desde ya. Se souber d’algum bom romance nacional, não duvide en recomendarlo.

Até breve e disponha sempre do seu amigo obrigado.

R. Prieto

---

<sup>286</sup> *Histoire de la Commune de 1871*, de Prosper-Olivier Lissagaray (1838-1901), publicado pelas “Ediciones del Tridente” em 1944.

<sup>287</sup> Alfred Louis Charles de Musset (1810-1857), escritor do romantismo francês, que teve seu livro *Cuentos* publicado em 1944, pela “Editorial Espasa-Calpe”, da Argentina.

<sup>288</sup> Denis Diderot (1713-1784), filósofo e escritor francês, que teve suas *Obras filosóficas* traduzidas para o espanhol e publicadas pela “Editorial Tor”. Cf. <http://www.bcnbib.gov.ar/> último acesso em 13/02/2009.

<sup>289</sup> Joseph Rudyard Kipling (1865-1936), escritor de origem indiana que viveu na Inglaterra. Em 1948, foi traduzida e publicada pela “Editorial Espasa-Calpe”, da Argentina, a novela *Capitanes Valientes*.

<sup>290</sup> Henry-Marie Beyle (1783-1842), escritor francês, ficou conhecido sob o pseudônimo de Stendhal. Diversos livros de Stendhal foram publicados na Argentina entre as décadas de 1940 e 1950. Em 1942, a W. M.Jackson, editora argentina, publicou *La cartuja de Parma*. Cf. site da Biblioteca del Congreso de La Nación Argentina: <http://consulta.bcn.gov.ar> último acesso em 13/02/2009.

<sup>291</sup> Alexandre Dumas pai (1802-1870), romancista francês, teve por nome de batismo Dumas Davy de la Pailleterie. Dumas teve diversos de seus livros traduzidos para o espanhol e publicados por diversas editoras argentinas. Dentre as obras vertidas para o espanhol está a novela *Mil y un fantasmas*, publicada em 1946 pela editora “Emecé”, de Buenos Aires, na coleção “Biblioteca Emecé de Obras Universales”.

<sup>292</sup> Ignacio de Loyola (1491-1556), soldado espanhol, um dos fundadores da Cia de Jesus e em 1622, foi canonizado, passando a ser Santo Ignacio de Loyola. Sua obra *Ejercicios Espirituales* foi publicada na Argentina por três casas editoras diferentes: “Gladium” (1938), “Cultural” (1942), “Difusión” (1943). Cf. <http://www.bcnbib.gov.ar/> último acesso em 13/02/2009.

<sup>293</sup> Gerard de Nerval (1808-1855), escritor francês. Em 1944, a “Editorial Emecé” publicou o livro de poesias *Las hijas del fuego*. Cf. <http://www.bcnbib.gov.ar/> último acesso em 13/02/2009.

Pasta 20 2521

Papel Timbrado de Ediciones Del Tridente

Buenos Aires, 17 de setiembre de 1944.

Presado Amigo Monteiro Lobato

Primo: Muito obrigado pelos termos da sua carta. Fico-lhe penhoradíssimo pelo companheirismo e fraternidade que, desde há muitos annos, junto com uma emcionada admiração, tinha pelo creador desses garotos maravilhosos a quem a gente quer tanto que até agora gostaria que fossem nossos filhos. Sua carta de 10, prezado amigo, me encheu de contentamento. E, ainda, das notícias do Caio<sup>294</sup>. Ha muito que não se sabia delle e faz perto dum anno que o Leborio Justo<sup>295</sup> me falou dum livro delle que tinha recebido, e do cual andaba enamorado. Más u homem não quiz emprestar nem a pau y poco depois o perdi de vista. Quando ver o Caio façame o favor de dar-lhe um grande abraço por mim.

Segundo: O Tridente gostaria imensamente de poder editar, a caixa batida, os 12 trabalhos de Hercules. O problema de fazer uma coleção infantil está latente, desde o día que se fundou a editorial, mais faltaba o fundamental, os livros. Tenho recebido uma oferta de Montevideo, de Montiel de Balesteros<sup>296</sup>, mais os livros delle são desse tipo de literatura infantil que debía ser prohibida. E o diabo como essa gente subestima a mentalidade das creanças! Porem, si podermos dispor dos 12 trabalhos (penso que o seu compromisso com Americalee não os atinge) então a coisa poderia marchar de inmediato. Para que julgue das possibilidades, vão alguns dados. Tridente realizou um capital de 250.000 m/arg. É sociedade anônima. A direção técnica-literária me foi encomendada, mediante uma remuneração e o 15% do capital. Há um director administrativo, o Dr. Pelayo Sala<sup>297</sup>, hespanhol, refugiado e ex-ministro. Aqui, sim, poderíamos preparar um plan de propaganda para toda América, pois se dispoen dos meios econômicos para

---

<sup>294</sup>Caio Prado Júnior (1907-1990), um dos fundadores da editora Brasiliense e historiador, que em 1933 publicou *A Evolução Política do Brasil*, e em 1943, mesmo ano de fundação da Brasiliense, *Formação do Brasil Contemporâneo*; em 1946, prefaciou a edição de *O Escândalo do Petróleo*, de Monteiro Lobato, publicado por sua editora. Em 1947, Lobato se mudou para um apartamento cedido por Caio Prado no último andar da editora Brasiliense. Cf. SACHETTA, et al. *Op. cit.*p. 193.

<sup>295</sup> Libório Justo (1902-2003), militante comunista e editor do jornal *Lucha Obrera*. O acervo do argentino está depositado no AEL (Arquivo Edgard Leuenroth) do IFCH-Unicamp.

<sup>296</sup> Adolfo Montiel de Ballesteros (1888-?), escritor uruguaio. Seu livro de estreia foi *Cuentos Uruguayos*, publicado em 1920. Em 1941, publicou, pela "Editora Uru", do Uruguai, *Querencia*, resultado da compilação de contos publicados em *Fábulas*, de 1923, *Los rostros pálidos*, de 1924, *Luz Mala*, de 1927 e *Querencia*, de 1941. Em 1935, a peça "Farsa" estreou em Buenos Aires, pela Cia de Teatro del Pueblo. A seção "Bibliographia", da *Revista do Brasil* de 1923, trouxe uma resenha sobre o livro *Cuentos uruguayos*, de Ballesteros, publicado na Itália. Cf. *Revista do Brasil*, nº 85, janeiro 1923, p.72. A biblioteca do IEL – "Coleção Brito Broca" – contém os volumes *Fabulas*, *Florença: la maravillosa ciudad* e *Querencia*. A "Editorial Americalee" publicou livros de Ballesteros para crianças, na década de 1940.

<sup>297</sup> Dr. Pelayo Sala, editor espanhol, natural de Santander, que se emigrou para a Argentina; foi um dos diretores administrativos da "Ediciones Del Tridente".

fazel-o além de representação agil e boa em todos os países do continente. A oferta é normal; 10% sobre valor tapa (preço ao público) e adiantamento sobre a primeira edição, se o amigo assim quiser. Diz na sua que vão aparecer muito bem ilustrados. Poderíamos entrar em acordo para o aproveitamento das ilustrações na edição hespanhola. Quando escrever peso-lhe estabelecer as bases sobre as que poderíamos chegar, o mais rapidamente possível, a um acordo. E se estiver disposto a aceitar, em princípio, despachar os originaes a brevidade.

Representante: Penso que quem poderia atender seus negócios, com maiores vantajens para o amigo, e o Dr. José F. Maañon Lopez, sócio do Tridente em representação dos capitalistas do mesmo. É pessoa da maior confiança e muito capaz. Foi elle, con o Sala, os que conseguiram cobrar o TOR. Tenho falado com ele e junto a esta segue uma sua, de acordo ao seu pedido. Fazem dois días chegou um amigo do Nuñez e me trouxe uma carta delle. Foi logo a Montevideo y debe voltar amanhã o depois. Temos ficado em jantar juntos e conversarmos mais longamente amanhã vou escrever a ese amigo.

Uma das melhores coisas que tem feito Americalee é a edição das obras completas de Barret<sup>298</sup>. Pocas veces, como nelle, se da o milagre dum admirável e maravilloso escritor que é, sobre tudo, un admirável e maravilloso homem. Conhecí a mulher e a filha, que moram em Assunción (Paraguay) desde a morte do apostol. Por que era uma apostol na melhor forma do termo. Aquí ficam ainda alguns amigos do Barret. Gonzalez Pacheco<sup>299</sup>, Badaracco<sup>300</sup>, Grimonte<sup>301</sup>. Por elles conheço, em parte, a vida delle, uma tragedia repetida exhaustivamente sem que miséria física, econômica, política e moral o abatese jamás. Não se sabe seu nome (Barret é pseudônimo sob o que escondeu sua condição, cuando foi victima, en Madrid, duma intriga infamante). Mais pocas veces alguien falou com voz tao pura e clara pelos direitos dos miseráveis. – Até breve e aceite um abrazo.

R. Prieto

---

<sup>298</sup> Rafael Barret (1876-1910), escritor e jornalista espanhol. A reunião de crônicas intitulada *El dolor paraguayo*, publicada em 1910, inscreveu Barret no cenário da literatura paraguaia.

<sup>299</sup> Rodolfo Gonzalez Pacheco (1882-1949), escritor argentino que, através de seus textos, expunha suas ideias anarquistas. Devido às convicções políticas semelhantes, conhece Barret. Em 25 de março de 1921, saiu o primeiro número da revista anarquista Argentina *La Antorcha* e Gonzalez Pacheco tornou-se colaborador da publicação.

<sup>300</sup> Horacio Badaracco, jornalista argentino, colaborou na revista *La Antorcha*.

<sup>301</sup> Não se obtiveram dados que levassem à biografia de Grimonte.

Pasta 20 2522

Papel Timbrado da Editorial Del Tridente

Buenos Aires, 10 de Octubre de 1944.

Caro Amigo Monteiro Lobato

Acuso recebimento das suas de 26/9 e 2/10. Fique tranqüilo com o negócio da Geografía. E o diabo esse pessoal da Americalee. Tem a tradução feita por mim e sabiam que o original, corregido pelo amigo, estava em meu poder. Já o fiz chegar aos interessados. Estamos esperando a remessa dos originaes e os desenhos dos Trabajos de Hercules. Com esa coleção fica preenchido o nosso plano editorial. Vamos fazer tudo quanto for necessário e aconselhável para que a coleção dos garotos seja conhecida em toda América. Apenas cheguem os primeiros originaes prepararei o plano de propaganda, consultando-o sobre esse aspecto da questão. Publicações em revistas infantis, propaganda direta sobre todas as livrarias do continente (temos uns 4 mil endereços seleccionados) e a fita de desenhos animados que tinha planejado para Americalee. Alem disso vamos preparar com os nossos distribuidores outro plan comum de propaganda, financiado metade e metade mediante uns descontos especiais no primeiro anno. Fique tranqüilo nesse aspecto da questão. Os trabalhos vão ser uns dos fundamentos do Tridente e os amigos que formam parte da sociedade tem espeiritu de empresa para compreenderem que é preciso plantar para colher.

Cuando escrever faça o favor de anunciar, com possível aproximação, a época da chegada de originaes e desenhos. É possível que eu possa fazel-os retirar, ahí, em São Paulo, por um amigo que viaja com frecuencia e dessa manera chegariam antes e com mais seguridad. Espero suas notícias a respeito.

Outro sim: Informe sobre o tamanho que resolverem fazer ahí. E importante fugir ao tipo de libro comum para adultos, procurando um formato maior, ainda que isso faça menor número de páginas.

SEM A CAMA PRÓPRIA: Há uma novela de Walt Liuton<sup>302</sup>, edição da Civilização Brasileira<sup>303</sup>, tradução do seu filho, segundo penso. Tenho interesse nos direitos desse livro.

---

<sup>302</sup> Os dados referentes a Walt Liuton não foram encontrados.

<sup>303</sup> "Editora Civilização Brasileira", fundada em 1929, no Rio de Janeiro, por Getúlio Costa; em 1932, a Cia Editora Nacional, de Octalles Marcondes Ferreira, comprou a Civilização Brasileira, tornando-se, assim, pioneira na distribuição de literatura nacional de uma cidade a outra. Segundo Sorá, a "Civilização Brasileira era, antes que nada, umas das principais livrarias da cidade na qual a CEN (Cia Editora Nacional) depositava, prioritariamente, os programas de edição de autores de literatura estrangeiros. A literatura nacional com títulos de autores de grande reconhecimento (Lobato, alguns títulos de Afrânio Peixoto, de Paulo Setubal, de modernistas de vinte, etc.) foi uma categoria obrigatória para o reconhecimento cultural da CEN. À medida que esta mediação deixou de ser imprescindível, o selo Civilização Brasileira absorveu grande parte dos projetos editoriais literários que haviam nascido no interior da CEN, atuando sempre como a cabeceira de praia desta editora na capital do país". Cf. SORÁ, G. "Brasilianas: A casa José Olympio e a instituição do livro



Podería me dicer se eses direitos, incluindo os castelhanos, o tem a Civilização ou os editores yanquis? Obrigado.

Com o Congresso Eucarístico<sup>304</sup> vamos ter cuatro feriados. Penso sahir na sexta-feira para Montevideo y voltar na segunda seguinte. Se tivesse a sorte de la pegar o Caio tería uma grande alegria. Asim que o home vae casar? Que bárbaro! Isso me faz lembrar um profundísimo pensamento do Barão de Itararé<sup>305</sup>. “O homem é um bicho besta, a mulher também”.

Até breve e disponha sempre

Prieto

---

nacional”. Tese de Doutorado: Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1998, p. 257-258. Em 1933, a editora inaugurou sua livraria, na rua 7 de setembro, 162. Cf. MACHADO, Ubiratan. *Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008, pp. 135-138.

<sup>304</sup>O IV Congresso Eucarístico Nacional da Argentina aconteceu de 15 a 20 de outubro de 1944 na cidade de Buenos Aires.

<sup>305</sup>Apparício Fernando de Brinkehorrff Torelly (1895-1971), jornalista gaúcho; colaborou no jornal carioca *Correio da Manhã* entre 1925 e maio de 1926, quando fundou, no Rio de Janeiro, o jornal *A Manhã*, levando consigo o ilustrador Andrés Guevara; entre 1938 e 1942 foi colaborador do também carioca *Diário de Notícias*. O título Barão de Itararé foi dado por ele mesmo, durante a revolução de 1930, proclamando-se herói de uma batalha que não aconteceu. Em 1985, foi lançado pela “Editora Record” o livro *Máximas e Mínimas do Barão de Itararé*, coletânea organizada por Afonso Félix de Souza.

Pasta 20 2523

Papel Timbrado Tridente

Buenos Aires, 13 de Janeiro de 1945.

Sr. Monteiro Lobato  
Alabastro, 299  
São Paulo (Brasil)

Caro Amigo:

Venho de receber a sua de 3. Escrevi ao amigo días antes de Natal, da mesma forma que ao Nuñez e aos meus. Suponho que tenha perdido a carta. Vamos por recomenzar esta.

BARCA: Falei com Buigas<sup>306</sup>, da Nación, com o chefe de redação da Prensa e con Mucio Saens Pena<sup>307</sup>, director de “El Mundo”<sup>308</sup>. Os três acham interesante publicar, na seção bibliográfica e literária dos domingos, cartas da Barca. Más chegou o calor e todo ese pessoal anda por Mar del Plata e otros logares de veraneio. Consecuencia, que temos que esperar até começo de fevereiro para tirar uma solução e ver cual deles pega antes o asunto. O melhor seria “La Prensa”, onde você tem muitos amigos e chega até no inferno, más o Saenz Pena está totalmente “enlobatado”. Leu o volumen e diz maravilhas delle. Tive que brigar para que devolvese, pois tinha que entregar al Blanco-Amor<sup>309</sup> (o Nuñez deve conhecer este poeta agora é asesor literário da editora EMECE<sup>310</sup>) uma das melhores do país.

---

<sup>306</sup> Fernando Sanz y Buigas, jornalista que fazia parte do corpo editorial do jornal *La Nación*.

<sup>307</sup> Carlos Muzio Saens Peña (1885-1954), escritor, tradutor e jornalista argentino, que em 1928 assumiu a direção do jornal *El Mundo*. Publicou, em 1916 pelas Ediciones da Revista *Nosotros*, *Las veladas de Ramadan: cuentos, apólogos y leyendas de la Persa Islamita*, e em 1923, pela Casa Peuser, saiu *Colección de viajeros y memorias geográficas*. Mais títulos de Sáenz Peña, cf o site da Biblioteca del Congreso de la Nación: <http://www.bcnbib.gov.ar/> e o site da Biblioteca Nacional de Maestros: <http://www.bnm.me.gov.ar/>. Últimos acessos em 13/02/2009.

<sup>308</sup> *El Mundo*, periódico argentino de caráter esquerdista, circulou entre 1928 e 1968. O nome de Lobato aparece a partir de 1945 no jornal. Segundo Maria Paula Gurgel, o primeiro artigo que se escreveu sobre Lobato neste periódico foi “Mundos para los niños”, escrito por Santiago Bernardini, quando do lançamento de *Las doce Hazañas de Hercules* publicado em 22.11.1945; em 07.06.1946, deu-se a notícia da chegada de Monteiro Lobato à capital portenha: “Se radica en Buenos Aires el escritor Monteiro Lobato”; em 01.11.1946, Lobato publicou artigo sobre a exposição de Cesáreo Bernaldo de Quirós, na galeria Witeomb: “Un nuevo Stalingrado: Quirós”. Cf. GURGEL, M.P. “Monteiro Lobato e a Argentina: mediações culturais”. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 2008. Cf. também Álbums de Dona Purezinha, pertencente ao “Acervo Monteiro Lobato”, da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato.

<sup>309</sup> Eduardo Blanco-Amor (1897-1979), escritor e jornalista espanhol, que escreveu tanto em galego quanto em castelhano. Em 1919, emigrou para Buenos Aires, e em 1926 integrou a equipe de colaboradores do jornal *La Nación*, junto com Horacio Quiroga, Leopoldo Lugones e Jorge Luis Borges.

<sup>310</sup> “EMECE”, editora fundada em 1939, pelo espanhol recém chegado à Argentina Mariano Medina Del Rio; a casa editora publicou, no início de sua atividade, livros sobre temas da Galicia, alguns em galego e outros em castelhano, de modo a contemplar o público leitor que migrou para a Argentina. Tal objetivo foi explicitado no lançamento de um folheto, em 1941: “los españoles de las demás regiones que sientan suya la obra gallega y que deseen su triunfo como el suyo propio, ya que, al fin y al cabo, es el triunfo de España”. *Apud.* SAGASTIZÁBAL, L. de. *Op. cit.* p. 83. O apoio econômico à editora, no entanto, provinha, quase que inteiramente, do capital da Família Menéndez, importante no setor empresarial, o que tornou a EMECE uma empresa com gráfica própria, editora de *Best-sellers* e livros que atingiram altas tiragens.

BARCA (2ª parte) O Blanco-Amor leu, gostó e aconselhou a EMECE a publicar num volume bem apresentado, bom papel, tirando as cartas que não tenham sentido para o leitor americano não-brasileiro. Más o calor também bateu no editor e anda por Llao-Llao, uma espécie de Suíça que o pessoal descobriu lá para além da pampa. Voltará a mediados de fevereiro.

SELEÇÃO: Logo que volte o editor, avisarei para que o amigo faça o expurgo correspondente, pois só você mesmo pode e deve dizer aunque cartas são ou não são compreensíveis fora do Brasil. Outra coisa: acho que se deveria por umas chamadas e umas notas em algumas cartas, notas exclusivamente explicativas para o indígena destas e doutras plagas. Diga a sua opinião. Ainda sobre o mesmo assunto: EMECE gosta de volumens masudos, avise-o para que tire o menos possível do volumen. Também seria bom, numa página preliminar sua dizer algumas palavras sobre Rangel e fotografá-lo literariamente no aça?

HERCULES. Chegaran todos com bem. Ya lí os primeiros volumens. Lobatísimos. A apresentação não se justifica que se felicite ao Caio. Pucha! Mas os desenhos são bons e vamos aproveitá-los aquí. Estou terminando de traducir o primeiro para presentá-lo ao Sala e Maañon (logo que voltem porque também estão em Córdoba). Iso porque se trata de una sociedade anónima e prefiro que elles vejan o artigo, ainda que corresponda a mim a eleição. No día 20 estarán aquí os dois e logo vamos enviar a fórmula do contrato, pois a coleção ya está incluída no plano editorial deste anno.

Já viu o Saci? Apareceu con a mesma apresentação dos anteriores e minhas notícias é que a venda vaee muito, mas muito bem. Vou aclarar um aspecto das minhas relações con Americalee: não briguei con elles, apenas não quis continuar mais pois trabalhava 20 horas diárias e na hora de cobrar, muito modestamente juro! “todos éramos anarquistas, menos Landolfi”. Iso não poderia ser: 1º por que não sou anarquista e acho mesmo que o anarquismo (concepção pequeno-burguesa muito honorável para o meu avô) oferece três saídas pseudo-revolucionarismo, na sua mais honorável manifestação, pela sua base individualista e utópica, tan capaz de mover a sociedade da nossa época como uma borboleta de mover um bidê; inoperância absoluta frente a todos os problemas do nosso século, basada na disconformidad que é o caracu do anarquismo ou safadeza grossa, da boa. O anarco-sindicalismo formó nas suas vanguardias do movimento de Mussolini<sup>311</sup> e José Antonio<sup>312</sup>, ese cretino que formou a Falange<sup>313</sup> en Espana. 2º) –

---

<sup>311</sup> Benito Mussolini (1883-1945), político italiano, que em 1922 recebeu do rei da Itália a incumbência de formar um novo governo, o que só ocorreu em 1925, quando Mussolini impôs o regime ditatorial, mais conhecido como fascismo ao que era, até então, uma monarquia parlamentarista.

<sup>312</sup> Jose Antonio Primo de Rivera y Sáenz de Heredia (1903-1936), político espanhol, filiado aos movimentos sindicais na Espanha.

<sup>313</sup> A Falange Espanhola, fundada por Jose Antonio Rivera em 1933, era um partido político espanhol, de inspiração fascista e nacional sindicalista, cujas ideias contribuíram para a formação do regime ditatorial estabelecido por Francisco Franco (1892-1975), a partir de 1936.

porque nem as traduções conseguia cobrar, não só dos seus livros senão de outros franceses. 3º) – Como diria um tabelião “vista a impossibilidade de declamarme Ghandi-mirim resolví jogar no veadó. E fui embora. Mas aguardamos a todas as formulas que Nordeau<sup>314</sup> chamó mentiras convencionales.

Agora ao que serve. A duas ou três semanas me dice un amigo comum que Americalee está estudando transformar a editorial e ficar só com seus livros e uma coleção filosófica. Em outras palabras: dedicar fundamentalmente o seu esforço editorial na base das suas obras, com um plano de propaganda consecuente. Para um editor águia como é o Landolfi resuelva isso e preciso que a experiência le tenha ensinado que é bom camino. Logo a venda tem que andar muito bem.

Acho muito acertada sua decisão com respeito a procuração. Cuando chegar o Maañon avisarei y vae achar também acertada. Ya voltaremos sobre isso cuando tiver que fazer contrato com Tridente e EMECE.

Si ver o Nuñez peso-lhe dicer-lhe que escribi respondendo a sua carta sobre posibilidad de de colocar cuadros. Com a guerra, Buenos Aires é um empório de obras boas e sempre a compradores para otras, mas a condição que sejam boas. Há poco fui ver uma exposição de pintores uruguayos e dava vontade de chamar a policía. Picasso tem feito um mal a pintura contemporânea como ninguém o fez. O modernismo (nas artes en geral) é um terreiro donde todos os burros falantes e vacas mochas do universo vem pastar.

Até breve e disponha sempre.

---

<sup>314</sup> Max Nordau (1849-1923), médico e escritor de origem franco-alemã. Sua primeira obra *Dégénérescence* (1892) foi traduzida em quinze países e sofreu grande influência de Zola, Nietzsche, Tolstói; em espanhol, saiu, em 1915, *La alma nacional, sus vicios y sus causas, genealogía psicológica del pueblo español*, pela “Imprenta Cervantina”, de Madrid. Cf [www.loc.gov](http://www.loc.gov) último acesso em 16/02/2009.

Pasta 20 2524

Papel Timbrado Ediciones del Tridente

Buenos Aires, 30 de Enero de 1945.

Sr. J.M.Monteiro Lobato  
Alabastro, 299  
São Paulo (Brasil)

Prezado Amigo:

Escrevi longamente depois de ter recebido a sua de 3 do corrente. Recebeu a minha?

Só duas líneas mais pois o pessoal está chegando do veraneio e vamos ter solução respeito a: cartas<sup>315</sup> (da EMECE) publicação na Prensa, etc.

Já terminei de ler os 12 herculinos. Maañon debe chegar amanhã o depois e escreverei sobre o contrato.

Apenas tinha receio de que não tivera recebido minha anterior. Era longa e tinha coisas não referentes ao negocio exclusivamente.

Saúde e disponha sempre.

Prieto

---

<sup>315</sup> Referência às cartas d' *A Barca de Gleyre*, que Lobato enviara, em português, para Prieto. Na bibliografia de Monteiro Lobato em espanhol, não há referência à publicação do livro tampouco das publicações no jornal *La Prensa*.

Pasta 20 2525

Papel Timbrado de Ediciones del Tridente

B.Aires, 29 de Marzo de 1945.

Caro Amigo:

Em mao a sua de 23. – Tem razão; ha um silencio de expectativa prolongada. A cada momento tenho a impressão que vou poder envial-o uma notícia concreta con respeito a “Cartas” e o bicho desaparece. O Mucio Saenz Pena segue em Mar Del Plata até segunda-feira. Esteve aquí uns días e me dice que não recebeu “Urupés” que o amigo anuncio. Eu recebi dois da editora, de manera que passei-lhe um. Vamos esperar uma semana mais para ver no que dá. Ao mesmo tempo entreguei o original de “Cartas” a La Prensa, Emece, vae me dar uma resposta nestes 15 días. AMERICALEE. É boato. Não faliu. Segue ganhando dinheiro. Hontem falei com o Rudoi<sup>316</sup>, vendedor e sócio da firma, quem me dise que nos primeiros días do mes entrante vão aparecer “As Caçadas” e “Dom Quixote”. Os informes delle são que as vendas vão bem e que esperam melhorar de setembro en diante, que é epoca de vendas infantis. Tenho muita confianza com ello e dise-lhe que o amigo estava preocupado com a falta de noticias e que había com os direitos. Isto último como coisa minha. O home juro pelo pae delle que o Landolfi escrevera faz duas semanas mi pedindo que lhe mandara sei la que firma para fazer o deposito num banco de esta praça. Debe ser mentira mas o práctico é acreditar. Dise-lhe que tinha certeza que você não recebeu esa carta y que mandaram a copia ou otra igual, pois eu escreveria hoje a você,a visando-o. Acredito que escrevam hoje o amanhã.

HERCULES: Vamos por mão a obra. O Maañon pasa esta semana fora e volta segunda-feira. Logo que chegar mandaremos a carta-contrato nas condições de sua anterior sobre o problema, adquirindo os disenhos pelo preço que o amigo dice. Estamos estudando a possibilidade de fazer uma edição popular (a 0,95) para vender em kioscos e postos de jornaes, aproveitando a mesma composição para a edição para livrarias, com outro papel. Todo o problema está no papel voluminos que de mediados do mez para hoje subiu 25%.

O problema nacional do Brasil segue-se aqui com grande interesse. Vae ser o termómetro do problema continental en relação ao Norte. Tenho escrito aos meus pedindo jornaes, mas até agora não recebi nada. “Noticias Gráficas” publica uma reportagem em serie do Motta Lima<sup>317</sup> ao

---

<sup>316</sup> Não foram encontradas referências acerca da figura de Rudói, além das que Prieto apontou na carta: “vendedor e sócio da firma”, firma esta que parece ser a Americalee.

<sup>317</sup> Paulo Motta Lima, jornalista carioca; teve uma seção fixa – “Vida Parlamentar”, publicada entre os números 17 e 51 – na *Revista Brasiliense*, fundada por Caio Prado Junior, que circulou entre 1955 e 1964.

Prestes<sup>318</sup>. Desde ontem somos “co-beligerantes”, uma palavra nova, de conteúdo indefinido no dicionário político do nosso tempo (tempo cachorro). Vamos ver. Até segunda-feira. Um abraço.

Prieto.

---

<sup>318</sup> Luis Carlos Prestes (1898-1990), militar e político brasileiro, que tentou derrubar o governo Vargas, o que acarretou, em 1936, a sua prisão, sendo libertado somente em 1944. Foi líder do Partido Comunista do Brasil (PCB) por mais de 50 anos.

Pasta 20 2526

Papel Timbrado da Ediciones del Tridente.

Buenos Aires, 14 de maio de 1945

Prezado Amigo Lobato:

Saude. – Recibí a sua última. Demorei a resposta pois só tinha uma razão para decretar, revogando as razões em contrario, completa felicidade. Agora há cuatro motivos gostosos: a) O Mussolini foi pindurado; b) – O Hitler encostou o cu na cerca”; c) – Americalee transformase em sociedade anônima com um capital de 1.000.000 de pesos; d) – Tridente fisgou o Hercules e está dispondo a lançar 10.000 exemplares, por volume, de sahída. Eta papudo!

Vamos, pois a razonar:

TRIDENTE: Pode o amigo enviar a fórmula de contrato correspondente a edição dos “Hercules”. O formato escolhido será de 18 centímetros de largo por 27 de comprimento. Um volume batuta. Composição 14/14, na medida de 24 furos, papel sueco branquinho da silva, importado por nós e que temos recebido ya 150 toneladas. Este asunto, pois está nas suas mãos. Nós vamos começar os trabalhos.

SUA CARTA: Obrigado pelo seu oferecimento. Pode fazer muito por mi.

Em primer término há o seguinte: Estou ao par da anistia decretada. Há, porém, um detalhe importante. Nos primeiros meses de 1936, a conseqüência dos acontecimentos de 35, apareceu nos jornaes do Rio un decreto de expulsão do país contra R. Prieto, jornalista, etc etc. Soube disso em Montevideo, a fins de outubro de 1936, días antes de embarcar para España. Seria ótimo que o amigo me pudera informar se ese decreto segue firme (com annistia) e sendo asín, se é posivel fazer alguma coisa que permita minha volta ahí. Há dez anos que não vejo os meus y na semana pasado recibí carta da minha filha dizendo que anda cogitando de casar. Imagine só!

SEGUNDA PARTE: Se achar que isso é demorado ou imposivel agora, peso-lhe outra coisa. Aqui colaboro em vários jornaes (Mundo, etc) como redactor de problemas internacionaes. Poderia conseguir colocar ahí colaborações fixas sobre problemas políticos, econômicos, panamericanos e indo-americanos?

Ya vê que cometeu um erro oferecendo-me. Vão dois consultas e seguirão mais.

Um abraço e disponha sempre. Prieto (assinado de caneta)



Pasta 20 2527

Papel Timbrado da Ediciones del Tridente  
Av.ROQUE S. PEÑA, 868.  
U.T. 34 – DEFENSA 2638  
BUENOS AIRES.

Buenos Aires, 4 de Agosto de 1945.

Sr. José B.Monteiro Lobato  
Alabastro 296  
São Paulo

Prezado Amigo:

Junto vao, en dois vias, copia de contrato para sua asignatura. Vou explicar porquê feito a meu nome e não da Editora Tridente. O Camarada Sala está de malas feitas para Londres e dahi a a Francia. É um dos delegados da minoria catalã ao novo governo republicano no exílio. Elle é u homem dos “cobres” do Tridente. Não porque tenha dinheiro, senão porque os capitalistas que emprestam os cobres são amigos d'elle e a sua sahía do Tridente complica as coisas. Estamos em vespersas de vender a Editorial e não sei ainda quem vae ficar com ella.

DAMAS Y DAMITAS<sup>319</sup>: - La Editorial Ramirez<sup>320</sup>, editora da revista “Damas y Damitas” (290.000 ejemplares a mais do Hercules. Tenho mostrado a elles a tradução dos dois primeiros volumens e penso que, [ilegível] e concretar o negocio, seria o melhor para o amigo. Tem uma grande revista para a propaganda; tem muito dinheiro (é uma empresa da firma Maslloreens Hnos<sup>321</sup>) e garantiria melhor que cualquier outro negocio. Além disso está a Editorial Glem<sup>322</sup> (gente eminentemente senvergonha, más muito bem organizada na distribuição e com grande capital) que também gosta da serie. Transferirei o contrato a cualquier delles, quem ofrecer melhor garantia e pagar ao contardo. Como pelo contrato o amigo tem que dar a sua aceitação, quando tiver terminado o negócio, em princípio, comunico e você autoriza a transação, estabelecendo onde deve depositar os cobres correspondentes.

Cartas: Não pensa que é poco caso nem esquecimento. É que tenho andado as corridas com os nossos problemas espanhóis. A coisa está madurando. Li o seu comunicado ao Pacaembú,

---

<sup>319</sup> Trata-se da revista feminina *Damas y Damitas*, fundada em 1939, na Argentina, pelo espanhol Emilio Ramirez (1901-1960).

<sup>320</sup> A Editorial Ramirez, fundada por Emilio Ramirez, na década de 1930, teve como principais publicações as revistas.

<sup>321</sup> Não foram encontradas informações acerca desta firma.

<sup>322</sup> A Editorial Glem foi fundada na década de 1920, em Buenos Aires e publicou livros de temas variados, como sociologia, fotografia, história, direito e espiritismo.

enviado por doença<sup>323</sup>. Felicito-o e abraço, honrado de poder chamar amigo ao homem digno do escritor.

Cualquer coisa que tiver que perguntar antes de mais nada não duvide em fazel-o. E conte sempre con o seu obrigado.

Assinado apenas

Prieto

---

<sup>323</sup> O episódio a que se refere Prieto é o que Monteiro Lobato, doente, gravou um discurso que foi transmitido no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, no ano de 1945, manifestando apoio a Luís Carlos Prestes, líder comunista. Dois dias depois, o jornal *A Tribuna Popular*, do Rio de Janeiro, "referiu-se ao comício como "a mais gloriosa jornada cívica da sua gloriosa história", transcrevendo a íntegra do discurso de Monteiro Lobato, "pronunciado do seu leito de enfermo e transmitido pelo telefone para o Pacaembu, onde foi irradiado". Apud. SACHETTA, et.al. *Op. cit.*, p. 193.

Pasta 20 2528

Buenos Aires, 11 de outubro de 1945.

Sr. Monteiro Lobato

Prezado Amigo:

Hace días que estoy para escribir y dejándolo para el siguiente. Ahora, pues, van todas las noticias juntas.

HERCULES. El 30 de noviembre aparecen los tres primeros volúmenes; el 25 de diciembre los números 4,5, 6; en enero los 7, 8 y 9 y en febrero los tres últimos. Se firmó contrato de exclusividad de la venta con la casa Peuser<sup>324</sup> (la mayor organización de librerías del país, con 10 sucursales aquí y representación en todos los países de América y España). La edición inicial es de 2.500 ejemplares de cada volumen, con opción a otros 2.500 dentro de los primeros 10 meses a contar de la entrega de los primeros. Precio de ventas a \$ 2,50 m/arg. (puede ser que a 2,80). Están traducidos los 8 iniciales y los otros cuatro lo estarán dentro de 2 semanas. El tamaño de los volúmenes será de 18,5 de ancho por 27,5 de alta. Impresión interior a 2 colores, capa a 4 colores, tapas duras y guarda. Creo que no se podría haber encontrado nada mejor pues Peuser garantizará su venta en todos los países de América española y abre el mercado de España propiamente dichos. Um achado!

DIBUJOS: Estamos terminando los clichés de las tapas (todas han sido hechas nuevamente pues los dibujos no eran aprovechables). Vamos a usar los dibujos interiores y necesito que me informe el valor total de estos, contando que los vamos a usar en las tapas. Me había dicho que 6.000 cruzeiros por el total le parecerá bien al editor de esa recibir 4.500 cruzeiros por los interiores y los originales de las tapas (que son estupendos y le van a mandar pruebas de grabados la semana próxima) con el derecho, para él, de usar las tapas nuestras en nueva edición de ahí? De todas maneras estamos dispuestos a pagar los 6.000 cruzeiros, aun sin usar todos los dibujos, pero la edición nos resulta así de costo elevado.

OTROS LIBROS: Para la misma casa Peuser u para Editorial Glem tengo posibilidad de colocar, para el año próximo pero comenzando los trabajos de inmediato, unos 30 a 50 volúmenes infantiles. Preferible de la extensión de estos Hercules. (Unas 56 páginas en tamaño grande, el doble del usado en la edición de la Brasiliense). Tiene ud. en preparación? Puede recomendarme otros volúmenes de autores de allí? Cuales son? En síntesis: he decidido formar una editorial

---

<sup>324</sup> Jacobo Peuser, imigrante alemão, instalou sua primeira livraria em Buenos Aires – a “Casa Peuser” – no ano de 1867; além de livraria, a casa também funcionava como encadernadora de livros, o que fez com que o dono importasse maquinários para impressão de livros (e de outros objetos que as máquinas poderiam produzir como recibos, letras de câmbio, notas fiscais, papéis de ações) e expandisse os negócios para cidades como La Plata, em 1885, Mar del Plata, em 1920, Mendoza, em 1923 e Córdoba, em 1924. Cf. MIRANDA, M.C. “La “Librería Peuser una tradición Porteña”. In. *Revista Histórias de la Ciudad*. Buenos Aires: Año II, nº 8, 2001, publicado em 2006 no site [www.antiguaspostales.com.ar](http://www.antiguaspostales.com.ar). Último acesso em 17/02/2009.

EXCLUSIVAMENTE DE LITERATURA INFANTIL. Y ni quiero ni puedo usar ningún volumen de esos cuentos “embolorados” del tiempo de “da onça”. Ayúdeme!

DERECHOS: Informe donde quiere que deposite los derechos correspondientes a los Hercules o si desea que los gire a esa. Iden para los dibujos. Tengo la seguridad que va a dar un salto cuando vea sus Hercules en una edición verdaderamente herculea y castellana. Peuser inicia ya la propaganda y no dudo que llegaremos a los 6.000 de cada antes de julio del año próximo. Hemos formado un sello editorial exclusivamente para lo infantil y los hercules inician la marcha. Hasta pronto. Entre los libros ya la Constituyente no va a tener un minuto suyo. Saludos afectuosos.

Prieto. (manuscrito)

Pasta 20 2529

19/10/1945

Caro Amigo:

Ahí vae a tapa do 1 e 3. Segundo e quarto seguem depois d'amanhã. O Leao vae com unhas brancas. Estamos retocando o clisé. U otro tal cual. Que acha? Diga. Todos os disenhos interiores a duas cores. Hoje começou a impreção. Vamos adiantando os primeiros 5 volumens.

Pena que os Hercules vão ser "un furo". Peuser adiantou a propaganda y estão sahindo todos os días, para o exterior, miles e miles de prospectos. Até breve. Un abrazo.

Prieto

Escreva ao endereço da Plenitud<sup>325</sup>. Piedras, 346<sup>326</sup>.

Ao meu nome

---

<sup>325</sup> "Editorial Plenitud", fundada por Prieto em 1945, tinha o mesmo nome da editora fundada em Madrid na década de 1940, e que tinha uma filial na capital portenha.

<sup>326</sup> A calle Piedras, endereço de Prieto na capital portenha à época, fica no bairro de Montserrat.

Pasta 20 2530

B. Aires, 28 de Octubre de 1945.  
Sr. Monteiro Lobato.

Prezado Amigo: Chegou a sua de 19. Com certeza perdeose uma anterior minha com os detalhes maiores. Vou repetir. – Tridente não quis editar o Hércules. Sala, o camarada hespanhol da empresa, siguiu para o México a reunião das cortes republicanas. É deputado. Só voltará para dezembro e, posivelmente, siga logo para Londres. Nessas condições Tridente se modifica e eu não tenho interesse de ficar com elles. Numa piscada achei um sócio, movilizei o credito (que instituição maravilhosa!) e o Hercules está no prelo. Para não improvisar a distribuição vendi a primeira edição, totalmente, a Casa Peuser, a maior organização de livrarias argentina. Ella tem distribuição em todo o continente e na España, para onde vae ir a metade da edição. Isso garante uma segunda edição a corto prazo, antes de 8 meses, além de uma grande propaganda. O êxito obtido (é um grande êxito vender uma edição inteirinha a uma firma, dos doze volumens) me anima a organizar a nova editorial exclusivamente para livros infantis. O problema está em originaes. Essa a razão da minha solicitude de livros para crianças publicados ahí, sempre que sejam recomendáveis. A edição para creanças aqui é um grande negócio e todos os editores estão ainda na etapa de Branca de Neve<sup>327</sup>, O Gato com Botas<sup>328</sup>, C. Vermelha<sup>329</sup>, etc, etc. Nada que interesse as creanças de hoje. Resumindo: Sou editor, iniciando a editorial com a série de Hércules y louco por achar alguma coisa mais.

DERECHOS: De acordo. Meu contrato com Peuser estabelece pagamento em 30 días de entrega dos livros. Vou entregar os treis primeiros até 20 de Novembro. Cobro em dezembro e deposito, na Casa do Café, os direitos correspondentes aos 10%. Os treis segundos entrego em Dezembro e deposito em Janeiro, os três terceiros saem em Janeiro e pagamos em Fevereiro e os treis últimos saem em Fevereiro e são pagos em Março. De acordo?

DESENHOS DAS TAPAS: Mandei por via aérea o primeiro e terceiro. Que acha? Ya estou vendo que diz que são um pouco “tropicaes demais”. É a causa. Não tinha tempo mais para modificar os disenhos e, além de mais, poderia justificarse como uma conceção a imaginação e a

---

<sup>327</sup> Embora não seja de origem germânica, a história de *Branca de Neve* incorporou-se à tradição oral alemã e teve como primeiros compiladores os Irmãos Grimm. Esse material foi publicado entre os anos de 1812 e 1822, em um volume intitulado *Contos de fadas para Crianças e Adultos (Kinder unde Hausmärchen)*.

<sup>328</sup> O conto *O Gato de Botas (Le Maître Chat ou Le Chat Botté)*, do escritor francês Charles Perrault (1628-1703), foi publicado em 1697 (os manuscritos datam de 1695) no volume *Contos da Mamãe Gansa*, que continha outras sete histórias, dentre elas *A Bela Adormecida* e *Cinderela*.

<sup>329</sup> Assim como *O Gato de Botas*, *Chapeuzinho Vermelho* ou *Capinha Vermelha (Le Petit Chaperon Rouge)*, em francês) era uma das histórias do livro *Contos da Mamãe Gansa*, publicado em 1697.

ornamentação da tapa. Amanhã saem, via aérea, a tapa da Hidra e do Javali. Estão batutíssimas! Tem alguns defeitos ainda mais são vendedoras para cachorro!

TRADUÇÃO: Antes de quinze dias vae receber os treis primeiros volumens e verá a tradução. Está, penso eu, batatal. Tal cual, o original, sem a mais piquena modificação do conteúdo e de forma. Não imagina como é difícil achar um tradutor para os seus livros. Dei ao Mora Guarnido<sup>330</sup> (o que foi cônsul de Espanha em Montevideo, até caída da República) treis volumens para traducir. Cerbero<sup>331</sup>, As Aves do Estinfale<sup>332</sup> e os Cavallos de Diomedes<sup>333</sup>. Foi o diabo. Deu mais trabalho corrigir a tradução delle que fazel-a directamente.

DESENHOS: Espero as notícias do Neves<sup>334</sup>. Que diga se debo depositar aqui o valor deles ou enviar por banco ahí.

EDITORIAL: Nas tapas que recebemos tem o nome “Plenitud”. Estava registrado e tive que cambiar. Agora é “Acteón”. Influência da Emilia.

NEGÓCIO: O preço de venda, dos livros, vae ser \$ 2,80 (que é o preço dos outros libros infantís). Sendo a edição de 2.500 exemplares, seus direitos dão \$8.400 m/Argentina, ou sejam \$ 700, 00 por cada volumen. Nós vamos ter um lucro mais ou menos igual, sem contar que ficamos com 11.800 pesos de clisés.

CONSULTA: Como vão suas relações com Americalee? Pagam? Isso é importante! Penso que editam muito devagar. E fico com a boca cheia d’água pensando que tem mais de 20 volumens ainda para editar. Não se pode dar um jeito de transferir algum para esta “Acteon”? (agora está fallando Emilia). Do jeito que vão são necessários treis anos para editar o que tem seu. Sei que estão em muito boas condições econômicas e os informes delles cada vez são melhores. Mas é o diabo tanto livro allí paralizado. Preciso livros infantis!!!!

ENDEREÇO: Escreva a meu nome, Calle Piedras 346. Aquí estou o día inteiro cuando não na imprenta.

BARCA: Ya está o original em poder de Peuser (o gerente delle lee português e conhece o Brasil). Antes do fim de semana penso ter solução. “Acteon” vai edital-a, mais prefiro ter distribuição assegurada. Até breve. Um abraço.

---

<sup>330</sup> Jose Mora Guarnido (1893-1937), tradutor espanhol cônsul no Uruguai; em 1945, a “Ediciones del Tridente” publicou sua tradução para o espanhol *Las grandes corrientes del pensamiento antiguo*, escrito pelo Frances Aubert Rivaud (1876-1955). Sobre esse assunto, conferir: [www.bnm.me.gov.ar](http://www.bnm.me.gov.ar). Último acesso em 17/02/2009.

<sup>331</sup> O episódio é o 12º e mais difícil trabalho de Hércules, que tinha que descer ao Mundo dos Mortos e trazer de lá o cão vigia do inferno: Cérbero. Sobre esse assunto, cf. TIN, E. “O 13º trabalho de Lobato”. In. LAJOLO, M; CECCANTINI, J.L. *Op. cit.*, pp.417-484.

<sup>332</sup> Trata-se do 6º trabalho de Hércules: matar as Aves gigantescas que aterrorizavam o “Lago de Estinfale”.

<sup>333</sup> O episódio “Os cavalos de Diomedes” compõe o 8º trabalho de Hércules; o rei Trácio de Diomedes alimentava suas éguas com carne humana; coube a Hércules matar o rei e dar sua carne aos animais, depois domá-los e levá-los à cidade de Tirinto.

<sup>334</sup> Arthur Neves(1916-1971) prefaciou a primeira edição de *Urupês*; além disso, trabalhou com Lobato desde a fundação da “Cia Gráfico Editora Monteiro Lobato”, em 1924. Em 1943, quando surgiu a Editora Brasiliense, Neves foi sócio de Caio Prado Jr.

Prieto (escrito de lápis)

No rodapé da carta, está escrito: Ainda não tenho uma (...)



MLb 3.2.00445 cx9

Papel timbrado:

U.T. 33-4594

Cables: EDIATLAN

579 Azopardo R.91<sup>335</sup>

Buenos Aires

Editorial Atlántida S.A

Señor

José Antonio (sic) Monteiro Lobato

Sarmiento 2608 – Piso 3º “C”<sup>336</sup>

CIUDAD.-

Mi muy estimado amigo:

Necesito decirle que le estoy hondamente agradecido a su bondadosa comunicación sobre EL ERIAL<sup>337</sup>.

Mucho me honra usted con su tan autorizada opinión sobre mi libro, y así deseo testimoniárselo.

Anhelo que su estada en Buenos Aires le sea tan grata y propicia como usted se lo merece y que me tenga siempre y en un todo a sus órdenes, como admirador sincero de su obra y amigo que lo estima y que lo quiere.

Constancio Vigil<sup>338</sup>

Buenos Aires, julio 20 de 1946.

---

<sup>335</sup> Endereço da Editorial Atlantida.

<sup>336</sup> Endereço de Monteiro Lobato na capital argentina.

<sup>337</sup> Romance de Constancio C. Vigil, publicado pela primeira vez em 1915, pela editorial Atlantida. O livro teve reedições nas décadas de 1920, 1930 e 1940.

<sup>338</sup> Constancio C. Vigil (1876-1954), escritor uruguaio radicado na Argentina, fundou, no início do século XX, respectivamente em 1901 e 1911, as revistas *La Alborada* e *Mundo Argentino*; dirigiu também a revista *EL Hogar*, e em 1918, fundou a Editorial e a Revista *Atlantida*. Escreveu, entre 1920 e 1950, muitos livros e contos infantis, cujas tiragens variavam entre 4.000 e 51.000 exemplares. Na década de 1940, suas obras foram reunidas na coleção “Biblioteca Infantil Atlántida”. Em 1941, escreveu o livro *La educación del hijo*, publicado em 1945 em português pela Editora Melhoramentos. Sobre este assunto, cf. SOARES, Gabriela Pellegrino. *A Semear Horizontes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, especificamente o capítulo 1, item “Constancio C. Vigil, literatura e periodismo: contrastes”, pp. 121-134. A “Biblioteca Lobatiana”, depositada no Fundo Monteiro Lobato/CEDAE/IEL-Unicamp contém o livro *Cuentos de Vigil para los niños*, publicado pela “Editorial Atlantida”, em 1940.

São Paulo 29 de Julio de 1946.

Sr don: Monteiro Lobato

Buenos Aires ( R. Argentina)

Mi viejo amigo:

Lo supongo a usted feliz y satisfecho, bien comido y tranqüilo en esa grande democracia, estimado por todos, pues le conocen y le quieren, como uno de los escritores americanos-latinos, que mas espiritu y arte sembró en el continente. Poco es lo que yo hice de mi parte, pero también cooperé para que su nombre fuese estimado en América, por la cantidad de referencias y conversaciones que tuve sobre su obra y su buena y sincera persona.

Aquí estamos como siempre: falta pan, aceite, “baña”, café, jabon, “bolachas”, macarrón, carne, pescado, arina, azucar: en fin falta de todo. La ropa es imposible adquirirla, los sueldos de hambre: una calamidad, caro Lobato.

Dios quiera que usted pueda realizar su sueño y fundar una grande empresa, para que se acuerde de este viejo amigo Sánchez-Sáez, para que pueda regresar a Bs. Aires y se torne alimentar, conjuntamente con su familia, porque estamos en los huesos y con un espiritu de verdadera furia, por las calamidades que suceden.

Aquí se sigue hablando mal de usted, en particular en algunos diarios de Rio, y un tal Djalma Viana<sup>339</sup>, que hace como que escribe en el suplemento de “A Manhã”, lo ataca siempre, lo mismo hace el cretino Menotti<sup>340</sup>, arribista y fascista, y el cabotino Sergio<sup>341</sup>: en fin, los paniagudos incoloros de siempre, que viven y viveron explotando la bondad o la estupidez de los idiotas que los admiran...

Pero no le importe eso, viejo Lobato, nada valen esos mentecatos para compararse con usted. Ellos penan y sufren por su prestigio, casi universal; esa es la tragedia

---

<sup>339</sup> Djalma Viana (1896 - ?), jornalista e poeta, que publicou, em 1938, o livro de poesias *Acordes do Sentimento*.

<sup>340</sup> Em 1934, Menotti del Picchia criou a “União Jornalística Brasileira”, a qual Lobato se filiou em 1937. A carta de Saez parece se referir a alguma indisposição de Menotti del Picchia para com Monteiro Lobato, o que não se comprovou diante de documentos (cartas pertencentes ao Fundo Monteiro Lobato/CEDAE/IEL/Unicamp, MLb 3.2.00395, de 03.09.1937 e MLb3.2.00413, de 17.02.1943, escritas por Picchia a Lobato em duas ocasiões distintas: sobre a União Jornalística Brasileira e quando da morte de Edgard, filho do escritor), das biografias sobre o escritor de Taubaté, de artigos e de teses.

<sup>341</sup> Sérgio Milliet (1898-1966), crítico de arte, poeta e tradutor, que assumiu, em 1924, junto com Paulo Prado, a direção da *Revista do Brasil*, pois Lobato queria dedicar-se, exclusivamente à Cia Graphico Editora Monteiro Lobato. No mesmo ano, Sérgio Milliet escreveu a Monteiro Lobato sobre a tradução, para o francês, do conto “O Macaco que se fez homem”: “Caro Lobato, colloquei a tradução do seu conto “O Macaco que se fez homem” na Revue de L’Amérique Latine onde aparecerá no número próximo. Tendo se apresentado ocasião para colaborar nas “Ouvres Libres” comecei hoje a tradução do “Supplicio Moderno” em colaboração com o Blaise Cendrars. Todo conto regional, tem fácil aceitação aqui” (carta MLb3.2.00336, de 26.10.1924, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato/CEDAE/IEL/Unicamp). Ambos os contos saíram na *Revue de L’Amérique Latine*, respectivamente nos números 33 e 42. Cf. também carta MLb3.2.00337, de 15.12.1924, depositada no Fundo Monteiro Lobato CEDAE/IEL/Unicamp.

y ese es el combate que le hace, pero no logran convencer a las personas avisadas y mucho menos empañar su positivo valor intelectual y humano.

Esto es todo, saludos a su esposa e hija, como tambien de mi senora y de mis “mininos”, que me ruegan lo salude en sus nombres. Un fuerte abrazo y no se olvide de su “faminto” amigo de siempre.

B.S.S.:

Braulio Sánchez-Sáez.

Rua Paes de Andrade nº 23.

São Paulo (Brasil).

Buenos Aires, 3, agosto, 946

Jurandir:

Acabo de chegar da cidade do Paraná, capital da província de Entre Ríos<sup>342</sup>, onde estive uma semana na hacienda do Quirós, o qual vive solo solito num grande e lindo ermo à margem do imenso rio Paraná, em linda casa de que mandarei fotografia. De Paraná fui com Quirós à cidade de Santa Fé<sup>343</sup>, do outro lado do rio. Fui ver o museu dessa cidade, onde existem 38 telas do grande pintor argentino. Essas telas têm uma história. Quirós pintou-as para mostrar a vida do gaúcho – e produziu coisa excelente; algumas são perfeitas obras primas. Depois se saiu mundo afora com a coleção e a expôs na Espanha, em Paris, em Londres, em Berlim e finalmente nos Estados Unidos (em várias cidades). Levou nisso dez anos – e voltou consagrado um Gran Señor da pintura. Nos Estados Unidos recusou uma oferta de 250 mil dólares pelos 38 quadros, porque pretendia oferecê-los aos seu estado natal (Entre Ríos), o que fez; e se estão no museu de Santa Fé, a razão é que a capital de Entre Ríos não possui ainda um prédio das dimensões necessárias para comportar esse número de telas grandes. Passei um dia em Santa Fé e maravilhei-me com os quadros de Quirós. É positivamente um Gran Señor da pintura – não argentina, mas mundial.

Nos Estados Unidos passou ano e meio e recebeu de Sir John Duvin, que andava por lá, uma curiosa proposta: demorar-se lá 5 anos e pintar quantos retratos quisesse, a 3 mil dólares; Duvin lhe traria os fregueses e cobraria destes o que quisesse. Recusou, e mesmo sem Duvin pintou bom número de retratos a 10 e 15 mil dólares. Vi as fotos. Excelentes!

De volta à terra natal, depois de demorada peregrinação, deu os quadros à sua província e comprou terras (300 hectares) à beira do Paraná, nelas erguendo uma linda casa de campo que lhe custou 50 mil pesos; e está agora planejando organizar lá um grande museu de coisas da Argentina antiga, para também ofertar à sua província. Quirós é um grande homem. É grande pintor porque se dedicou à pintura; mas seria igualmente grande, qualquer que fosse a atividade escolhida. Uma grande inteligência, um grande sábio, um grande mestre, um grande filósofo. Nossa amizade, nascida e crescida durante os 40 dias que com ele convivi há 23 anos na casa do Heitor em Santos, dobrou agora na semana que passamos sozinhos no ermo, conversando,

---

<sup>342</sup> Entre Ríos é uma província situada ao Norte da província de Buenos Aires e se localiza entre os rios Paraná e Uruguai.

<sup>343</sup> Santa Fe, capital da província de mesmo nome, que fica ao centro-leste da Argentina.

conversando – e em tudo concordando, porque hoje nossos pensamentos e sentimentos ainda coincidem mais do que outrora; estamos igualmente amadurecidos na mesma sabedoria vivida.

Contei-lhe o caso do desenhista de S. Paulo que viveu 40 anos sem saber que era pintor, e muito discutimos o assunto.

– O Destino fez que, ocasionalmente, eu, numa noite, tirasse a casca desse desenhista e deixasse ver o pintor sob ela escondido. Mas a mim me parece que o atual pintor Campos, que todos admiram, ainda é casca; e que tirada essa casca surgirá afinal um pintor que poderá ser no Brasil o que Usted é aqui na Argentina. E uma voz interior me diz, caro Quirós, que se Campos passar uma semana aqui, sozinho com você, conversando e analisando os quadros de Ud., bem pode ser que a segunda casca rebente, como rebentou a primeira, e do atual pintor de natureza morta alexandrinesco seja afinal um grande pintor sem filiação aparente com nenhum outro – como Usted.

Longamente debatemos o assunto, e ele concordou; e por fim até insistiu em que eu desse com você lá. Está curioso de verificar se o tal pintor Campos foi em outra vida cebola, como eu lhe disse...

De volta, na viagem de 30 horas pelo barco Ciudad de Asunción, vim mastigando a matéria e planejando. E agora escrevo para propor o seguinte plano – simples, barato e rápido. Você vem de avião (para papéis poderá conversar com o Almeida Santos, aquele dos móveis velhos, que esteve aí com o J. Gonçalves; anda agora aqui, imprimindo um livro; volta logo; rua Estados Unidos 1426). Você vem, fica comigo. Ruth mediu o nosso quarto vago. Mede 2,40. Dá para V. dormir desencilhado. Aqui V. visita os museus de arte e depois seguimos todos no excelente buque fluvial CIUDAD DE ASUNCIÓN pelo rio Paraná acima. Lá pelo kil. 597, cidade de Paraná, você desce; eu te apresento ao Quirós, que estará à espera no cais, e sigo para Asunción com meu povo. Passo uma semana em Asunción e de volta pego V. em Paraná. De novo cá em Buenos Aires, você volta imediatamente para S. Paulo, ou perde uns dias vendo coisas velhas na calle San Martin. Como as há! E como Quirós as têm em quantidade! Só trabucos boca de sino vi lá uma porção.

Isto que eu proponho servirá para tirar a prova duma coisa: se você é cebola, isto é, bicho de muitas cascas, ou é laranja ou qualquer outra fruta de uma casca só. Se é cebola, a segunda casca tem muitas probabilidades de cair com uma semana de Quirós – e nada me admirarei se surgir um novo pintor equivalente ao que é Quirós na América e no mundo. Se, entretanto, ficar provado que V. é bicho de uma casca só, muito bem; continuará V. a ser o pintor que é, coisa já bastante considerável. Creio que vale a pena fazer a experiência.

Quirós está rico e tem o que quer. Vai expor este ano em outubro. Entre os quadros já prontos há um de 100 mil pesos e um de 50 mil. Também contratou uma decoração para o Ministério da Guerra (um quadro grande de 28 m e 4 menores) por 300 mil pesos. Está esperando as tintas encomendadas na Bélgica. É um grande consumidor de tintas. Certos anos, consumiu metade da tinta entrada em Buenos Aires – afirmou-me. Indaguei isto de preços porque oferece interesse prático para você.

Medite na minha sugestão. Creio que novamente estou sendo um instrumento do Destino.

Leu a notícia sobre o Anísio, no “Diário S. Paulo” de 7 de julho? Se não leu, leia<sup>344</sup>.

Diga ao Benedetti<sup>345</sup> que o tal livro ficou com o Otales<sup>346</sup>, que se comprometeu a mandar examiná-lo para ver se convinha à Editora. Disso o informei eu, a ele Benedetti.

Adeus. Saudades à filha e à neta,

do pai, avô e sogro

Lobato

---

<sup>344</sup> A notícia trata da nomeação de Anísio Teixeira (1900-1971) para o cargo de Conselheiro Geral da Unesco.

<sup>345</sup> Mário Benedetti (1920), escritor uruguaio. A edição de seu primeiro livro, *La víspera indeleble* (poesia), publicado em Montevideo, em 1945 foi financiada por ele.

<sup>346</sup> Octalles Marcondes Ferreira, sócio de Monteiro Lobato na Monteiro Lobato & Cia, de 1920 a 1925, e na “Cia Editora Nacional”, até 1927. Cf. BEDA, Ephraim de Figueiredo. *Octalles Marcondes Ferreira: formação e atuação do editor*. São Paulo: ECA-USP. Dissertação de Mestrado, 1987. Em carta de 27.02.1941, Octalles escreveu a Lobato, e enviou, em anexo, o balanço de suas edições nas duas casas editoras. Cf. carta MLB 3.2.00407 cx8, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato, CEDAE, IEL/Unicamp.

05,09,46

“El Mojón” – Paraná, 5.9.1946

Sr Monteiro Lobato

Mi querido amigo:

Recien hoy, después de una laboriosa búsqueda, doy con sus cartas detenidas en una “pulperia”, las que no llegaron a mi por haber sido mal dirigida ya que Ud olvidó agregar el nombre de la localidad donde llega mi correspondencia y que es, Villa Uranga<sup>347</sup>. En Villa Uranga está pues la estafeta que recibe el correo de la zona donde está comprendido mi lugar. Su libro también llegó, y este vino bien directamente a casa Corona.-

Le diré contestando el punto en que Ud se refiere a la publicación que proyecta de mi colección gauchesca en colores que estoy completamente a su disposición en el más amplio sentido de la palabra dispuesto a allanar toda cuestión y ponerme de acuerdo con Ud y la casa editora a la que está asociado, como también ocuparme de traslado de los mismos a esa, cuyo consentimiento no me será difícil conseguir. Creo superfluo agregar más palabras en ese asunto, a no ser aquellas de aprecio por la consideración que hacia mi obra significa la realización de dicho albún.

En cuanto a su libro de “Ideas de “Jeca Tatu”, lo he empezado a leer encontrando aquel artículo suyo escrito hace ya unos años con motivo de mi exposición en San Pablo<sup>348</sup>, donde aparece el joven escritor, dando muestras ya de esa generosidad incondicional que caracteriza los temperamentos fecundos y sólidos.

Lo he releído con emoción pues allí están esos conceptos que Ud me prodigara, de los cuales no soy merecedor aún. Leo su libro con un poco de pena por no abarcar todas las sutilezas y giros de su pensamiento causa mi incompleto conocimiento del idioma.

Con un deleite íntimo, como quien realiza una acción honrada, le escribo estas líneas. No sé, siento como si el conversar con Ud, fuera una forma de acercarme a la verdad, ya que lo hago con espíritu confiado, seguro de ser escuchado y comprendido con cariño. Siento en ello, además, como el recurso más grande para saciar esta especie de hambre de hablar, de discurrir sobre mis inquietudes sobre comunes inquietudes en esos asuntos de arte que son razón de ser de nuestras

---

<sup>347</sup> Villa Uranga é uma cidade da província de Paraná.

<sup>348</sup> O artigo a que Quirós se refere é “Um Grande Artista”, escrito por Monteiro Lobato em 1921, por ocasião da exposição do artista plástico argentino em São Paulo no mesmo ano; tal artigo foi primeiramente publicado na *RB*, de novembro de 1921, depois incluído no volume *Idéias de Jeca Tatu*. Cf. MARTINS, M. *Op.cit.* No mesmo número da *RB*, a seção “O Momento” foi dedicada à exposição de Quirós; a revista reproduziu algumas de suas telas, que constavam da mostra, bem como sua foto. Cf. *Revista do Brasil*, nº 71, novembro 1921.

vidas. ¡Es tan difícil!, y se da tan rara vez la oportunidad de hablar, claro está con esa sencilla elevación con que se tratan los asuntos - hondos; está tan lleno el mundo de genios abstractos; genios de cultivo, diría, por la cantidad y la homogeneidad; genio tipo “champignon” de los criaderos lóbregos de París, y es tal la chatura general, en lo espiritual.

Mi vida aquí, está rodeada de seres insensibles a esas ansias mías que no sospechan siquiera la realidad de mi mundo interior: Mundo de nebulosa para ellos, que les hace sentir piedad por su morador. Para ellos soy un lírico viciado en la holgazanería, que empleo mi robustez furia y mis alientos, en pintar. Mi pena por ellos, a mi vez, es de sentirles tan a raíz del suelo, tan materializado, tan vacíos de ansias espirituales que me obligan a compararlos con la ostra que solo le importa la succión que la nutre y el no perder el lugar en la roca donde vive adherida.

Claro que al escribirle estas cosas reviven con más fuerza aún esos días que fueron de verdadero regalo para mí alma, y que su franqueza, su elevada visión de las cosas y su generosidad de artista superior, me llenaran de compensación, al llegar a mi rancho donde hacia tiempo trabajaba resignado a mi soledad, a la ausencia de los seres confidentes que necesita todo hombre de lucha; seres a quienes confiar las alternativas del alumbramiento esperado. Resignado, digo, a la ausencia de eso excelso confidente a quien pedir fe, y que responde con su lealtad junto al artista, que niño siempre, bajo ciertos puntos de vista, necesita como este, de la madre que, guíe sus pasos, puesto que las alternativas en las búsquedas producen horas de desaliento de extravío, en que nuestra propia llama puede encandilarnos al punto de perdernos.

El trasladarse Ud mismo aquí; el contacto leal, la conversación humilde, encausada por las vías de nuestros problemas y de nuestros anhelos comunes a la vera de la ansia reavivada por la madurez severamente cultivada, han evidenciado en mi esa alta necesidad de comunión espiritual. Ahora me es más difícil avenirme a tal ausencia, no obstante mi humilde resignación, hecha a tantos renunciamientos que capacita encontrarlo todo en mi mismo, y en esta naturaleza. Usted con su vivísima, pero leal presencia, aquí, en este mundo mío, de mis lienzos, mis libros y mis papeles, ha tenido el poder de sacudir mi existencia, despertándome de la apasividad en que se deslizaban mis días, completos de trabajo, en que ajeno a todo lo que sucedía más allá de mis fronteras, no sabía decirle si vivía como un alucinado o un monje renunciante a todo lo exterior, hecho a su convento y a su celda. Día tras día, de sol a sol con inmutable fervor, buscaba mi verdad, sin más razón y otro empeño que alcanzarla y con el triste acicate de lo perentorio del plazo dado mis años para llegar al triunfo ante mi mismo; pensamiento que aumentaba mi dedicación y mi celo para lo menos fijar, como otros luchadores, una huella.



Alguna vez, conversando con José León Pagano<sup>349</sup> que ha sido leal compañero en diferentes periodos de mi vida, recuerdo haber sostenido que las artes que mas se asemejaban entre si, ya fuera en la captación o en el proceso creador era las de literato y el pintor, siendo tan útil su contacto, que los complementaba, y que creía que así como el ojo del pintor abundaba mas la observación en el escritor este ampliaba los medios expresivos de aquel. Se comprende tratándose de valores equitativos, que por otra parte es la única manera de alcanzar una perfecta compenetración, y poder “hablar”.

Creerá Ud, amigo Lobato, que mi carta encierra un sentido de apremiante solicitud, pero debo aclarar que lo encuentro recién al releer estas ultimas líneas, y por ello tiene el valor particular de haber fluído expontaneamente.

Ud y yo estamos viviendo los años definitivos de la prueba. La vida generosamente, nos ha concedido un largo plazo de gestación, pero ha llegado el momento de cerrar nuestro ciclo. Es ahora pues cuando diremos para nuestro nombre esa definitiva palabra enteramente nuestra y conquistemos, por haberlo buscado hasta el ultimo, el respeto que merece todo esfuerzo.

Por eso le decía a Ud que no obstante su respetable obra realizada y consagrada, no podía Ud descansar, por que detenerse significa, no existir, además y sobre todo por que vive Ud el período de superación que es sinónimo de prosecución: Prosecución detrás de la obra mejor que es aquellas que espera en el lienzo en blanco, o en las cuartillas vírgenes.

Ya sabe Ud que tiene aquí un rancho donde con aprecio e llano entendimiento, se le espera siempre.

B. de Quirós

---

<sup>349</sup> José León Pagano (1875-1964), escritor e professor de estética da Universidade de Buenos Aires. Em 1904, seu *Parnaso argentino, poesias selectas*, foi publicado pela editora Maucci, de Madrid. Em 1944, pela Casa Peuser, saiu *C.Bernaldo de Quirós, exposición homenaje*.

Jurandir:

Estamos na ACTEÓN<sup>350</sup> fazendo uma coisa louca: um HÉRCULES<sup>351</sup> de luxo, para ser “o” livro de presentes deste ano, a 30 pesos, em formato grande, luxo de verdade. A editora pôs no orçamento 10 mil pesos para a propaganda, ou avisos nos jornais. A coisa está organizada para a saída, este Natal, de 5 mil exemplares. Uma das melhores agências de publicidade daqui está associada no negócio e interessadíssima. A Meca.

O livro foi remodelado por mim para ter a unidade necessária a uma obra em um volume. Está muitíssimo melhor e mais interessante que a edição dada aí. Saem seus desenhos e doze em tricromia. Os originais estão já na tipografia. Tudo vai a galope.

Mas a coisa encrencou hoje aqui no escritório por causa da sobrecapa (a edição é encadernada) que será em tricromia, linda. O diabo do desenhista (é riograndense) fez um desenho que não me agradou. Discussão vai, discussão vem, manda fazer outra por este e aquele, de repente me veio uma idéia: pedir a v. que fizesse a tal sobrecapa. Desse modo fica o livro inteiro desenhado por você, sem nada nele que te envergonhe. E aí vai o projeto, ou lay out que eu imaginei e me parece muito bom. Com base nesse lay out o tal desenhista daqui fez uma c... Faça e mande por via aérea o quanto antes. Pode fazer coisa fina, com quanto tom fino quiser porque o clichê vai ser feito na melhor oficina de tricromias daqui.

O Quirós me escreveu hoje. Está nos esperando.

Diga à Marta<sup>352</sup> que não precisa mandar recortes de jornais sobre as desgraças daí porque os jornais de cá nos informam muito bem.

Adeus

Lobato

Bs. As. 9-9-46

---

<sup>350</sup> “Editorial Acteón”, fundada em 03 de outubro de 1946, na capital Argentina, por Monteiro Lobato, e os argentinos Juan Ramón Prieto, Miguel Pilato e Manuel Barreiro. O fim da casa editora ocorreu em 1947.

<sup>351</sup> A menção a Hércules remete ao livro *Os Doze Trabalhos de Hércules*, lançado em castelhano, pela editora Acteón, em 1946, sob o título *Las Doce Hazañas de Hercules*.

<sup>352</sup> Marta Monteiro Lobato (1909-?), primogênita de Monteiro Lobato e casada com J.U. Campos.

“El Brete”<sup>353</sup> – Paraná 29.9.1946

Querido amigo Lobato.

Recebo hoje sua segunda carta que vem acompanhada dela de su yerno el pintor J.U. Campos:

Debo darle las gracias por haberle enviado mi libro y también por querer inculcar a esse joven pintor la Idea de que va a encontrar em mí, el maestro definitivo. Gracias para el también por el benigno encepto sobre mi obra.

Atareado como estoy, habia pensado darle todas esas contestaciones que me requiere en su carta, personalmente, conversando con Ud en Buenos Aires: Pero es el caso, que está, su segunda carta, me obliga por “demais”.

También yo, como el señor Campos, me encuentro tremendamente atareado con el trabajo de mi proxima exposición. No precisamente por la exposición misma, sino por ese interés intimo de querer alcanzar eso que uno busca y llevar a ella, por lo menos, un pequeño indicio. Desgraciadamente no será así, y comprenderan mi exposición un muntin de cosas de vago significado, honradas, pero sin conección entre sí; sin ese eslabinamiento que adquiere la obra cuando se encarrila.

Es claro que lo que uno busca, a esta altura de la vida, no constituye precisamente material de interés para una exposición en nuestro medio de cultura tan superficial. Lo que uno busca es enteramente íntimo; és para saciar su propia convicción, secreto diría, ya que por otra parte a lo mas que el artista puede aspirar en tales casos, teniendo acierto y trabajando mucho, es abrir un sendero, determinar un rumeo para que lo sigan aquellos que crean en uno. En esa muestra habrá probablemente dos o tres cosas en que se adivina la búsqueda que me preocupa. Podrá observarlo el observador preparado, otro artista capacitado, ya que se trata de cosas de poco volumen con el interés único de ensayo. Me hubiera gustado presentar una tela de composición de figura, con cinco o seis personajes, con esa hundura y esa sobriedade que persigo, pero no disponia de tiempo ni de sosiego espiritual necesario.

Pero volvamos al señor Campos. Creo mi deber hacerle conocer una cierta inquietud producida por su plan de hacer llegar hasta mi, de dicipulo a maestro, ese joven pintor. Ninguna de las charlas con ud respeto a su personalidad me ha dado tan clara idea de cómo es ella, como su

---

<sup>353</sup> Cidade da província de Córdoba.

carta. Yo ahora sé que es un hombre sin pretensiones, humilde frente a las obras a las cuales concede importancia, y un poco aislado de la producción de arte universal.

Hay que descontar, desde luego, que esa carta va dirigida a una persona de toda intimidad.

Mi preocupación es por lo que puede sucederle teniendo contacto conmigo a quien el considera "genio". Podemos dar por descartado de que se creará en él, con nuestro encuentro, un clima de inseguridad que puede perturbar su obra quitándole eso que honradamente ha sabido ponerle, para no darle acaso, otro rumeo mejor. Por lo que [ilegível] conociendo el medio cultural de San Pablo donde él tiene tan definitivo éxito, se trata de una pintura agradable y objetiva, y para mí, amigo Lobato, son dos cosas que hay que combatir, y si encuentro en él talento, como sin duda lo tiene, tendré que decirle la verdad.

He querido con esta confianza, cumplir con mi deber. Usted sabe como yo, que estamos viviendo momentos difíciles para las cosas superiores del espíritu. Una avalancha de gente nueva, de industriales y comerciantes enriquecidos, que no ha tenido tiempo de evolucionar, es el que rige los destinos de los que pintamos, hacemos música, o teatro. No así el libro que llega más fácilmente a los lugares cultos y a las bibliotecas populares.

Esa gente es la que adquiere y paga lo que creen bueno; pero el bueno de ellos, lo constituye la cosa de vanguardia que por snobismo deben aceptar, o aquellas obras que entran puramente por los ojos. Yo no creo que Campos pertenezca a ninguno de estos dos grupos, pero si que produzca una pintura linda, y no quisiera ser yo la causa que, alejándole de esa modalidad, le disminuya el aplauso y el mercado, quitándole esa holgura de vida con que cuenta.

Para terminar esta larga carta quiero decirle referente a sus preguntas sobre la publicación proyectada, que se las daré verbalmente dentro de pocos días que estaré en esa. Hasta entonces pues y un abrazo.

B. de Quirós

MLb 3.1.00194 cx4

Cópia

Buenos Aires, 17,03,47

Prezado Sr. Faria:

Cá me chegou o seu bilhete anexo à cópia do discurso no jantar a um capitão Fleury<sup>354</sup>, que deve ser parente do que leva pau em meu livro ESCÂNDALO DO PETRÓLEO<sup>355</sup>, e que, apesar de todas as coisas maravilhosas que o senhor diz na linda pega oratória, deve ser um patifão igual ao outro, pelo simples fato de fazer parte do maior sistema de parasitismo do mundo: o exército brasileiro. O seu discurso faz a apologia desse parasitismo, com base no que corre escrito sobre a capacidade e o heroísmo da gente fardada; escrito oficialmente, por eles e para uso da meninada, para que se perpetue no Brasil a ilusão de que o exército é uma grande coisa. Mas sempre que vemos esse exército de perto, que o cheiramos e apalpamos, diretamente ou por meio de documentos (como o livro de Euclides da Cunha<sup>356</sup>), nossos cabelos se arrepiam diante de tanta covardia, tanta inépcia, tanta ladroagem, tanta mentira. Ladroagem: sabe quanto ganha o adido militar daqui (e todos mais)? NOVENTA E CINCO CONTOS POR MÊS. O dobro do que ganha o Embaixador. Por quê? Porque é militar, simplesmente por isso, porque são os militares que mandam no Brasil e dispõem do Tesouro como da casa da sogra.

E aí de quem os denunciar. Eles o matam a tiros na rua e as autoridades nem fazem processo.

Os militares estão devorando o país como um bando de urubus devora uma carcaça. Absorvem 90% do orçamento e não valem coisa nenhuma. Quando vão para a guerra, como foram para a Itália, só demonstram uma coisa: que apesar dos milhões de contos que o exército já custou ao Brasil durante a República, os pobres soldados não têm roupas, não têm comida, não têm armas, não têm instrução decente, não tem coisíssima nenhuma; e para que o “feito” não fosse integral, dos que envergonham a espécie humana, os americanos tiveram de lhes dar tudo isso, e

---

<sup>354</sup> O Fleury “que leva pau” no livro é Domingos Fleury da Rocha, engenheiro, que assumiu em 1938, a direção do Departamento Nacional de Produção Mineral (antigo Serviço Geológico); em 1934, porém, ajudou a redigir o Código de Minas, criado por Getúlio Vargas e incorporado à Constituição de 1934. Cf. também CHIARADIA, K. *Op. cit.*

<sup>355</sup> *O Escândalo do Petróleo*, de Monteiro Lobato, foi publicado em 1936, pela Cia Editora Nacional e tratava, dentre outros assuntos, do “Código de Minas de 1934”, que, segundo o escritor, protegia aos trustes estrangeiros, tendo como parceiros Fleury da Rocha e Vitor Oppenheim, geólogo da Stand Oil, que viera prestar serviços no Brasil. Sobre este assunto, cf. CHIARADIA, K. *Idem.*

<sup>356</sup> A referência feita ao livro de Euclides da Cunha (1866-1909) pode ser *Os Sertões, Fragmentos, Diário de uma Expedição*, livros em que o escritor faz referência ao exército, além de descrever o cotidiano de soldados que fazem expedições em matas.

de lhes preparar umas hipotéticas vitoriasinhas de Castelos, para justificar os 150 milhões de dólares que a farsa custou ao país. Os americanos fizeram tudo aquilo – mas botaram na conta; e esse desgraçado e paupérrimo Brasil ficou devendo aos americanos mais 150 milhões de dólares além dos milhões e milhões que já deve e dos quais não paga nem juros nem amortização. Tudo isso para quê? Para que tivéssemos a honra de estar hoje governados por mais um general do tal exército de urubus – o Dutra, essa glória nacional...

Perdoe, meu caro Faria, este desabafo. Mas quando vejo um homem como o senhor, tão inteligente e eficiente, cair no “conto” do Glorioso Exército Nacional, perco a tramontana e extravaso. Perdoe-me...

Seu discurso revela um homem extremamente exuberante, cuja força interior pede expansão e não se coaduna com a atividade prosaica e pacífica que o senhor exerce: comércio. A natureza o fez para outras coisas, para descobridor, por exemplo, para grande colonizador de terras novas, para construtor, em suma. Mas o Destino o botou erradamente numa era e num país nos quais Faria não pode expandir-se e tem de acomodar-se a coisinhas. E ele então, não podendo expandir-se na realidade, expande-se no sonho; e no delírio do sonho chega até a tomar a sério esse irmão da saúva, que é o Exército Brasileiro. “Ou o Brasil destrói a Saúva, ou a Saúva destrói o Brasil”. Se em vez de Saúva pusermos Exército, a verdade continua a mesma.

Continuo a procurar casa nessa carcassa devorada pelos gloriosos parasitas da farda, e até agora nada me apareceu que servisse. Como estou muito bem aqui, não tenho pressa. Se um dia achar casa, voltarei. Em caso contrário, vou ficando e assistindo de longe ao devoramento da pobre pátria... Adeus. Lobato (a) Lobato

A sua interpretação daquela história de ídolo e nicho na carta ao Prestes<sup>357</sup> é a certa. Ele não entendeu bem. Prestes voltou, para mim, a ser o que era, porque vomitou Getúlio.

---

<sup>357</sup> Lobato recebeu de Prestes uma carta, em 1946, com os seguintes dizeres: “Assusta-me sómente essa situação de ídolo, e que se prolongue por muito tempo a residência incômoda no nicho a que me destina”; tal missiva é uma resposta do líder comunista a Lobato, que escreveu antes a Prestes, dizendo que este havia cometido “o erro de aceitar Getúlio”. O que ocorreu – segundo Lobato – foi uma estratégia política de Prestes, o que o escritor paulista esclarece: (...) “mas o antigo estrategista militar se revela estrategista político de igual valor, e vence. E conquista uma vitória tríplice: 1) enterra o ditador que tentava ressuscitar, 2) dá xeque-mate na intromissão do clero na política, 3) desvanece para sempre o fantasma do PRP. Minha velha admiração por Prestes ressurgiu – aumentada. Era bem o homem que eu queria”. Cf. carta, provavelmente, de 1946. In. LOBATO, M. *Op. cit.*, p. 186-188.

MLb 3.1.00195 cx4

Editorial Acteon

---

Piedras 346-48

U.T 33, Avenida 8995

---

Buenos Aires, 19,3,47

RANGEL:

Tua última carta me preocupou, e vai esta buscar notícias. Na nossa idade, com estes abalados organismos cheios de caruncho em que vivemos, há sempre o perigo da casa cair de um momento para outro. Creio que minha casa vai cair por desabamento do lado cardíaco. Sinto às vezes, à noite, umas coisas que só posso definir como tentativas de fuga de um prisioneiro. Chego, em terrível aflição, a despertar subitamente, agarrado à vida como um naufrago nas últimas à tábua de salvação. A vida que anima meu corpo – não a minha vida espiritual eterna, mas a vida temporal, digamos, ou a vida física, ou a vida metabólica da minha casca-corpo, percebe as manobras do prisioneiro-alma para fugir, e num desespero agarra-o pelo rabo e puxa-o frenética e desesperadamente para dentro da prisão-corpo. O corpo tem a sua alma física que não se confunde com a nossa alma metafísica ou espiritual. É a alma física do corpo que faz das células uns seresinhos autônomos e sábios como abelhas, hábeis em dirigir-se perfeitamente por si mesmos. Ora essa alma física tem um medo horrível de que a alma metafísica abandone a colméia-corpo da qual é a Rainha. Sabe que “morre”, quando a Rainha abandona a colméia e esta entra a desorganizar-se. E como tem horror a essa morte, se apanha a Rainha em tentativa de fuga, ferra-a pelo rabo ou por uma perninha e força-a a voltar para seu trono dentro da colméia. Um rabo ou uma perninha ectoplásmica. De uns tempos para cá o Ego que sou tenta à noite, subrepticamente “fugir”, como o Piantadino<sup>358</sup> da historieta gráfica de Mazzoni<sup>359</sup>; sempre à noite, que é quando o corpo ou a colméia está mais

---

<sup>358</sup> Piantadino, presidiário cujas tentativas de fuga sempre se frustravam, era o protagonista de uma historieta argentina (o equivalente aos quadrinhos brasileiros), criada em 1941 e veiculada no jornal *El Mundo* e na revista infantil *Rico Tipo*. Piantadino também teve adaptação para o cinema em 1950.

<sup>359</sup> Trata-se de Adolfo Mazzone (1914-2001), criador da historieta de Piantadino, que estreou “Capicúa”, em 1939.

descuidada, porque dorme. Até agora todas as fugas fracassaram, como também têm fracassado todas as tentativas de fuga do Piantadino; mas de repente o consegue – e os jornais do dia seguinte vêm com aquele trololó fúnebre: Faleceu ontem de síncope cardíaca o ilustre escritor Monteiro Lobato, um dos mais, etc. etc. – e lá vem toda a tropa de lugares comuns dos necrológios. Mas eu, o EGO que não morre, porque não pode morrer, porque nada morre, nem o mais miserável átomo, estarei a rir-me da inópia dos jornalistas; e “na rua”, livre da casa velha que já estava inabitável, assistirei à sua demolição lenta pelos pequeninos obreiros chamados Vermes a fim de que com o material velho o mestre-de-obras Vida construa suas casas novas. E então recordarei o que alguém me escreveu em carta e me ficou na memória: VOCÊ DEVE VER-SE COMO DE FATO É – UM ESPÍRITO NUMA ROUPAGEM TERRENA. A VERDADEIRA PESSOA – V O C Ê – NÃO É ESSE SEU CORPO, COMO EU NÃO SOU O MEU CORPO, – COISAS FRÁGEIS E SOFREDORAS. SOMOS ESPÍRITOS IMORTAIS E DIVINOS, FORTES E INALTERÁVEIS, SEMPRE TENDENTES A MELHORAR, A APERFEIÇOAR, A APURAR AS SUAS QUALIDADES. NESTE MOMENTO ESTAMOS EM MISSÃO NA TERRA, QUE NÃO SABEMOS QUAL SEJA, MAS QUE FATALMENTE É PARA NOSSO BEM.

Achei muito curiosa essa pequena síntese de uma pessoa de mais intuição do que cultura. Vejo nela um perfeito sistema de idéias que hoje me sabe mais do que o de Spencer<sup>360</sup>, no qual vivi tanto tempo, desde a minha mocidade acadêmica até o dia em que um simples copo-escritor me convenceu de que o INCOGNOSCÍVEL de Spencer não é absoluto, e se tornaria mais filosófico se mudasse umas letras e passasse a INCONHECIDO. No meu caso, o Incognoscível spenceriano passou a INCONHECIDO EM VIAS DE SER CONHECIDO. Com você já não se deu o mesmo; o copo falhou; sinal (dizem os espíritas) de que eu já “fui chamado” e você ainda não. Parece que no Além há um Serviço Militar Obrigatório...

Mande-me notícias da tua colméia. A última carta, como já disse, me impressionou. Estava rarefeita, débil como um sussurro de vida afônica. Como será a próxima, em resposta a esta?

Do “imortal e divino”

Lobato

---

<sup>360</sup> Trata-se de Herbert Spencer (1820-1903), filósofo inglês, que concebeu a realidade como produto do desenvolvimento de uma força incognoscível, diretamente relacionada à ideia de evolução, isto é, a partir da evolução, o que era indeterminado e simples passa a ser determinado e complexo.



Buenos Aires, Abril 23 de 1947. –

RECEBI DE EDITORIAL CODEX S.R.L. LA SUMA DE QUINIENTOS PESOS MONEDA NACIONAL DE CURSO LEGAL. -----

EN CONCEPTO DE PAGO POR LOS DERECHOS QUE ME CORRESPONDEN E MI LIBRO ORIGINAL “LA CASA DE EMILIA” Y UNICAMENTE POR SU PRIMERA EDICIÓN EN IDIOMA CASTELLANO DE HASTA 10.000 EJEMPLARES. – QUEDA CONVENIDO QUE ESTOS DERECHOS LOS CEDO EN EXCLUSIVIDAD A LA EDITORIAL CODEX S.R.L DELEGANDO EN LA MISMA TODOS LOS DERECHOS QUE COMO AUTOR DE LA OBRA Y DE ACUERDO A LA LEY 11.723 ME CORRESPONDEN. – LA EDITORIAL CODEX S.R.L DEBERÁ ABONAR POR CADA NUEVA EDICIÓN EN CASTELLANO DEL MESMO TIRAJE IGUAL SUMA DE LA QUE RECIBO. -----

SON: \$ 500. - - m/n.

Buenos Aires, abril 29 de 1947. –

RECEBI DE EDITORIAL CODEX S.R.L. LA SUMA DE QUINIENTOS PESOS MONEDA NACIONAL DE CURSO LEGAL. -----

EN CONCEPTO DE PAGO POR LOS DERECHOS QUE ME CORRESPONDEN E MI LIBRO ORIGINAL "CUENTO ARGENTINO" Y UNICAMENTE POR SU PRIMERA EDICIÓN EN IDIOMA CASTELLANO DE HASTA 10.000 EJEMPLARES. – QUEDA CONVENIDO QUE ESTOS DERECHOS LOS CEDO EN EXCLUSIVIDAD A LA EDITORIAL CODEX S.R.L DELEGANDO EN LA MISMA TODOS LOS DERECHOS QUE COMO AUTOR DE LA OBRA Y DE ACUERDO A LA LEY - 11.723 ME CORRESPONDEN. – LA EDITORIAL CODEX S.R.L DEBERÁ ABONAR POR CADA NUEVA EDICIÓN EN CASTELLANO DEL MESMO TIRAJE IGUAL SUMA DE LA QUE RECIBO. -----

SON: \$ 500. - - m/n.

Pasta 20 2531

Papel timbrado Editorial Acteon.

Avenida de Mayo 654 – 2º piso – BUENOS AIRES.  
U.T 33, AVENIDA 1245

B.Aires, 21/5/1947

Dr. Lobato.

Prezado Amigo:

Recebemos sua nota sen data. Já foi por via aérea um “Nova Argentina”<sup>361</sup>. O pacote de 10 vae pelo correio comum.

Asunto/secretaria: Temos pleiteado, com resultados positivos, segundo notícias últimas, o aumento do preço para os 50.000 ejemplares da Subsecretaria de Informações<sup>362</sup>. No día 7 houve um laudo arbitral para os gráficos e o custo de produção aumentou 20%. Transferimos este custo ao projecto anterior entregado ao Cipolletti<sup>363</sup> e está correndo. Hoje o Pilato<sup>364</sup> voltou com a novidade “que se está redactando el contrato de compra de los 50.000 ejemplares. Y debe estar listo pasado mañana”.

La Plata<sup>365</sup>: Temos conversado mais com o Conselheiro da Direção Geral de Escolas da Província de Bs.As<sup>366</sup>. O proyeto de compra dos 100.000 “Nova Argentina”, ainda não foi apresentado na Direção Geral por que os conselheiros não tem dado número para sesionar, de manera que será apresentado na seção de amanhã. Elles tem a “sugestão” do Mercante<sup>367</sup> (Gobernador) de que o livro deve ser distribuído aos alumnos sem perda de tempo.

---

<sup>361</sup> *La Nueva Argentina*, livro infantil publicado por Monteiro Lobato, em 1947, sob o pseudônimo de Miguel P. García, pela “Editorial Acteón”. A obra – escrita em espanhol – foi a única destinada às crianças escrita durante o tempo em que o escritor viveu em Buenos Aires.

<sup>362</sup> A Subsecretaria de Informações era órgão do Ministério da Justiça e Instrução Pública, que englobava a área de Educação, e era responsável pelo controle ou divulgação de livros e artes em geral. Essa subsecretaria foi criada durante a reforma educacional de 1947, promovida na Argentina durante o governo de Perón. O livro *La Nueva Argentina*, para poder circular, deveria passar por esse departamento, que tinha como diretor geral o Dr. Gral. Manuel Villada Archával (1900-1959). Sobre esse assunto, cf. PUIGRÓS, Adriana. *Peronismo: cultura, política y educación*. Buenos Aires: Editorial Galerna, 2006, principalmente o capítulo “Las reformas del sistema educativo”, pp.325-291.

<sup>363</sup> Emilio Domingo Cipolletti (1898-?), escritor argentino, que em 1947 publicou pelas “Ediciones Justicia Social”, de Buenos Aires, o livro *Ante los ojos de America*.

<sup>364</sup> Miguel Pilato era um dos sócios de Monteiro Lobato e Ramón Prieto na Editorial Acteón, fundada em 03 de outubro de 1946.

<sup>365</sup> La Plata é a capital da província de Buenos Aires, fundada em 19 de dezembro de 1882, após Buenos Aires ter se tornado o Distrito Federal.

<sup>366</sup> Em 1947, o Conselho Geral de Escolas era composto por 8 membros, sendo o subsecretário de Instrução Pública o professor Jorge Pedro Ariazaga (1903 - ?) e o ministro da Educação o advogado Belisario Gaché Pirán (1908-?). Sobre esse assunto, cf. PUIGRÓS, Adriana, *op. cit.* pp. 120-186.

<sup>367</sup> Coronel Domingo Mercante (1898-1976), governador de Buenos Aires, que tomou posse em 16 de maio de 1946, deixando o governo em 03 de junho de 1952.

Esperamos, pois, poder telegrafar ainda esta semana anunciando a concreção da “tacada”. Não deixe de torcer.

INVENTÁRIO: Vae o inventário geral, para que o sr. asigne. O registro está marchando e falta este inventário asignado pelos três para completal-o. Peço devolver por via aérea.

Landolfi: Ontem fallamos com elle sobre o crédito. Ficou sorprendido. Dice que amaña ia telefonar dicendo em que condições poderia liquidar. Que elle imaginaba liquidar este resto NA MEDIDA DAS VENTAS. Logo que ele comunicar alguma coisa, escreverei.

Tudo o resto bem. Saúde e disponha

Catálogo: Não chegaram os da Brasiliense

Um abraço no Neves y Caio.

Prieto (assinado de caneta)

À margem da folha, há o seguinte trecho, escrito de caneta azul:

Asignatamos do Balance atrás da página.

CODEX  
EDITORES E IMPORTADORES DE LIBROS

Nº 1736

BUENOS AIRES, 10 de Junio de 1947.  
SEÑOR/ES MONTEIRO LOBATO  
DOMICÍLIO Rua Barão de Itapetininga, 93, 2º  
andar. Loc S.PAULO – BRASIL

**FACTURA**

CLASSIF.	CANT.	DETALLE		NETO	TOTAL
	4	Tomos del libro: "Hacia allá y para cá" (Una estadia entre los indios Mocobies, 1749-1767) de Florian Paucke.  Dct. 15% Franqueo  <u>SON: SESENTA Y NUEVE CON 65/100 MONEDA ARGENTINA</u>	\$ 80, -- 12 <hr/>	68,-- 1,65 <hr/>	\$ 69,65
SR/IG			SUMA TOTAL		\$ 69,65

Pasta 20 2500

[papel timbrado]

Libros Infantiles Postales – Montevideo 971 – Telefonos: 41. Plaza 1466 42. Callao 8961 – Adeva  
Dirección Sarandi 328 – T. A. 47 – Cuyo – 8971.

Editorial Codex – S.R.L.<sup>368</sup>. – Capital \$120.000.00

Buenos Aires, 24 de Junio de 1947

Señor  
Monteiro Lobato  
Editora Brasiliense Ltda.  
São Paulo – Brasil

Distinguido y estimado maestro:

Ruego a Ud. ante todo, perdonar que recién a un mes de mi regreso dirija a Ud. este cálido y afectuoso saludo. Día a día quise disponer de algunos momentos libres pero la cantidad grandes de compromisos asumidos por Códex en los dos últimos meses, me quita hasta el sueño. Deseo sinceramente pase Ud. días de excelente salud en la grata compañía de su señora esposa y su simpática “menina” a quienes hago extensivo mí afectuoso saludo.-

Por separado escribimos al Sr. Neves una carta, de cuyo contenido le ruego se imponga. También enviamos a Ud. un ejemplar en volúmenes de “Hacia acá y para allá”<sup>369</sup> de William Paucke<sup>370</sup>, - que espero haya recibido ya. Fué enviado por Correo certificado N-º 198492.

“Falando de outra coisa”, debo decirle que tanto Hirsch<sup>371</sup> como Hidalgo<sup>372</sup> me recomendaron le pida a Ud. que trate en lo posible de adornar las escenas con detalles que

---

<sup>368</sup> A “Editorial Codex” foi uma das editoras que publicou algumas obras infantis de Monteiro Lobato na Argentina; desde 1944, a casa editava dicionários, enciclopédias, livros didáticos e demais obras voltadas para o público infantil e juvenil. O anexo da carta MLb3.2.00462 cx10, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato/CEDAE/IEL/Unicamp, contém a relação de livros que a Editorial Códex tinha por intenção publicar; através da lista, pode-se inferir que alguns títulos vieram a público, porém, tal informação não pôde ser comprovada, uma vez que não se encontraram tais exemplares durante as pesquisas desenvolvidas junto às instituições argentinas.

<sup>369</sup> *Hacia acá y para allá, una estada entre los índios mocobíes* foi escrito por volta de 1763 e trata das missões jesuítas no período colonial argentino; os manuscritos só foram encontrados em 1829, ano em que foram publicados alguns capítulos; a obra completa, no entanto, saiu em 1942, em espanhol, pela editorial Tucuman, de Buenos Aires.

<sup>370</sup> O nome correto é Florián Paucke (1719-1980), jesuíta de origem polonesa, que em 1749 chegou a Córdoba, onde terminou seus estudos teológicos e partiu em missão com índios, o que resultou no livro *Hacia acá y para allá*.

<sup>371</sup> Eugenio Hirsch (1923- ?), artista plástico de origem austríaca, que em 1938 mudou com sua família para a Argentina, onde morou até 1955, quando passou a viver no Brasil e a trabalhar na editora Civilização Brasileira. O anexo da carta MLb 3.2.00462 cx10, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato/CEDAE/IEL/Unicamp, indica Hirsch como ilustrador do livro *O Novo Visconde*, em formato “juguete”; além disso, segundo Cavalheiro, Hirsch ilustrou as seguintes “ediciones juguetes”, feitas a partir de livros de Monteiro Lobato, publicadas pela Editorial Códex, em 1947: *Uma Fada Moderna*, *O Centaurinho* e *No Tempo de Nero*. Cf. Cavalheiro, E. *Op cit*, p. 267.

puedan ser plasticos y decorativos pues facilitaría mucho la labor de ellos. Hidalgo especialmente me recomendó la inclusión de escenas con vigor y movimiento pues en los dos originales que ella tiene para hacer ya, no sobran motivos para crear movimientos ingeniosos, como es nuestro deseo. –

Nuestros clientes del exterior nos escribieron algunas cartas con referencia al aviso que publicamos en GACETA DEL LIBRO<sup>373</sup> por la publicación de vuestras obras en libros JUGUETE<sup>374</sup> y nos envían las opiniones mas diversas. Uno por ejemplo, nos dice que sería interesante publicar algunas en libros tipo “Los Mejores Cuentos”. Dejamos la sugerencia de este importante cliente, para la consideración vuestra.-

Sin otro particular, no me queda otro deseo que el de desearle suma felicidad y enviarle un afectuoso abrazo

[assinatura]

Editorial Codex S. R. L.

Sócio-Gerente.

---

<sup>372</sup> María del Carmen Hidalgo, ilustradora argentina, que, segundo anexo da carta MLb 3.2.00462 cx10, aparece como ilustradora da edição “juguete” *O Novo Visconde*. Além disso, Cavalheiro registra em sua biografia sobre Lobato, que Hidalgo ilustrou os livros “juguetes” *A casa de Emília* e *A Lampréia*, publicados pela Editorial Códex, em 1947. Cf. CAVALHEIRO, E. *Op. cit.*, p. 267.

<sup>373</sup> “Gaceta del Libro” é um catálogo de livros que anunciava as publicações da Codex.

<sup>374</sup> A “Editorial Codex” pretendia lançar, na década de 1940, alguns livros de Monteiro Lobato com ilustrações se movimentam e são em alto relevo, denominadas “Ediciones Juguetes”.

S. Paulo, 16, 7, 947<sup>375</sup>

Amigo Landolfi<sup>376</sup>:

Já havia eu escrito a minha de hoje, em resposta à sua de 3, quando recebi uma de Prieto. Diz ele que não pôde receber o pagamento dos 10 mil pesos do meu saldo na Americalee, que pedi fosse feito à ACTEÓN para integralização do capital que subscrevi nessa sociedade. E sou obrigado a escrever novamente ao meu amigo Landolfi, para que esclareça esse ponto. Desejo saber se pode entregar já o meu saldo ao Sr. Pilato, que tem autorização minha para receber, ou se deseja entrar em acordo com ele para um pagamento parcelado. É um ponto de muita importância, pois se eu não puder dispor desse saldo, terei de providenciar de outra maneira a integralização do meu capital na ACTEÓN.

Esta carta vai por mãos de Prieto. A outra vai por via aérea.

Do muito amigo, e agradecido,

Monteiro Lobato

---

<sup>375</sup> Lobato chegou de Buenos Aires em 08.06.1947.

<sup>376</sup> Emilio Landolfi fundou a "Editorial Americalee", em 1940, na Argentina. A primeira edição lobatiana da *Obra Completa* Infantil, em espanhol, saiu em 1943 por esta casa editora.



3/8/47

Dr.Lobato

Prezado Amigo: Estão censurando sua correspondência? Tenho escrito uma vez por semana y ha poco recibí una sua reclamando noticias. Esteve aquí a “Bomba Atômica” con o livro que quer publicar. Ficamos en lhe arranjar um orçamento, que ya temos e vou transmitir-lhe. Agora tudo encareceu terrivelmente. Recebi seu telegrama. Fui ao Vulcania<sup>377</sup> procurar o pintor Cataldi<sup>378</sup>. Más quem o poderia identificar entre 1.800 pasajeiros? Estive no seo camarote, mas elle andava pelos pontos. Foi chamado pelo microfone de abordo e não compareceu. Voltei sem vel-o. Isso foi na quinta-feira. Até hoje, domingo, não deu signaes de vida.

NOVA ARGENTINA. –

O Diretor do Conselho Nacional de Educação de La Plata demitiu, e com elle, todo o conselho. Estamos esperando seja preenchida a vaga para terminar este problema. O Secretário da governação jura pela mãe delle que é negócio líquido, mais ainda anda de contrato por ausência do funcionário que deve asinar a orden. O mesmo livro, aqui na capital está sendo trabalhado sem descanso. Ya presentamos pedidos legal para ser oficializado como livro obrigatório de leitura em 5 e 6º grado. Temos “pistolões” de marca que apoyam (incluindo o Figuerola<sup>379</sup> com quem temos falado repetidamente). Todo marcha em carro de boy.

CIPOLLETTI. – Este sujeito protela ainda o outro volume. O stok de promesas aumentou, mais concreto mesmo nem asím! Temos movilizado o diabo para conseguir uma definição, sem resultados ainda.

LANDOLFI. – O italiano tornó a argumentar da mesma maneira. “Crédito não significa disponibilidade. Só cuando as vendas atingirem o total do editado”. Nada, pois, é posivel esperar desse lado.

PILATO. – Vae ao Rio nesta semana próxima e, posivelmente dará um pulo em S. Paulo para conversar consigo. Elle explicará com detalles tudo. Conversei várias veces com o Travassos, mais a última hora não o vi. Elle, penso, adeantó sua volta. A Shiang Kay-Sheck<sup>380</sup>

---

<sup>377</sup> Navio italiano, que fazia a rota do Atlântico Sul para os Estados Unidos.

<sup>378</sup> Pablo Cataldi, pintor italiano radicado em Buenos Aires, responsável por desenhar os primeiros selos a circular na Argentina a partir de 29 de abril de 1858.

<sup>379</sup> Laureano Figuerola y Ballester (1816-1903), jornalista, escritor e advogado espanhol, que se dedicou a questões de educação, fundando e presidindo a Institución Libre de Enseñanza, da Espanha.

<sup>380</sup> A grafia correta é Chiang Kai-Shek (1887-1975), primeiro presidente de Taiwan. Durante os anos em que estudou no Japão participou de movimentos revolucionários contra a monarquia chinesa, instaurando, em 1912, a República da China. A referência ao nome do chinês se deve ao fato de que suas ideias revolucionárias circulavam entre os estudantes argentinos, já que vários títulos de Chiang Kai-Shek tiveram tradução do chinês para o inglês, entre 1943 e 1945. Cf. [www.loc.gov](http://www.loc.gov) último acesso em 17/02/2009.

anda pelas universidades. Compareceu um estudante, amigo do Neves. Conversamos longamente u levou 10 Novas Argentinas. Como anda a situação por ahí? As notícias que chegam são péssimas. Abrazos

Prieto (assinado de caneta)

Pasta 20 2502

1º A CASA DE EMILIA 2º UMA FADA MODERNA 3º O CENTAURINHO	} }	Impresos, se enviaron 3.300 ejemplares de cada uno a fin de noviembre.
4º O PERISCÓPIO DO INVISÍVEL 5º A LAMPREIA 6º NO TEMPO DE NERO	} }	Recibidos facsímiles conformados de Brasil. Para impresión.
7º O CONTAGEM DOS SACIS 8º O MUSEO DE EMÍLIA 9º A GRANDE REINAÇÃO 10º AS FADAS APARECEM 11º A VIOLETA BRANCA	} } } } }	Facsímil en Brasil Facsímil en Brasil Haciéndose los fotocromos Hidalgo lo está ilustrando Ilustraciones em Walt Disney Productions para resolver derechos.
12º O NOVO VISCONDE 13º A REINAÇÃO ATÔMICA 14º O DISCO VOADOR 15º O SONHO DE PEDRINO 16º AS NINFAS DE EMILIA 17º OS DOIS VULCÕES	} } } }	Hirsch lo está ilustrando En composición Llegaron originales el 5/11 está en composición
18º 19º 20º	} }	No recibimos originales.

Documento 2503 da pasta 20 cita A casa de Emilia, em recibo, devendo a listagem ser, provavelmente, da Editora Codex.

# Editorial Codex S.R.L Cap \$ 120.000

---

SARANDI 328 – T.A. 47-8971  
CABLES: CODEX BAIRES

Buenos Aires, 10 de septiembre de 1947.

Señor  
Monteiro Lobato  
Editora Brasiliense Ltda.  
Rua Barão de Itapetininga, 93, 2º andar  
São Paulo  
BRASIL

Estimado amigo Lobato:

En mi poder su carta del 26 de agosto próximo pasado que me llena de satisfacción por los conceptos que en ella emite.

Estoy seguro que los libros saldrán cada vez mejores y que cuando llegemos al último, los primeros nos parecerán feos.

Por separado le envío a Brasiliense los facsímiles de “A contagem dos sacis”<sup>381</sup> y “O periscópio do invisível” con las guardas definitivas y exclusivas para su colección, pues están en ellas todos sus personajes.

Días pasados se presentó por nuestras oficinas el señor Miguel Pilato, de Editorial Acteón, en momentos en que no me encontraba en casa, de manera que hasta la fecha no pude conversar con él.

Quiero hacerle presente que con su pedido se me ha creado una situación un poco violenta, porque me gustaría acceder a lo que usted me pide, y sin embargo, no puedo en su totalidad. La razón principal radica, como usted sabe, en que no somos una editorial como la mayoría, que edita todo cuanto su dirección quiere, sino que se limita a imprimir lo que sus representantes piden. Lo cierto es que habíamos convenido con nuestros distribuidores en editar

---

<sup>381</sup> A *Contagem dos sacis* foi publicado pela Editorial Codex, em 1947, tem 16 páginas. Cf. CAVALHEIRO, E. *Op. cit.*, p. 268.

diez títulos de Monteiro Lobato en Ediciones Juguetes<sup>382</sup>, tal como hablamos aquí y como habíamos convenido con Neves hasta casi el último día de mi estadía en ésa. Para demostrarle prácticamente la verdad de lo que le expongo, le ruego que lea el folio N° 3 de mi carta a Neves, de fecha 10 de julio, párrafo “OTRO”, donde aclaro bien este punto. Por lo tanto, momentáneamente sólo puedo hacer 10 de sus títulos en castellano en la seguridad de que a fin de año plantearé el asunto a nuestros representantes para hacer también los otros 10 títulos. Y creo que no se negarán.

Siendo así, Maestro, ¿qué le parece si en vez de \$10.000 pagamos el saldo de \$3.824, que, de acuerdo al detalle del resumen adjunto es lo que queda para completar los derechos de los diez títulos?

Le ruego que no deje dormir tranquilo a Neves hasta que no devuelva los dos facsímiles que le hemos enviado, y recuérdale que debe contestarme la carta del 10 de julio.

Todos los colaboradores de Codex le envían sus afectuosos saludos y le ruego que acepte también los míos, que hará extensivos a su estimada familia.

Assinatura [ilegível]

Carimbo: Editorial Codex s.r.l.

Socio Gerente

MCJ.

1 adj.

---

<sup>382</sup> Os 10 supostos primeiros títulos publicados em Ediciones Juguetes, livros de armar ilustrados e com textos lobatianos, estão listados nesta carta.

**CODEX**  
EDITORES E IMPORTADORES DE LIBROS

**Nº 0260**

BUENOS AIRES, 12 DE septiembre DE 1947.  
SEÑORES Monteiro Lobato  
DOMICILIO B. Itapetininga, 93 LOC SÃO PAULO  
BRASIL

**RESUMEN**

	10	Textos para cuentos infantiles cada uno pagado cuento La casa de Emilia.	500. – 500. –		
25 abril/47		“ “ Argentino		500.- 500.- 69.65 106.50	5.000.-
30 abril/47		Comprado por su o/ tonos de Hacia allá y para acá	69.65	1176.15 3823,85	
2 julio/47		Pagado por su o /Sr. Simón			5.000.-
		3823			
SUMA TOTAL					

El pago puntual de sus facturas beneficia su crédito. No lo descuide. Cheques únicamente a nombre de CODEX S.R.L

Pasta 20 2533

Papel Timbrado da Editorial Acteon.

Buenos Aires, 3/11/1947

Dr. Monteiro Lobato  
Caro Amigo:

Recebí su carta Del 29. Efectivamente, hace un mes estoy de un día para el otro para escribirle sobre todo este problema "Acteon". Ha habido algunas novedades. Son las siguientes:

VENTA HÉRCULES: Hemos vendido 2.000 ejemplares a \$8,00 c/u. De la suma total, 16.000 de la venta, se cobraron al contado once mil y estamos gestionando el cobro de los 5.000 más. Otros 2.000 ejemplares están en negociación y estos días tendremos respuesta final sobre ellos. Si se realiza esta venta, habremos recibido 32.000 por los Hércules y quedarán el saldo de ejemplares, el Ateneo y Americalee, para liquidar a medida que se vendan.

S/CUENTA: La Codex pagó a Pilato \$ 3.000 el día 23/9 y Landolfi \$ 1.500 el día 28/9. El napolitano quedó en pagar \$ 1.500 más cuando le fuera posible.

ACTEON: Los tres estamos de acuerdo en considerar que Acteón está prácticamente liquidada. Su liquidación física la vamos a realizar reintegrando el capital y las ganancias que hubiere, apenas se realice alguno de los negocios engatillados. Estos negocios son: 1) La venta de ejemplares al gobierno que ahora parece ir por camino más firme; 2) – La venta en librerías o al Consejo Nacional de Educación<sup>383</sup>, pues el libro está "a punto de ser declarado apto a lectura". Las gestiones de venta están siendo gestionadas en el organismo Inter-ministerial de propaganda del Plano Quinquenal<sup>384</sup> y las noticias que hay son optimistas. En cuanto a su oficialización, hay un expediente ya del tamaño de un "bond" y ha sido recomendado por el mismo Figuerola. Ya ve que hay renomes para esperar la posibilidad de liquidar físicamente Acteón a breve plazo, con ganancias.

Y DESPUES? Apenas se realice cualquiera de esos dos negocios, Acteón será liquidada. Pero restará algo. El libro. Si logramos su aceptación como texto de lectura, aún que no sea obligatorio, habrá ventas anuales que justifiquen su atención. Por lo tanto, me parece que lo mejor sería tomar

---

<sup>383</sup> O Consejo Nacional de Educación (CNE) foi criado sob a lei nº 1420, em 1884, durante a presidência de Julio A. Roca, e extinto em 1949, durante o mandato do General Juan Domingo Perón (1897-1974), sob aprovação da nova Constituição, que criou o Ministério da Educação, cujo ministro foi Oscar Ivanisevich (1885-1981); o CNE, a partir da lei 13.548, de 11 de agosto de 1949, passou ser Dirección General de Enseñanza Primária, submetendo-se ao Ministério da Educação; é importante ressaltar que antes desta Constituição, a área de educação era ligada ao Ministério da Justiça e Instrução Pública. Sobre esse assunto, cf. PUIGRÓS, Adriana. *Op. cit.*

<sup>384</sup> O Plano Inter-ministerial de propaganda do Plano Quinquenal consistia em avaliar a viabilidade dos produtos culturais que circulavam, sobretudo nas escolas da Argentina e que, politicamente, favoreciam o governo de Perón. Sobre esse assunto, cf. PUIGRÓS, Adriana. *Op. cit.*

la siguiente decisión: Como no vamos a editar nada más (aquí el mercado editorial vae para o beleleu) Acteón seguirá a los efectos exclusivos del libro. Nosotros nos encargaremos aquí de editarlo y venderlo y lo que de se distribuirá, al liquidar cada venta, de acuerdo a los términos del contrato existente. Le parece bien? En cuanto a Acteón, es todo.

Me alegro muchísimo del éxito de las O.C<sup>385</sup>. Que sabe de Italia? Sigue la edición de allí? Aquí debe estar vendiéndose muy bien la colección de Landolfi. En estos días, comienza en "Democracia" la historieta basé en Hercules. Los dibujos son buenísimos y lo vamos a mandar una serie completa, pues allí seria una propaganda magnifica para Brasiliense si se pudiera colocar en algunos diarios. Como historieta está perfectamente realizada. Como propaganda tiene que ser realmente superior.

Rosalina está en el Plaza<sup>386</sup>. Me habló una vez por teléfono y quedó terriblemente decepcionada al saber que yo no jugaba al briok. Quiere a convidarme a almorzar un día, pero aún no se ha decidido. Saludo de Pilato y disponga siempre.

Ahora escribiremos más frecuentemente. Palabra.

Prieto (assinatura de caneta)

---

<sup>385</sup> O.C são as iniciais de *Obras Completas*.

<sup>386</sup> Hotel Plaza, situado à Rua Rivadavia, em Buenos Aires, fundado na década de 1940.



Buenos Aires – Diciembre. 10.1947

Sr Monteiro Lobato.

Querido amigo.

Al fin me llegan tus noticias; por cierto con alguna compensación por la tardanza; es tu fotografía del retrato pintado por Campos que es un poco como si una parte tuya, me vicitara.

Empezaremos por tu artista. En la reproducción del cuadro que me adjuntas, aparece el dibujante seguro y también el mismo modelador de las naturalezas muertas conocidas, realizadas con virtuosismo: Este virtuosismo que algunos considerarán como una cualidad, no es para mí la característica de un gran pintor. Es menester pues abandonarlo y tu que ejerces influencia sobre el joven artista, debes combatirlo.

Encarado el retrato tan solo como parecido, no es mas difícil que pintar una pera o una manzana. Las mejillas la frente de una figura humana se pueden encarar con la mismísima confianza, de igual manera que sus ojos, los que vistos así no son más difíciles que unos granos de uva. Yo creo que nuestro pintor debe combatir aún su facilidad y lo bonito de su pintura. El, no debe saber de antemano como se modela una cabeza ni una pera o manzana, ya que lo primero encursa una vida animada por su estado de animo que se traduce en expresiones, cierta movilidad. Apenas perceptibles que obligan a crear una forma adaptable al modelar, unas veces rota, dura o envuelta. Del mismo modo la naturaleza muerta puede variar por razón de la luz, de ambiente, y claro está, por aquello que se le quiera hacer decir ya que siempre tiene, ese genero de pintura, tal roto. Campos puede convertirse en un gran pintor, si cada vez ante su modelo, se dice: "Voy a poner en mis telas mas sugestión que realidad". Todos los virtuosos se parecen por que ponen mas oficio que alma. Goya<sup>387</sup> tenía una gran capacidad pero sufría en cada tela buscando el soplo interior que la animara; por eso son divinos sus errores y libertades geniales.

Felicito al artista ya que ha realizado un retrato que pocos podrían hacer en tan breve tiempo, pero te hablo así por que veo en el, otro pintor mejor.

Supongo que tu vida seguiría en la actitud de siempre, creando cosas bellas ya juzgar por el retrato, estas en perfecto estado de salud.

Yo trabajo mucho combatiendo también mi facilidad que tantas veces me hace decir demasiado, sin dejar al observador que divague y busque.

---

<sup>387</sup> Francisco Jose de Goya y Lucientes (1746-1828), pintor espanhol.

El alma no tiene forma determinada, querido Lobato, y hay que buscar la manera de que exista en cada obra.

Entregaré a Molina Campos<sup>388</sup> tu carta apenas le vea ya que en este momento está en el campo.

Lamento que se disuelva “Acteon” que podía haber realizado tantas cosas bellas y también por mis pobres ganchos olvidados

Esperando tu visita, va un abrazo

B. de Quirós

---

<sup>388</sup> Florêncio Molina Campos (1891-1959), artista plástico argentino. A primeira exposição que fez, em 1926, teve grande sucesso de crítica e público. Mas foi a partir de 1930, quando passou a desenhar os almanaques da Fábrica Argentina de Alpargatas, que sua obra se tornou acessível ao grande público.

8/5/48

Caro Dr. Lobato;

La esperanza es, como la pereza, madre de vicios. Por lo menos en mí caso. Desde hace ocho días que estoy para escribirle todas las cartas y la maldita propensión el optimismo me hace dejarlo para el día siguiente. Es que quisiera decirle algo animador sobre esta desventurada “Nueva Argentina” que será como el portugués del cuento; ni preña ni sale de arriba. Estamos quemando los últimos cartuchos y los últimos pistolones para ella y vamos a iniciar, sí en la semana próxima no hay novedad, contactos Kapeluzt para ver si hay una brecha por ese lado, cediéndole hasta donde sea posible sin comprometer nada más que los derechos. Personalmente creo que tampoco eso será solución, pues Kapeluzt, que ha logrado evitar hasta ahora que se haga algo concreto, no va a demostrar interés por lo ya manoseado frente a las autoridades educacionales. En fin, basta la salud como dicen muchos.

El caso de este libro es una cosa verdaderamente enloquecedora. Todos los figurones lo conocen, les parece estupendo pero no camina. No camina de ninguna manera, ni siquiera como libro comun, vulgar y silvestre, para ser colocada paulatinamente en librerías. Como si tuviera encima un himalaya de urucuvaca. En relación a los Hercules, la cosa está así. Vamos a retirar 2.000 de los cuales hemos recibido ya 11.000 pesos y falta recibir otros 5.000. Los retiraremos porque la persona que los tiene puede “sumir” y quedarnos sin libros y sín la plata correspondiente. Hemos llegado a un acuerdo en el sentido de no venderlos a menos de \$8,00 a fin de no perjudicarlo en la venta de los 2.000 que tiene y que compró a ese precio. Poco pues ha variedad en “la perspectiva general del negocio” como dicen los buenos comerciantes.

Y ud, como está? Va a pasar el invierno en São Paulo? Hace unos días hablé con el sr. Alves de Lima<sup>389</sup>, quien pidió se le enviara algunos ejemplares de la “Nueva Argentina” para remitir por vía aérea allí. Charlamos poco porque el es un hombre sistemáticamente ocupado. Pilato sigue

---

<sup>389</sup> Otaviano Alves de Lima, dono da fazenda Chapadão, em Campinas, onde Lobato ficou hospedado para recueprar-se de cirurgia; Alves de Lima também era proprietário da *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*; em 1922 teve seu texto “A propaganda das letras brasileiras”, que tratava das novas perspectivas de estudos de Isaac Goldberg, publicado pela primeira vez no *Jornal do Brasil*, e transcrito na seção “Notas do Exterior” da *Revista do Brasil*. Cf. *Revista do Brasil*, nº76, abril, 1922, pp. 380-81; em 1946, associou-se à *Brasiliense*, publicando, no ano seguinte, o livro *Revolução Econômico Social*, com prólogo de Plínio Barreto e prefácio de Monteiro Lobato, que antes de prefaciá-lo, elogia o livro, que tratado georgismo, ideologia baseada nos princípios do economista norte-americano Henry George, que, através de seu livro *Progress and Poverty*, de 1879, trouxe questões teóricas e suas respostas acerca da organização econômica dos países pobres. Em 1948, saíram, pela *Brasiliense*, as teses georgistas explicadas por Lobato, em forma de folheto. Na ocasião do lançamento do livro de Oliveira Lima, Lobato lhe escreveu: “Chegou-me ontem o teu livro – e nunca vi livro aparecer em melhor momento. (...) Indispensável, pois, que você ajude com um pouco de publicidade. Basta que publique nos jornais convenientes uns anúncios como o que incluo. Nada de anúncio espalhafatoso, porque não se tratará de anúncio do livro, e sim advertência ao público de que esse livro explica o georgismo, uma coisa que tanta gente anda querendo saber e não encontra quem indique um bom guia. Avalio isso pela quantidade de cartas que recebi com pedido de indicação duma “obra onde eu possa saber o que é o georgismo” – eu ficava com cara de burro porque não tinha o que indicar. Faça isso, que a edição desaparece a galope, e terá de ser feita outra este ano”. Carta de 22.04.1947. In: NUNES, C. *Op.cit.*, pp. 229-230. Cf. também. LOBATO, M. *Op. cit.*, pp. 73-78.

su racha y nada indica que está dispuesto a parar. Ya gana hasta en la lotería! Antes que me olvide: me comuniqué con Rudoy y prometió enviar la cuenta que ud. pedía con la mayor urgencia. Ese napolitano landolfino es un caso de escopeta!

Bien, doctor, y querido amigo, he decidido dejar definitivamente de lado el vicio de la esperanza. Eso significa que le escribiré con la frecuencia que presupone quien valora de verdad el placer de haberle conocido, de tratarlo y de tenerle un cariño especial. Quedan pocos hombres a quienes se pueda escribir poniéndole delante una H mayúscula como quería Unamuno<sup>390</sup> y no es el caso de perder contacto con ese tipo de avis rara. Hasta pronto y disponga siempre.

Prieto

---

<sup>390</sup> Miguel Unamuno (1864-1931), escritor espanhol, que em 1895 publicou na Espanha *Paz en la guerra*; colaborou no jornal *La Nación* com textos críticos de autores latino-americanos; em 1914, ano em que saiu sua novela *Niebla*, publicou também no *La Nación*, um texto de crítica sobre *La Maestra Normal*, de Gálvez. Cf. GÁLVEZ, M. *Op.cit.*, p.228.

## Capítulo 2

### A trajetória de *Urupês*.

“Os bons livros brasileiros encontram grande saída em espanhol. Afirmam-me que *O Mulato*, de Aluisio, deu na Argentina dez edições (para apenas três aqui). O meu *Urupês* vai sair pela Cooperativa; estamos trocando cartas a respeito”. (Lobato, Monteiro. *A barca de Gleyre*, carta de 06.07.1919, p.203)

#### ***Urupês*: dos primeiros textos nos jornais ao livro de sucesso.**

Monteiro Lobato dividiu, entre 1911 e 1917, seus afazeres do campo com os da cidade, uma vez que cuidava da Fazenda Buquira, herança de seu avô, e escrevia artigos para jornais. O nome de Monteiro Lobato circulava, sobretudo, através de contos que, antes de serem reunidos em *Urupês*, foram veiculados em diferentes periódicos de diferentes épocas, como *O Minarete*, de Pindamonhangaba, a *Revista do Brasil*, de São Paulo, *O Estado de S. Paulo* e *Correio Paulistano*. Lobato não fugiu à regra dos demais homens de letras brasileiros do final do século XIX e início do XX e acumulava funções: a de escritor e a de jornalista:

(...) “Na literatura [Lobato] inaugura estilo próprio, que se confunde com o jornalismo por contemplar, de forma compreensível para o grande público, temas candentes que, traduzidos verbalmente, estabeleciam imagens referenciais. Na imprensa, cedo adotou a estratégia de acender polêmicas, instigando os leitores a delas participar de forma ativa, seja respondendo a questionários, como no caso do inquérito do saci, seja enviando textos ou qualquer tipo de contribuição que abordassem problemas concretos da realidade brasileira”. (SACHETTA, et. al, 2000: 49-50)

Os textos escritos por Lobato para a imprensa acabam por despertar o interesse de “editores”, e desde 1915, ele recebia propostas de edição:

(...) “Apareceu-me um editor, isto é, apareceu-me um papudo com esta proposta: reunir em livro varias coisas publicadas, *Bocatorta* refundido, com ilustrações minhas, a sova *Urupês*, a *Caricatura no Brasil* com reprodução dos desenhos de Angelo Agostini lá referidos, *Jardim da Roça*, inedito, e mais uma morte carnavalesca tambem inedita. Não é um editor profissional,

é um “cara”. Ora, cara por cara, porque não a minha? Editor de verdade não creio que apareça, nem eu procuro. Chegar com os originais dum livrinho, isso me dá a ideia de chegar com o Pires. E se ele vem com o “Deus o favoreça, irmão!” com que tromba ficamos?”. (carta de 12.02.1915. LOBATO, 1969:21)

Esse trecho da carta de Lobato endereçada a Rangel traz interessante elemento acerca do *modus operandi* da edição de livros no Brasil nas primeiras décadas do século XX: assim como na Argentina, não havia aqui um “editor profissional”, mas sim “um cara” que pretendia dar ao público determinadas obras. Neste mesmo trecho, o escritor jornalista se indaga se não seria mais proveitoso ele mesmo fazer uma edição.

Monteiro Lobato, no entanto, ao mesmo tempo, parece cogitar, também, a possibilidade de edição de seus textos por uma casa impressora portuguesa, procedimento bastante utilizado pelos escritores da época:

(...) “Escrevi ao Nogueira sabendo como se faz para imprimir livro em Portugal – ando com a ideia de desovar uma coleção de contos. Dei balanço na bagagem e encontrei matéria para 150 paginas”. (carta de 29.09.1916. LOBATO, 1969:107).

Dessa “matéria para 150 paginas” que o escritor encontrou surgiria, segundo Edgar Cavalheiro, um livro de contos assinado pelo pseudônimo Helio Bruma; a preparação de tal exemplar ocorria concomitantemente à edição de *Sacy-Pererê*: resultado de um inquérito, livro em que o então jornalista assume a função de editor; em carta a Rangel, Lobato se explica:

(...) “Ando a preparar um livro de contos – assinado Helio Bruma – coisas antigas refeitas. A refusão<sup>391</sup> limita-se a podas, desganches, descascamentos – sempre “des”, isto é, concentração. E sinto que ganham com o desbaste. Em regra somos na mocidade extremamente excessivos, folhudos como certas árvores tão enfolhadas que não haver nelas beleza maior: o tronco e o engalhamento.

Também preparo para o chumbo o “Inquerito do Saci”, que fiz no *Estadinho*. Dá 300 paginas, mas não aparece com meu nome. *Demologo Amador*, é como assino. Será livro popular e de vender bem. De modo que a minha estreia será um livro não assinado e feito com material dos outros. Meus, só os comentários, prefácios, prologos, epilogos (...).” (carta de 10.05.1917. LOBATO, 1969: 138).

---

<sup>391</sup> Pelo contexto da carta, Lobato, provavelmente, trata da revisão e não da “refusão” de seus textos.

Segundo Edgar Cavalheiro, o livro ao qual Lobato se refere nesta carta teria o nome de *Doze Mortes Trágicas* e conteria o artigo *Urupês*, publicado em 1914 na seção “Queixas e Reclamações” d’*O Estado de S.Paulo*, de grande repercussão, o que rendeu ao então fazendeiro a colaboração no jornal. No entanto, Artur Neiva, amigo do escritor, sugere que o livro se chame *Urupês*, talvez levando em conta que este título seria atraente porque remeteria ao artigo que consagrou Lobato nas páginas do periódico.

Independentemente do nome que teria a reunião de textos de Monteiro Lobato, este não era mais somente um *projeto de livro*, mas sim um *livro em composição*, como assinala Cavalheiro:

“A idéia do livro só se concretiza por insistência de amigos, principalmente Plínio Barreto. A princípio o que lhe ocorre é reunir 15 trabalhos num volume. Depois reduz o número para 10, chegando mesmo a anunciá-lo na “Revista do Brasil”:

“Breve – “Dez Mortes Trágicas”, contos por Monteiro Lobato”.

Estávamos, então, em meados de 1918. A “Revista do Brasil” já lhe pertence. As oficinas do “Estado” estão encarregadas de imprimi-la. Lobato tivera boa e lucrativa experiência com a publicação de “O Saci Pererê”. Dirige-se, pois, ao “Estado” e contrata a impressão de “Dez Mortes Trágicas”. A revisão de provas ia a meio, quando Arthur Neiva, então chefe do Serviço Sanitário do Estado, faz rotineira visita de inspeção a Iguape. Convidado, Lobato acompanha-o. Durante a viagem conversam sobre o movimento literário e, meio encabulado, o contista confessa ao amigo seus projetos. Arthur Neiva imediatamente dissuade-o do título escolhido.

- “Dez Mortes Trágicas”?! Horrível!

Sugere, em substituição, “Urupês”, título do artigo no qual traçara o retrato do Jeca e que tencionava incluir no volume como apêndice. A idéia de Arthur Neiva lhe parece boa, pois em tais páginas não só faz uma profissão de fé como justifica-se dos caminhos escolhidos, transmitindo a visão que possuía dos homens e das coisas retratados nos contos”. (CAVALHEIRO, 1962: 159-160).

Destaque-se que, embora Edgard Cavalheiro faça referência a “Dez Mortes”, como título pretendido para o livro, o capítulo de sua biografia sobre Monteiro Lobato, de onde se retirou a citação, foi intitulado “Doze Histórias Trágicas”. De qualquer forma, duas mortes a menos ou histórias a mais, o que seria “Doze Mortes Trágicas” viraria *Urupês*, e o que teria entre 10 e 15 contos reunidos, têm doze, mais o artigo que dá título ao livro. (MARTINS: 2003)

*Urupês* veio a público em junho de 1918, editado pelas “Edições da Revista do Brasil”, e Lobato escreveu a Rangel, em julho, a respeito da repercussão do livro:

“Os *Urupês* vão se vendendo melhor do que esperei, e neste andar tenho de vir com a segunda edição dentro de tres ou quatro semanas. Há livrarias que no espaço duma semana repetiram o pedido tres vezes, e como os jornais ainda nada disseram, julgo muito promissora essa circunstancia”. (carta de 08.07.1918. LOBATO, 1969:174).

A tiragem de 1000 exemplares da obra esgotou-se no dia 26 de julho – “exatamente um mês após a saída”. Monteiro Lobato, surpreso, contabiliza o dinheiro que ganhara, além de refletir sobre a recepção de *Urupês*:

“Meu livro esgotou-se no dia 26 – exatamente um mês após a saída. Estou a rever as provas da segunda edição – eu e o Adalgiso, esse maravilhoso mestre em virgulas e pronomes no lugar. (...) Não esperei nenhuma saída assim, nem igualmente a boa recepção do publico e da critica. (...) A primeira edição deixou-me livre 1:500\$; e como a segunda edição me vai ficar em 960\$, não ha mais meio de perder dinheiro com a experiencia”. (carta de 30.07.1918. LOBATO, 1969: 178).

As duas outras edições do livro – 2ª e 3ª saem ainda no ano de 1918 e com tiragens significativas: respectivamente 3000 e 4000 exemplares.

Os 4000 últimos exemplares de *Urupês* levaram cerca de 6 meses para esgotar, dado que foi lançado em outubro de 1918 e Lobato planejou a 4ª edição em abril de 1919:

“O discurso do Ruy foi um pé de vento que deu nos *Urupês*. Não ficou um para remédio, dos 7000! Estou apressando a quarta edição, que irá do oitavo ao décimo segundo milheiro. Tiro-as agora aos quatro mil. E isso antes de um ano, hein? O livro assanhou a taba – e agora, com o discurso do Cacique-Mór, vai subir que nem foguete”. (carta de 20.04.1919. LOBATO: 1969, 192).

No “discurso do Ruy” a que Lobato se refere, pronunciado em 20 de março de 1920, no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, o trecho relativo a *Urupês* é o seguinte:



“Senhores:

Conheceis, porventura, o Jeca Tatu, dos ‘Urupês’, de Monteiro Lobato, o admirável escritor paulista? Tivestes, algum dia, ocasião de ver surgir, debaixo deste pincel duma arte rara, na sua rudeza, aquele tipo de uma raça, que, ‘entre as formadoras da nossa nacionalidade’, se perpetua ‘a vegetar’ de cócoras, ‘incapaz de evolução e impenetrável ao progresso’?”<sup>392</sup>

A quinta edição da obra de estreia de Lobato<sup>393</sup> foi lançada e vendida quando ainda estava no prelo:

“A 5ª edição dos *Urupês*, como se retardasse no prelo, foi vendida antes de sair. Os pedidos das livrarias estavam tão acumulados que depois de feita a entrega bem pouco sobrou. Tenho de pensar já na sexta...” (carta de 30.12.1919. LOBATO, 1969:206).

Tal situação obriga Monteiro Lobato a colocar no mercado, em 1920, a 6ª edição de *Urupês*.

Em 1921, o escritor inaugurou um novo formato editorial para lançar *Urupês*: a coleção Brasília<sup>394</sup>, que, segundo Milena Martins, tinha as seguintes características:

(...) “o texto era impresso em duas colunas por página, em papel jornal, características que se traduzem num livro com menor número de páginas e mais barato, a 1\$500 o exemplar. Nas três páginas finais do livro, e também na quarta capa, faz-se publicidade de diversos títulos da editora Monteiro Lobato & Cia”. (MARTINS, 2003:179).

Com a criação dessa coleção, Monteiro Lobato parece querer reforçar a popularidade de *Urupês*, que já era àquela época, considerando-se as tiragens das edições anteriores, um sucesso de crítica e público.

Em 1922, ano seguinte ao lançamento de *Urupês* na Coleção Brasília, foi publicada a 8ª edição do livro, e, por fim, a 9ª – e última edição de *Urupês* na década de 1920 – datada de 1923.

---

<sup>392</sup> BARBOSA, Ruy. “A questão social e política no Brasil”.

<sup>393</sup> Considera-se *Urupês* o livro de estreia publicado com o nome Monteiro Lobato. Como vimos, o *Sacy-Pererê* não indica Lobato como seu autor, mas sim como editor.

<sup>394</sup> *Cidades Mortas* e *Negrinha* também foram publicados na “Coleção Brasília”, na qual, além de Lobato figuraram também nomes como Mario Sette, Gustavo Marques e Carlos Dias Fernandes.

É importante ressaltar que ao sair a primeira edição de *Urupês*, Monteiro Lobato, desde junho, já era dono da *R.B* e era quem editava os livros que saíam pela “Edições da Revista do Brasil”; isto quer dizer que o escritor-jornalista-editor ao lançar no mercado 12 mil exemplares de um mesmo livro em 5 edições entra para o *rol* dos editores com muito prestígio, colocando-o dentre os grandes produtores de bens culturais da época.

*Urupês*, deste modo, atingiu grandes tiragens, alcançou o grande público e a crítica, e se tornou, talvez, a grande “moeda de troca” de Monteiro Lobato para intensificar as relações literárias e culturais com intelectuais argentinos: desde 1919, Lobato parece já cogitar unir-se à “Cooperativa Editorial Buenos Aires”, de Manuel Gálvez, via *Revista do Brasil*, inaugurando uma seção que divulgava obras argentinas publicadas pela editora de Gálvez. Além das cartas transcritas no capítulo anterior também o demonstram trecho da carta de 06.07.1919, endereçada a Godofredo Rangel e o anúncio da revista de Lobato, de novembro do mesmo ano:

(...) “Entre as coisas futuras projetadas está uma seção argentina, para lançar coisas nossas, traduzidas, no mercado de língua espanhola, que é grande. Estamos estudando a nossa associação com a Cooperativa Editorial Argentina<sup>395</sup> e uma agencia de publicidade” (LOBATO, 1969: 202).

---

<sup>395</sup> A Cooperativa Editorial Argentina é a Cooperativa Editorial Buenos Aires.

## Novidades Litterarias Argentinas

No intuito de pôr os leitores da "Revista" em contacto com a literatura argentina cujo movimento é hoje notavel, já em obras originaes já em traducções, podemos hoje annunciar algumas obras da "Cooperativa Editorial Limitada" á venda em nossa redacção.

JOSÉ INGENIEROS — <i>La Locura en la Argentina</i> . . . . .	5\$000
<i>Este notavel estudo trata da loucura e bruxaria no periodo colonial, dos antigos "loqueros" de Buenos Aires, da loucura durante a revolução, no tempo de Rosas e hoje.</i>	
CARLOS IBARGUREN — <i>La literatura y la gran guerra</i> . . . . .	5\$000
BENITO LYNCH — <i>Raquela</i> (romance da vida argentina) . . . . .	5\$000
RABINDRANATH TAGORE — <i>La cosecha de la fruta</i> , versão de Muzzio Saenz-Peña . . . . .	3\$000
MANOEL GALVEZ — <i>La maestra normal</i> (romance da vida de provincia) . . . . .	5\$000
MANOEL GALVEZ — <i>El mal metafísico</i> (romance) . . . . .	4\$000
BERNARD SHAW — <i>El heroe y sus hazañas</i> (comedia anti-romantica) . . . . .	5\$000
ALIPIO CHIAPPORI — <i>La belleza invisible</i> (estudios de esthetica) . . . . .	5\$000
H. QUIROGA — <i>Cuentos de Amor, Locura y de Muerte</i> . . . . .	5\$000
ARTURO CAPDEVILA — <i>El amor de Schahrazada</i> . . . . .	4\$000
MARIANO BARRENECHEA — <i>Historia Estética de la Musica</i> . . . . .	6\$000
DELFINA BUNGE DE GALVEZ — <i>La nouvelle moisson</i> . . . . .	4\$000
MANOEL GALVEZ — <i>Nacha Regules</i> (romance) . . . . .	4\$000
MANOEL GALVEZ — <i>La sombra del convento</i> (romance) . . . . .	5\$000
ALVARO MELIAN — <i>Literatura contemporanea</i> . . . . .	5\$000
ALEJANDRO COSTINEIRAS — <i>Maximo Gorki</i> . . . . .	5\$000

Pedidos á "REVISTA DO BRASIL", caixa 2-B, acompanhados de mais 500 réis por volume para o porte

In *Revista do Brasil*. Número 47, ano IV, Vol. XII. Novembro de 1919.

Os projetos futuros de Lobato se concretizaram, de modo que as relações se estenderam para além da *R.B* e passaram a ser construídas através de cartas, cujo tema mais frequente eram as discussões acerca do lançamento da obra lobatiana em castelhano. Como vimos, à frente de todas estas questões estava Manuel Gálvez, editor, figura essencial para se compreender os meandros da tradução e publicação da obra de estreia de Monteiro Lobato no país vizinho.

### ***Urupês* em cartas, números, editores e tradutores.**

Conforme vimos sugerindo, Lobato, entusiasmado com o sucesso de *Urupês* em português, pretendia, além de lançar mais edições com tiragens cada vez maiores, lançar-se no mercado rioplatense.

Para além de artigos e anúncios de literatura argentina veiculados na *R.B*, Lobato contava, em apoio ao seu projeto de internacionalização, com o interesse de Manuel Gálvez, manifestado em cartas trocadas, por intermédio de Benjamín de Garay, amigo de Gálvez desde a juventude.

É o próprio Gálvez, em sua autobiografia, quem conta como se deram suas relações com Monteiro Lobato:

“Con Monteiro Lobato la amistad fue grande y sincera. Yo le edité en 1921 *Urupés*, el más famoso de sus libros, y él, que dirigía una importante editorial en San Pablo, publicó en portugués *Nacha Regules*, en una tirada de cinco mil ejemplares, que se agotó poco después. Lobato publicó varios artículos sobre libros míos y se cambió conmigo muchas cartas. Como es frecuente en los brasileños, y no obstante la sobriedad que mostraba en su obra creadora, era entusiasta en el elogio. Hace algunos años vino a Buenos Aires. Estuvo a visitarme. Fuera de esta vez y alguna otra, no nos vimos. Había venido a vivir a la Argentina. Cuando le preguntaban en San Pablo para que se iba a ese país, contestaba: “A comer”. Pero nuestro clima le sentó pésimamente. Su mal, la tuberculosis, se le agravó. Su físico, harto pobre – Lobato era chiquito, muy flaco – le señalaba como candidato para ser víctima del bacilo de Koch. Era también muy feo, de piel oscura. Caracterizábanle unas gruesísimas cejas de bandolero, de recios y ariscos pelos que parecían aun más grandes en el pequeño rostro sin bigotes”. (GÁLVEZ, 2002: 652-53)

Como registra o relato de Gálvez, que rememora os anos 1920, e a seção “Novidades Literárias Argentinas” veiculada na *R.B., Urupês* em castelhano só saiu em 1921, mas já em 1919, quando a obra em português estava na 4ª edição, Monteiro Lobato, através das cartas às quais se referiu o escritor argentino no trecho acima, enviou o livro a Manuel Gálvez, e recebeu, em forma de carta, que aqui se volta a transcrever<sup>396</sup>, os seguintes comentários/propostas:

“Estoy leyendo “Urupês”, que me interesa y seduce de una manera excepcional. Aquel Pontes de “O Engraçado arrependido” me há hecho reir de veras. Es usted un escritor de rara fuerza de estilo. Cuando termine su libro he de darle mi sincera opinión”.  
(...) “En “Urupês hay varios cuentos que podría ser traducidos y publicados en “La Novela Semanal” o en “La novel del día”. Si usted me autoriza, lo traduciré con Aguirre y lo haré publicar, precedido de un pequeño encabezamiento diciendo quién es usted”<sup>397</sup>.

A resposta de Monteiro Lobato não tardou, e, como vimos, em 29.08.1919, o brasileiro escreveu que Aguirre vai traduzir *Urupês* para ser publicado na Argentina:

---

<sup>396</sup> Para facilitar a leitura, neste capítulo transcrevem-se trechos das cartas integralmente transcritas no capítulo anterior.

<sup>397</sup> Trecho de carta de 13.08.1919, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato CEDAE/IEL/Unicamp. MLb3.2.00234cx5. Todos os excertos das cartas aqui reproduzidas estão neste trabalho, com as devidas notas de rodapé.

(...) “Como Aguirre vae traduzir “Urupês” para publicarmos ahi, foi com grande prazer que recebi sua proposta para dar uma ou mais novellas na Novela Semanal”<sup>398</sup>.

Estabelecido esse primeiro contato literário, as cartas escritas por Lobato posteriormente buscam, em sua maioria, estreitar, através da literatura, e intensificar, através da *R.B.*, as relações entre Brasil e Argentina:

Papel Timbrado da *Revista do Brasil*

S.PAULO, 15 de Outubro de 1919

Presado amigo:

Recebi sua carta de 25 p.p., na qual me pergunta de Aguirre. Não sei noticias delle, nem recebi comunicação nenhuma delle a respeito das combinações que aqui fizemos. Escrevi a Braz Lauria sobre a edição de “El mal metafisico”, mas não obtive resposta até agora e creio que não a obterei, porque me parece que esse Lauria é analfabeto. Se vier, entretanto, comunical-a-ei ao amigo. Pela rezenha que me fez da literatura Argentina, vejo que é de fato menos rica que a nossa; mas vejo também que, acompanhando o progresso geral do paiz, está em plena florescencia. Inda ha pouco recebi um livro de versos de Julio Usandivaras, que achei interessantissimo, e do qual no proximo numero da nossa revista falarei na bibliographia, abrindo assim uma seção argentina. Continuamente estamos recebendo obras dahi, apesar da revista não ter penetração no seu paiz. Poderia o amigo indicar-nos uma livraria ou varias que a quizessem receber em consignação, inda que a título de curiosidade? Tambem se encontrassemos um bom agente, seria negocio para a obra de intercambio que temos em vista estabelecer com a Argentina.

Aguirre combinou comnosco de tratar disso, mas Aguirre desapareceu. Quanto ao meu livro, vou mandar-lhe um exemplar annotado, porque do contrario será ilegível pelos muitos brasileirismos que contem.

Aproveito a oportunidade para lhe mandar uma colleção de nossa revista, com falta de alguns números, que estão esgotados.

Receba a amizade do a<sup>o</sup> e ad<sup>o</sup>

Monteiro Lobato<sup>399</sup>

Ao pedir que Gálvez lhe indicasse uma livraria para receber em consignação a revista da qual era dono, Lobato parece vislumbrar o crescimento do mercado do Prata e fazer-se conhecido antes mesmo de lançar a tradução de *Urupês*. Deste modo, parece

---

<sup>398</sup> Trecho da carta de 29.08.1919, pertencente ao Archivo Manuel Gálvez, da Academia Argentina de Letras. Caja 03.

<sup>399</sup> Carta pertencente ao Archivo Manuel Gálvez. Academia Argentina de Letras. Caja 03.

que Lobato pretendia promover sua atuação a partir do periódico que já circulava no Brasil para, depois, escrever textos em periódicos locais e colocar seu livro nas prateleiras das livrarias.

Além disso, um agente que viabilizasse a circulação da revista – que no caso seria Manuel Gálvez, porque ele, como editor, conhecia o mercado da Argentina – reforça a ideia de que um bem cultural só circula se houver uma rede de comunicações que o transmita ao público.

Ainda em 1919 e colhendo os frutos do sucesso de *Urupês*, Lobato, mesmo não tendo mais certeza da tradução de seu livro – Aguirre parece ter sumido, como sinaliza a carta reproduzida – sugere escrever um texto, em português, sobre o livro de Manuel Gálvez, *Nacha Regules*:

Papel Timbrado da *Revista do Brasil*.

S.PAULO, 10 de Dezembro de 1919

Presado amigo

Recebi sua carta de 27 de Novembro. Aguirre esteve aqui e combinou muita coisa comigo. Mas foi para o Rio e não deu mais sinal de si, nem respondeu ás cartas que lhe dirigi. Creio que não se póde contar com elle. Encarregou-se de traduzir os “Urupês”, combinou condições, etc., dizendo-me que tinha conversado com o amigo a respeito. Vejo que elle é um tanto trapalhão e por esse motivo me deixa num embrulho, sem saber que fazer. Falou-me de um seu livro de contos (ou da sua autoria, ou organizado por V.) muito próprio para ser traduzido em portuguez e editado pela Revista. Será verdade e será possivel isso?

O caso é que em virtude das phantasias de Aguirre estou completamente no ar, sem poder cuidar seriamente de coisa nenhuma, das muitas combinadas. Se ao menos elle respondesse ás cartas...

Aqui espero a “Nacha Regules”, de que farei apreciação na revista. Se a Maestra Normal não fosse uma novella tão grande eu proporia a traducção della e a publicação aqui. Mas já verifiquei, como editor, que dado o preço do papel e a pequena receptividade do povo brasileiro, não é negocio publicar livros que excedam 250 paginas.

Quando Aguirre apparecer por ahi acho que o amigo deve acertar qualquer coisa com elle e me mandar dizer, e eu me guiarei d’ora em diante exclusivamente pelo que o amigo me disser, pondo de lado Aguirre.

Aproveito a oportunidade para lhe mandar o meu ultimo livro “Cidades mortas”, e também um livro novo que, por mal feito e mal revisto, estou com a edição em casa, sem coragem de pol-a á venda. É bem possivel que o venda a peso.

Sem mais, disponha do amigo. Monteiro Lobato (assinado)<sup>400</sup>

---

<sup>400</sup> Carta de 10.12.1919, pertencente ao Archivo Manuel Gálvez. Academia Argentina de Letras. Caja 03.

Monteiro Lobato, ao mesmo tempo em que se dispõe a escrever o texto sobre *Nacha*, hesita quanto a editar *La Maestra Normal*, argumentando que, “se não fosse uma novela tão grande eu proporia a traducção della e a publicação aqui”; e completa: “mas já verifiquei, como editor, que dado o preço do papel e a pequena receptividade do povo brasileiro, não é negocio publicar livros que excedam 250 paginas”.

Estaria o brasileiro “pagando na mesma moeda” o fato de a tradução de *Urupês* estar incerta, dado que Aguirre desaparecera depois de combinar prazos e condições, e Gálvez, suposto editor da obra, parecia não se manifestar no sentido de viabilizar a saída do livro em espanhol?

Esta hipótese é viável, porém, tal medida também não poderia sinalizar os procedimentos adotados por Monteiro Lobato enquanto editor? Vejamos a carta de 08.02.1919 que ele escreve a Rangel com relação ao que considera comercial e “anti-comercial” em se tratando do objeto livro:

(...) “Parece-me aconselhavel trocar a simples enumeração dos capítulos, coisa anti-comercial, pela denominação dos capítulos, coisa comercialíssima. (...) Tudo o que nos livros predispõe bem o publico ledor e comprador é agradável a Deus”. (LOBATO, 1969:189).

De qualquer modo, as duas cartas transcritas acima apontam para duas questões: o interesse de Lobato em ser publicado na Argentina e o seu “traquejo” enquanto editor.

O escritor, ainda, “aproveitava a oportunidade” para mandar a Gálvez *Cidades Mortas*, seu último lançamento, e também um livro novo que, “por mal feito e mal revisto” fez com que o escritor ficasse “com a edição em casa, sem coragem de pô-la á venda”. O escritor brasileiro não deixa por menos e, ao sinal da primeira incerteza no que diz respeito à tradução de *Urupês*, apresenta outro trabalho; mas, e quanto ao livro “mal feito e mal revisto”? Por que Lobato mandaria a Manuel Gálvez uma obra que desaprovou? Tal processo pode nos remeter às diferentes *personae*, recurso muito utilizado por Monteiro Lobato para atrair a atenção de seu interlocutor<sup>401</sup>.

---

<sup>401</sup> Sobre este assunto, cf. TIN, Emerson. Em busca do “Lobato das cartas”: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários. Tese de Doutorado. IEL/Unicamp, 2007.

Talvez, o que Lobato realmente quisesse com esta obra, da qual nem o título menciona na carta, era saber se o argentino a aprovaria para futura publicação em espanhol. Mais do que isto: o escritor paulista comenta, apenas, questões relativas à materialidade do livro “mal feito e mal revisto”; não está em jogo a questão textual em si, de modo que Gálvez, mesmo reparando nos problemas da edição apontados por Monteiro Lobato, pudesse ter interesse em traduzir o livro.

É interessante destacar que Lobato, nesta carta, coloca-se na mesma posição de Gálvez – a de editor – para justificar a inviabilidade de publicação da *Maestra* em português. Nesse sentido, o brasileiro parece se contrapor ao argentino, que não sabe do paradeiro de Aguirre, bem como desconhece o que fora combinado entre o tradutor e o escritor paulista; ao contrário de Gálvez, Lobato diz que verifica condições (“Mas já verifiquei, como editor”) de publicação e a viabilidade de lançamento de uma obra. Tal como se expressa na carta, parece que Lobato controla todo o ciclo de produção dos livros que edita, desde a escolha da obra a ser editada até as formas pelas quais esta chegará ao seu público leitor.

As relações de troca literária entre ML e MG<sup>402</sup> permeiam toda a correspondência que o brasileiro envia ao argentino, como se pôde observar nos trechos das cartas aqui comentadas.

Mas *Urupês* continua sendo o assunto principal da maioria das cartas. E deste capítulo também.

Lobato entra os anos 1920 extasiado com o sucesso de seu livro de estreia – “que entrou na 6ª edição – 20º milheiro” – como contabiliza o escritor em carta a Gálvez, datada de 26.01.1920.

Quanto aos *Urupês* (que entrou na 6ª edição – 20º milheiro) acho negocio fazer delle uma edição ilustrada, de luxo. Mas não temos aqui ilustradores. Lembrei-me de recorrer aos da Argentina, que figuram com tamanho brilho (?) na Plus Ultra. Eu daria as indicações, mesmo esboços dos desenhos e elles ahi fariam a obra. Pediria pois ao amigo que tomasse preços de um delles , do mais capaz. Vinte ou 30 desenhos bastariam. Pode fazer-me esse favor?<sup>403</sup>

---

<sup>402</sup> Ao longo do texto, poderão ser usadas as iniciais ML e MG para designar, respectivamente, Monteiro Lobato e Manuel Gálvez.

<sup>403</sup> Carta de 26.01.1920, pertencente ao Archivo Manuel Gálvez. Academia Argentina de Letras. Caja 03.



Apesar do sucesso, o escritor não conseguiu achar no Brasil um ilustrador para sua edição de luxo, como também conta na missiva. Todavia, a 1ª edição de *Urupês* teve ilustrações de Wash Rodrigues e do próprio Lobato. Diante da falta de um artista brasileiro, Monteiro Lobato pede a Manuel Gálvez que “tomasse preços de um delles, do mais capaz”, pois o brasileiro lembrou-se “de recorrer aos [ilustradores] da Argentina, que figuram com tamanho brilho na Plus Ultra”.

Tal questão se torna intrigante se pensarmos que *Urupês* foi considerado pela crítica de seu tempo um livro de caráter bastante regional, tipicamente brasileiro e que, portanto, nada mais adequado que um nativo para ilustrá-lo, como ocorreu com a primeira edição. Tanto isto é verdade que Alvarez, famoso ilustrador argentino da revista *Caras y Caretas*, tentou, mas não conseguiu dar “aos desenhos o caráter local que eu desejava”, lamenta Lobato em carta de 31.03.1920<sup>404</sup>. Esta situação sugere que Monteiro Lobato pretende também intercambiar com a Argentina não só os aspectos materiais dos livros, as tiragens, os tradutores, como artes plásticas; esta proximidade, porém, ocorrerá somente em 1921, com Bernaldo Cesáreo Quirós, tal como se observou nas cartas do 1º capítulo.

Em 01.06.1920, em resposta a Gálvez, o escritor paulista se “alegra por saber que o livro já está traduzido”, mas crê que seja “conveniente eu mesmo rever essa tradução por causa dos modismos e brasileirismos que ha ali”.

Os modismos e brasileirismos são responsáveis pelo caráter tipicamente brasileiro de seu *Urupês*, já destacado por Ruy Barbosa, o que lhe confere, pelo estilo, a identidade, que o torna reconhecível perante seu público brasileiro.

No caso argentino, porém, a inserção de *Urupês* na cultura do Prata, associada à noção de transculturação “passagem de uma cultura a outra”, tal como trata Angel Rama<sup>405</sup>, caracterizam o livro, simultaneamente, como algo que pertence a outra cultura, mas que, a partir de orientações do editor e do próprio escritor, ganhará seu público em outras terras.

---

<sup>404</sup> Carta de 31.03.1920 pertencente ao Archivo Manuel Gálvez. Academia Argentina de Letras. Caja 03.

<sup>405</sup> Cf. RAMA, A. “O processo de transculturação da na narrativa Latino-Americana”. In: AGUIAR, F; VASCONCELOS, S. (orgs.). *Angel Rama Literatura e Cultura na América-Latina*. São Paulo: Edusp, 2001, pp. 209-238.

Nesse sentido, a noção de sistema literário, tal como a concebe Antonio Candido, como sendo, em linhas gerais, um conjunto de práticas culturais associadas ao objeto livro, com a finalidade de circulação deste entre os “públicos”, torna *Urupês* importante veículo de divulgação desta cultura brasileira e regional na Argentina, cultura essa que passou a ser alvo de discussões entre os intelectuais dos dois países desde as décadas finais do XIX até as primeiras décadas do XX. (CANDIDO, 2006: 83-98).

A partir deste pedido de revisão de Lobato, sua interferência no que se refere à tradução de *Urupês* fica cada vez mais intensa, talvez porque soubesse que Aguirre não traduziu – e não traduziria – a obra, o que ficou a cargo de Benjamin de Garay:

“Muito me alegrou saber que o livro já está traduzido, mas acho conveniente eu mesmo rever essa tradução por causa de modismos e brasileirismos que ha ali. Inda agora recebi de Portugal uma carta do philologo e dictionarista Candido de Figueiredo, pedindo-me o sentido de 70 palavras que elle desconhecia e quer metter na nova edição do dictionario. Ora, se para um portuguez a coisa é assim, para um argentino que não será?

Tenho a certeza que uma revisão minha melhoraria m.ta coisa.

E Aguirre? Está aqui. Estive com elle hontem, disse-me ter recebido carta sua, e está certo que V. conta com a tradução d'elle – que alias não fez ou fez em parte. Não acha conveniente desencarregal-o disso, para evitar aborrecimentos futuros? Eu combinei com elle a tradução há m.to tempo, mas vi logo que não a faria. E agora si elle a faz, fica um trabalho perdido”<sup>406</sup>.

Embora o livro já estivesse traduzido, Monteiro Lobato parece não estar totalmente convencido disso, o que o faz argumentar sobre as vantagens da tradução de *Urupês* – e que esta seria um excelente negócio – a partir de três eixos: a recepção crítica no Brasil, o sucesso de vendas, e a suposta circulação em países europeus:

“Quanto ao meu livro, mando-lhe uma revista com o discurso do Ruy, e mais uma opinião de Bilac e do Bramier. Creio que bastam. As edições sahidias ate agora montam a 6 – a 1<sup>a</sup> é de Junho de 1918 e a ultima de março deste anno, num total de 20.000 exemp. Já está em parte traduzido para o italiano e o allemão”<sup>407</sup>.

---

<sup>406</sup> Carta de 01.06.1920 pertencente ao Archivo Manuel Gálvez. Academia Argentina de Letras. Caja 03.

<sup>407</sup> Carta de 14.08.1920 pertencente ao Archivo Manuel Gálvez. Academia Argentina de Letras. Caja 03.

A informação de que o livro estava “em parte traduzido” na Alemanha e na Itália, não é de todo verdadeira; em alemão, saiu, em 1917, a tradução do conto “Cidades Mortas” (“Totes Land”), feita pelo professor Clemens Brandenburgere e incluída no livro *Brasilische Prosa*, publicado pela editora Rotermond & Co; somente em 1956 (após a morte do escritor), o conto “O comprador de fazendas” (“Der Estancia Käufer”) saiu na coletânea, organizada por Albert Theile e publicada na Suíça, *Unter dem Kreuz des Südens*, em que figuraram 22 escritores sul-americanos<sup>408</sup>; já na Itália, não se registraram textos da obra adulta lobatiana traduzidos<sup>409</sup>.

Foi, no entanto, na Espanha, pela “Editorial Cervantes”, de Barcelona, em 1923, sob o título de *El comprador de Haciendas*, com tradução de Benjamin de Garay, que *Urupês* foi publicado. O texto da *Revista do Brasil* justifica a escolha do tradutor no que se refere ao título, bem como ressalta a repercussão do livro na Argentina, o que colaborou para a tradução espanhola, dois anos depois:

“O sucesso de “Urupês” não ficou limitado ao dos países em que se fala o idioma de Camões. (...) A edição argentina desse livro teve uma larga repercussão em todos os países da America Hespanhola. Faltava conquistar o público hespanhol. Essa conquista foi iniciada com uma magnífica tradução para castelhano; o traductor, porém, preferiu dar o título á obra “El comprador de haciendas”, título de um dos mais bellos contos de “Urupês”<sup>410</sup>.

Lobato parece acreditar que depois do argumento relativo a traduções europeias, teria seu *Urupês* editado, mesmo assim, dá sua “cartada” final, sugerindo que “si coincidisse sair um conto meu na “Plus Ultra” não seria vantajoso para a edição?”<sup>411</sup>

Vantajoso para a edição – mas também (e sobretudo) – para o escritor, que circularia nas prateleiras das livrarias e nas páginas dos periódicos?

---

<sup>408</sup> Informações foram gentilmente cedidas pela pesquisadora Lucila Bassan Zorzato, que, em sua pesquisa de mestrado, trabalhou com a cultura alemã na obra de Monteiro Lobato. Cf. ZORZATO, L.B. “A cultura alemã na obra infantil *AVENTURAS DE HANS STADEN*, de Monteiro Lobato”. Campinas: IEL/Unicamp, 2007.

<sup>409</sup> O único livro lobatiano de que se tem notícia de tradução para o italiano é *Nasino*, publicado em 1945 pela editora Eclética e ilustrado por Vicenzo Nicoletti. Cf. SACHETTA, et. al, *Op. cit.*, p. 229. Cf. também o site [www.iel.unicamp.br/monteirolobato\\_ultimo\\_acesso\\_em\\_25/03/2009](http://www.iel.unicamp.br/monteirolobato_ultimo_acesso_em_25/03/2009).

<sup>410</sup> Cf. *Revista do Brasil*, nº 90, junho 1923.

<sup>411</sup> Trecho da carta de 14.08.1920. Archivo Manuel Gálvez. Academia Argentina de Letras. Caja 03.

Vantagem para o escritor que, em 12.12.1920 escreve a Gálvez:

“Aº Gálvez

12.12.920

Garay apareceu por aqui. Revi as provas da tradução. Está ótima. Comentei alguma coisa, e depois de consertar o resto ficarei descansado e sciente de que foram livros difíceis de traduzir e o foram com tanta perfeição. O conto da *Plus Ultra* está muito bem. Soube por elle que foi ahí publicado Os Pharoleiros. Poderá mandar-me isso? Breve escreverei mais lentamente. Este vai só para substituir os retratos que mandei por estes que estão mais decentes. Adeus. Lobato”<sup>412</sup>.

Lobato parece resolver, de uma vez, as duas questões: reviu as provas da tradução e o conto da *Plus Ultra*, cujo título não fora mencionado; além disso, o escritor soube por Garay que “Os Faroleiros”, conto de *Urupês*, saíra em algum periódico. Diante destas informações, a vantagem, realmente, parece ter sido do brasileiro que, além de ter seus textos circulando teria também seu retrato exposto, o que criaria no público identidade com o escritor e uma espécie de fortalecimento da relação autor-leitor a partir da visualização de sua foto; desse modo, o autor deixaria de ter um rosto “imaginado” pelo público para se juntar àqueles cujo rosto se pode reconhecer, o que torna o autor “real”, de “carne e osso”<sup>413</sup>.

A partir disto, outros textos de Monteiro Lobato que integravam *Urupês* em português foram ganhando as páginas dos periódicos portenhos:

“Tenho a *Plus Ultra* com meu conto e também a *Caras com o Comprador de estancias* – mui bien traduzidos ambos. Isso ajudará muito a saída do livro. Quanto á *Nacion* estou á espera do exemplar que V. me mandou. Confesso muito grato por tantas gentilezas, vendo sempre nisso tudo o dedo indulgente do amigo. Vi-o também na nota que deu *Nosotros*”<sup>414</sup>.

Sendo assim, enquanto *Urupês* não vinha a público em forma de livro, Monteiro Lobato se fez conhecer na Argentina a partir dos periódicos, tal como ocorrera no Brasil;

---

<sup>412</sup> Carta de 12.12.1920 pertencente ao Archivo Manuel Gálvez. Academia Argentina de Letras. Caja 03.

<sup>413</sup> Embora não tenha sido possível ter acesso ao texto, vale a hipótese de que fotos aproximam autor de seu público.

<sup>414</sup> Carta de 22.12.1920 pertencente ao Archivo Manuel Gálvez. Academia Argentina de Letras. Caja 03.

para tanto contou, neste primeiro momento, com a ajuda de Manuel Gálvez e Benjamin de Garay, sobre quem Lobato comenta em carta de 10.03.1921:

“Recebi cartas. G é uma creatura verdadeiramente angélica! Como se devota aos outros; como trabalha sinceramente, (?) pela gloria dos outros! É um caso rarissimo de corretor gratuito da felicidade alheia. A paixão que elle tem pelos amigos leva-o à cordialidade que V. aponta”<sup>415</sup>.

Supondo que “G” seja de Garay, que fora escolhido como novo tradutor de *Urupês* para o castelhano no lugar de Aguirre, meses depois desta carta, em junho de 1921, Lobato está com seu livro publicado pela Editorial Patria, de Buenos Aires, nas mãos:

“Recebi ha dias os dez exemplares dos Urupes e espero os cem que mandei pedir á casa editora. Quero com eles fazer a minha fitinha por cá...”<sup>416</sup>

Com esta declaração, o escritor parece não só querer ganhar o público argentino como pensa também em anunciar, no Brasil, seu sucesso no país vizinho. Além disso, mais adiante, Monteiro Lobato diz ter escrito um artigo sobre Garay, o tradutor de seu livro; nesse sentido, o brasileiro talvez quisesse tornar pública a figura de Benjamin de Garay:

“Escrevi um artigo sobre o Garay realçando o muito que em matéria de traducções elle tem feito pela nossa literatura. O Garay é um traductor fora do comum porque se apaixona e a traduz com verdadeiro carinho. Merece porisso todos os estímulos”<sup>417</sup>.

Com o lançamento de *Urupês* no mercado argentino, em 1921, Monteiro Lobato parece empenhar-se com mais afinco nas traduções dos argentinos, bem como na circulação das obras destes no Brasil, através da crítica literária. Tais ações se refletem também nas trocas de periódicos entre ele e Gálvez, como modo de intensificar as relações entre os dois países:

---

<sup>415</sup> Carta de 10.03.1921 pertencente ao Archivo Manuel Gálvez. Academia Argentina de Letras. Caja 03.

<sup>416</sup> Carta de 16.06.1921 pertencente ao Archivo Manuel Gálvez. Academia Argentina de Letras. Caja 03.

<sup>417</sup> Carta de 16.06.1921 pertencente ao Archivo Manuel Gálvez. Academia Argentina de Letras. Caja 03.

“Papel Timbrado da Monteiro Lobato & Cia  
S.PAULO 6.7.921

Presado amigo

Recebi a sua carta de 20p.p passado com dois recortes relativos ao meu livro, e nada do artigo de Goldberg a que se refere a carta. Esqueceu-o? Mais uma vez agradeço a extrema boa vontade que tem demonstrado para commigo, furtando do seu tempo precioso bastante delle para vulgarizar e impor o meu livro ahi. É dessas coisas que não se pagam nunca...

Recebi a Nueva Era (que permuta com a Revista do Brasil) e lá vi o retrato e o conto. Sempre o dedo mágico de Gálvez! Por falar em revista, communico-lhe que voltei a dirigir a minha, tendo sahido Amadeu Amaral, e em o numero deste mez darei nella um longo estudo de Mucio Leão sobre a Nacha Regules.

Recebi uma carta de V. Salaverri, muy gentil (sempre reflexo de Gálvez...), e tambem os seus contos do Rio da Prata. Alem disso, muitos outros livros me tem chegado, com dedicatórias, consecuencia já do apparecimento dos Urupês. Entre elles vieram os três livros de versos de Alfonsina Storni.

Mandei traduzir o Facundo. Quero iniciar a serie argentina prestando homenagem ao grande Sarmiento. O segundo será um seu ou de quem o amigo indicar. Um negocio: com a differença de preços causada pela baixa do cambio valia a pena fazer livros argentinos aqui. Pense nisso, sabendo que o custo das minhas edições orça por mil reis e o mil reis está valendo hoje 30 cent.

Adeus, caro amigo, até a proxima

Lobato (assinado de caneta)<sup>418</sup>

Note-se, no entanto, que Lobato já anunciava o estudo de *Nacha* em carta de 12.10.1919: “Aqui espero a *Nacha Regules*, de que farei apreciação na revista”, mas tal “apreciação” só viria através da pena de Múcio Leão quase 2 anos depois, na *R.B* de julho de 1921<sup>419</sup>; uma das explicações para a demora da publicação do artigo pode estar ligada ao fato de Lobato ter saído da direção da revista, cargo que só voltaria a ocupar em julho de 1921, justamente no mesmo mês em que saiu o texto sobre a obra. No entanto, será que Lobato não poderia ter publicado o artigo antes da entrega da direção a Amadeu Amaral, em 1920? Talvez se possa creditar a demora ao fato de em 1920 *Urupês* ainda estar em negociação com o editor e tradutor argentino: Lobato talvez quisesse ter maior notoriedade na Argentina antes de destacar aqui os argentinos, embora já tivesse feito da *R.B* um espaço de divulgação da literatura e dos escritores argentinos.

<sup>418</sup> Carta de 06.07.1921 pertencente ao Fundo Manuel Gálvez. Academia Argentina de Letras. Caja 03.

<sup>419</sup> O artigo de Múcio Leão foi intitulado *Nacha Regules*. In *Revista do Brasil*, nº 67, julho de 1921.

Mas voltemos à carta acima transcrita.

Ela registra que Lobato, antes de traduzir qualquer livro de Gálvez, com quem teria que negociar a tradução, a distribuição, a venda e a porcentagem de ganho, prefere dar aos leitores brasileiros um livro que já estava em domínio público: o *Facundo*, publicado pela primeira vez na Argentina em 1845 e considerado um clássico pela historiografia literária do país vizinho<sup>420</sup>.

Nesse mesmo trecho, o brasileiro comemora sua circulação entre os escritores argentinos, já que Vicente de Salaverri e Alfonsina Storni mantêm contato com ele via Manuel Gálvez, a quem Lobato credita grande desprendimento “furtando do seu tempo precioso bastante delle para vulgarizar e impor meu livro ahi”. Destaque-se também que ambos os escritores tiveram livros resenhados na seção Bibliographia da *R.B.*<sup>421</sup>.

Monteiro Lobato, deste modo, abre “as portas” para que a literatura argentina comece a circular efetivamente – e em português – no Brasil, não só por publicar o livro de Sarmiento, os artigos de crítica e os anúncios de obras em espanhol na *R.B.*, como também por anunciar o lançamento, segundo o que escreveu na carta, de “uma serie argentina”, que na verdade, em 1922, ganhou o contorno de uma “Biblioteca Sul-Americana”:

(...) “Esta coleção se comporá de cuidadosas edições das melhores obras aparecidas na Sul-América e iniciará praticamente o programa de aproximação que tem a empresa. Iniciar-se-á com o *Facundo*, do Sarmiento, dará obras de Gálvez, de Quiroga, de Lynch, de Salaverri, de Barrios e de todos os grandes representativos da literatura hispano-americana”<sup>422</sup>.

Note-se, pois, que o trabalho de Gálvez no que tange ao lançamento de Lobato na Argentina amplia as redes de sociabilidade e de reconhecimento deste no país vizinho, bem como o contrário – Lobato agenciando Gálvez e outros argentinos – amplia também a atuação deles no cenário literário do Brasil.

---

<sup>420</sup> Sobre este assunto, cf. ALTAMIRO, Carlos. “El orientalismo y La Idea de del despotismo en El *Facundo*”. In ALTAMIRO, C; SARLO, B. *Ensayos Argentinos*. Buenos Aires: Editorial Ariel, 1997, pp.83-102; PRIETO, Martín. *Breve História de La Literatura Argentina*. Buenos Aires: Taurus, 2006.

<sup>421</sup> Alfonsina Storni e Salaverri tiveram, respectivamente, *Irremediavelmente* e *El Hijo del León* resenhados na seção “Bibliographia” da *R.B.*, nº 69, setembro de 1921.

<sup>422</sup> LOBATO, M. “El Hermano asno”. In. *Revista do Brasil*, nº 82, outubro de 1922, p. 144. Este texto foi posteriormente incluído em *Críticas e Outras Notas*.

Mas não é só no país vizinho que se amplia a circulação do nome de Lobato. Ao que parece, Gálvez teria enviado ao brasileiro um artigo de Isaac Goldberg (1887-1938), crítico literário americano que incluiu Lobato no seu *Brazilian Tales*, publicado nos EUA em 1921, além de publicar, em 1922, o livro *Studies in Spanish-American Literature*, que incluiu estudos sobre a literatura sul-americana<sup>423</sup>.

Agora que Monteiro Lobato fizera “sua fitinha” em terras da América do Norte, isto é, começava a estabelecer relações literárias e editoriais com o setor livreiro dos EUA, continuava a se empenhar para que *Nacha Regules* saísse em português e, em carta de 03.08.1921 apresenta uma estimativa de custos do livro de Manuel Gálvez:

“Os preços que eu tenho são calculados pra o meu formato e talvez elle não sirva para a Nacha. Em todo o caso aqui vão elles:  
Impressão: - 3.000 ex –  
Papel, igual ao da Revista: 2600 o k. para resmas de 27 kilos  
Cada folha dá 64 paginas. Há ainda a capa que é nada.  
Clichês – 70 reis por cent. 2”<sup>424</sup>.

Ressalte-se, no entanto, que este seria o segundo livro de Manuel Gálvez lançado em português, já que *O Mal Metafísico* saíra pela Braz Lauria do Rio de Janeiro, no ano de 1920; em 14.08.1920, Lobato já anuncia que promoverá o livro no Brasil através de um texto: “Quando sair o “Mal Metaphysico” hei de promover um movimento na critica indígena”; o brasileiro realmente cumpre o que prometera e publicou na seção “Bibliographia” da *R.B* um texto cujo título é homônimo ao livro de Gálvez<sup>425</sup>.

Assim como Gálvez fazia na Argentina, Monteiro Lobato também tenta promover o nome do argentino no Brasil. Mas, analisemos: até 1919, Lobato não pensara em editar o argentino em português, tanto que a Braz Lauria<sup>426</sup>, do Rio de Janeiro editou pela primeira vez a obra; no entanto, o brasileiro escreveu texto de crítica – muito elogioso – sobre o livro, quando da sua saída. Parece que foi só quando percebeu que seu *Uupês* estava prestes a ser lançado, além dos outros artigos e contos já publicados na imprensa

---

<sup>423</sup> Sobre este assunto, cf. capítulo 1, carta de 03.08.1921.

<sup>424</sup> Carta de 03.08.1921 pertencente ao Archivo Manuel Gálvez. Academia Argentina de Letras. Caja 03.

<sup>425</sup> A resenha do livro intitulada “O Mal Metafísico”, escrita por Lobato está na *Revista do Brasil*, nº 59, novembro de 1920.

<sup>426</sup> A Agência de Publicações Mundiaes Braz Lauria foi uma editora sediada no Rio de Janeiro, à rua Gonçalves, nº 78. Mais sobre o assunto, cf. carta de 15.10.1919, pertencente ao Archivo Manuel Gálvez, transcrita no capítulo 1.



argentina, que Monteiro Lobato se empenha não só em escrever e publicar artigos de crítica sobre a literatura argentina, como também em lançar diversos escritores hispano-americanos na “Biblioteca Sul-Americana”. Tais iniciativas dariam visibilidade à literatura latino-americana e, por conseguinte, ao próprio Lobato que, como editor, negociaria com os escritores e editores de outros países, o que expandiria seu campo de atuação e a circulação de seu nome para além das terras argentinas.

Mas, enquanto a ideia da “Biblioteca Sul-Americana” não se concretizava, Monteiro Lobato resolveu apostar no que supostamente era mais garantido e anunciou a Manuel Gálvez que, finalmente, depois de 3 anos de negociações e das mudanças de rumo dos empreendimentos lobatianos<sup>427</sup>, *Nacha Regules* passara pela revisão da tradução. O atraso na publicação da obra é explicado pelo próprio Lobato em carta de 12.10.1924:

“A Nacha sahiu finalmente. Houve isto: como eu desejava rever a tradução, e os trabalhos da empresa se acumularam extraordinariamente, nunca tinha tempo para isso. Afinal vi que assim o livro não sahiria nunca, e puz-me a revel-o mesmo sem ter tempo. Foi aos poucos mas foi, e agora está em revisão”<sup>428</sup>.

Mas é somente em janeiro de 1925 que a obra veio a público:

“Nacha sahiu, finalmente, e mando-lhe 20 exemplares. Se quiser mais é só pedir. Tirei 2.000 ex, em papel de jornal, e nesse um pouco melhor. Vamos agora ver como se comporta o nosso publico em relação ao grande romancista argentino”<sup>429</sup>.

Manuel Gálvez relata que começou a escrever *Nacha Regules* em 1 de janeiro de 1919, depois de traçar todos os detalhes da obra: número de páginas capítulos e formato de impressão. Antes de sair em livro, *Nacha Regules* foi veiculada no jornal argentino de cunho socialista *La Vanguardia*. A novela – de caráter “realista y social”, tal como a

---

<sup>427</sup> Em 1924, Monteiro Lobato continuava acumulando muitas funções: já se dedicava à escrita para crianças, passara a ser dono da Cia Gráfico Editora Monteiro Lobato, lançando-se à produção de livros didáticos e era diretor da *R.B.*, cargo que entregou, no início de 1924 a Paulo Prado e Sérgio Milliet para dedicar-se quase que exclusivamente à editora.

<sup>428</sup> Carta de 12.10.1924 pertencente ao Archivo Manuel Gálvez da Academia Argentina de Letras. Caja 03.

<sup>429</sup> Carta de 28.01.1925 pertencente ao Archivo Manuel Gálvez. Academia Argentina de Letras. Caja 03.

denominou Gálvez<sup>430</sup> - foi publicada em espanhol em dezembro de 1919 pela Editorial Pax, com tiragem de 3.000, que esgotou em 35 dias, o que fez com que houvesse mais 3 reimpressões de 3.000 exemplares. Segundo Gálvez relata em sua autobiografia, no período de 1923 até 1930, *Nacha Regules* foi traduzida para 10 idiomas além da tradução para o português, que sairia em 1925: alemão, russo, tcheco, francês, búlgaro, holandês, sueco, árabe, inglês e idish, teve 11 edições em espanhol, foi adaptada para o teatro e cinema e publicada integralmente por uma revista, numa tiragem, segundo Gálvez, de 200.000 exemplares.

Talvez o caráter diversificado desta obra de Gálvez tenha despertado o interesse do escritor brasileiro, dado que os outros livros do argentino nunca foram considerados por Lobato como candidatos a uma edição brasileira justamente pelo pouco apelo de consumo – elevado número de páginas, títulos pouco atraentes – aos leitores do Brasil.

Embora sejam obras de cunhos diferentes – *Urupês*, contos, e *Nacha Regules*, novela – ambos foram impulsionados por seus editores no Brasil e na Argentina para que, antes de serem lançados em livro, já houvesse sobre eles referências; foi o que ocorreu com alguns contos de *Urupês* traduzidos e divulgados na imprensa portenha; o mesmo aconteceu com *Nacha Regules*, que teve artigo publicado na *R.B* antes de sair pela editora de Lobato.

Depois desta carta de 1925 e do lançamento de *Nacha Regules* em português, Monteiro Lobato e Manuel Gálvez só se escrevem em 1934, quando o brasileiro já era considerado um *famoso* escritor infantil. O brasileiro contabiliza sua produção desde quando se conheceram e comenta sobre a repercussão dos livros publicados por sua editora na Ásia e África:

“Daquela grande companhia editorial que tinha o meu nome e naufragou em 1925 extraí no mesmo ano outra, a Cia Editora Nacional, que é hoje a maior do Brasil. O ano passado editamos 1.300.000 volumes e este ano já chegamos a 1.000.000 este mês. Sucesso absoluto, com sucursais em todas as capitais brasileiras, em Portugal e colônias. Estamos a vender livros em todos os continentes – Na Ásia, em Macau, e na África, em Moçambique e Angola.

Creio que bati um record no Brasil, havendo passado de 600.000 exemplares dos meus livros em dezembro do ano passado; e este ano já

---

<sup>430</sup> Cf. GÁLVEZ, M. *Recuerdos de la vida literária*. Buenos Aires: Taurus, 2002, p. 472.

editei 80.000 e tenho um programa de mais 40.000 até o fim do ano. Positivamente o Brasil já lê<sup>431</sup>.

Não obstante o grande intervalo de cartas na correspondência entre Lobato e Gálvez, o escritor brasileiro conseguiu, com a ajuda de Garay, pavimentar seu caminho no que diz respeito a sua entrada na literatura do Prata. E o livro *Urupês* em castelhano contribuiu para que este caminho se delineasse de forma mais sólida e possibilitasse a Monteiro Lobato ganhar reconhecimento do público e da crítica, tal como se pode observar através da comparação do *Urupês* em português e em castelhano.

### ***Urupês e Urupés***

*Urupés* “se acabo de imprimir en mayo de 1921” pela “Editorial Patria” e foi distribuído pela “Agencia de Librería y Publicaciones”, constituindo o número 4 da coleção dirigida por Manuel Gálvez “Biblioteca de Novelistas Americanos”.

Comparando-se a edição do livro em português com a tradução feita para o espanhol, algumas modificações aparecem logo que se observa já a partir do índice:

<b>Índice de <i>Urupês</i> -1918</b>	<b>Índice de <i>Urupés</i> - 1921</b>
Explicação desnecessária	Monteiro Lobato
Dedicatória	-----
Os Pharoleiros	Urupés
O engraçado arrependido	Los torreros
A colcha de retalhos	El gracioso arrependido
Chóóó! Pan!	La colcha de retazos
“O meu conto de Maupassant”	Choo! Pan!
“Pollice Verso”	“Mi cuento de Maupassant”
Bucolica	Pollice Verso
O mata-pau	Bucólica
Boccatorta	Él árbol matador
O comprador de fazendas	Boca-Tuerta
Um suplicio moderno	El comprador de haciendas
O Estigma	Un suplicio moderno
Urupês	El estigma

<sup>431</sup> Carta de 28.08.1934 pertencente ao Archivo Manuel Gálvez. Academia Argentina de Letras. Caja 03.

Observa-se que na edição em espanhol, o texto “Urupês” abre o livro, o que sugere remissão imediata ao título da obra. Além disso, o fato de o artigo homônimo ser o primeiro – e não o último como na edição em português – poderia trazer ao leitor a identificação com o escritor.

Antes do índice, porém, há um texto intitulado “Monteiro Lobato”, que, em linhas gerais, apresenta o escritor ao público argentino, o que configuraria o “encabezamiento” de que trata Gálvez, quando pela primeira vez propôs a tradução dos contos de *Urupês*, em carta de agosto de 1919. Tal opção parece mais acertada do que utilizar os convencionais “Prefácio” ou “Apresentação”, dado que Lobato ainda era um nome pouco difundido entre os leitores do Prata. Ressalta-se, ainda, que “Explicação desnecessária” não consta do exemplar castelhano, tampouco o texto “Monteiro Lobato” contém informações existentes na “Explicação”. A “Dedicatória” também não figura na tradução de Garay, talvez, porque os nomes a quem o brasileiro dedica – Candido Negreiros e Ricardo Gonçalves, amigos do escritor – não fazem parte do universo do público a quem a obra se destina.

Com a edição de *Urupês* em espanhol, o nome de Monteiro Lobato passou a circular entre a crítica argentina. No mês que seguiu ao lançamento, a revista *Nosotros* publicou o texto de Julio Aramburu (1883-1960) intitulado “Urupês: cuentos de Brasil”:

“La versión castellana que con tanto esmero y pulcritud ha hecho el señor Benjamín de Garay del libro de cuentos brasileños *Urupés*, de Monteiro Lobato, viene a confirmar definitivamente el indiscutible mérito del autor. Iniciado en la carrera literaria hace apenas ocho años, ha probado sin esfuerzo alguno su robusta capacidad de escritor, conquistando un puesto descollante en la actual generación de las letras brasileñas. Poseedor de una avanzada cultura, a la par de una inteligencia ágil y despierta, es de admirar el realismo impresionista de sus narraciones y la técnica ajustada y vivaz de sus diálogos constructivos. Ha sabido disciplinar su elección literaria con un pensamiento de patriotismo civil y de profesión estética, pensando con razón que la originalidad de algunos sentimientos artísticos está en revelar las bellezas, misterios y leyendas de la propia tierra”<sup>432</sup>.

---

<sup>432</sup> ARAMBURU, J. *Urupês: cuentos de Monteiro Lobato*. In *Nosotros*, año 15, vol.38, número 145, junio 1921, pp.274-275.

Juan Torrendell, importante crítico literário e editor espanhol, que vivia em Buenos Aires, também fez comentários acerca da obra lobatiana nas páginas da revista *Atlantida*, que a *R.B* reproduziu em português<sup>433</sup>:

“LIVRO DA SEMANA: URUPÊS – Comecei um dia, com displicência, a leitura de um conto brasileiro publicado em *La Nación*. Intitulava-se “O comprador de Fazendas”, e firmava-o o nome de Monteiro Lobato. A composição abria com bravura, solida e movimentada, apesar de que não começava, como muitas, com a isca de um trecho de dialogo empolgante. Bem ao contrário, a narrativa principiava com a descrição duma propriedade rural em pessimas condições , causadora da já ruina de vários donos.

Não obstante, já ás primeiras phrases a narrativa interessava não tanto pelo que dizia como pela maneira de dizer.

(...) E como era assim M.L. entra jornalista e passa da fazenda á revista e ao livro.

Exito rapido. Em tres annos, o novo escriptor brasileiro escala a popularidade . O publico, depois de breve surpresa, o segue e o applaude com entusiasmo. Seus livros se esgotam e reimprimem-se continuamente. É que o autor dos “Urupês” possui um estylo energetico, facil, transparente e movimentado”<sup>434</sup>.

O sucesso de *Urupês* em espanhol possibilitou a Monteiro Lobato ganhar sucesso de crítica e se consolidar no mercado editorial do Prata; tal situação lhe permitiu, também, trazer seus pares argentinos ao conhecimento do público brasileiro.

A partir da correspondência, dos artigos e dos anúncios da *R.B*, outro nome, além de Garay aparece com força nas relações entre Lobato e os argentinos. É, pois, neste contexto, que merece destaque outro intelectual: Horacio Quiroga.

---

<sup>433</sup> No período em que foi realizada a pesquisa de campo em Buenos Aires, os números da revista *Atlantida*, pertencentes ao acervo da Biblioteca Del Congreso de La Nación Argentina, estavam passando por restauração, o que impossibilitou o acesso ao periódico.

<sup>434</sup> TORRENDELL, J. “Urupês: contos de Monteiro Lobato”. In “Rezenha do Mez”. *Revista do Brasil*, nº 71, novembro de 1921, pp.271-272.

## Horacio Quiroga e Monteiro Lobato em textos, livros e correspondência.



Horacio Quiroga. Foto. s/d. [www.bdp.org.ar/.../unidades/quiroga\\_horacio.jpg](http://www.bdp.org.ar/.../unidades/quiroga_horacio.jpg)

Horacio Quiroga (1878-1937) era uruguaio, mas passou a viver na Argentina a partir de 1903, consolidando-se como grande nome da literatura, o que o torna motivo de disputa pela história literária dos dois países. (SOARES, 2006: 111)

Ao chegar à Argentina, Quiroga estabeleceu suas primeiras relações com Manuel Gálvez, tal como sugere este relato do próprio argentino:

“No recuerdo cuándo conocí a Horacio Quiroga. Debió ser a principios de 1904, pues en este año, al publicar él su primer libro de cuentos, *El crimen del otro*, ya teníamos alguna vinculación. Quiroga había venido del Uruguay en 1903. Al año siguiente se fue a Misiones, de donde volvió en 1905. Durante 3 años nos frecuentamos mucho. En 1908, él hizo otro viaje a Misiones, San Ignacio, cerca de las ruinas jesuíticas. Pero cuándo más le traté fue desde 1912 a 1919”<sup>435</sup>.

Quiroga teve seu primeiro livro de contos – *El crimen del outro* – lançado em 1904 e, no ano seguinte passou a colaborar, como a maioria de seus contemporâneos que se

---

<sup>435</sup> Cf. GÁLVEZ, M. *Op.cit.* p. 267.

dedicavam às letras na Argentina e no Brasil, no periódico portenho *Caras y Caretas*, com textos que ficaram conhecidos por “cuentos breves”:

“Horacio Quiroga, el escritor “profesional” que comienza a colaborar en *Caras y Caretas* en 1905, luego del epigonismo estéril de *Los arrecifes*. En la revista de Fray Mocho y Pellicer, su secretario – Luis Pardo – le exigirá el cuento breve “hasta un grado inaudito de severidad”, como él mismo reconoce en una de sus cartas. El “cuento breve con todo lo que significa como exigencia impuesta por el medio (fundamentalmente por todo lo que revela de “económico” el espacio de una revista) y como exigencia que impone un replanteo de la propia economía narrativa al condicionar o codificar la presentación de los conflictos, la gradación de los efectos, la técnica de los desenlaces, etc”<sup>436</sup>.

Quiroga já havia tido experiência com periódicos, quando ainda vivia na cidade uruguaia de Salto, pois em 02 de setembro de 1899 fundou, junto com alguns amigos da cidade, a *Revista del Salto*, que dirigiu até 04 de fevereiro de 1903, quando mudou-se para Buenos Aires.

A colaboração de Quiroga na “revista de Fray Mocho y Pellicer” durou até 1927, com um saldo de “cerca de setenta relatos y casi cien artículos de carácter variado”<sup>437</sup>. Esta situação trouxe ao escritor, além de dinheiro (suas colaborações na *Caras y Caretas* lhe rendiam \$40 pesos por página), a profissionalização, porque ele teve

(...) “una actitud madura y agudamente “profesional” la que prevaleció desde 1905 en sus relaciones con los empresarios de revistas, en una definida y no siempre feliz tentativa de convertir a la literatura (como sucede en otras partes globo) en una actividad razonablemente remunerativa, en un modo de vida al que pudiese dedicar todo su tiempo y su talento, sin vivir atenaceado por el ya mentado “demonio” de las especulaciones fabulosas”<sup>438</sup>.

Quiroga, então, vivia do que escrevia em jornais. No entanto, em 1916, quando voltou a viver na capital portenha depois de passar 6 anos em San Ignacio, ocupou a

---

<sup>436</sup> Cf. RIVERA, J. *El escritor y La industria cultural*, p.44.

<sup>437</sup> Idem, *Ibidem*, p. 46.

<sup>438</sup> Idem, *ibidem*, p. 46.

função de cônsul do Uruguai na Argentina; diante disto, temos, semelhante ao que ocorreu no Brasil, “um homem de letras” que desempenhava outras funções.

A maneira como o uruguaio estabeleceu “sus relaciones” profissionais com os empresários do setor periodístico da região do Prata não só foi feita através de colaborações para a imprensa, como também em direções de periódicos: em 1918 assumiu a direção da revista semanal *El Cuento Ilustrado*, permanecendo no cargo até o nº 18 da publicação, que encerrou no nº 30, em outubro de 1918; tal publicação se assemelhava à *La Novela Semanal*, de caráter popular, vendida a \$0,10 e em *quioscos*, e que atendida às necessidades dos setores médios e populares de consumir “cultura”, e para a qual Quiroga também colaborava com seus textos (SARLO, 2004: 23). Assim, o escritor passou a ter sua imagem ampliada e popularizada, porque atuava nos dois segmentos no que se referia à produção dos bens culturais: nas páginas, como escritor, e fora delas, como diretor.

Desse modo, Quiroga contribuiu para a circulação de seu nome, o que também lhe permitiu estabelecer contatos com outros intelectuais, entre eles Monteiro Lobato, que, em 1921 (ano da primeira carta (que conhecemos) de Quiroga ao brasileiro) lançara seu *Urupês* em castelhano. A partir disto, Quiroga escreveu a Lobato:

“Buenos Aires – Octubre 1921

Mi estimado Monteiro Lobato: Recibí últimamente el ejemplar de la revista que me envió. Gracias de nuevo, e igualmente al amigo Feraz – a “Negrinha”, ¿es anterior o posterior a Urupés? Hay allí una historia “El drama de la helada”, que me hace de corazón. Si no fuera acaso molestia para el compañero Garay, traduciría con gusto “Negrinha” para “La Nación” o periódico similar.

Le mando con ésta dos ejemplares de “Anaconda”, uno para Ud. desde luego, y el otro para algún amigo – Feraz, si quiere tenerlo.

Me gustó que Alfonsina Storni les haya agradado a Uds. ¡Es como de los buenos escritores que tenemos aquí!

Claro que es muy evidente la analogía entre Ud. y yo. Particularmente en el Judas para tratar los sentimientos. Buenos hijos de Kipling, al fin y al cabo. Saludos de los compañeros que lo estiman bien aquí, y muy grandes de su amigo. Horacio Quiroga<sup>439</sup>

---

<sup>439</sup> Carta de outubro de 1921, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato CEDAE. IEL.Unicamp. MLb3.2.002685cx5.



É interessante notar que Quiroga parece responder a uma carta de Monteiro Lobato, pois acusa ter recebido “el ejemplar de la revista que me envió”; à época, Lobato já era dono da *R.B* havia 3 anos e dividia a direção com Breno Ferraz, mencionado na carta, o que sugere que Quiroga, em algum momento, tenha estabelecido algum tipo de contato com o escritor paulista antes dessa carta.

Além disso, o escritor uruguaio propõe a tradução do conto de Lobato “O drama da geadá”, pertencente ao livro *Negrinha*; nota-se que Quiroga não propôs a tradução do livro inteiro, mas sim de um conto para veicular em um jornal de grande circulação, o que reforça a ideia de que Horacio Quiroga circulava com assiduidade no meio periodístico de Buenos Aires.

Assim como Lobato lhe mandara a *R.B* e *Negrinha*, Quiroga retribuiu o presente, enviando ao brasileiro 2 exemplares de seu livro *Anaconda*, que data de 1921, mesmo ano da carta.

Quiroga não se limita a apresentar sua obra, e apresenta a Lobato a literatura de Alfonsina Storni, poeta que o brasileiro já conhecia graças a um livro enviado por Gálvez. Vale lembrar que a poeta teve seu livro *Irremediavelmente* resenhado na *R.B*.

Após os primeiros contatos entre Quiroga e Lobato, o brasileiro publicou, através da *R.B*, algumas linhas sobre *Anaconda*, livro que recebera junto com a carta acima transcrita:

“Este livro de contos pertence á familia da literatura ao ar livre, de que é Rudyard Kipling o representante mais graduado. Só a fazem os homens que “viveram a vida”, porque os há que a sonham ou só conhecem dela os trechos confinados, perceptíveis das janelas de um gabinete. Sente-se a diferença nas menores coisas.

(...) Mas pouco importaria o gênero se a realização não fosse magnífica. Aqui só valem as qualidades especialísimas do autor, das mais eminentes em Horacio Quiroga. Possui a primacial, qual seja a de conduzir a narrativa de modo a interessar o leitor já de inicio, e nem por um instante afrouxar esse interesse, accentuando-o, antes, cada vez mais, até o imprevisto do desfecho”<sup>440</sup>.

Quiroga agradeceu as “lineas sobre *Anaconda*”; porém, não pareceu ter sido a primeira vez que o escritor uruguaio figurou nas páginas do periódico de Lobato: em 1921,

---

<sup>440</sup> LOBATO, M. “Anaconda”. In “Bibliographia”. *Revista do Brasil*, nº 77, Maio 1922, p.68.

na *R.B.*, seção “Bibliographia”, o livro de contos *El Selvaje* mereceu uma resenha<sup>441</sup>, e, em 1922, o conto “Uma estação de Amor” saiu traduzido na revista de Lobato<sup>442</sup>.

Em carta enviada a Lobato, Quiroga sugere que o brasileiro tinha intenção de publicar em português *Cuentos de Locura Amor y Muerte* e tenta, nesta missiva, reafirmar o apoio para que o livro seja traduzido, dando “plenos poderes” ao escritor paulista:

“Aprovecho esta para interarle mi apoyo en cuanto ud quiera hacer en “C.de Amor. L y M” tal vez ud en cartas anteriores quirió”<sup>443</sup> (...)

Quiroga, nesta carta de 20.06.1922, faz uma importante consideração sobre a sua literatura e a de Lobato:

“Y la tareita, para gentes que como nosotros escriben de obras poco literarias, es dura”<sup>444</sup>.

Vale a pena analisar este trecho, dado que tanto Lobato quanto Quiroga, à época, escreviam textos que eram publicados na imprensa. Lobato, em seus textos, assumia um tom de denúncia dos problemas que afetavam o interior do Brasil, tal como se observa nos artigos “Urupês”, “Velha Praga” e “O drama da geada”; Quiroga partia das reflexões sobre suas experiências – ambos, na concepção do uruguaio, escreviam “de obras poco literárias”, o que caracterizou como algo raro no cenário literário dos anos 1920, em que as vanguardas chegavam à América Latina.

Essas vanguardas, que tomavam conta de parte das discussões literárias tanto do Brasil quanto da Argentina dos anos 1920, parecem não ter feito parte das preocupações estético-literárias dos dois escritores em questão, considerados, muitas vezes, “regionalistas”, talvez em função dos temas abordados por ambos em seus escritos.

---

<sup>441</sup> In *Revista do Brasil*, nº 69, setembro, 1921.

<sup>442</sup> QUIROGA, H. “Uma estação de amor”. Conto traduzido por Lila Escobar de Camargo. *Revista do Brasil*. Número 73. Janeiro-Abril 1922.

<sup>443</sup> Carta de 20.06.1922 pertencente ao Fundo Monteiro Lobato. CEDAE.IEL.Unicamp. MLb 3.2.00278cx6.

<sup>444</sup> Carta de 20.06.1922 pertencente ao Fundo Monteiro Lobato CEDAE. IEL.UNICAMP. MLb3.2.00278cx6.

Vale ressaltar que, apesar do rótulo de “regionalista” dado pela crítica a Lobato e a Quiroga, ambos foram traduzidos para outros idiomas, o que coloca, entre outras questões, o caráter universal dos temas (“poco literários”, como diz o uruguaio) tratados; além disso, Alves-Bezerra<sup>445</sup> aponta que a universalidade dos escritores não se restringe apenas ao tema, mas inclui também estilo, e questões estéticas, discursivas, linguísticas e de filiação literária. Talvez, nesse sentido, Lobato e Quiroga tenham muito com o que se identificar literariamente, sobretudo nas cartas e nos resultados efetivos que tais missivas geraram, como as publicações de textos no Brasil e na Argentina.

Foi também em 1922 que Quiroga conheceu pessoalmente Monteiro Lobato. A Embaixada da Argentina promoveu uma visita cultural ao Brasil, em função disso, 14 de setembro chegaram Horacio Quiroga e sua comitiva, que se instalaram no Rio de Janeiro. Dez dias depois, Monteiro Lobato recebeu Quiroga nas dependências da *R.B.*, ofereceu-lhe um almoço campestre e proferiu o discurso “Saudação a Horacio Quiroga”<sup>446</sup>.

Tal visita ficou registrada em carta de 14.09.1922 escrita por Quiroga a Monteiro Lobato:

*“papel timbrado com os dizeres:*

*HOTEL GLORIA  
END TELLGRAPHICO  
GLORIA HOTEL*

Rio de Janeiro Septiembre 14 1922

Estimado Lobato: Salgo de aquí para ésa el martes, a las 7.30 de la mañana. Me sentará bien pasar unos cuantos dias extra-diplomáticos. Hoy solo; pero el 23 o 24 caerán allí los demás tipos de la embajada, que entiendo desean ver Butantam. Ya hablaremos de todo. Abrazo [ilegible] el de Horacio Quiroga

A última hora la embajada decide ir sin carácter alguien oficial. Lo que es excelente”<sup>447</sup>.

---

<sup>445</sup> ALVES-BEZERRA, W. *Reverberações da Fronteira em Horacio Quiroga*. São Paulo: Humanitas; FAPESP, 2008. Cf. os capítulos 1 e 4.

<sup>446</sup> Lobato publica na *R.B* número 83, novembro de 1922, o texto “Saudação a Horacio Quiroga”.

<sup>447</sup> Carta de 14.09.1922 pertencente ao Fundo Monteiro Lobato. CEDAE.IEL.Unicamp. MLb3.2.00288cx6.

Depois da visita de Quiroga, os dois continuaram escrevendo cartas que reforçam as trocas literárias. Mais ou menos um mês depois da visita de Quiroga, Lobato recebeu algumas notícias interessantes vindas da Argentina:

“Antes que me olvide: dígame si no se opone a que traduzca y publique donde me sea posible EL PADRE DE LA GUERRA. Para mayor coincidencia de nuestras tristes personas, también escribí yo un artículo sobre el mismo asunto, que le remito con ésta. No pude meter dicho artículo en LA NACION, por razones que comprenderá Ud. de sobra. Don Leopoldo Lugones se había desatado en una vergonzosa campaña ultra francesa en aquel diario, y de rabia le contesté sin nombrarlo. Otra vez le manda a Ud. otros artículos sobre el mismo tema. Contésteme en seguida a este respecto. Yo le pondría una especie de prologoillo”<sup>448</sup>.

Desta vez, o texto escolhido para a tradução não figurava entre os livros lobatianos de ficção e de grande repercussão – *Urupês* e *Negrinha* -, mas sim em *A Onda Verde*, reunião de artigos de temas variados (literatura, política, artes) escritos por Lobato nos anos em que colaborou n´*O Estado de S.Paulo*, o que sugere que Quiroga apresentaria ao público do Prata um Lobato “versátil”, que não só escrevia textos ficcionais, mas artigos que se publicavam em jornais, ampliando, então, a atuação do brasileiro no que se refere aos seus textos: Lobato seria um homem dos livros e da imprensa, e Quiroga, através da diversificação dos tipos de textos que pretendia publicar do escritor brasileiro nos periódicos argentinos, contribuiria para legitimá-lo nos dois campos.

Quiroga, por sua vez, avisa que não poderá enviar o artigo ao *La Nación*, jornal que tinha Leopoldo Lugones como diretor, porque o uruguaio se posicionava contra as ideias ultra-nacionalistas veiculadas pelo argentino no periódico e manifestava isto através de textos publicados na imprensa de Buenos Aires.

Na mesma carta, em contrapartida, abre outra porta: a dos Estados Unidos da América:

“Le mando también la traducción del contrato que hice por CUENTOS DE LA SELVA y una de las últimas cartas de N. York recibidas, donde se enterará de las esperanzas que – Ud. y yo por lo menos – debemos tener de aquel mercado. Devuélvame todos los papeluchos. Mañana escribiré a la THE FOREIGN PRESS SERVICE hablándole de Ud. con el respeto

---

<sup>448</sup> Carta de 13.10.1922 pertencente ao Fundo Monteiro Lobato. CEDAE.IEL.UNICAMP.MLb3.2.00292cx6.

debido. Y si luego Ud. hace traducir y revisar allí mismo uno de sus cuentos más yankizables, les facilitaría el trabajo a aquellas gentes, cuando se pongan en pour parler”<sup>449</sup>.

O escritor uruguaio, que em 1922 teve seu *Cuentos de La Selva* traduzido para o inglês e publicado pela Duffield and Company<sup>450</sup>, sugeriu a Lobato, como se observa, que invista no mercado norte-americano. Para que isto ocorresse, o próprio Quiroga se encarregaria de levar as referências necessárias sobre o escritor paulista “con el respecto debido” até a The Foreign Press, empresa fundada em 1918 e sediada em Washington, que visava a publicação de autores estrangeiros em língua inglesa<sup>451</sup>.

Ressalte-se, porém, que as portas dos EUA estavam entreabertas para Monteiro Lobato, pois o que se esperava que acontecesse por intermédio de Quiroga seria a profissionalização de Monteiro Lobato no mercado norte-americano, uma vez que haveria uma empresa interessada em agenciar o escritor; diferente de Quiroga – e não se sabe por qual razão – o brasileiro seria agenciado pela Houston Publishing. Embora não tenha sido possível, ainda, confirmar esta hipótese, os quatro contos de Monteiro Lobato que saíram em 1925 intitulados *Brazilian Short Stories*, cuja organização é de Isaac Goldberg, podem ter sido intermediados pela agência que cuidava dos textos lobatianos nos EUA.

Quanto ao conto “O pai da guerra”, Quiroga, em carta, avisa que a revista *Atlantida* publicará a tradução; tal fato parece se confirmar no seguinte trecho da carta de 10.09:

“Debe advertirle que Garay me aseguró que tenía poder de Ud. para colocar en plaza algunos cuentos suyos. Por mi intermedio “Atlántida” le pagó \$50 por “El rapto”, traducción de Garay y que yo retoqué un tanto, a los fines de su publicación. Aunque Garay me dijo que le comunicaría a Ud. Este asunto, se lo cuento a mi vez, por las dudas”<sup>452</sup>.

Como já se observou, Quiroga colaborava em diversos periódicos em Buenos Aires e, como não conseguiu publicar artigos de Lobato no *La Nación*, tentou a revista *Atlantida*, para a qual colaborou entre 11.05.1922 e 21.12.1922.

---

<sup>449</sup> Carta de 13.10.1922 pertencente ao Fundo Monteiro Lobato. CEDAE.IEL.Unicamp.MLb3.2.00292cx6.

<sup>450</sup> Mais sobre esse assunto, cf. carta do capítulo 1: MLb 3.2.00292 cx6, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato/CEDAE/IEL/Unicamp.

<sup>451</sup> Cf. carta do capítulo 1, MLb 3.2.00292 cx6, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato/CEDAE/IEL/Unicamp.

<sup>452</sup> Carta de 10.09, provavelmente de 1923, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato. CEDAE.IEL.Unicamp. MLb3.2.00320cx7.

Garay reaparece aqui como tradutor e agenciador dos textos de Lobato, pois Quiroga escreve que o argentino “aseguró que tenía poder de Ud para colocar en plaza algunos cuentos suyos”. Assim como na aproximação entre Lobato e Gálvez, a figura de Benjamín de Garay como articulador das trocas literário-culturais também se faz presente quando se trata das relações Lobato e Quiroga.

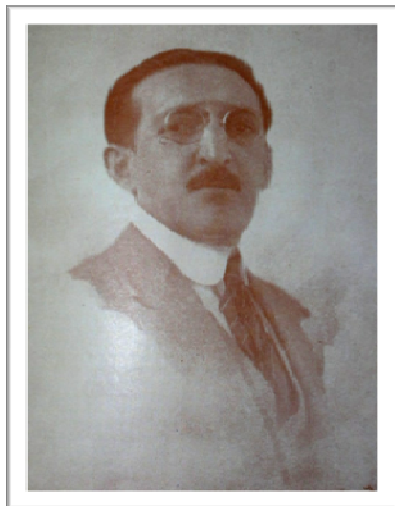
Outra questão que merece destaque é o fato de parecer ser a primeira vez que Monteiro Lobato recebe dinheiro por um texto publicado na imprensa estrangeira, já que a *Atlantida* pagou, via Quiroga, a quantia de \$50 pesos pela tradução de “El rapto”, conto de Negrinha, publicado na revista em 23.10.1923, com ilustrações de Bonomi.

Afora o fato de que *Urupês* trouxe a Lobato a circulação de seu nome na Argentina, era também importante tornar sistemático o campo de atuação do escritor brasileiro, o que ocorreu através da publicação em periódicos de traduções e textos inéditos; neste sentido, as figuras de Gálvez, Garay e Quiroga contribuíram de formas diferentes para o reconhecimento de Monteiro Lobato: Gálvez o introduziu no mercado livreiro argentino, quando publicou *Urupês* em espanhol; Quiroga colocou-o em contato com o universo dos periódicos e colaborou para os primeiros passos lobatianos na negociação com os EUA; e Garay cooperou com o intercâmbio de livros e de cultura entre Brasil e Argentina, já que vivia entre São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires.

Embora Quiroga tenha contribuído para a ampliação do campo de atuação de Lobato na imprensa argentina, as cartas recebidas pelo brasileiro não ultrapassam o ano de 1922, o que não significa que sua colaboração tenha sido menos importante que a de Gálvez ou Garay.

Aliás, Garay, intelectual que pouco se conhece, fez muita diferença na trajetória portenha de Monteiro Lobato, e por isso é que dele trataremos agora.

## Benjamin de Garay entre São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires



Benjamin de Garay, denominado “Um amigo do Brasil e traductor de numerosas obras nacionaes”. In *Revista do Brasil*, nº 69. Setembro, 1921.

São de Manuel Gálvez as seguintes impressões acerca de Benjamin Bertoli Garay (? – 1943):

“Benjamin de Garay se llamaba Benjamin Bértoli Garay, y era un curioso personaje. Nos habíamos tratado en Santa Fe, siendo ambos adolescentes.(...) Nariz afilada, largos bigotes, hablar enfático. Siempre en la extrema pobreza: nunca tuvo empleo fijo y vivía, generalmente, de la caza y la pesca. Vestía trajes raídos, corbatas deshilachadas, zapatos a punto de deshacerse. Accionaba mucho con los brazos, abriéndolos ampliamente, al tiempo que levantaba los puntiagudos hombros, hundía entre ellos su cabeza de pájaro triste y un gran jopo le tapava media frente. (...) A pesar de estas debilidades – no tenía otras, porque era austero – a Garay debe considerársele un buen hombre. Más todavía: un alma blanca. San Pedro ha de haberse abierto, sin dificultades, las puertas del Cielo. Porque sus fantasías eran inocentes, como aquella de asegurarme que entraba en Itamaraty como en su casa, siendo la verdad, como después me dijo Ronald de Carvalho – subsecretario de Relaciones Exteriores – que Garay iba a verle a él y que, de otro modo, no lo hubieran jamás dejado entrar...” (GÁLVEZ: 2002, 628-30)

Na *R.B* de agosto de 1922, foi publicado na seção “Bibliographia” um texto intitulado “Benjamin de Garay” que, em linhas gerais, expunha uma moção honrosa por parte da Academia Brasileira de Letras aos benefícios que o tradutor argentino trazia para a cultura do Brasil ao divulgá-la na região do Prata:

“A Academia Brasileira de Letras, por moção do sr. Coelho Neto tributou uma significativa demonstração de sympathia ao sr. Benjamin de Garay, conhecido escriptor argentino que ha tempos reside entre nós e que se consagrou á tarefa de traduzir para o seu idioma as nossas melhores obras.

Aprovada a moção por unanimidade foi o Sr Benjamin de Garay convidado a tomar parte na mesa, e ao agradecer a prova de apreço da mais alta corporação literaria do paiz, num interessante e expressivo improviso, referiu-se á missão que na Argentina estava desempenhando a senhorita Margarida Lopes de Almeida expondo á admiração da sociedade de Buenos Aires a cultura literaria do Brasil, gesto esse que para bem da aproximação intellectual dos dois povos deveria com frequencia ser imitado tanto aqui como no Prata “evitando desse modo, o triste e perigoso desconhecimento em que temos vivido argentinos e brasileiros para dar logar a receios e desconfianças que estorvam a harmonia do continente”<sup>453</sup>.

Lobato também reconhece Garay como aquele que aproxima intelectual, literária e culturalmente Brasil e Argentina. Em texto publicado na revista *Novíssima*, em 1924 – 3 anos após a saída de *Urupês* em espanhol – o escritor tece os seguintes comentários:

“De passo que este contacto literario se produzia, o contacto pessoal com argentinos itinerantes vinha tambem trazer sua contribuição. Conheci a Garay, o argentino numero um da minha vida, dedicado amigo que me ligou a muitos outros. Paladino da approximação, consagra a vida a esse ideal”<sup>454</sup>.

Como o próprio Lobato afirmou, Garay foi quem o “ligou” a “muitos outros”, graças às constantes viagens e à participação na vida intelectual paulista e carioca, além de instalar moradia no Brasil, entre os anos 1920 e 1930<sup>455</sup>.

A proximidade de Garay com a literatura, com os escritores e com a cultura brasileira lhe proporcionou legitimidade enquanto tradutor, e isto teve início já em 1921, quando traduziu *Urupês*.

Após traduzir a obra lobatiana para o espanhol, Garay se aproximou de escritores e passou a integrar a equipe da revista *A Colméia*, que segundo Yone Soares de Lima, era

---

<sup>453</sup> In *Revista do Brasil*, número 80 agosto de 1922. Seção “Bibliographia”, p.401.

<sup>454</sup> LOBATO, M. “A Argentina e...eu”. In *Novíssima*. Ano I, número 8. São Paulo-Rio de Janeiro. Novembro/Dezembro, 1924, pp.13-15.

<sup>455</sup> Não se sabe ao certo quanto tempo Garay passou no Brasil; o que se sabe é que morou em São Paulo e no Rio de Janeiro entre os anos 1920 e 1930.



“um pequeno grupo de intelectuais ligados ao periodismo paulistano”<sup>456</sup>; é a partir desta aproximação, que escritores brasileiros – entre eles Monteiro Lobato – passaram a ter seus livros divulgados na capital portenha. É neste mesmo período que o argentino exerce sobre Lobato forte influência para que ele, assim como Gálvez, acumule as funções de editor e escritor, o que o brasileiro vem a fazer com mais desenvoltura em 1924, quando funda a Monteiro Lobato & Cia e chama o tradutor para trabalhar.

A presença de Garay no cerne da intelectualidade paulista da década de 1920 proporcionou ainda aos brasileiros a criação d’*A Novela Semanal*, similar de *La Novela Semanal*, publicação iniciada em 1917, em Buenos Aires. Devido ao contato com o grupo d’*A Colméia*, Garay propôs a criação desta no Brasil, e, em 1921, sai, pela Editora Olegário Ribeiro, o primeiro número da publicação: *Os Negros*, de Monteiro Lobato, acompanhada de um suplemento de crítica. Além disso, o tradutor argentino acompanhou a Semana de Arte Moderna de 1922, o que lhe permitiu transitar pelos diferentes grupos de modernistas do período (LIMA: 1987, 33-34).

Embora as relações entre Monteiro Lobato e os argentinos Benjamín de Garay, Manuel Gálvez e o uruguaio Horacio Quiroga tenham contribuído, nos anos 1920, para que obras argentinas circulassem no Brasil e obras brasileiras circulassem na Argentina, é, na segunda metade da década de 1930 que o volume de traduções – e, por conseguinte, o reconhecimento da figura de Monteiro Lobato no cenário do Prata – ganham o mercado editorial de forma sistemática, pois além dos textos veiculados em periódicos argentinos e de *Urupês*, Benjamín de Garay, em 1938, traduziu e publicou pela Editorial Claridad, de Buenos Aires, o volume infantil *Don Quijote de los Niños*, o que contribuiu para que o nome de Lobato também fosse associado à literatura para crianças no país vizinho.

No ano anterior, 1937, foram lançadas na Argentina duas coleções dedicadas exclusivamente a autores brasileiros: *La Biblioteca de Novelistas Brasileños*, da Editorial Claridad, que publicava somente o que se denominou “novelas sociais”, e *La Biblioteca de Novelistas Brasileños traducidos al Castellano*, impressa pelo Ministério da Justiça e

---

<sup>456</sup> Cf. LIMA, Yone Soares. *A ilustração na produção literária*: São Paulo – década de 20. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1987, p. 33.

Instrução Pública do país e que editava obras referentes ao “pensamento social brasileiro”<sup>457</sup>.

Como se nota, o Estado interveio com medidas que colaboraram para ampliar o crescimento da indústria de livros na Argentina, que, assim, como o Brasil, sofria com as altas taxas de importação de papel, elevados preços das máquinas impressoras e altos custos de distribuição dos livros. Em termos práticos, as seguintes medidas foram adotadas:

(...) “expansión y modernización del sistema educativo en todos sus niveles, desde la educación elemental hasta la universitaria; la promulgación de la Ley de Propiedad Intelectual 11.723 en 1933; la financiación de la red de bibliotecas populares a través de la Comisión Protectora de las Bibliotecas Populares” (DELGADO; ESPÓSITO, 2006:62).

Estas medidas fortaleceram o mercado interno de produção de livros, permitindo aos editores traçar estratégias de publicação que diversificava a produção dos bens culturais; nesse aspecto – tendo em vista o público, que aumentava a cada ano – foram criadas coleções populares e de luxo, coleções de autores nacionais e investimentos em traduções, o que se inicia na década de 1930 e vai até 1940.

Diante desse conjunto de iniciativas que envolvia o circuito do livro e da tradução, Garay também projetou seu nome, tornando-se “desde los primeros años del siglo XX hasta comenzar la década del cuarenta, él más atractivo traductor literario argentino. Responsable de un numero considerable de versiones y ediciones en lengua castellana de obras brasileñas y portuguesas”<sup>458</sup>, que visava a estreitar as relações entre Brasil e Argentina.

Sendo assim, tal como iniciou na década de 1920, Garay parece manter, também na década de 1930, sua postura de **agente e consolidador** da literatura brasileira na região do Prata, já que foi o primeiro tradutor argentino a escrever prefácios, fazer traduções e a dirigir as duas coleções dedicadas a autores do Brasil. Durante a preparação destas

---

<sup>457</sup> Em SAGASTIZABAL (1995), RIVERA (1998) e SORÁ (2003) e não aparecem os livros que compõem “La Biblioteca de Novelistas Brasileños traducidos al Castellano”; SORÁ (2003) destaca, apenas, os títulos da “La Biblioteca de Novelistas Brasileños”, da Editorial Claridad, traducidos e prefaciados por Benjamin de Garay: *Rey Negro* (Coelho Neto); *Amazonia Misteriosa* (Gastón Crulls); *Morro de Salgueiro* (Lucio Cardoso); *Garimpos* (Herman Lima); *Chinita* (Afrânio Peixoto); *Navios Iluminados* (Ranulfo Prata); *SED* (Raquel de Queiroz); *Mar Muerto* (Jorge Amado). Cf. SORÁ. *Op. cit.*, p. 111.

<sup>458</sup> PASERO, Carlos. A. “Los Límites de la Lengua. Benjamin de Garay y la praxis de la traducción”. In: *Graphos*. Revista de Pós-Graduação em Letras. João Pessoa: UFPB. Vol6,nº 2, janeiro 2004, pp. 95-100.

séries, Garay teve por tarefa escolher as diferentes obras que revelavam as distintas condições sociais do país.

Estas coleções começaram a circular em 1938, período em que as editoras argentinas investiram na publicação de traduções de autores brasileiros. Neste sentido, surgiu um **sistema** composto por agentes destacados nos trabalhos de tradução, de direção de coleções, de escrita de prefácios e de apresentação das obras e dos autores brasileiros ao público local.

Diante desta configuração, é interessante notar o desempenho de Benjamín de Garay na construção das relações que envolvem os dois países, dado que o tradutor participa ativamente do processo de veiculação de ambas as coleções: a comercial, feita pela Editorial Claridad e a institucional, patrocinada por órgãos do governo; isto significa dizer que Garay transita nos dois universos: o oficial e o comercial, o que lhe confere o *status* de grande conhecedor da literatura brasileira perante o público argentino; além disso, encampa a ideia de que a literatura produzida no Brasil teria caráter universal.

Afora o fato de que existiam duas coleções destinadas às obras do Brasil publicadas em Buenos Aires, há que se considerar a questão da institucionalização da literatura brasileira em terras argentinas; como vimos, dois são os tipos de publicação – a comercial e a governamental; segundo Sorá<sup>459</sup>, o que poderia parecer combinação para a segmentação do público leitor, é, na verdade, uma disputa ideológica, já que a Editorial Claridad, cujo slogan é “Tribuna del Pensamiento de Izquierda”, dificilmente se venderia a um governo conservador, tal como era o argentino à época. A vantagem acaba sendo dada à literatura brasileira que ganha, além dos transmissores governamentais e privados, visibilidade e público.

Tal visibilidade e público para a literatura brasileira na Argentina tiveram êxito de 1937 até 1946, quando a indústria do Prata divulgou e lançou cerca de 18 livros de autores brasileiros com tradução do português para o espanhol<sup>460</sup>, por intermédio de Garay. Depois deste período, o nome de maior projeção no país vizinho foi o de Monteiro Lobato.

---

<sup>459</sup> Cf. SORÁ, Gustavo. *Traducir El Brasil*. Buenos Aires: Editorial Zorzal, 2003, p. 120.

<sup>460</sup> Idem, *ibidem*, p. 120.

O fato de Lobato ser o nome brasileiro de maior projeção na Argentina na década de 1930 talvez esteja ligado não só aos artigos e ao *Urupês* como também à tradução da adaptação infantil lobatiana de *Dom Quixote*, um clássico da literatura espanhola e universal. Pode-se inferir, com isso, que Garay conseguiu projetar com tal tradução – que primeiramente saiu no jornal *La Prensa* de domingo, em formato de folhetim, entre os meses de junho e setembro<sup>461</sup> e que em 1938 teve edição em livro cuja tradução foi de Garay – o nome de Monteiro Lobato também no mercado rioplatense de literatura para crianças.

Há, deste modo, uma configuração favorável para que Lobato se projete no mercado de livros infantis, dado que a adaptação de *Don Quijote de los niños* parece ter despertado o interesse do mercado editorial argentino para suas outras obras destinadas às crianças. Nesse sentido, Lobato parece recorrer aos mesmos procedimentos de divulgação na Argentina que o tornaram, no Brasil, famoso e reconhecido: a literatura para crianças.

Sendo assim, pode ser interessante analisar quais os procedimentos utilizados na divulgação e consolidação das relações literário-culturais entre Monteiro Lobato e os argentinos no que concerne à literatura infantil do escritor, publicada no fim dos anos 1930 e começo da década de 1940 por um editor chamado Juan Ramón Prieto.

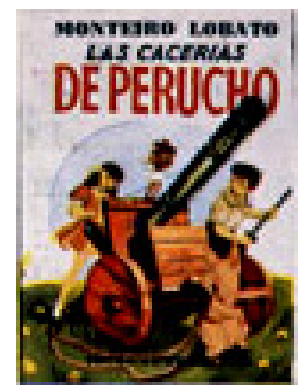
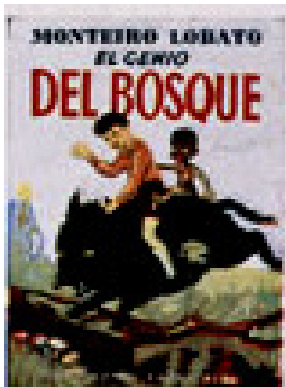
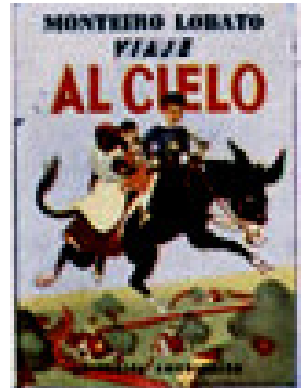
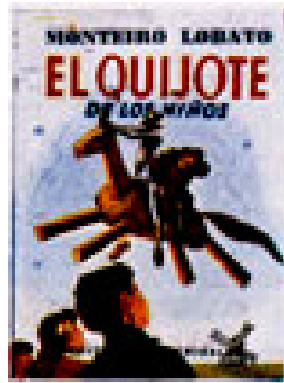
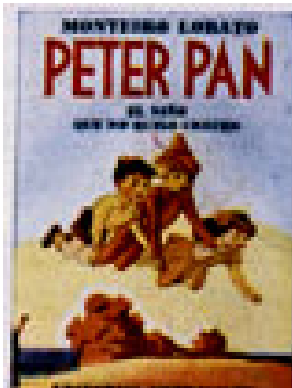
---

<sup>461</sup> *Dom Quijote de los niños* foi publicado entre 20.06.1937 e 05.09.1937, na Sección Tercera do jornal *La Prensa*.

### Capítulo 3

#### O Sítio em terras argentinas pelas mãos de Benjamin de Garay e Juan Ramón Prieto.

“Tenho contrato com a Editorial Americalee de Buenos Aires para a publicação de 23 livros, que estão saindo um atrás do outro, em ótima tradução de Ramón Prieto e com desenhos de Baldassari”. (LOBATO, M. *Prefácios e Entrevistas*, p. 145)



Capa dos livros infantis de Monteiro Lobato lançados pela Editorial Americalee, 1944.

Os anos 1930 para Lobato foram de grandes mudanças: em 1931, voltou ao Brasil, depois de passar quatro anos nos EUA, encabeçou as campanhas pelo ferro e pelo petróleo, além de consagrar-se como escritor infantil no país.

Como se observou anteriormente, Lobato, no fim dos anos 1930, também ganhou repercussão no Prata com a literatura destinada às crianças, graças à tradução de

Benjamin de Garay do livro *Dom Quixote das Crianças*, veiculada no jornal *La Prensa* em 1937.

Se Lobato já era conhecido na Argentina desde a década de 1920, por seus contos publicados na imprensa e por seu livro *Urupês*, na década de 1930 e 1940, o escritor será reconhecido, também, por suas obras infantis.

Em 1938, Garay abriu as portas para que esse reconhecimento acontecesse na Argentina; porém, quem continuou com a trajetória de publicações lobatianas, a partir de 1942, foi Juan Ramón Prieto.

As “portas literárias” de Monteiro Lobato estavam abertas na Argentina; no Brasil, o escritor dividiu-se, no período de 1934 a 1941, entre a literatura para crianças e as lutas pelo petróleo, o que o levou para a cadeia, em 1941. E foi da “Casa de Detenção”, em 02/04/1941, que escreveu a Garay:

S. Paulo – Casa de Detenção, 2/4,941  
Garay:

Escrevi a v. de muitos lugares, mas nunca imaginei fazê-lo duma prisão. Life is funny! Mas eu tenho o espírito esportivo. Em vez de revoltar-me, filósofo e engordo. Já estou detido há doze dias – “preventivamente” – pelo crime de haver pensado em mudar-me para Buenos-Aires. Quer dizer que os dirigentes de hoje não admitem que um cidadão pense em ares bons – há que aturar até o fim a malaria reinante. Malaria em italiano quer dizer ARES MAUS.

O incidente, entretanto, veio completar a minha série de experiências da vida e ensinar-me uma coisa muito importante – o valor da liberdade e da esperteza. Como estava certa a Emília quando, nas suas “Memórias”, disse: “Se eu tivesse um filhinho, só lhe daria um conselho: Seja esperto, meu filho.”

Há neste presídio uns 400 homens vítimas da falta de habilidade em fazer as coisas lá fora. O Mário tomou com seis anos de prisão em consequência dum roubo de 1:700\$000. Provei-lhe por A + B que o castigo veio por ter roubado só isso, em vez de 1.700 ou melhor ainda 17.000 contos. Mário convenceu-se da sua inépcia e baixou a cabeça. Outro está preso porque matou a mulher, pilhada em flagrante com um sujeito.

– Foi inépcia, meu caro. Se em vez dessa solução violenta você tivesse feito ao tal sujeito presente da sua mulher, que aconteceria? Os dois já andariam fartos um do outro e você livre lá fora, a folhear novidades femininas, esse esporte.

Esse também baixou a cabeça, convencido da inépcia.

Outro está aqui porque sonhou em dar petróleo próprio ao Brasil.

– Você foi inepto, Lobato. Isso de querer dar qualquer coisa a um país revela apenas imperdoável pretensão. Um país é um grande reservatório de coisas para uso dos patriotas. O patriota é um ser sumamente sábio –

vive da pátria; em vez de dar-lhe coisas, tira-as, mas tira-as à força de retórica. Quando morrem, os necrológios choram o desaparecimento de um servidor da pátria. Eu sei como a servem: roendo-a, devorando-lhe as carnes, vivendo à custa dela a vida inteira. E acham jeito de, mesmo depois de mortos, prosseguirem no servimento da pátria; há os montepios e pensões às viúvas e filhas por meio dos quais eles prolongam o devoramento por anos e anos depois da morte.

Casa de detenção, 19/4/1941

Garay:

Eu havia começado esta carta, mas interrompia-a durante dias. Retomo-a hoje, com a situação já mudada. Fui absolvido no 1º julgamento do Tribunal de Segurança; houve apelação e breve serei julgado pelo tribunal inteiro, talvez na próxima semana. Vai haver confirmação da primeira sentença. A vitória foi tremenda. O Conselho do Petróleo sofreu uma derrota que v. nem imagina, e está completamente desmoralizado. Getúlio esteve do meu lado. O caso ocupou a atenção de todo o país, porque as cartas que deram causas a tudo foram divulgadas aos milhares e a denúncia havia sido publicada em todos os jornais do país e também irradiada pela Hora Nacional. As infâmias contidas nessa denúncia, porém, caíram no Tribunal. Quando estivermos juntos contarei como foi a coisa. Vi-me transformado dum momento para outro em caso do dia – discutido pelo país inteiro, pró e contra. As infâmias assacadas na Denúncia deixaram muita gente tonta – mas soltei as cartas aos milhares e quem a leu viu tudo claro. Para remate veio a absolvição numa sentença esplêndida – e o Conselho está ferido de morte e desmoralizado. Tudo vai começar a mudar, daqui por diante.

Não cedi uma linha. Além da carta ao Getúlio, soltei a ao Góes, que é insolente e de que te mando algumas. Eu mesmo admirei a minha vitória. Recebi um número das Notícias Gráficas daí com uma nota sobre o caso, e retrato. Foi você quem fez? Escreva-me. Estou sequioso por notícias daí. Até os jornais americanos trataram do meu caso – dado lá como manobra do fascismo.

Transformei a prisão em escritório e fiquei um personagem muito importante no presídio. Popularidade medonha. Mandeí buscar dezenas de meus livros e os distribuí pelos presos (há 400), e todo mundo anda a devanear no sítio de d. Benta. A coisa aqui dá um estupendo livro, que escreverei quando estiver aí.

Logo que me libertem, cuidarei da viagem. A espionagem da minha correspondência cessou. Já recebi até agora 230 visitas. E é tanto doce e bolo e coisas gostosas, que engordei um quilo. Ontem, dia de meus anos, veio de casa um dourado recheado de 4 palmos de comprimento, pescado por meu filho no rio Piracicaba. Foi uma festa na nossa sala. Se v. nunca foi preso, Garay, procure ser. Interessantíssimo.

Aproveito o tempo traduzindo o KIM, de Kipling – e essa estadia na Índia me faz esquecer da maneira mais completa a prisão. Pena é que o excesso de visitas me tome tanto tempo.

Como vai a tradução de Reinações? Recebeu a papelada que mandei para Zamora? Recebeu as amostras dos desenhos do Jurandyr?

Adeus. Lobato<sup>462</sup>

---

<sup>462</sup> Carta MLB 3.1.00177 cx 3, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato – CEDAE-IEL-Unicamp.

A carta, como se observa, tem duas datas: 2 e 19 de abril. Entre elas, Lobato fora julgado pelo ato de injúria, representado por cartas endereçadas ao então presidente Getúlio Vargas e aos membros do Conselho Nacional de Petróleo. Dedicar-se a questões energéticas do Brasil acarretou sua detenção; embora escreva ao amigo que sua prisão ocorreu graças ao seu desejo de viver em Buenos Aires, sabe-se, no entanto, que as causas do encarceramento do escritor são outras.

Embora Lobato tenha sido absolvido em primeira instância, ele continuaria preso.

Ainda em 1941, como parece atestar a carta, Garay permanecia como o articulador das relações de Monteiro Lobato com o mercado livreiro da Argentina, visto que este indaga acerca da entrega da “papelada” ao editor Antonio Zamora (1896-1976), dono da Editorial Claridad, que em 1938 publicou a adaptação lobatiana em castelhano *Don Quijote de los Niños*.

Apesar de ainda corresponder-se com Garay em 1941, as relações epistolares entre os dois aprecem ter cessado no mesmo ano, tendo como base as cartas que compõem o capítulo 1e que são, na totalidade, ativas, isto é, endereçadas ao tradutor.

As relações epistolares com Garay parecem ter cessado, o que não significa que outros – ou especificamente outro – tenham entrado em cena para continuar com as publicações lobatianas em castelhano.

O “outro”, mais especificamente, é Juan Ramón Prieto que, a partir de 1942, vai entrar na cena epistolar, das traduções e das publicações de Monteiro Lobato em castelhano, intermediando e fortalecendo o que se havia iniciado em 1938 com Garay: a publicação dos livros infantis do escritor paulista.

### **Juán Ramón Prieto: novos rumos aos livros infantis de Lobato.**

As cartas enviadas por Ramón Prieto a Monteiro Lobato no período de 1942 a 1945<sup>463</sup> revelam, de maneira geral, os bastidores da publicação dos livros infantis do escritor brasileiro na Argentina nesta época.

Nelas também aparecem discussões relativas à política, à propaganda, à tradução e à educação, o que configura campo fértil para a compreensão dos processos pelos

---

<sup>463</sup> As cartas de Prieto endereçadas a Lobato compreendem o período de 1942 a 1948, como se observa no capítulo 1. As cartas posteriores a 1945 serão assunto do capítulo 4 deste trabalho.



quais passou a obra infantil de Monteiro Lobato no Prata, através de seu novo editor, tradutor e agente cultural: Juan Ramón Prieto.

A primeira carta – de 27 de setembro de 1942 – sugere correspondência anterior:

“Papel Timbrado da Editorial Americalee  
Una organización al servicio del lector  
Tucumán 299 – B.A

Buenos Aires, 27 de Septiembre de 1942.

Sr. Dr. M.L  
Rua dos Gusmões, 118  
São Paulo (Brasil)

Prezado Amigo:

Damos em nosso poder seu favor de 20 do corrente, juntando contrato, que agradecemos. Tomamos boa nota no referente a futuros pagamentos, que devem ser realizados aqui em c/corrente ao seu favor. Outro sim, agradecemos as suas referencias ao Quixote y ao Sacy, absolutamente d’acordo com o prezado amigo no que se refere ao assentimento do Sr. Zamora em relação ao 1º. Temos o máximo interesse em que as relações de fraternidade que a nossa empresa mantém com as casas similares permaneça nesse pé. Vamos nos pôr d’acordo com o Garay nesse sentido quando for oportuno.

Sr. Garay – Com o comum amigo marginado temos chegado ao seguinte acordo: vamos realizar a tradução dos livros, todos os quais serão supervisionados pelo amigo Garay uma vez traducidos. Essa supervisão é determinada pelo desejo de oferecer ao prezado amigo o máximo de garantia em quanto a fidelidade da versão castelhana. A razão fundamental que nos moveu a chegar a esse acordo é que a capacidade de trabalho de Garay está, ultimamente, resumida. Os anos passam até para os tradutores! A idade, o seu estado de saúde, fazem com que o Garay, independente de sua boa vontade, não se adapte à literatura infantil. Ahí está o Quixote assinado pelo Zamora na forma y na falta de ilustrações, mais com um evidente cumplicidade da tradução. Isso não significa, de maneira nenhuma, excluir o Garay da participação econômica que lhe temos garantido, e, inclusive, adiantado.

Alterações: Está terminada a tradução de “Reinações” e “Aritmética”. Esperamos nos indique as alterações para a “Geografia”, “História do Mundo” e “Minotauro”, se pensa fazel-as nesses dois últimos.

Propaganda: As grandes livrarias distribuidoras daqui fazem, geralmente, uns boletins mensuales. Alguns deles são verdadeiras revistas ilustradas (o do Ateneo, por exemplo). Já chegamos a uma combinação com 3 dos grandes boletins bibliográficos a fim de publicarmos páginas em cores com resumos de seus livros, así como ilustrações com as personagens. Isso independente do nosso plano de propaganda, que oportunamente informaremos ao prezado amigo, no cual estamos vendo a forma de incluir uma fita de desenhos animados, em cores, apresentando as personagens

dos seus contos. A vantagem está que essas fitas são passadas em 1.600 cinemas do país e num número quase igual de cinemas sudamericanos. Ilustradores: Cuidamos com a máxima atenção deste aspecto das edições. Estamos fazendo experiências com os melhores, procurando ver qual se adapta melhor ao texto e a psicologia das personagens. Oportunamente enviamos ao amigo as provas a fim de que colabore conosco na escolha. Em nenhuma das hipóteses o futurismo entra nas nossas cogitações. Gratos a todas as sugestões que julgue oportuno fazer, com estima e apreço,

Carimbo da editora e assinatura de  
R. Prieto<sup>464</sup>.

Antes das observações relativas ao conteúdo da carta, destaquemos que a escrita de Prieto está na fronteira entre o português e o espanhol, denominada “portunhol”; semelhantemente ao que ocorreu com a correspondência de Lobato e Horacio Quiroga – que também viu no “portunhol” uma maneira de se aproximar lingüística e literariamente do escritor brasileiro – Prieto, ao escrever tentando aproximar-se das construções gramaticais do português em frases como “Ahí está o Quixote assinado pelo Zamora na forma y na falta de ilustrações”, “uns boletins mensuales”, faz também, uma tentativa que, através do discurso, aproxima linguisticamente remetente e destinatário.

A afirmação inicial de Prieto – “Damos em nosso poder seu favor de 20 do corrente” – indica que Lobato escrevera à Editorial Americalee uma semana antes desta carta enviada pelo editor.

Além disso, a menção a Zamora, proprietário da Editorial Claridad, citado por Monteiro Lobato na carta de abril de 1941 a Garay, perguntando sobre a tradução de *Reinações* e o envio de um contrato ao dono da Editorial Claridad, pode trazer pista importante, que possibilita fazer algumas inferências, se observarmos o que se segue da carta de Prieto:

“Temos o máximo interesse em que as relações de fraternidade que a nossa empresa mantém com as casas similares permaneça nesse pé. Vamos nos pôr d’acordo com o Garay nesse sentido quando for oportuno”.

Teria Zamora se recusado a publicar os outros títulos de Monteiro Lobato? Diante disso, Garay, reconhecido no *metier* editorial da Argentina, teria procurado outro editor

---

<sup>464</sup> Carta de 27.09.1942, Pasta 20 2507 pertencente ao Acervo Monteiro Lobato. Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato. Cf. capítulo 1.

para as obras lobatianas, encontrando Prieto? Por que o interesse em “manter as relações de fraternidade” com uma casa editora que, supostamente, não quis publicar as obras pelas quais Prieto teria manifestado interesse?

Aparentemente, Zamora não manifestou interesse por publicar outros títulos infantis de Lobato, além da adaptação *Dom Quijote de los Niños*, o que fez com que as demais obras lobatianas passassem a ser de responsabilidade da Editorial Americalee, através de Prieto.

Além disso, Garay, provavelmente, foi o intermediário para que estas publicações saíssem, dado que Prieto escreveu:

“Sr. Garay – Com o comum amigo marginado temos chegado ao seguinte acordo: vamos realizar a tradução dos livros, todos os quais serão supervisionados pelo amigo Garay uma vez traducidos. Essa supervisão é determinada pelo desejo de oferecer ao prezado amigo o máximo de garantia em quanto a fidelidade da versão castelhana. A razão fundamental que nos moveu a chegar a esse acordo é que a capacidade de trabalho de Garay está, ultimamente, resumida. Os anos passam até para os tradutores! A idade, o seu estado de saúde, fazem com que o Garay, independente de sua boa vontade, não se adapte à literatura infantil. Ahí está o Quixote assinado pelo Zamora na forma y na falta de ilustrações, mais com um evidente cumplicidade da tradução. Isso não significa, de maneira nenhuma, excluir o Garay da participação econômica que lhe temos garantido,e, inclusive, adiantado”.

Como “comum amigo marginado” e precisando de trabalho, o tradutor argentino, utilizando-se do recurso do “toma lá dá cá”, intermedia as negociações entre Monteiro Lobato e Ramón Prieto e, de quebra, consegue o trabalho de supervisor dos textos traduzidos. Este trecho referente a Garay também pode trazer alguns esclarecimentos referentes à recusa de Zamora em continuar com as traduções e as publicações das obras de Lobato por sua editora.

Vejamos.

Se Garay estava com a “capacidade de trabalho resumida”, como afirmou Prieto, seria prudente que Zamora não confiasse a ele as traduções; porém, levando-se em consideração que Garay era o grande agente dessas trocas literárias entre os dois países, como afastá-lo das traduções? A única maneira seria recusar o trabalho de publicação das obras lobatianas, o que o dono da Claridad parece ter feito.

Soma-se a isso o fato de que o *Quixote* “assinado pelo Zamora” e traduzido por Garay parece não ter tido o êxito esperado em termos de tradução e ilustrações, o que corroboraria a recusa do dono da Claridad em publicar os outros títulos de Lobato, pois Garay, certamente seria o tradutor, uma vez que intermediava as traduções com Monteiro Lobato, e, por isto, deveria ser recompensado.

Nesse sentido, manter “as relações de fraternidade” com as editoras (apesar de concorrentes) é uma forma de ampliar as relações comerciais, visto que se Zamora não tivesse, aparentemente, recusado a publicação, Garay, talvez, não tivesse procurado por Prieto para editar as obras de Monteiro Lobato; manter essas relações também significa poder trabalhar em parceria, o que comumente acontece, como será visto adiante, à medida que se for compreendendo o processo de distribuição dos livros de Lobato pelo mercado editorial argentino no período.

Esta carta também abre caminhos para questões que serão assíduas ao longo da correspondência de Prieto e Lobato: traduções, propaganda e ilustradores farão parte dos assuntos centrais das discussões que o editor argentino trará ao seu editado.

Voltemos à carta de 27.09.1942, em que Prieto escreve sobre os títulos dos livros traduzidos:

“Está terminada a tradução de “Reinações” e “Aritmética”. Esperamos nos indique as alterações para a “Geografia”, “História do Mundo” e “Minotauro”, se pensa fazel-as nesses dois últimos”.

Há, nesse trecho, interessantes elementos a serem discutidos. Primeiramente, Prieto comunica o término da tradução de *Reinações de Narizinho*, *Aritmética da Emília*, *Geografia de Dona Benta*, *História do Mundo* e *Minotauro*; exceto o primeiro, todos os outros teriam cunho didático, o que atenderia, portanto, ao público escolar, em ascensão na Argentina do período, graças aos projetos educacionais e de leitura. Tal medida, então, retomaria as práticas de Monteiro Lobato no Brasil, quando do lançamento destas obras cujo grande “filão” foi o mercado escolar.

Além disso, a Argentina, no período de 1930 a 1950, sofreu expansão de seu mercado de livros, que cresceu à medida que as políticas de incentivo à leitura eram crescentes e modificou a paisagem urbana da capital Buenos Aires. Sob esse aspecto, o mercado de tradução nessas décadas ampliou-se, porque os livros e as revistas tornaram-

se artigos acessíveis à população, que começava a perceber a leitura como forma de conhecimento. (PAGANO: 1999, 15-33)<sup>465</sup>.

Diante dessas práticas lobatianas de venda de livros, vale refletir sobre o fato de que as leituras infantis encontraram nos dois países campo fértil para a discussão: a segmentação do mercado editorial e a expansão do sistema escolar favoreceram a circulação da literatura infantil no Brasil e na Argentina, durante, pelo menos, as três primeiras décadas do século XX.

Norteados pelos princípios da “Escola Nova”, os novos agentes culturais, quais sejam, editores, livreiros, escritores e educadores fizeram da leitura importante aliada na formação de cidadão e na ascensão, pela educação, de uma classe média letrada.

Deste modo, o espaço que se tinha para a atuação desses mediadores, associadas às políticas governamentais de promoção da escola (e de outros espaços, como bibliotecas) como lugar da cultura letrada, proporcionou, sobretudo ao livro, a condição de objeto rentável e comercializável.

O contexto educacional da Argentina no período leva à sugestão dos títulos a iniciarem o lançamento de Lobato no país vizinho, como se vê na carta de 15.10.1942:

(...) “Al elegir la Aritmética, la Geografía, la Historia del Mundo y el Minotauro, precedidos por las Reinações, visábamos cimentar sus libros sobre las bases que nos parecen más sólidas. Después de eso todos los otros sufrirán la influencia de los primeros y bastará su firma para que el éxito cubra cualquier otra edición. Estamos, pues, completamente de acuerdo con ud. en cuanto a la remodelación de la Historia do Mundo, pero creemos que ese volumen no debía ser substituido por la segunda parte de las Reinações (que es hermosísimo sin duda) pero que no tiene ese matiz pedagógico, sino por otro que lleve ese matiz, El Viaje al Cielo, por ejemplo. Este libro, que no va a sufrir modificación, podría sustituir a la Historia do Mundo, si es que le parece a ud. y está de acuerdo con ello. Sugieranos algo al respecto para proceder a su traducción. La segunda parte de Reinações irá encabezando el segundo lote del año próximo”<sup>466</sup>.

---

<sup>465</sup> Sobre este assunto, cf. também. DE DIEGO (dir). *Op. cit.*, pp. 91-105; PUIGRÓS, A (dir.). *Op. cit.*, pp. 71-12.; SOARES, G. *Op. cit.* pp.86-107.

<sup>466</sup> Carta de 15.10.1942, Pasta 20 2508, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato. Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato. A carta na íntegra está reproduzida no capítulo 1.

O contexto da carta aponta para uma possível reticência de Lobato em lançar no mercado argentino, primeiramente, seus livros de “matiz pedagógico”. Por isso, talvez, a detalhada explicação de Prieto.

Dessa justificativa advém outra questão, também relacionada à tradução: os títulos dos livros da versão castelhana:

“Há um aspecto das edições que ainda não temos tratado e que é do maior interesse: o título dos volumens. O Minotauro, Reinações de Narincha, Viagem ao Céu (para falar dos iniciais) estão fora de questão. Os títulos se adaptam perfeitamente ao castelhana, gramatical e simbolicamente, isto é, como conteúdo e “praxe” geral. Isso, porém, não se dá com “Aritmética da Emília” e “Geografia de Dona Benta”. Claro que o amigo vai dizer que é porque as personagens não são, ainda, populares e isso resta-lhes sentido. Más não é só. Há um problema de ordem psicológico (derivado da rudeza da língua) que faz o castelhana reagir contra o nome próprio. Não é atoa que no Brasil se diz por exemplo: General Isidoro, Dr. Washington Luís, “seu” fulano etc. O nome, e não o sobre nome, serve para indicar a pessoa. Na América Hespanhola se da u otro pólo. Nunca se emprega o nome e sim o sobre nome, por que o primeiro é despectivo. Isto é um aspecto da questão. U outro é que nestes mercados “Aritmética da Emília”, não tem sentido específico, não indica de uma manera geral o que é o livro (isto é, uma aritmética infantil para garotos) nem predispõe a curiosidade e simpatia. Como o amigo compreende, não temos o mínimo interesse em trocar títulos; o que pretendemos é contribuir ao máximo para deixar de lado pequenos entaves e nada mais”<sup>467</sup>.

“Neste asunto da tradução o amigo vae ficar satisfeito. O tradutor conhece o português fallado no Brasil, fauna, flora, costumes, vida do interior e o Guarani (não o de Alencar senão o idioma). A versão castelhana respeita enteramente a forma imagens e o pensamento de autor, sem o mais pequeno espírito de “colaboração”. Cada um escreve o que quer, mais bolas! para quem pensa reformar o que o outro escreve”<sup>468</sup>.

A ideia central deste trecho está calcada na relação entre língua e cultura, que se reflete na questão do mercado e da popularização da obra de Monteiro Lobato entre os editores e os leitores da Argentina.

Ao atribuir as (presumidas) alterações propostas à intenção de superar “pequenos entaves”, provocados pelo título das obras em português, Prieto, defende uma estratégia

---

<sup>467</sup> Carta de 25.11.1942, Pasta 20 2510, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato. A carta na íntegra está reproduzida no capítulo 1.

<sup>468</sup> Carta de 20.03.1943, Pasta 20 2514, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato. A carta na íntegra está reproduzida no capítulo 1.

de batismo das obras que inscreve a questão linguística e cultural no âmbito mercadológico, já que acreditava no sucesso das obras de Lobato no país vizinho, desde que, por exemplo, o título fosse alterado:

“Cada dia temos maior seguridade de que os seus livros, em edição hespanhola vão ter um sucesso de arromba. Por isso mesmo, por que planejamos eses volumens em grande escala e o mais aproximados a perfeição dentro do possível (em cuanto a apresentação, tradução, ilustrações) renunciámos a aproveitar esse fim de ano, abrindo mão da venda de alguns bons milheiros de ejemplares. Dá dó ver as vitrines das livrarias, todas ellas dedicadas a garotada, numa pobreza incrível de literatura infantil. Os mesmos contos de há vinte annos, alguns isentos de penetrar a saque na zoologia e nada mais”<sup>469</sup>.

Como se vê, Prieto comunica a Monteiro Lobato detalhes dos planos de lançamento da obra lobatiana, não apenas comentando opções de datas, mas também estabelecendo relações entre tradução e ilustração, tema já presente na primeira carta enviada ao escritor:

“Cuidamos com a máxima atenção deste aspecto das edições. Estamos fazendo experiências com os melhores, procurando ver qual se adapta melhor ao texto e a psicologia das personagens. Oportunamente enviamos ao amigo as provas a fim de que colabore conosco na escolha. Em nenhuma das hipóteses o futurismo entra nas nossas cogitações”<sup>470</sup>.

Mais adiante, em carta de novembro de 1942, ilustrações voltam a figurar como assunto, o que perdura até maio de 1943:

(...) “estamos ainda estudando bocetos de vários disenhistas (até agora 8 dos melhores desta Capital) para procurar qual deles se adapta melhor ao espírito dos livros e a psicología das personagens. Contamos poder enviar-lhe, para a semana, alguns desses bocetos, a fim de que o amigo colabore na eleição; mesmo porque esses originaes devem ser-lhe remetidos para o seu aproveitamento lá”<sup>471</sup>.

“Esperamos “A Chave do Tamanho”. Sem dúvida, se as ilustrações são boas, poderão ser aproveitadas aqui. Nosso interesse é que o livro seja

---

<sup>469</sup> Carta de 23.12.1942, Pasta 20 2512, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Monteiro Lobato. Cf. carta na íntegra no capítulo 1.

<sup>470</sup> Carta Pasta 20 2507, de 27.09.1942.

<sup>471</sup> Carta Pasta 20 2509, de 03.11.1942.

ilustrado de acordo a psicologia das personagens e com a perfeição de “forma” que o público leitor exige. Inmediatamente que chegue o exemplar vamos escrever ao prezado amigo a respeito. No que diz sobre a publicação na Prensa, julgamos que é de interesse e deixamos à sua exclusiva decisão todo e qualquer julgamento a respeito. Se for publicada isso pode contribuir a venda do volume e a popularização do seu nome, coisa que resultará em benefício da editorial e da obra”<sup>472</sup>.

“Temos uns lotes grandes de bocetos, provas, etc. Estamos em contato com um grupo de desenhistas para que as ilustrações tenham a unidade consecvente as personagens. Vamos enviar-lhe, nos próximos dias do mês entrante, alguns jogos de ilustrações terminadas para que nos transmita a sua opinião”<sup>473</sup>.

(...) “temos chegado ao ideal de desenhos. Depois de muito boceto e muita experiência, achamos o desenhista que move os “bonecos” e consegue traducir todos os matices que há no texto. Vamos enviar logo provas de gravados e desenhos para que o amigo fique plenamente sosegado nesse particular. Posso lhe adiantar que as ilustrações são 100% logradas e o amigo vae verificar”<sup>474</sup>.

(...) “O que está pegando o carro são os desenhos. Os fundos, as perspectivas e as cenas são boas, mas as personagens não foram ainda captadas pelos desenhistas. Na segunda-feira, pelo avião, vae um amigo nosso; ainda hoje deve trazernos uns desenhos novos e vamos envia-los ao amigo por ele. Temos observado que o SACY e CAÇADAS estão muito melhor ilustrados que os outros volumens (menos a Chave). Hoje vamos entregar aos desenhistas um desses volumens para que vejan as personagens”<sup>475</sup>.

“Nas escenas já chegamos a uma coisa boa. Vamos nos aproximando aos personagens. O problema fundamental está em Emília, que ainda não entrou na cachola do desenhista. Fornece-mos-lhe os últimos volumens recebidos, com a Nova Emília que é muito melhor que as anteriores. Pedrinho e Naricinho ya estão bem, engraçados e vivos. Para o visconde, vamos tomar como modelo o último, da Chave e do Espanto das Gentes. De uma maneira geral, o que se nota nas últimas ilustrações, que são muito melhores que as anteriores, é a ausência de cenas das que são tão fertiles os livros. Vamos carregar os volumens nesse sentido, não multiplicando as personagens senão introducindo cenas maiores, de página cheia, e em cores. Dessa maneira e aproveitando alguns desenhos dos últimos, vamos iniciar a série. Ya mandamos fazer alguns clisés y na semana mandaremos, por via aérea as provas de grabado para que o amigo veja e opine”<sup>476</sup>.

---

<sup>472</sup> Carta Pasta 20 2510, de 25.11.1942.

<sup>473</sup> Carta Pasta 20 2512, de 23.12.1942.

<sup>474</sup> Carta Pasta 20 2513, de 08.01.1943.

<sup>475</sup> Carta Pasta 20 2514, de 20.03.1943.

<sup>476</sup> Carta Pasta 20 2515, de 24.04.1943.



“Como vê o amigo vamos progredindo. O fundamental é captar bem as personagens. O forte do desenhista está nas cenas (a de Rabicó com o polvo é muito boa, não acha?). É preciso tomar em consideração que só agora o homem vai percebendo a psicologia dos tipos da sua criação e que na medida que for trabalhando vai melhorar muito mais. Para prova (estes são mais do que provas ainda) não está mal”<sup>477</sup>.

Os trechos destacados contemplam importantes aspectos que envolvem a relação texto-imagem e a busca para que isto se reverta em público-leitor, o que acarretará além de dinheiro, na divulgação do nome de Monteiro Lobato como autor de literatura infantil.

Ao pensar na “psicologia das personagens”, Prieto parece esperar que a ilustração estabeleça com o texto uma relação de simbiose; deste modo, este seria suporte para aquela e vice-versa, o que também pode ser visto pela afirmação de Prieto de que haveria necessidade de “unidade consecvente as personagens”, somada às “cenas das que são tão férteis os livros”; para tanto, o recurso utilizado seria a ampliação das cenas, que tomariam página inteira, o que seria uma forma de resolver a relação de dependência entre texto e imagem na concepção de Prieto.

Diante da questão das ilustrações, a da materialidade do livro não poderia ficar de fora; o editor faz considerações a este aspecto em duas cartas:

“Qualidade de papel, tipos especiais, estética nos brancos, todos os detalhes tem sido estudados pois é preciso que a primeira edição seja a definitiva a fim de poder-mos matizar as páginas e não tornar a compor em novas edições”<sup>478</sup>.

“Os volumens serão encapados em linho e y temos encomendada a fazenda a uma estamperia que vai nos preparar o necessário estampando especialmente o linho com motivos dos livros e personagens em cores. O prezado amigo vai ver oportunamente que este aspecto, importantíssimo, foi tomado na devida consideração”<sup>479</sup>.

Para além do tema encadernação, estes trechos também apontam para uma questão importante no que diz respeito aos bastidores desses livros lobatianos em

---

<sup>477</sup> Carta Pasta 20 2516, de 06.05.1943.

<sup>478</sup> Carta Pasta 20 2513, de 08.01.1913.

<sup>479</sup> Carta Pasta 20 2515, de 24.04.1943.

castelhano: a participação constante de Lobato em todo o processo de produção de sua obra na Argentina.

As remessas de material para que Lobato “colabore na escolha”, somam-se aos pedidos de opinião acerca de textos, condições de pagamento, correções de tradução:

(...) “Não duvide, prezado amigo, em fazer-nos todas as recomendações que achar oportuno. Temos a vista as edições que lhe fizeram, cá e lá e isso só justificaria as suas justificadíssimas insistências sobre o cuidado da apresentação, tradução e ilustração dos volumens. Por nossa parte, temos estudado sem esquecer qualquer detalhe esa questão. Não temos a menor presa – (ainda que até o mês passado jugasemos da possibilidade de apresentar 5 volúmens até fins do anno, coisa desde já vista impossível)”<sup>480</sup>.(...)

“Ótima sua sugestão. Temos quatro traducções terminadas e corregidas no original. Mais esses originaes forma feitos sem copia. Vamos fazer a composição e enviar-lhes um jogo de provas. O amigo nos devolverá as galeradas que tiverem correções as que transladaremos ao jogo de provas que tiraremos aqui. Desta manera, o amigo llerá e verificará todos os textos antes de serem impressos, podendo fazer as modificações que julgar conveniente”<sup>481</sup>.

(...) “Por nossa parte, temos chegado a todas estas decisões sem esquecer por um só momento a existência dos seus interesses como autor e procurando de todas as maneiras salvaguardal-os”<sup>482</sup>.

(...) “Tomamos nota do título que sugere para Peter Pan. E melhor. Esperamos a “Viagem ao Céu” (ya a tenga traducido) para a nova tradução”<sup>483</sup>.

(...) “Para fins de semana teremos as provas de alguns volumens e vamos envia-las as novas traducções que estão sendo feitas com cópia de forma a podermos enviar a cópia antes de ordenar a composição. Dessa manera o amigo poderá com suficiente anterioridade leer os originaes e fazer as correções que achar necesaria, sem que isso signifique excessos de correição”<sup>484</sup>.

---

<sup>480</sup> Carta Pasta 20 2509, de 03.11.1942.

<sup>481</sup> Carta Pasta 20 2512, de 23.12.1942.

<sup>482</sup> Carta Pasta 20 2513, de 08.01.1943.

<sup>483</sup> Carta Pasta 20 2514, de 20.03.1943.

<sup>484</sup> Carta Pasta 20 2516, de 06.05.1943.

As intervenções de Monteiro Lobato sugeridas pelas cartas de Prieto parecem remeter à experiência do escritor enquanto editor; mas não só: também apontam o interesse do editor argentino de que as obras do brasileiro circulassem, com sucesso, no país vizinho.

Além disso, esta troca de experiências pode sugerir, ainda, a futura associação – comercial e editorial – entre Lobato e Prieto, em 1946, quando aquele se uniu a este para constituir a Editorial Acteón, assunto que será abordado no próximo capítulo.

Voltando às cartas, a relação entre tradução e ilustração culmina em outro tipo de assunto: o da venda das obras. Isto quer dizer que qualidade de a tradução e de ilustração contribuem para a venda dos livros, por sua vez, associada à distribuição e propaganda, assuntos também tratados na correspondência.

Começemos pelas estratégias de comercialização.

Para Prieto, o momento actual era “extraordinariamente próprio”<sup>485</sup> para a publicação de livros, sobretudo traduzidos, na Argentina, já que a partir de 1938, o país conheceu o que se chamou de “boom da indústria editorial”: a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) provocou a imigração de editores e casas editoras para a Argentina, o que contribuiu muito para o fortalecimento de uma indústria livreira. Tal situação consolidou-se ainda mais com o Primer Congreso Nacional de Editores e Impresores Argentinos, também em 1938, que colocou em pauta a necessidade de uma rede de serviços aplicada ao livro, de modo a torná-lo mercadoria. (DE DIEGO: 2006, 91).

A partir disso, questões como os custos de importação de papel, as tarifas do correio, as relações das empresas editoras com os meios de transporte para que os livros fossem levados aos lugares mais distantes do país, bem como as reformas na Lei de Propriedade Intelectual, as relações entre editores e tradutores, a realização de exposições de livros, a implantação do dia do livro, os baixos custos das tarifas de legalização de contratos de edição, permitiram ao livro o *status* de objeto de largo consumo, trazendo, por conseguinte, mudanças no que toca ao tratamento destinado aos autores – que passam a ter mais direitos sobre suas obras – e ao público, que passa a ser visto não só como leitor, mas como consumidor exigente. (DE DIEGO: 2006, 91-105).

---

<sup>485</sup> Carta Pasta 20 2508, de 15.10.1942.

Prieto, “antenado” nesta configuração, aposta, primeiramente, na literatura infantil lobatiana, como “uma permanente possibilidade editorial”, um “fondo editorial permanente”<sup>486</sup>, uma vez que a literatura para crianças produzida no país vizinho era, na concepção do editor, “de dar dó”, o que tornava o mercado “uma pobreza incrível de literatura infantil”<sup>487</sup>.

Como se vê, são julgamentos muito semelhantes aos que Monteiro Lobato fazia da situação da Literatura Infantil Brasileira antes de seus livros.

O editor argentino avalia a literatura “dedicada à garotada” para justificar os investimentos que serão feitos na comercialização das obras do escritor brasileiro:

“La literatura infantil que de una manera general se ofrece al niño sudamericano (al argentino fundamentalmente) es de escasísimo interés y carente de humorismo”<sup>488</sup>.

“Dá dó ver as vitrines das livrarias, todas ellas dedicadas a garotada, numa pobreza incrível de literatura infantil. Os mesmos contos de há vinte annos, alguns isentos de penetrar a saque na zoologia e nada mais”<sup>489</sup>.

“Nos seus [de Lobato] livros o problema é menor, pois são tão legitimamente infantis (diafanidade, amenidade, interesse, exaltação do que tem de mais nobre a garotada) que a idéia de colaborar, que está intimamente ligada a da superação, é burrice”<sup>490</sup>.

É, então, a partir da escassez de títulos e de temas adequados ao público infantil que Prieto vai buscar o que “havia de melhor” – como se observou nos cuidados relativos à tradução e aos ilustradores – para que a comercialização e a distribuição das obras infantis lobatianas tivesse sucesso, ainda que Lobato se tratasse de um escritor quase inédito no que toca a literatura infantil na Argentina.

Desta forma, Prieto planeja diferentes estratégias comerciais para promover a literatura infantil de Monteiro Lobato no país vizinho. A primeira delas é dividir a coleção em 2 sequências de lançamento. Para tanto, o editor propõe:

---

<sup>486</sup> Cf., respectivamente, cartas Pasta 20 2509, de 03.11.1942 e 2510, de 25.11.1942.

<sup>487</sup> Cf. carta Pasta 20 2512, de 23.12.1942.

<sup>488</sup> Cf. carta Pasta 20 250815.10.1942.

<sup>489</sup> Cf. carta Pasta 20 2512, de 23.12.1942.

<sup>490</sup> Cf. carta Pasta 20 2520, de 29.08.1944.

“Lo esencial, creemos nosotros, es hacer con que la existencia de esos libros sea conocida por el mayor numero posible de personas. La literatura infantil que de una manera general se ofrece al niño sudamericano (al argentino fundamentalmente) es de escasísimo interés y carente de humorismo. Nuestros esfuerzos, en ese sentido, tienden a hacerla conocer, demostrar que es de un “nuevo contenido” y superior a las similares y que enseña concretamente al par que distrae. De ahí que hayamos elegido los cinco primeros volúmenes con preponderancia, entre ellos de los de tipo pedagógico (Geografía, Aritmética, Historia).

La elección de la Historia do Mundo para el primer lote obedece exclusivamente al criterio arriba indicado, es decir, a la necesidad de “caracterizar” bien su literatura infantil, lo que estimamos una ventaja considerable. No hay que olvidar que los primeros libros presentan al autor a sus lectores (eso no quiere decir que no sea ud. conocido aquí, sino que ese conocimiento es muy relativo y, aún, así, que está, para los efectos de la literatura infantil, ligado a los cuentos publicados en la prensa y a esa lamentabilísima edición del Quijote. Al elegir la Aritmética, la Geografía, la Historia del Mundo y el Minotauro, precedidos por las Reinações, visábamos cimentar sus libros sobre las bases que nos parecen más sólidas. Después de eso todos los otros sufrirán la influencia de los primeros y bastará su firma para que el éxito cubra cualquier otra edición. Estamos, pues, completamente de acuerdo con ud. en cuanto a la remodelación de la Historia do Mundo, pero creemos que ese volumen no debía ser substituido por la segunda parte de las Reinações (que es hermosísimo sin duda) pero que no tiene ese matiz pedagógico, sino por otro que lleve ese matiz, El Viaje al Cielo, por ejemplo. Este libro, que no va a sufrir modificación, podría sustituir a la Historia do Mundo, si es que le parece a ud. y está de acuerdo con ello. Sugieranos algo al respecto para proceder a su traducción. La segunda parte de Reinações irá encabezando el **segundo lote** del año próximo”<sup>491</sup>.

A divisão em lotes, privilegiando os livros de “tipo pedagógico” retoma a questão sobre a associação entre literatura e escola, recurso também utilizado por Lobato no Brasil nos anos 1920 e 1930. Mas não só.

Prieto tenta, desde logo, apresentar Lobato ao público infantil e, para isso, quer “caracterizar bien” a obra lobatiana, pois embora já fosse conhecido do público adulto portenho desde os anos 1920, o escritor, na década de 1940, passaria a ser visto como autor infantil e ligado à escola, como parece desejar seu editor.

Como também já se observou, Lobato parece não ter aprovado a forma de lançamento de seus livros, visto que Ramón Prieto, em carta de 03.11.1942, justifica, mais uma vez, a eleição das obras de caráter pedagógico para o lançamento:

---

<sup>491</sup> Cf. carta Pasta 20 2508. Grifo nosso.

“Em nossa anterior exponíamos francamente a nossa opinião no que respeita às substituições. Achamos que o amigo é o mais indicado para julgar quais os livros que devem substituir os que estavam previstos inicialmente mais que precisam correção e demorirão. A eleição tinha sido determinada exclusivamente pelo nosso interesse comum em lançar os volumens com uma base sólida que garantisse a continuidade e o interesse do garoto leitor. Se o amigo achar preferirem a Chave antes da Viagem, faremos a Chave ou vice-versa”<sup>492</sup>.

Novamente, neste trecho, conta-se com a experiência editorial de Lobato no que toca à comercialização das obras. Mas cabe uma questão: se o escritor, no Brasil, se valeu da escola para vender seus livros e ganhou dinheiro com isso, por que, aparentemente, não achou boa a ideia de ter suas obras traduzidas circulando através de instituições de ensino argentinas.

Talvez Lobato não quisesse ter seus textos circulando somente na escola, mas em outros lugares, como o jornal e as revistas:

“No que diz sobre a publicação na Prensa, julgamos que é de interesse e deixamos à sua exclusiva decisão todo e qualquer julgamento a respeito. Se for publicada isso pode contribuir a venda do volume e a popularização do seu nome, coisa que resultará em benefício da editorial e da obra”<sup>493</sup>.

A publicação dos textos na imprensa primeiro e depois em livro também fez parte das estratégias de Lobato quando do lançamento de seus livros infantis no Brasil; para tanto, utilizou-se da *Revista do Brasil*, da qual era dono, para divulgar trechos de “Lucia ou a Menina no Narizinho Arrebitado”, antes que este ganhasse o espaço escolar em forma de livro<sup>494</sup>.

Do mesmo estratagema, o escritor parece pretender valer-se na Argentina, com *A Chave do tamanho*: lançá-la, primeiro, em um jornal de grande circulação, para depois publicar em livro. Vale lembrar que este mesmo procedimento foi também adotado quando

---

<sup>492</sup> Cf. carta Pasta 20 2509, de 03.11.1942.

<sup>493</sup> Cf. carta Pasta 20 2510.

<sup>494</sup> Cf. além da nota do capítulo 1 sobre este assunto, *Revista do Brasil* nº 61, fevereiro 1921; BERTOLUCCI, Denise M.P. “Reinações de Narzinho: um livro “estupendo””. In. LAJOLO, M; CECCANTINI, J.L. *Op. cit.* pp.187-198.

o escritor começou a figurar com seus contos nos periódicos argentinos, nos anos 1920 e com seu *Dom Quixote das Crianças* no final dos anos 1930<sup>495</sup>.

Em carta de março de 1943, a publicação da *Chave* na imprensa voltou a ser assunto:

“Si o amigo achar oportuno, podemos propor a Chave a Prensa. Temos amigos lá. Penas o amigo deve dicernos as condições que devemos apresentar a Prensa ou se quizer se entender, no aspecto econômico, directamente. Nos poríamos a disposição do jornal a tradução sem ônus algum”<sup>496</sup>.

Agora, por que publicar a *Chave* na imprensa se, aparentemente, esta não fazia parte dos livros de “matiz pedagógico” e, portanto, não estava entre os primeiros lançamentos?

A primeira razão para este lançamento seria o de “testar a repercussão”, como já fizera o próprio Lobato, no Brasil, e seus agentes culturais, na Argentina. Tal estratégia colocaria o nome do escritor em evidência porque, mesmo que o texto tivesse poucos leitores no periódico, ele seria publicado em livro, já que fazia parte da coleção.

A segunda razão – e talvez mais comercial que a primeira, embora pareça, também, mais ideológica – é que o mundo passava pela II Guerra Mundial (1939-1945). O tema central do livro é exatamente a questão da guerra. Deste modo, o escritor abriria frente para a projeção de seu nome de 2 formas: ganharia as páginas da imprensa com um tema do momento, resgataria seu nome entre os adultos, responsáveis por comprar os livros para as crianças.

O caso da publicação da *Chave* na imprensa também não parece ter razões distintas das que fizeram Lobato ter seu *Quixote* publicado no *La Prensa* em 1937 e depois em livro, em 1938; enquanto este faz parte da literatura universal, aquele trata de um tema universal; de qualquer forma, o que o escritor parece desejar é entrar para o “rol” dos escritores universais, seja através das adaptações (como *Dom Quixote* e *Fábulas*), seja através dos temas.

---

<sup>495</sup> Sobre este assunto, cf. capítulo 1.

<sup>496</sup> Cf. carta Pasta 20 2514.

Mas, e a estratégia de comercialização dos livros que estavam em processo de tradução?

Voltemos, então, ao processo de comercialização dos livros.

A estratégia de Prieto era, como já exposto, dividir a coleção infantil de Lobato em 2 séries: uma a sair em 1943, outra em 1944, tal como o editor explica no trecho abaixo:

“Ya temos conversado sobre o particular com os vendedores de coleções (Editorial Losada) e chegamos a seguinte combinação: Dividir as obras em duas séries, série A de 14 volumens (os 14 iniciais com exceção de Novas Reinações que pasará a encabezar a série B) e a série B com 12 volumens, esta para o ano próximo”<sup>497</sup>.

Haveria, no entanto, outra forma – não serializada, porém, concomitante a esta de venda dos livros lobatianos:

(...) “nossas consultas e estudos destes meses tem mostrado que há duas formas para a venda: 1º a normal isto é, a venda dos volumens na medida da sua aparição, aos distribuidores e livrarias; 2º. A venda em coleções, de TODOS OS VOLUMENS em conjunto, dentro de um móvel especialmente desenhado para isso. Este segundo aspecto da venda tem sido estudado e consultado exaustivamente e demonstra que há possibilidade de colocar neste ano, alguns milheiros de coleções.(...) (...)Imagine o amigo que poderá fazer dispendo das suas obras completas para vender em toda América!”<sup>498</sup>.

Antes, porém, de anunciar a possibilidade da obra de Lobato em “toda América”, Prieto já manifestara, em carta anterior, planos de venda para além da Argentina, já que desejava “encher as livrarias de todo o continente com eses volumens”:

(...) “temos certeza de que a serie vae ser um negocio editorial permanente, o melhor é isto mesmo: aproveitar o verão para preparar os cinco iniciais, preparar os outros antes de setembro próximo e encher as livrarias de todo o continente com eses volumens”<sup>499</sup>.

---

<sup>497</sup> Cf. carta Pasta 20 2515, de 24.04.1943.

<sup>498</sup> Cf. carta Pasta 20 2513, de 08.01.1943.

<sup>499</sup> Cf. carta Pasta 20 2512, de 23.12.1942.



Vejam, então, os acertos editoriais para esse sucesso. Prieto associou-se a uma editora – a Losada – reconhecida no mercado editorial argentino. Fundada em 18 de agosto de 1938, pelo espanhol Gonzalo Losada, que emigrou em 1928 devido à Guerra Civil em seu país, a Editorial Losada, venderia e distribuiria as coleções, ficando a cargo da Americalee, do imigrante italiano Domingo Landolfi, a venda em livreria.

Essas estratégias de venda arquitetadas por Prieto mobilizam o sistema literário no que diz respeito à produção e à distribuição do livro em questão. Sabiamente, Prieto, ao associar-se à Losada para distribuir os livros de Lobato, e ao pensar em uma organização especializada corrobora a noção de vender para todo o continente, como escreve na carta acima, popularizando o nome de Lobato e garantindo retorno financeiro para as editoras e para o autor.

Além disso, Prieto demonstra claramente sua aposta no sucesso da literatura infantil lobatiana, o que o faz, também, mobilizar este sistema de vendas e distribuição, pensando em suas duas bases: editores e autor. E como forma de convencer Lobato de que a venda em coleção seria o melhor negócio, Prieto estabeleceu estratégia de comercializar os livros junto com uma estante, como já apontara na carta de 08.01.1943:

“TODOS OS VOLUMENS em conjunto, dentro de um móvel especialmente desenhado para isso. Este segundo aspecto da venda tem sido estudado e consultado exhaustivamente e demonstra que há possibilidade de colocar neste ano, alguns milhares de coleções”.

Finalmente, em maio de 1943, Prieto confirmou a situação das obras

“Confirmamos, no que diz ao presente ano, o que já tínhamos adiantado ao amigo: vamos lanzar 12 volumens (os 12 primeiros) que Losada vae vender a pazos, sob o título de Primeira Serie. Os 14 restantes para o anno, como Segunda Serie e Serie Completa aos novos compradores. O problema dos disenhos não permite outra solução. Na medida que forem aparecendo, nós realizamos as nossas vendas directas as livrerias, independentemente das vendas que realizar depois Losada, que só venderá en coleção num movel apropriado”<sup>500</sup>.

---

<sup>500</sup> Cf. carta Pasta 20 2517, de 24.05.1943.

Mais adiante, na mesma carta, Prieto explica como o trabalho será dividido entre Americalee e Losada, estabelecendo, inclusive prazos de lançamento, para que os “corredores” (vendedores) possam percorrer os estabelecimentos comerciais:

“De todas as formas pensamos que comecem a aparecer em Setembro, pois Losada precisa a totalidade a meados de novembro, quando os seus corredores saem a vender exclusivamente bibliotecas de caracter infantil”<sup>501</sup>.

A parceria comercial entre Losada e Americalee continua funcionando independente de Prieto, que saiu da editora, por desentendimento “que começou com o assunto do bom Garay e terminou acedando até terminar a minha saída”<sup>502</sup>, ocorrida, provavelmente, em 1943. A carta de agosto de 1944 traz considerações interessantes acerca de algumas projeções de venda da coleção no Uruguai e América Central:

“Americalee tinha, quando saí, um começo de contrato com Editorial Losada para distribuição no Uruguay de seus livros e Losada vende, habitualmente, com uma literatura vagabundíssima, mais de 5.000 coleções de livros infantis em Montevideo. Cada uma dessas coleções tem uns 20 volumens. Isso sem contar a América Central e México que consomen grandes cantidades de livros de literatura infantil e que quando conhecerem os seus vão consumir muito mais”<sup>503</sup>.

A partir da saída de Prieto da Americalee, as obras de Lobato tomarão outros rumos. Porém, antes de percorrer os caminhos engendrados pelo editor argentino para as obras do escritor brasileiro em castelhano, é importante analisar – porque configurou aspecto importante ao lado das estratégias de venda – os projetos de propaganda, que colaboraram para a comercialização das traduções.

Assim, se analisarmos a cadeia de produção das obras, que tiveram início com as traduções e ilustrações, passando, então, para a comercialização (que só é possível à medida que se tem o objeto a ser vendido), a propaganda parece ser a última etapa desse

---

<sup>501</sup> Cf. carta Pasta 20 2517, de 24.05.1943.

<sup>502</sup> Cf. carta Pasta 20 2520, de 29.08.1944.

<sup>503</sup> Cf. carta Pasta 20 2520, de 29.08.1944.

circuito; deste modo, observar as formas adotadas por Prieto para fazer com que os livros de Lobato pudessem ter êxito comercial é importante antes de avançar para a questão das relações editoriais que envolverão os dois, depois da saída de Prieto da Americalee.

A carta de 27.09.1942 já sinaliza uma estratégia: os boletins bibliográficos:

“As grandes livrarias distribuidoras daqui fazem, geralmente, uns boletins mensuales. Alguns deles são verdadeiras revistas ilustradas (o do Ateneo, por exemplo). Já chegamos a uma combinação com 3 dos grandes boletins bibliográficos a fim de publicarmos páginas em cores con resumos de seus livros, así como ilustrações com as personagens. Isso independente do nosso plano de propaganda, que oportunamente informaremos ao prezado amigo, no cual estamos vendo a forma de incluir uma fita de desenhos animados, em cores, apresentando as personagens dos seus contos. A vantagem está que essas fitas são passadas em 1.600 cinemas do país e num número quase igual de cinemas sudamericanos”<sup>504</sup>.

Prieto, ao anunciar que já combinara com “3 grandes boletins bibliográficos”, que apresentariam resumos das obras do escritor, coloca Lobato no circuito livreiro da Argentina. Mas vai além e tenta anunciar a obra infantil do brasileiro em outra mídia: a dos desenhos animados; misturando propaganda com comercialização, o editor parece ver na estratégia algo semelhante ao que via Lobato quando publicava para a imprensa: diversificar e, por conseguinte, ampliar, o público-leitor.

Além da via impressa e da animação, o editor de Lobato na Argentina pretendia lançar, em forma de episódios – serializados – programas de rádio com as obras de Lobato:

“Buenos Aires, 11 de Agosto de 1943.

Sr. Monteiro Lobato

Gusmões, 118

San Paulo (Brasil)

Prezado Amigo:

Só algumas líneas para lhe propor um negocio: Tenho um contrato con uma agencia de publicidade radial para fazer uma audição para creanças. Tinha-mos pensado, inicialmente, adaptar em forma de conto animado os livros de Henry Favre, sobre a vida dos insetos. Faz dias, porem, fallei-les dos seus, que penso sejam muito melhores para o que se quer fazer e lhes fornecí uma síntesis de “Geografia”, “Minotauro”, “Viagem ao Céu”. Temos feito uma prova, juntamente com o Sr. Alberto Bianchi, que é especialista nesses assumtos de adaptação ao radio e a opinião geral é que seria um sucesso.

---

<sup>504</sup> Cf. carta Pasta 20 2507, já transcrita no início desse capítulo.

Se trata, agora, desses três volumens; as mesmas personagens, ficando as centraes, Emília, Naricinha e Pedrinho, que dão a volta ao mundo no veleiro de Vito Dumas, o navegante solitário argentino que chegou nesses días. Essa obra dará 35 episodios; a Viagem ao Céu uns 25 e o Minotauro uns 30. Em total uns 80 episódios.

A adaptação será feita pelo sr. Bianchi e eu, previa tradução dos livros. Ainda não sei o título da audição, mais parece que será “Audición Infantil Argentina” (Adaptação da obra de Monteiro Lobato). As condições são as seguintes: 35 pesos de direito por episodio, recebidos por intermédio de “Argentores” (Sociedad Argentina de Autores) que desconta 10% de comissão. Ficam, pois 31,50 pesos. A proposta que estou autorizado a lhe fazer é a seguinte: \$10 m/arg. Por cada episodio, que o amigo receberá directamente da Argentores ou da Agencia “ORA” (Organização Radial Argentina). Isso e tudo.

Mais precisaria uma resposta urgente sua. A audição começa no dia 15 de Setembro e é preciso preparar uma obra completa antes de iniciar a audição, pois a Rádio-Comunicação exige que seja assim. Poderia o amigo mandar um telegrama dizendo só “aceito condições” e depois confirmar por carta aérea? Dessa forma ganharíamos um tempo precioso.

A audição será, além do mais, uma grande propaganda para a editorial. Peso-lhe pois resolva.

Minha função, em Americalee, está reducida a tradução dos seus livros. Amanhã entregarei, com cópia, como “Viagem ao Céu”, “A Caçadas”.

Saudações Afectuosas

R. Prieto.

Para toda correspondencia R. Prieto y A.Bianchi

“Unión Cinematográfica Argentina”

Sarmiento 846 – 3º piso Buenos Aires”<sup>505</sup>

Esta carta, transcrita na íntegra, ajuda a recuperar algumas questões discutidas rapidamente quando se tratou da comercialização das obras de Monteiro Lobato na Argentina.

A carta anuncia que as obras lobatianas ganharão o espaço do rádio com os episódios dos livros considerados didáticos (*Geografia*, *Minotauro*, *Viagem ao Céu*), o que colaboraria para a venda dos livros na escola.

A importância desta carta reside também na questão relativa a valores; pela primeira vez – dentro do acervo epistolar a que se teve acesso – Prieto apresentou a Lobato quanto este ganharia, não por livros, porém pelos programas de rádio. O silêncio com relação aos livros se atenua nas repetidas vezes em que ao longo da correspondência mantida com o escritor, Prieto manifesta entusiasmo pelas altas tiragens das obras e sua distribuição em países de língua castelhana. Repetidas vezes, também, o

---

<sup>505</sup> Carta Pasta 20 2519, de 11.08.1943.

editor destaca a necessidade de que as obras de Lobato sejam “fondo permanente”, constituindo diversas edições ao longo de anos, como já foi observado, porém sem tratar de valores em dinheiro.

Como se vê, Prieto pensa em estratégias comerciais que “salvaguardem” a condição de autor de Monteiro Lobato, uma vez que, são constantes os pedidos de opinião do escritor no que concerne aos processos de composição de sua obra em castelhano.

Tal atitude também poderia estar baseada no fato de que o editor tinha interesse em manter a publicação da obra lobatiana em castelhano, o que faria com que se empenhasse na preservação dos direitos de autor para que, deste modo, os livros do escritor se tornassem, efetivamente, um “fondo editorial permanente”, o que seria interessante, do ponto de vista econômico, para ambas as partes.

Diante disso, não tratar de valores em dinheiro, mas propor associações com editoras que distribuíssem os livros pela América, oferecer garantias de publicação de excelência das obras (através dos ilustradores, tradutores, tudo com a supervisão de Lobato), investir em diferentes estratégias que possibilitassem a circulação do nome do escritor poderiam, na concepção de Prieto, ser mais atraentes para a manutenção da publicação das obras, o que teria como consequência, o retorno financeiro.

Além disso, o editor percebia que Lobato tinha grande interesse na circulação de seu nome fora do Brasil, por isso, talvez, supervalorizasse as estratégias de propaganda e comercialização em detrimento das discussões sobre valores financeiros.

Levando-se em consideração tais aspectos, por que, então, tratar dos valores do programa de rádio?

Porque, ao ter suas obras veiculadas em outra mídia, Lobato poderia não ter certeza do retorno financeiro, como o teria quando Prieto relatava sobre as estratégias de venda de seus livros. O que se pode inferir, ainda, é que, neste caso, ao se cogitar uma nova empreitada para as obras lobatianas, expor valores, seria uma boa forma de convencer o escritor da importância de tal estratégia. Ademais, a “audição” poderia render-lhe, além da circulação de seu nome, a venda de mais livros.

Como já foi comentado, as relações entre Lobato e Prieto vão tomar outros rumos a partir de 1944, quando este saiu da editorial de Landolfi – a Americalee – e passou a dirigir as Ediciones del Tridente.

Analisemos em que medida estas relações mudaram e como isso se refletiu na publicação das obras infantis de Monteiro Lobato na Argentina.

A primeira carta com timbre da Ediciones del Tridente data de 29.08.1944; nela, Prieto explica, rapidamente, seu desligamento da antiga editora:

“Aqueles amigos tiveram comigo um desentendimento que começou com o assunto do bom Garay e terminou acedando até determinar a minha saída. Coisas que acontecem todos os dias mais que eu achei safadeza depois de haber levantado cuasi sosinho a editorial com um trabalho de 20 horas diárias”<sup>506</sup>.

Garay reapareceu na carta como “pivô” de um desentendimento entre Prieto e a Americalee. Pode-se supor que a tal supervisão da tradução das obras lobatianas, a cargo de Garay, não estava sendo eficiente, o que obrigava o editor a trabalhar mais para manter o emprego do “bom Garay”, que já estava com sua “capacidade de trabalho resumida”, como tinha apontado Prieto na carta de 27.09.1942.

Além disso, Prieto saiu da Americalee por divergências políticas e editoriais, tal como escreveu na carta de 13.01.1945:

“Vou aclarar um aspecto das minhas relações con Americalee: não briguei con ellos, apenas não quis continuar mais pois trabalhava 20 horas diárias e na hora de cobrar, muito modestamente juro! “todos éramos anarquistas, menos Landolfi””<sup>507</sup>.

Embora Prieto tenha saído da editora de Landolfi, provavelmente em 1943, era ele quem continuava informando Monteiro Lobato de suas vendas na Argentina, pois tinha notícias “das “Travesuras” e sei que vão muito bem”<sup>508</sup>.

---

<sup>506</sup> Cf. carta Pasta 20 2520, de 29.08.1944.

<sup>507</sup> Cf. carta Pasta 20 2523, de 13.01.1945.

<sup>508</sup> Cf. carta Pasta 20 2520, de 29.08.1944.

O fato de os livros de Lobato, de maneira geral, irem “muito bem” na Argentina possibilitou à Americalee – ao se associar à Losada para distribuir os exemplares – expandir a atuação da literatura infantil lobatiana para outros países da América Espanhola, como Uruguai, América Central e México, o que aproximava, cada vez mais o escritor brasileiro dos EUA.

Prieto também não perdeu a oportunidade de criticar os procedimentos adotados pela Americalee, enquanto empresa:

(...) “O ponto desagradável disso está na concepção “bolichera” que tem Americalee dos problemas editoriais. Falta espírito de empresa, audácia e conhecimento que tem na mão. A propaganda, pois, não vale ser muita. Este é o problema. Se eu tivera na minha editora uma coleção desse tipo tenho a certeza de colocar mais de 100.000 exemplares no primeiro ano e duplicar a venda o seguinte”<sup>509</sup>.

Como já visto, quando Prieto percebeu que a literatura infantil de Lobato era rentável e, como primeiro editor dessas obras em castelhano, não queria deixá-la nas mãos de seu – agora – concorrente. Para isto, desqualificou o trabalho da editora de Landolfi como forma de atrair Lobato a publicar pela El Tridente.

O editor, porém, sabia que o brasileiro tinha contrato com a Americalee e talvez nem pretendesse retirar da editora a publicação das obras de Monteiro Lobato, pois isso poderia não trazer benefícios – nem econômicos, nem de imagem – tanto para a editora quanto para Lobato e Prieto.

Sendo assim, Prieto sugeriu a Monteiro Lobato a publicação de *Os 12 Trabalhos de Hércules*, pois pensa “que seu [de Lobato] compromisso com Americalee não os atinge”<sup>510</sup>, isto porque o livro havia sido publicado no Brasil, provavelmente em agosto de 1944, e não deve ter entrado no contrato de edição da Americalee, visto que o próprio escritor declarou que escrevera a obra em “36 dias”<sup>511</sup>. A publicação seria da El Tridente e faria parte da coleção de livros infantis que a editora pretendia lançar.

---

<sup>509</sup> Cf. carta Pasta 20 2520, de 29.08.1944.

<sup>510</sup> Cf. carta Pasta 20 2521, de 17.09.1944.

<sup>511</sup> Carta de Monteiro Lobato a Cesídio Ambrogi, datada de 10.09.1944, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, pasta 33A. Apud. TIN, E. “O 13º trabalho de Lobato”. In LAJOLO, M; CECCANTINI, J.L. *Op. Cit.*, pp. 471 -484.

Como maneira de convencer Lobato, Prieto apresenta algumas condições para publicação, bem como mostra alguns aspectos do modo de trabalho da editora; mais uma vez, o editor tenta convencer Lobato através de números e parcerias:

“O Tridente gostaria imensamente de poder editar, a caixa batida, os 12 trabalhos de Hercules. O problema de fazer uma coleção infantil está latente, desde o dia que se fundou a editorial, mais faltava o fundamental, os livros.

Porem, si podermos dispor dos 12 trabalhos (penso que o seu compromisso com Americalee não os atinge) então a coisa poderia marchar de imediato. Para que julgue das possibilidades, vão alguns dados. Tridente realizou um capital de 250.000 m/arg. É sociedade anônima. A direção técnica-literária me foi encomendada, mediante uma remuneração e o 15% do capital. Há um director administrativo, o Dr. Pelayo Sala, hespanhol, refugiado e ex-ministro. Aqui, sim, poderíamos preparar um plan de propaganda para toda América, pois se dispoen dos meios econômicos para fazel-o além de representação agil e boa en todos os países do continente. A oferta é normal; 10% sobre valor tapa (preço ao público) e adiantamento sobre a primeira edição, se o amigo assim quizer. Diz na sua que vão aparecer muito bem ilustrados. Poderíamos entrar em acordo para o aproveitamento das ilustrações na edição hespanhola. Cuando escrever peso-lhe estabelecer as bases sobre as que poderíamos chegar, o mais rapidamente possível, a um acordo. E se estiver disposto a aceitar, en princípio, despachar os originaes a brevidade”<sup>512</sup>.

Lobato parece ter se convencido de que a proposta de Prieto era vantajosa e, em 10.10.1944, exatamente 1 mês depois da carta enviada a Cesídio Ambrogi relatando sobre a escrita do livro em tempo “recorde” (36 dias), o plano de propaganda do *Hercules*, cujos originais nem haviam chegado, talvez pelo fato de ainda estarem em composição no Brasil, já estava traçado:

“Apenas cheguem os primeiros originaes prepararei o plano de propaganda, consultando-o sobre esse aspecto da questão. Publicações en revistas infantis, propaganda direta sobre todas as livrarias do continente (temos uns 4 mil endereços selecionados) e a fita de desenhos animados que tinha planejado para Americalee. Alem disso vamos preparar com os nossos distribuidores outro plan comum de propaganda, financiado metade e metade mediante uns descontos especiais no primeiro anno. Fique tranqüilo nesse aspecto da questão. Os trabalhos vão ser uns dos fundamentos do Tridente e os amigos que formam parte da sociedade tem espeiritu de empresa para compreenderem que é preciso plantar para colher”<sup>513</sup>.

<sup>512</sup> Cf. carta Pasta 20 2521, de 17.09.1944.

<sup>513</sup> Cf. carta Pasta 20 2522, de 10.10.1944.



As obras de Monteiro Lobato, aparentemente, viraram motivo de disputa editorial, provocada por Prieto, pois ao investir com tanto afincio em um livro do qual sequer possuía o original, o editor parecia não só reafirmar a rentabilidade do escritor brasileiro como também coloca em dúvida, como escrevera em cartas anteriores, o profissionalismo da Americalee no que se refere ao tratamento dado às obras lobatianas já em circulação.

Esse possível profissionalismo vindo da El Tridente reflete-se em outra questão: a necessidade de que Lobato administrasse – ou delegasse administração – do dinheiro que ganhava na Argentina, bem como sua circulação no país vizinho. Para tanto, sugere Prieto:

(...) “O amigo deve ter aqui algum amigo a quem enviar um poder para que controle as tiragens, faça as liquidações trimestrais ou semestrais e deposite, ao seu nome, num banco da cidade, o producto”. A experiência mostra que não se deve acumular direitos nas mãos dos editores, pois estes sempre acham excessivo o que pagam ao autor e é o diabo. De todas maneiras vou le informar con frecuencia marcha do livro. Tenho elementos para poder fornecer-lhe dados certos e bons sobre vendas, tiragens, etc. Si o amigo preferir um representante comercial profisional, isto é, um destes amigos que se ocupam exclusivamente de representar autores yanquis e ingleses, conheço alguns deles, com os que tenho relações diárias. Disponha a vontade e sem nenhum constrangimento. Aquí, no “Tridente” temos como sócios a dois advogados especializados em direitos de autor que são uns “feras”<sup>514</sup>.

Ao sugerir a Lobato que não se deve “acumular direitos nas mãos dos editores”, Prieto – que era sócio minoritário da empresa – refere-se a qual tipo de editor? Note-se que isto parece depor contra sua imagem, visto que era Prieto quem tomava conta das tiragens e dos direitos do escritor brasileiro na Americalee, mesmo quando não era mais funcionário da empresa.

Quando Prieto propõe que Lobato tenha um “representante comercial profissional” e, na sequência, sugere que no “Tridente temos como sócios dois advogados especializados em direito do autor que são uns “feras””, o editor parece fazer dois movimentos que o beneficiam: tenciona popularizar a “marca Lobato” na Argentina, o que poderia lhe render mais vendas d’*Os 12 Trabalhos de Hercules* em castelhano, além de

---

<sup>514</sup> Cf. carta Pasta 20 2520, de 29.08.1944.

aproximar o escritor dos profissionais da El Tridente, o que futuramente, teria como consequência a publicação de todas as obras do escritor pela editora.

Nesse sentido, Lobato estaria em um circuito profissional de internacionalização de suas obras, o que também poderia abrir seus livros para o mercado de língua inglesa, já que também fora sugestão de Prieto apresentá-lo a agentes de autores “yanques e ingleses”.

Mesmo mostrando diferentes opções de agentes ao escritor, Prieto parece reforçar os atributos dos advogados da editora em que trabalhava, com o argumento de que eles conseguiram cobrar do TOR, “que não paga a ninguém”, a quantia de 118.000 pesos relativa a direitos autorais. Cartas depois, Ramón Prieto insistiu que Maañon Lopez representasse Monteiro Lobato:

“Penso que quem poderia atender seus negócios, com maiores vantagens para o amigo, e o Dr. José F. Maañon Lopez, sócio do Tridente en representación dos capitalistas do mesmo. É pessoa da maior confiança e muito capaz. Foi elle, con o Sala, os que conseguiram cobrar o TOR. Tenho falado com ele e junto a esta segue uma sua, de acordo ao seu pedido. Fazem dois días chegou um amigo do Nuñez e me trouxe uma carta delle. Foi logo a Montevideo y debe voltar amanhã o depois. Temos ficado em jantar juntos e conversarmos mais longamente amanhã vou escrever a ese amigo”<sup>515</sup>.

Maañon Lopez escreveu, ao que se sabe, duas cartas a Monteiro Lobato, explicando sobre os procedimentos burocráticos em relação à representação do autor na Argentina:

“Muy señor mio:  
Nuestro amigo comum, Sr. Prieto, me há puesto em conocimiento del asunto referente a representarlo junto a editores de esta para los efectos del control de ediciones de sus obras, salvaguarda de sus derechos de autor y cualquier otra gestión tendente a garantizarlos y hacerlos efectivos. Inutil decirle que ello está dentro de mi profesión y constituye una de mis actividades. Así, pues, estoy a disposición y a sus ordenes”<sup>516</sup>.

Monteiro Lobato, ao que parece, aceitou ser representado por Lopez, pois este, em trecho da carta abaixo, faz referência à documentação que será necessária para que ele inicie “la representación” dos interesses do escritor:

<sup>515</sup> Cf. carta Pasta 20 2521, de 17.09.1944.

<sup>516</sup> Cf. carta de 17.09.1944, enviada por Maañon Lopez a Monteiro Lobato, com papel Timbrado das Ediciones del Tridente, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato. Pasta 20 2536.

“Acuso recibo a sua atenta nota del 29 y me es grato resumir, a continuación, los términos del poder que necesito para iniciar la representación de sus intereses junto a los editores de esta.  
(...) Ruego enviar poder amplio, para ceder o vender total o parcialmente, sus derechos intelectuales, con facultad de percibir y dar recibos, para entablar, promover, contestar, transar y desistir toda clase de acciones judiciales y administrativos sobre sus derechos intelectuales. Creo conveniente mencionar en el poder los títulos de las obras que tenga inscriptas en el Registro de la Propiedad Intelectual del Brasil. Este poder deberá, si le es posible, extenderlo en castellano ante al Consulado Argentino o, en su defecto, en portugués y con su traducción castellano certificada por el notario actuante y debidamente legalizada por el citado cónsul”<sup>517</sup>.

Findo o ano de 1944, 1945 começa com outro projeto de Prieto envolvendo as obras de Monteiro Lobato, além da publicação de *Os Doze Trabalhos de Hércules: as cartas da Barca de Gleyre*, que reúnem a correspondência de 40 anos entre Monteiro Lobato e seu amigo de faculdade – e também escritor – Godofredo Rangel:

“BARCA: Falei com Buigas, da Nación, com o chefe de redação da Prensa e con Mucio Saens Pena director de “El Mundo”. Os três acham interesante publicar, na seção bibliográfica e literária dos domingos, cartas da Barca. Más chegou o calor e todo ese pessoal anda por Mar del Plata e otros logares de veraneio. Consecuencia, que temos que esperar até começo de fevereiro para tirar uma solução e ver cual deles pega antes o asunto. O melhor seria “La Prensa”, onde você tem muitos amigos e chega até no inferno, más o Saenz Pena está totalmente “enlobatado”. Leu o volumen e diz maravilhas delle. Tive que brigar para que devolvese, pois tinha que entregar al Blanco-Amor (o Nuñez deve conhecer este poeta agora é asesor literário da editora EMECE) uma das melhores do país”<sup>518</sup>.

Lobato, que publicara *A Barca de Gleyre* pouco antes de *Os 12 Trabalhos de Hércules*, em 1944, antes de passar suas publicações da Cia Editora Nacional para a Brasiliense, também já adiantara a Rangel que a editora EMECE, fundada na Argentina em 1939 pelo imigrante espanhol Mariano Medina del Rio, ia publicar a obra, que ainda estava em fase de organização:

(...) “Escreve daí um cartãozinho à Editora dizendo que desisti de incluir as novas cartas para não atrasar ainda mais o livro. Ela que o faça sair o mais rápido possível, que é o que eu quero.

---

<sup>517</sup> Cf. carta sem data, enviada por Maanõn Lopez a Monteiro Lobato, com papel Timbrado das Ediciones del Tridente, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato. Pasta 20 2536.

<sup>518</sup> Cf. carta Pasta 20 2523, de 13.01.1945 .

Vou editá-lo, em espanhol aqui, pela Editorial EMECE”<sup>519</sup>. (LOBATO: 1969,379)

Voltando à carta de 13.01.1945, Prieto, como editor, também se valeu da imprensa para publicar textos de Monteiro Lobato, como já havia sido feito por Gálvez e Quiroga nos anos 1920.

Mobilizando jornais de grande circulação em Buenos Aires, cuja postura política era de esquerda, Prieto tenta veicular as cartas da *Barca*, embora acreditasse ser melhor publicar no *La Prensa*, com o qual Lobato já tinha contato desde os anos 1920, e por onde havia publicado, em 1938, a sua adaptação de *Dom Quixote*.

Desse modo, o escritor brasileiro voltaria aos jornais com sua literatura adulta e ainda constituía objeto de disputa entre jornais – segundo Prieto – pois embora fosse melhor publicar no *La Prensa*, onde Lobato “tem muitos amigos e chega até no inferno”, Saens Pena, diretor do *El Mundo*, estava “enlobatado” e, talvez, quisesse ter o escritor figurando em suas páginas.

Mas a publicação não se restringiria aos periódicos, visto que a intenção era publicar pela EMECE, editora que se caracterizava por altos investimentos no setor de livros, o que garantiria altas tiragens, com sucesso de vendas.

Outra vez, Lobato estaria na imprensa e em livro, popularizando seu nome e sua circulação.

Outra vez, também, a obra de Lobato parece apresentar-se muito “regional”, tal como ocorreu, em 1921, com o lançamento de *Urupês* em castelhano:

“O Blanco-Amor leu, gostou e aconselhou a EMECE a publicar num volume bem apresentado, bom papel, tirando as cartas que não tenham sentido para o leitor americano não-brasileiro”<sup>520</sup>.

Lobato, assim como em *Urupês* e em suas obras infantis publicadas na Argentina, participaria ativamente do processo de composição da obra, visto que deveria fazer

(...) “o expurgo correspondente, pois só você mesmo pode e deve dizer aunque cartas são ou não são compreensíveis fora do Brasil. Outra coisa: acho que se deveria por umas chamadas e umas notas em algumas cartas, notas exclusivamente explicativas para o indígena destas e doutras plagas.

<sup>519</sup> Cf. LOBATO, M. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense. Carta de 13.07.1946.

<sup>520</sup> Cf. carta Pasta 20 2523, de 13.01.1945.

Diga a sua opinião. Ainda sobre o mesmo assunto: EMECE gosta de volumens masudos, avise-o para que tire o menos possível do volumen. Também seria bom, numa página preliminar sua dizer algumas palavras sobre Rangel e fotografarlo literariamente no acha?”<sup>521</sup>

Há, neste trecho, uma questão interessante; se Lobato, nos anos 1920 e 1940 precisava de um “encabezamiento” que estabelecesse identificação entre autor e público, nestas cartas da *Barca* quem será o “encabezado” é Rangel; sendo assim, pode-se pensar que Monteiro Lobato atingiria a sua popularidade e o reconhecimento do leitor argentino, o que dispensaria apresentações.

A tentativa de Prieto de diversificar a circulação do escritor pode estar relacionada ao fato de que a Americalee passaria a “dedicar fundamentalmente o seu esforço editorial na base das obras de Lobato, tal como atesta a carta de 13.01.1945:

(...) “Agora ao que serve. A duas ou três semanas me dice un amigo comum que Americalee está estudando transformar a editorial e ficar só com seus livros e uma coleção filosófica. Em outras palavras: dedicar fundamentalmente o seu esforço editorial na base das suas obras, com um plano de propaganda conseqüente. Para um editor águia como é o Landolfi resolva isso e preciso que a experiência le tenha ensinado que é bom camino. Logo a venda tem que andar muito bem”<sup>522</sup>.

Soma-se a isso, o fato de a publicação de *Os Doze Trabalhos de Hércules* não estar fechada, o que mudará em março de 1945:

“HERCULES: Vamos por mão a obra. O Maañon pasa esta semana fora e volta segunda-feira. Logo que chegar mandaremos a carta-contrato nas condições de sua anterior sobre o problema, adquirindo os disenhos pelo preço que o amigo dice. Estamos estudando a possibilidade de fazer uma edição popular (a 0,95) para vender em kioscos e postos de jornaes, aproveitando a mesma composição para a edição para livrarias, com outro papel. Todo o problema está no papel voluminos que de meados do mez para hoje subiu 25%”<sup>523</sup>.

A maneira de diversificar o público de Lobato na Argentina, com o lançamento de uma versão mais barata do *Hercules*, retoma práticas do escritor no Brasil, nos anos 1920, em que fazia uma edição popular, para ser vendida em bancas, com papel mais barato, e

---

<sup>521</sup> Cf. carta Pasta 20 2523, de 13.01.1945.

<sup>522</sup> Cf. carta Pasta 20 2523, de 13.01.1945.

<sup>523</sup> Cf. carta Pasta 20 2525, de 29.03.1945.

outra de luxo, mais cara, de modo a contemplar os mais variados públicos. Exemplo disso foi o lançamento de *Urupês*, que teve, além da edição da “Revista do Brasil”, a da “Coleção Brasília”, vendida a preços populares nas bancas de jornal<sup>524</sup>

Com o fim do verão e a suposta volta dos contatos de Prieto à capital portenha, as propostas anunciadas por ele a Lobato, pelo menos no que diz respeito ao *Hercules*, parecem sair da condição de *standby*; o mesmo não acontece com as “Cartas”, visto que em 29.03.1945, a carta enviada ao escritor não parece modificar a situação anterior:

“Tem razão; ha um silencio de expectativa prolongada. A cada momento tenho a impressão que vou poder enviar-lhe uma notícia concreta con respeito a “Cartas” e o bicho desaparece. O Mucio Saenz Pena segue em Mar Del Plata até segunda-feira. Esteve aquí uns días e me dice que não recebeu “Urupés” que o amigo anuncio. Eu recebi dois da editora, de manera que passei-lhe um. Vamos esperar uma semana mais para ver no que dá. Ao mesmo tempo entreguei o original de “Cartas” a La Prensa, Emece, vae me dar uma resposta nestes 15 días”<sup>525</sup>.

A publicação das cartas, então, continuaria em *standby*, porque a edição do *Hercules* tomava forma, visto que em maio de 1945, a tiragem e aspectos da materialidade do livro são descritos por Prieto em carta:

(...) “Tridente físgou o Hercules e está dispondo a lançar 10.000 exemplares, por volume, de sahída. Eta papudo!  
(...) O formato escolhido será de 18 centímetros de largo por 27 de comprimento. Um volume batuta. Composição 14/14, na medida de 24 furos, papel sueco branquinho da silva, importado por nós e que temos recebido ya 150 toneladas. Este asunto, pois está nas suas mãos. Nós vamos começar os trabalhos”<sup>526</sup>.

Em carta de 29.08.1945, com contrato da edição do livro em nome de Ramón Prieto e não da Ediciones del Tridente, parece mudar o rumo da editora e da obra de Lobato:

“Junto vao, en dois vias, copia de contrato para sua asignatura. Vou explicar porquê feito a meu nome e não da Editora Tridente. O Camarada Sala está de malas feitas para Londres e dahi a a Francia. É um dos delegados da minoria catalã ao novo governo republicano no exílio. Elle é u homem dos “cobres” do Tridente. Não porque tenha dinheiro, senão porque

<sup>524</sup> Sobre este assunto, cf. MARTINS, Milena R. *Op. cit.*, sobretudo o capítulo 3.

<sup>525</sup> Cf. carta Pasta 20 2525, de 29.03.1945.

<sup>526</sup> Cf. carta Pasta 20 2526, de 14.05.1945.

os capitalistas que emprestam os cobres são amigos d'elle e a sua sahía do Tridente complica as coisas. Estamos em vespervas de vender a Editorial e não sei ainda quem vae ficar com ella”<sup>527</sup>.

Diante de tal incerteza no que se refere à situação política de alguns membros da El Tridente, o que envolve diretamente as questões econômicas da editora, Prieto logo sugere outra possibilidade a Monteiro Lobato:

“DAMAS Y DAMITAS: - La Editorial Ramirez, editora da revista “Damas y Damitas” (290.000 ejemplares a mais do Hercules. Tenho mostrado a elles a tradução dos dois primeiros volumens e penso que, [ilegível] e concretar o negocio, seria o melhor para o amigo. Tem uma grande revista para a propaganda; tem muito dinheiro (é uma empresa da firma Maslloreens Hnos) e garantiria melhor que cualquier outro negocio. Além disso está a Editorial Glem (gente eminentemente senvergonha, más muito bem organizada na distribuição e com grande capital) que também gosta da serie. Transferirei o contrato a cualquier delles, quem ofrecer melhor garantia e pagar ao contardo. Como pelo contrato o amigo tem que dar a sua aceitação, quando tiver terminado o negócio, em princípio, comunico e você autoriza a transação, estabelecendo onde deve depositar os cobres correspondentes”<sup>528</sup>.

As considerações de Prieto acerca da Editorial Ramirez e da Editorial Glem, embora distintas, visavam aparentemente a manutenção de Monteiro Lobato no circuito portenho, garantindo, deste modo, a sua distribuição.

Em carta de 11.10.1945, o editor escreve que em 30 de novembro

(...) “aparecen los tres primeros volúmenes; el 25 de diciembre los números 4,5, 6; en enero los 7, 8 y 9 y en febrero los tres últimos. Se firmado contrato de exclusividad de la venta con la casa Peuser (la mayor organización de librerías del país, con 10 sucursales aquí y representación en todos los países de América y España). La edición inicial es de 2.500 ejemplares de cada volumen, con opción a otros 2.500 dentro de los primeros 10 meses a contar de la entrega de los primeros. Precio de ventas a \$ 2,50 m/arg. (puede ser que a 2,80). Están traducidos los 8 iniciales y los otros cuatro lo estarán dentro de 2 semanas. El tamaño de los volumen será de 18,5 de ancho por 27,5 de alta. Impresión interior a 2 colores, capa a 4 colores, tapas duras y guarda. Creo que no se podría haber encontrado nada mejor pues Peuser garantizará su venta en todos los países de América española y abre el mercado de España propiamente dichos. Um achado!”<sup>529</sup>

<sup>527</sup> Cf. carta Pasta 20 2527, de 04.08.1945.

<sup>528</sup> Cf. carta Pasta 20 2527, de 04.08.1945.

<sup>529</sup> Cf. carta Pasta 20 2528, de 11.10.1945.

A Peuser, que configurava ao lado da Losada, como grande distribuidora de livros na Argentina da época, seria responsável por levar Lobato à Espanha e à América.

Vale observar que Prieto, embora não pertencesse à Peuser parecia, ainda, participar ativamente de todo o processo que envolveria o livro, pois

“Peuser inicia ya la propaganda y no dudo que llegaremos a los 6.000 de cada antes de julio del año próximo. Hemos formado un sello editorial exclusivamente para lo infantil y los Hercules inician la marcha. Hasta pronto. Entre los libros ya la Constituyente no va a tener un minuto suyo”<sup>530</sup>.

Tal como se vê na carta, o uso da primeira pessoa do plural fomenta a hipótese de que Prieto fazia parte deste processo.

O editor, nesta carta, também anuncia algo que parece importante e conta, para isso, com a ajuda de Lobato.

“Puede recomendarme otros volúmenes de autores de allí? Cuales son? En síntesis: he decidido formar una editorial EXCLUSIVAMENTE DE LITERATURA INFANTIL. Y ni quiero ni puedo usar ningún volumen de esos cuentos “embolorados” del tiempo de “da onça”. Ayudeme!”<sup>531</sup>

*Os Doze Trabalhos de Hercules* pareciam ser “un furo”, nas palavras de Prieto:

“Pena que os Hercules vão ser “un furo”. Peuser adiantou a propaganda y estão sahindo todos os días, para o exterior, miles e miles de prospectos”<sup>532</sup>.

Prieto parecia não ver com “bons olhos” o adiantamento da propaganda do livro, já a impressão começara no mesmo dia do envio da carta – 19.10.1945 – e os “miles e miles de prospectos” estão saindo todos os dias para o exterior.

A carta, da qual um trecho foi acima transcrito, termina com o endereço da Plenitud, que aparentemente, seria uma editora com sede na Espanha e filial na Argentina, porém, em carta de 28.10.1945, a origem dessa editora não é tão clara:

“Prezado Amigo: Chegou a sua de 19. Com certeza perdeose uma anterior minha com os detalhes maiores. Vou repetir. – Tridente não quis editar o Hércules. Sala, o camarada hespanhol da empresa, siguiu para o México a

---

<sup>530</sup> Cf. carta Pasta 20 2528, de 11.10.1945.

<sup>531</sup> Cf. carta Pasta 20 2528, de 11.10.1945.

<sup>532</sup> Cf. carta Pasta 20 2529, de 19.10.1945.



reunião das cortes republicanas. É deputado. Só voltará para dezembro e, possivelmente, siga logo para Londres. Nessas condições Tridente se modifica e eu não tenho interesse de ficar com eles. Numa piscada achei um sócio, movilticeei o crédito (que instituição maravilhosa!) e o Hércules está no prelo. Para não improvisar a distribuição vendi a primeira edição, totalmente, a Casa Peuser, a maior organização de livrarias argentina. Ella tem distribuição em todo o continente e na Espanha, para onde vai ir a metade da edição. Isso garante uma segunda edição a curto prazo, antes de 8 meses, além de uma grande propaganda. O êxito obtido (é um grande êxito vender uma edição inteira a uma firma, dos doze volumes) me anima a organizar a nova editorial exclusivamente para livros infantis. O problema está em originaes. Essa a razão da minha solicitude de livros para crianças publicados ahí, sempre que sejam recomendáveis. A edição para crianças aqui é um grande negócio e todos os editores estão ainda na etapa de Branca de Neve, O Gato com Botas, C. Vermelha, etc, etc. Nada que interesse as crianças de hoje. Resumindo: Sou editor, iniciando a editorial com a série de Hércules y louco por achar alguma coisa mais<sup>533</sup>.

Diante dessas oscilações editoriais, duas hipóteses podem ser levantadas: Prieto, depois de saber que a El Tridente não publicaria o *Hércules*, mobilizou crédito para a saída da obra, e teria usado, para imprimi-la, o maquinário da editora Plenitud; porém, o editor, com a ajuda de um sócio, montou uma editora, cujo nome também é Plenitud; soma-se a isso, o fato de que Prieto já manifestara seu interesse pelo negócio de publicação de livros, quando pediu a Lobato que lhe indicasse outros títulos brasileiros.

A segunda hipótese – a de que Prieto montou uma editora de mesmo nome – se comprova, pois o editor, na mesma carta afirmou:

“EDITORIAL: Nas tapas que recebemos tem o nome “Plenitud”. Estava registrado e tive que cambiar. Agora é “Acteón”. Influência da Emilia<sup>534</sup>.”

Desse modo, estava aberta a Acteón, editora de Prieto, na calle Piedras, 346, em Buenos Aires.

O editor continuava com o objetivo de publicar livros infantis de Lobato. Para tanto, sonda o escritor, acerca de suas relações com a Americalee:

“Como vão suas relações com Americalee? Pagam? Isso é importante! Penso que editam muito devagar. E fico com a boca cheia d’água pensando que tem mais de 20 volumes ainda para editar. Não se pode dar um jeito de transferir algum para esta “Acteón”? (agora está fallando

---

<sup>533</sup> Cf. carta Pasta 20 2530, de 28.10.1945.

<sup>534</sup> Cf. carta Pasta 20 2530, de 28.10.1945.

Emilia). Do jeito que vão são necessários três anos para editar o que tem seu. Sei que estão em muito boas condições econômicas e os informes delles cada vez são melhores. Mas é o diabo tanto livro allí paralizado. Preciso livros infantis bons!!!!”<sup>535</sup>

Com a edição do *Hércules* pronta, havia, agora, mais tempo para pensar nas cartas da *Barca de Gleyre*, que também seria distribuída pela Peuser, mas com selo da Acteón:

“BARCA: Ya está o original em poder de Peuser (o gerente delle lee português e conhece o Brasil). Antes do fim de semana penso ter solução. “Acteon” vai editá-la, mais prefiro ter distribuição assegurada”<sup>536</sup>.

A Acteón não lançou a correspondência entre Lobato e Rangel durante o período em que esteve ativa; isto pode estar associado ao fato de que a distribuição não foi assegurada pela Peuser.

A Acteón não lançou a *Barca*, mas teve o próprio Lobato como sócio, a partir de 1946, quando passou a viver em Buenos Aires.

E é justamente com essa editora e com a mudança do escritor para a capital portenha que se encerra o olhar que este trabalho pesquisa a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina.

---

<sup>535</sup> Cf. carta Pasta 20 2530, de 28.10.1945.

<sup>536</sup> Cf. carta Pasta 20 2530, de 28.10.1945.

## Capítulo 4

### Monteiro Lobato, de São Paulo a Buenos Aires: a trajetória se completa

“A estafa é tão grande que quando terminar isso vou para a Argentina, realizando afinal um velho sonho. Lá há pão, Rangel! Há carne! Há manteiga, ovos, frutas, e tudo da melhor qualidade, na maior abundância. Vou à Argentina para *comer* – parece incrível!” (Carta de 16.03.1946.)

Monteiro Lobato, evidentemente, não foi viver em Buenos Aires somente para “realizar um velho sonho” e “comer”.

O sucesso de seus livros publicados no país vizinho foi, também, um interessante estímulo: ser “comum de dois países” permitiria ao escritor passar “parte do ano aqui, parte lá”, como escreveu na mesma carta da epígrafe, ao amigo Godofredo Rangel:

“Creio que me tornei comum de dois países, pois vivo de livros e os que tenho aqui em exploração os terei também lá, todos, este ano. Cada livro considero uma vaca holandesa que me dá o leite da subsistência. O meu estábulo no Brasil conta com 23 cabeças no Otale, mais 12 na Brasiliense e mais as 30 das Obras Completas. Total 65 vacas de 40 litros. E o meu estábulo na Argentina conta com 37 cabeças. Grande total, lá e cá: 102 cabeças. O produto do leite vendido na Argentina ( e mais países hispanicos) fica depositado lá mesmo, de modo que para mim uma temporada lá não tenho de recorrer ao leite daqui. E como tenho de cuidar de dois estábulos, o remédio é tornar-me comum de dois: parte do ano aqui, parte lá. E tudo está tremendamente facilitado com o caminho aéreo. Via-se daqui lá hoje em 8 horas, creio”. (LOBATO, M.: 1969, 373-74.)

E foi diante dessa “crença” que se mudou com a família para Buenos Aires, em 8 de junho de 1946; alguns jornais brasileiros e argentinos noticiaram, respectivamente, a partida do escritor de São Paulo e sua chegada em Buenos Aires. Destacamos uma matéria de cada país:

“MONTEIRO LOBATO SEGUIU PARA BUENOS AIRES  
O ilustre escritor, com sua família, vai fixar residência na Argentina

Viajando por via aérea, seguiu ontem para Buenos Aires, onde vai fixar residência, o escritor Monteiro Lobato. O ilustre patricio, pioneiro da indústria livreira em nosso país, contista e prosador de renome continental, notável criador da literatura infantil brasileira, anunciara recentemente, sua

intenção de transferir residência para a República Argentina, onde sua vasta obra literária está quase toda traduzida.

Ao embarque do autor de “Urupês”, que seguiu em companhia de sua esposa e filha, compareceu grande número de escritores, jornalistas e amigos, que foram levar a Monteiro Lobato o seu abraço de despedida<sup>537</sup>.

“Monteiro Lobato, Gran Escritor Brasileño, Vino al país a “Comer Bifes” Pequeño y Magro, Ningún Sillón de la Academia Pudo Soportar su Grandeza.

Ha llegado a la Argentina Monteiro Lobato. Es tan grande escritor que de los cuarenta sillones que tiene la Academia de Letras no se encontró ninguno de su tamaño. Allí ocupa uno Getulio Vargas. Pero ninguno es capaz de soportar el cuerpo pequeño y delgado de este “pequeño” cuya gravitación en la literatura brasileña y americana es extraordinaria. En Brasil, tan solo, tiene dos millones de lectores. En la Argentina, se han publicado 26 de sus cuarenta y tantas obras. Todas maestras. Traducidas muchas por otro maestro y entrañable amigo suyo, el argentino Benjamin de Garay<sup>538</sup>.

As duas notícias, embora registrem a partida e a chegada de Lobato, apresentam tons diferentes: a imprensa brasileira informa acerca da repercussão gerada pela saída do escritor do país, que recebeu no aeroporto os amigos e os jornalistas; em Buenos Aires, o *Clarín*, importante jornal, parece enaltecer a figura do escritor, ressaltando, de maneira um tanto irônica, o motivo que o fez mudar para a Argentina: “comer bifés”. A ironia da matéria não pára por aí: o relevo dado à figura de Lobato como grande escritor que a Academia, mesmo com seus “cuarenta sillones” não suportou vê-lo membro, tal a sua grandeza, soma-se à expressão “uno Getúlio Vargas”, o que engrossa o tom sarcástico e de desdém ao homem que, à época, era nada menos que o presidente do país, com quem Lobato, anos antes, tivera sérias discussões que o levaram à cadeia.

O endereço do escritor na capital portenha foi a Calle Sarmineto, 2608, região central da província.

Segundo Cavalheiro, o mais importante biógrafo de Monteiro Lobato, os primeiros meses do brasileiro em Buenos Aires são de “puro encantamento” (CAVALHEIRO: 1954,

---

<sup>537</sup> Reportagem de 09.06.1946, sem fonte. Cf. Álbums de Dona Purezinha, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato. Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato.

<sup>538</sup> Notícia do jornal argentino *El Clarín*. 08.06.1946. Cf. Álbums de Dona Purezinha.

229), pois recebe convites, o que fortalece suas relações com diferentes espaços da cultura argentina:

(...) “Daqui a pouco, às 2 horas, tenho um almoço na embaixada de S. Domingos, cujo embaixador, Henriquez Ureña, é um escritor de primeira ordem, que está muito meu amigo. A noite, um convite para assistir uma luta de boxe. Amanhã domingo, convite para um passeio de automóvel pelo Tigre (pergunta ao teu filho o que é o Tigre). E assim se passam os dias – Purezinha a regalar-se de comprar coisas na Calle Florida”. (carta de 13.07.1946. LOBATO: 1969, 379-80).

Mas os compromissos de Lobato não se restringiram a almoços na embaixada, passeios pelo Tigre e lutas de boxe. O escritor, que já tivera sua obra para crianças publicada em castelhano, aproveitou para visitar escolas, recolher opiniões de crianças sobre suas obras, o que o tornou, para Cavalheiro, “uma espécie de embaixador das crianças brasileiras junto à meninada argentina” (CAVALHEIRO: 1954, 229).

Aproveitou, ainda, para conhecer, pessoalmente, o “amigo” Manuel Gálvez, com quem manteve correspondência ao longo dos anos 1920, e de quem publicou textos na *Revista do Brasil* e editou *Nacha Regules* em português. A visita feita ao escritor argentino, menos de 1 mês de sua chegada, foi comentada com Godofredo Rangel:

“Ontem fui visitar o velho Gálvez, que é ainda a maior figura do romance argentino. Recordou os bons tempos da Revista do Brasil, quando ele, eu e você e todos nós começávamos a vagir em publico. Eu editei-lhe a *Nacha Regules*, em português – e vi lá em sua estante o volume, ainda com a faixa amarela com que saiu. Perguntou-me pelo Hilário Tácito, pelo Leo Vaz e por você. Eu havia mandado a ele todas aquelas nossas primeiras edições e ele as lera todas. Estava no período da leitura. Pobre Gálvez! Está mais surdo que o Malta”. (carta de 13.07.1946. LOBATO: 1969, 381).

Lobato, ao relatar a Rangel o encontro com Gálvez, também parece exercer na Argentina o papel que os argentinos exerciam com ele ao chegarem ao Brasil; visitar o amigo epistolar quando se chegava ao local onde este vivia, aparentava ser – como até hoje o é – uma prática comum de aproximação entre os escritores.

Esse excesso de compromissos não permitiu que Monteiro Lobato trabalhasse logo que se estabeleceu em Buenos Aires; talvez, nem fosse este o objetivo do escritor, uma

vez que *in loco*, poderia ampliar a sua circulação a partir da rede de relações que se configuraram a partir de sua presença na capital portenha. Ao escolher aparecer para esses setores – escolas e imprensa – Lobato estava, primeiramente, pavimentando um caminho que tinha como base a sua exaustiva exposição.

Provas dessa intensa circulação de Lobato continuam chegando através de cartas; pouco mais de um mês depois de seu estabelecimento na Argentina, recebeu correspondência de Constancio Vigil, escritor e dono da editorial Atlántida, que agradecia um texto sobre seu romance *El Erial*, escrito pelo brasileiro:

“Papel timbrado:

U.T. 33-4594

*Cables: EDIATLAN*

579 Azopardo R.91  
Buenos Aires

Editorial Atlántida S.A.

Señor

José Antonio (sic) Monteiro Lobato  
Sarmiento 2608 – Piso 3º “C”

**CIUDAD.-**

Mi muy estimado amigo:

Necesito decirle que le estoy hondamente agradecido a su bondadosa comunicación sobre EL ERIAL.

Mucho me honra usted con su tan autorizada opinión sobre mi libro, y así deseo testimoniárselo.

Anhelo que su estada en Buenos Aires le sea tan grata y propicia como usted se lo merece y que me tenga siempre y en un todo a sus órdenes, como admirador sincero de su obra y amigo que lo estima y que lo quiere.

Constancio Vigil

Buenos Aires, julio 20 de 1946<sup>539</sup>.

Embora não tenha sido possível localizar tal texto, a carta acima transcrita possibilita pensar em algumas questões relativas à forma como Lobato continua tecendo suas relações literário-culturais com seus pares argentinos; ao escrever sobre o romance de Vigil para adultos, o escritor amplia, talvez, a sua imagem diante do argentino, o que

---

<sup>539</sup> Carta MLB 3.2.00445 cx 9, de 20.07.1946, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato – CEDAE/IEL/Unicamp. Cf. também capítulo 1 deste trabalho.

poderia provocar neste identificação, uma vez que ambos escrevem para crianças e também para adultos, mas são reconhecidos, do ponto de vista do destaque de suas produções, como autores infantis; Vigil também é dono de uma das grandes editoras argentinas da época, o que poderia interessar Lobato, do ponto de vista comercial. Com o artigo sobre o romance do argentino, Lobato estabeleceria, assim, possíveis relações comerciais.

Sendo assim, Lobato parece retomar – mais uma vez – os procedimentos de aproximação que lhe permitiram estabelecer contato com Gálvez e Quiroga, nos anos 1920: a publicação de textos no Brasil dos argentinos e na Argentina de seus próprios contos e artigos.

Nada mais oportuno fazê-lo também quando passou a viver na Argentina.

Mas nem só de cartas da Argentina vive a correspondência lobatiana. Interessado nas notícias do Brasil, Lobato também recebeu, 9 dias depois da carta de Vigil, uma vinda do Brasil, de Braulio Sánchez-Sáez, em que retoma um dos motivos declarados pelo escritor para justificar sua mudança para a capital portenha: comer; a situação político-econômica do país de Lobato parecia não estar boa, como atesta o argentino:

“Lo supongo a usted feliz y satisfecho, bien comido y tranquilo en esa grande democracia, estimado por todos, pues le conocen y le quieren, como uno de los escritores americanos-latinos, que mas espiritu y arte sembró en el continente. Poco es lo que yo hice de mi parte, pero también cooperé para que su nombre fuese estimado en América, por la cantidad de referencias y conversaciones que tuve sobre su obra y su buena y sincera persona.

Aquí estamos como siempre: falta pan, aceite, “baña”, café, jabon, “bolachas”, macarrón, carne, pescado, arina, azucar: en fin falta de todo. La ropa es imposible adquirirla, los sueldos de hambre: una calamidad, caro Lobato.

Dios quiera que usted pueda realizar su sueño y fundar una grande empresa, para que se acuerde de este viejo amigo Sánchez-Sáez, para que pueda regresar a Bs. Aires y se torne alimentar, conjuntamente con su familia, porque estamos en los huesos y con un espiritu de verdadera furia, por las calamidades que suceden”<sup>540</sup>.

---

<sup>540</sup> Carta MLB 3.2.00447 cx 9, de 29.07.1946, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato CEDAE/IEL/Unicamp. Cf. também capítulo 1 deste trabalho.

Vimos, em cartas anteriores, que a “troca de favores”, que resultou na ampliação do intercâmbio literário entre Lobato e seus correspondentes argentinos, era bastante comum. O trecho da carta acima, no entanto, não trata somente de uma troca de favores, visto que o professor e crítico literário pede um emprego em Buenos Aires, obviamente, porque se julga merecedor dele, uma vez que, como afirma, cooperou “para que su [de Lobato] nombre fuese estimado en América, por la cantidad de referencias y conversaciones que tuve sobre su obra y su buena y sincera persona”.

Como o próprio Sánchez-Sáez apontou na carta, a “grande empresa” que tinha a esperança de que Monteiro Lobato abrisse, parecia já estar aberta: era a Editorial Acteón, fundada por Ramón Prieto, em 1945, como vimos no capítulo anterior.

Essa exaustiva exposição pode não ter deixado tempo, num primeiro momento, para que o escritor exercesse trabalho literário efetivamente, mas ao “costurar” possíveis relações, Lobato também abriu espaço para ampliar, na Argentina, o que construiu ainda no Brasil com relação às suas obras.

Uma carta de Arthur Neves, um dos sócios da Brasiliense, escrita em 25.06.1946, corrobora a ideia de que o escritor pavimentava um caminho, que passava, também, pela questão editorial:

(...) “Estou muito interessado em conhecer principalmente dados referentes à indústria gráfica argentina. Gostaria de saber como é que os editores resolvem os seus problemas de produção. Se o custo tipográfico é elevado, se as grandes casas editoras mantêm tipografias ou mandam imprimir os seus livros em empresas especializadas. Ficarei muito grato se, nas suas próximas cartas, você me for pondo ao par de todas essas coisas. Creio que o Prieto será um bom informante.

NOSSA VIAGEM: Eu e Caio estamos realmente interessados em dar um pulo aí para estudar o mercado e as possibilidades de estendermos um ramo editorial nessa boa terra. Sou também da opinião que o negócio deve começar tomando-se como ponto de partida uma editora já existente, tal como a Acteón, do Ramón Prieto (...). Assim que terminarmos esse trabalho e a publicação das suas obras estaremos livres para a excursão a Buenos Aires, em fins de agosto ou em setembro. Até lá, você já estará inteiramente familiarizado com o mundo editorial argentino e poderemos então fazer qualquer negócio com segurança baseados na sua experiência”<sup>541</sup>.

---

<sup>541</sup> Carta Pasta 23 A 2796, de 25.06.1946, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato



Se, quando vivia no Brasil, Monteiro Lobato estabeleceu relações literárias e comerciais com os argentinos, agora, parece ser de interesse de outros brasileiros, para além de Lobato, consolidar essas relações entre os dois países.

Deste modo, se antes de viver em Buenos Aires, Lobato tinha intermediários que viabilizavam seus negócios na Argentina, agora, ele passou a ser o intermediador dos negócios dos brasileiros no país vizinho, como parece demonstrar a carta de Neves, que pretendia usar da experiência do escritor para possíveis acordos editoriais entre Acteón e Brasiliense. Note-se, ainda, que Prieto permanece como atuante dessas negociações, uma vez que “será um bom informante” da situação das editoras portenhas.

Além disso, Prieto seria “um bom informante”, pois, como se sabe, já havia passado por duas editoras argentinas – a Americalee e El Tridente – até fundar a sua Acteón, tal como registrou em carta analisada no capítulo anterior. Além disso, a missiva de Neves também corrobora a informação de que a Acteón pertencia, num primeiro momento, a Ramón Prieto, ao declarar que o “negócio deve começar tomando-se como ponto de partida **uma editora já existente, tal como a Acteón, do Ramón Prieto**”. Tal como já havíamos apontado, a editora Acteón parece ter sido fundada antes da chegada de Lobato à capital portenha, em 1945, o que faria com que o editor argentino admitisse o escritor como sócio, em 1946, fundando, assim, uma nova empresa, com novos sócios, porém, mantendo o nome. Destaque-se, então, que Acteón já existia enquanto editora desde 1945.

O “ponto de partida dos negócios” remete, também, a um possível intercâmbio de livros argentinos que poderiam ser publicados pela Brasiliense e livros brasileiros publicados pela Acteón, como escreveu Neves a Lobato, em 25.07.1946:

“Teríamos muita felicidade em conseguir os direitos de todos esses autores: ao lado desse programa de difusão da literatura brasileira e portuguesa (com uma boa escolha a gente encontra livros capazes de interessar o público de habla espanhola) poderíamos lançar outros gêneros tais como livros técnicos, traduções de obras clássicas e modernas de todas as literaturas. O dinheiro que iríamos dispendir na instalação de oficinas seria todo ele empregado na elaboração do nosso programa editorial e na criação de uma rede de distribuição autônoma. Creio que a indústria gráfica argentina tem mais possibilidade de se reequipar do que a nossa e isso porque os argentinos têm enormes saldos no exterior e, o que é mais importante, um grande mercado que

impulsionará forçosamente as suas indústrias gráficas. Poderemos fazer em bom contrato de produção com um desses “talleres gráficos” e ter a nossa produção assegurada. Acabo de receber uma proposta do Prieto referente à impressão de livros em português aí na Argentina.

Se, com todas as dificuldades no momento, a produção aí é mais barata, imagine o que será ela quando as oficinas argentinas estiverem reaparelhadas. De um modo geral, é essa nossa idéia, mas a coisa definitiva só poderá ser assentada aí, com a nossa ida em setembro. Devemos considerar por outro lado que, quanto maior for o capital necessário para o empreendimento, menor será a possibilidade do nosso grupo (Otaviano, Caio, M.Lobato, Prieto, eu e alguns outros) ter o domínio da sociedade. E sem o nosso controle direto, a coisa acaba passando para as mãos do grupo financeiramente mais forte, assim que começar a dar resultado”<sup>542</sup>.

A carta de Neves aborda, além de questões importantes acerca das condições editoriais da Argentina, a maneira como Lobato passa a ser o construto das relações literárias – e agora editoriais – dos dois países, visto que, mesmo antes de se associar a Prieto, o escritor parece tecer sua rede de sociabilidade, que vai refletir nas relações comerciais, através do intercâmbio promovido por uma possível produção livreira na Argentina e no Brasil, envolvendo editoras dos dois lugares.

Em agosto de 1946, Ramón Prieto, Monteiro Lobato e Miguel Pilato associaram-se e formaram a editora de mesmo nome: Acteón, instalada na Avenida de Mayo, 654, 2º piso, em Buenos Aires. Neves, por sua vez, ainda mantinha o interesse em associar a Brasiliense à Acteón, como escreveu em julho de 1946:

(...) “Estamos firmes no propósito, mas ainda não podemos fixar a data, pois o trabalho aqui só tem aumentado. O certo é que iremos até o fim do ano. Também ainda não podemos fixar o *quantum* da nossa participação na nova empresa que você, o Prieto e o Pilato vão fundar”<sup>543</sup>.

O trecho acima salienta o interesse de Neves, já manifestado em sua carta de junho, acerca da participação econômica da Brasiliense como “possibilidades de estendermos um ramo editorial nessa boa terra”. Antes, porém, era preciso estudar o mercado editorial do país vizinho, bem como “dar um pulo” a Buenos Aires para firmar as

---

<sup>542</sup> Carta Pasta 23A 2799, de 25.07.1946, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato.

<sup>543</sup> Cf. carta Pasta 23A 2799, de 23.08.1946, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato.

parcerias, o que parecia difícil no sentido de “fixar uma data”, embora estivessem “firmes no propósito”, “pois o trabalho só tem aumentado”, devido ao desejo de Caio e Neves de tornar a Brasiliense uma editora reconhecida no Brasil, o que os fizeram montar uma tipografia e duas livrarias.

Agora que Lobato também estava à frente da Acteón, era de esperar que os acordos literários, bem como a associação com a Brasiliense proposta desde a chegada do escritor ao país vizinho fossem, finalmente, concretizados. Porém isto não ocorreu:

“Acho que você fez um bom negócio ao se associar com o Prieto. Espero que no futuro, quando as coisas daqui derem uma folga, você encontre jeito de incluir a mim e ao Caio na organização. Por ora não pensamos nem podemos pensar em atividade extra-Brasiliense”<sup>544</sup>.

O excesso de trabalho de Neves e Caio Prado para que a Brasiliense se tornasse uma das grandes editoras do ramo no Brasil podem ter colaborado para que o intercâmbio não acontecesse a curto e a médio prazos. O editor das obras de Lobato não descarta a possibilidade de, num futuro, fazerem negócio.

No entanto, pode-se pensar, também, que Lobato associou-se à Acteón com o intuito, quase que exclusivo, de lançar suas obras, da sua maneira, no mercado do Prata, pois comenta com o Neves que a “Acteón sou eu e mais os meus livros e experiências” (Apud. CAVALHEIRO: 1954, 231.).

Tanto isso se comprova que, em setembro de 1946, escreveu ao genro e ilustrador de parte de suas obras, Jurandir Campos:

“Jurandir:

Estamos na ACTEÓN fazendo uma coisa louca: um HÉRCULES de luxo, para ser “o” livro de presentes deste ano, a 30 pesos, em formato grande, luxo de verdade. A editora pôs no orçamento 10 mil pesos para a propaganda, ou avisos nos jornais. A coisa está organizada para a saída, este Natal, de 5 mil exemplares. Uma das melhores agências de publicidade daqui está associada no negócio e interessadíssima. A Meca.

O livro foi remodelado por mim para ter a unidade necessária a uma obra em um volume. Está muitíssimo melhor e mais interessante que a edição

---

<sup>544</sup> Carta Pasta 23A 2802, de 09.10.1946, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato.

dada aí. Saem seus desenhos e doze em tricromia. Os originais estão já na tipografia. Tudo vai a galope.

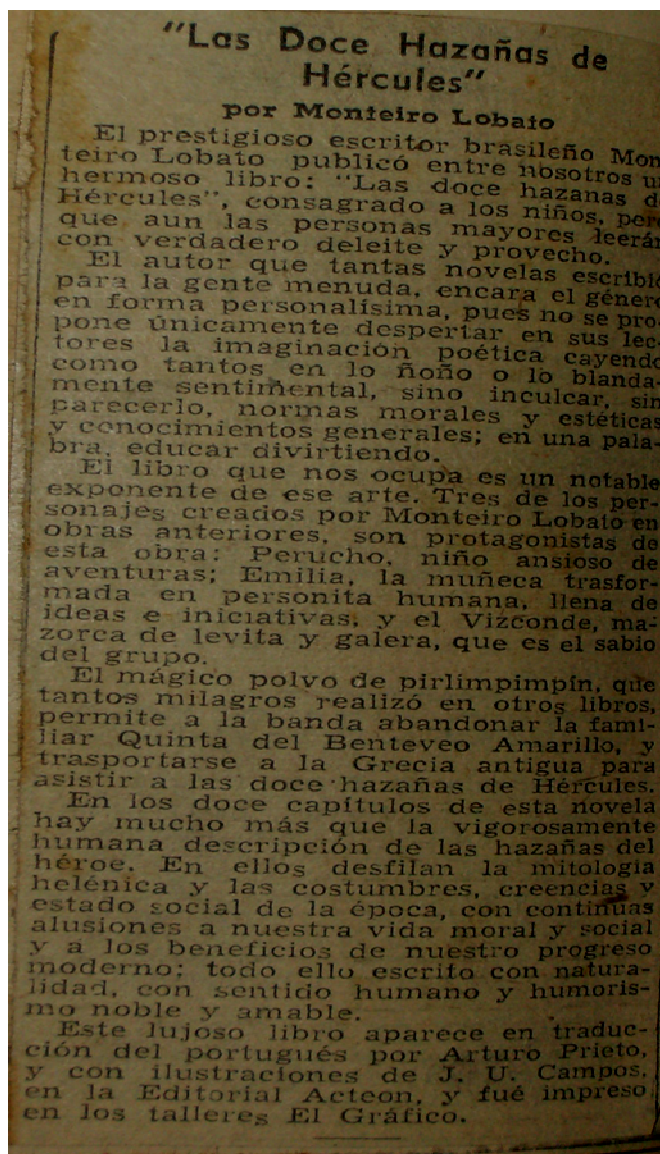
Mas a coisa encencou hoje aqui no escritório por causa da sobrecapa (a edição é encadernada) que será em tricromia, linda. O diabo do desenhista (é riograndense) fez um desenho que não me agradou. Discussão vai, discussão vem, manda fazer outra por este e aquele, de repente me veio uma idéia: pedir a v. que fizesse a tal sobrecapa. Desse modo fica o livro inteiro desenhado por você, sem nada nele que te envergonhe. E aí vai o projeto, ou lay out que eu imaginei e me parece muito bom. Com base nesse lay out o tal desenhista daqui fez uma c... Faça e mande por via aérea o quanto antes. Pode fazer coisa fina, com quanto tom fino quiser porque o clichê vai ser feito na melhor oficina de tricromias daqui<sup>545</sup>.

Retomando práticas de quando passou a investir no campo editorial no Brasil dos anos 1920, Lobato parece reviver em Buenos Aires seus tempos de editor e de gerente de sua própria obra, o que justifica a frase escrita a Arthur Neves de que a Acteón era ele e seus livros e experiências; a carta a J.U.Campos parece atestar que a sua experiência foi tanto um bom negócio para a editora quanto para a própria ampliação do nome do escritor no país vizinho.

O tema central da carta é o lançamento de *Os Doze Trabalhos de Hercules* que, como vimos no capítulo anterior, motivou Prieto a abrir uma editora para poder publicar tal livro lobatiano. Mais uma vez retomando suas práticas editoriais, Lobato escreveu que faria extensivo uso da propaganda na divulgação desse livro; de fato, a propaganda do *Hercules* parece ter saído nos jornais, porém, mais do que uma simples propaganda, os longos textos, para os moldes de um anúncio, tomam contornos de crítica:

---

<sup>545</sup> Carta MLb 3.1.00190 cx 4, de 09.09.1946, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato CEDAE/IEL/Unicamp.



Anúncio pertencente ao Álbum de Dona Purezinha, sem fonte e sem data, mas provavelmente de 1946, ano de lançamento do livro em castelhano. Fonte: Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato.

"Las Doce Hazañas de Hercules" – por Monteiro Lobato.

El prestigioso escritor brasileño Monteiro Lobato publicó entre nosotros un hermoso libro: "Las Doce Hazañas de Hercules", consagrado a los niños, pero que aun las personas mayores leerán con verdadero deleite y provecho.

El autor que tantas novelas escribió para la gente menuda, encara el género en forma personalísima, pues no se propone únicamente despertar en sus lectores como tantos en lo ñoño o lo blandamente sentimental, sino inculcar, sin parecerlo, normas morales y estéticas y conocimientos generales; en una palabra educar divirtiéndolo.

El libro que nos ocupa es un notable exponente de ese arte. Tres de los personajes creados por Monteiro Lobato en obras anteriores, son protagonistas de esta obra; Perucho, niño ansioso de aventuras; Emilia, la muñeca trasformada en personita, y el Vizconde, mazorca de levita y galera, que es el sabio del grupo.

El mágico polvo de pirlimpimpin, que tantos milagros realizó en otros libros, permite a la banda abandonar la familiar Quinta del Benteveo Amarillo, y trasportarse a la Grecia antigua para asistir a las doce hazañas de Hercules.

En los doce capítulos de esta novela hay mucho más que la vigorosamente humana descripción de las hazañas del héroe. En ellos desfilan la mitología helénica y las costumbres, creencias y estado social de la época, con continuas alusiones a nuestra vida moral y social y a los beneficios de nuestro progreso moderno; todo ello escrito con naturalidad, con sentido humano y humorismo noble y amable.


Este lujoso libro aparece en traducción del portugués por Arturo Prieto, y con ilustraciones de J.U.Campos, en la Editorial Acteón, y fue impreso en los talleres El Gráfico.

**Las Doce Hazañas de Hércules, por Monteiro Lobato**

**E**SCRIBIR para los niños, no siempre asegura al escritor que logrará un público infantil. Para lograrlo se necesita interesar a ese público exigente y curioso que ante cada hecho opone un desconcertante: ¿Por qué?

Monteiro Lobato es ducho en manejar los resortes más secretos de ese interés y brinda a los niños unos cuentos maravillosos en los que su fantasía transporta la curiosidad y la exigencia del niño hasta más allá de todos los porqués. Y es porque desde la primera línea supera tal curiosidad y tal exigencia.

Muchos escritores fracasan en su intento de escribir para los niños porque creen que las preferencias de éstos se limitan a lo pueril, a lo insustancial, a lo que tienen más a su alcance. Se ponen a escribir como si poseyeran una mentalidad inferior a la del niño, y con una imaginación que apenas se levanta al ras de la tierra. Y quieren deslumbrar al niño con una erudición que éste no alcanza, o sometiéndolo a descripciones minuciosas e intolerables que lo único que consiguen es fatigar su imaginación. Aparte de que muchos usan de un lenguaje que obliga al pequeño lector a la tarea, abrumadora para él, de recurrir al diccionario.



Monteiro Lobato es el escritor que el niño necesita. Es directo en todo. Directo y expresivo. Hércules, héroe de las doce hazañas del libro, es presentado al pequeño lector de tal manera que queda grabado en su memoria en la proporción que el autor le da.

“En la antigua Grecia —le dice Monteiro Lobato al niño—, el gran héroe nacional fué Heracles, o sea Hércules, como se lo llamó después. Era el mayor de todos y, ser el mayor de todos en Grecia, es ser el mayor del mundo”.

No habrá niño que no se forje en su mente un Hércules del tamaño que Monteiro Lobato quiere darle. Un héroe grandísimo, al que completa aún con estos rasgos inconfundibles: “La principal característica de ese héroe era el ser excesivamente fuerte, extremadamente bruto, pero dotado de buen corazón. Al calor de sus hazañas mató muchas veces culpables e inocentes, y después lloró arrepentido”.

Es una pena que la traducción al español ofrecida por “Acteón” esté muy por debajo del original brasileiro y que las erratas del texto y la calidad de las ilustraciones desmerezcan la presentación que se ha intentado dar a la edición. — M. R.

Anúncio pertencente ao Álbum de Dona Purezinha, sem fonte e sem data, mas provavelmente de 1946, ano de lançamento do livro em castelhano. Fonte: Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato.

Las Doce Hazañas de Hercules, por Monteiro Lobato.

Escribir para los niños, no siempre asegura al escritor que logrará un público infantil. Para lograrlo se necesita interesar a ese público exigente y curioso que ante cada hecho opone un desconcertante: ¿Por qué?

Monteiro Lobato es ducho en manejar los recortes más secretos de ese interés y brinda a los niños unos cuentos maravillosos en los que su fantasía transporta la curiosidad y la exigencia del niño hasta más allá de todos los porqués. Y es porque desde la primera línea supera tal curiosidad y tal exigencia.

Muchos escritores fracasan en su intento de escribir a los niños porque creen que las preferencias de éstos se limitan a lo pueril, a lo insustancial, a lo que tienen más a su alcance. Se ponen a escribir como si poseyeran una mentalidad inferior a la del niño, y con una imaginación que apenas se levanta al ras de la tierra. Y quieren deslumbrar al niño con una erudición que éste no alcanza, o sometiéndolo a descripciones minuciosas e intolerables que lo único que consiguen es fatigar a su imaginación. Aparte de que muchos usan de un lenguaje que obliga al pequeño lector a la tarea abrumadora para él, de recurrir al diccionario.

Monteiro Lobato es el escritor que el niño necesita. Es directo en todo. Directo y expresivo. Hércules, héroe de las doce hazañas del libro, es presentado al pequeño lector de tal manera que queda grabado en su memoria en la proporción que el autor le da.

“En la antigua Grecia – le dice Monteiro Lobato al niño – el gran héroe nacional fue Heracles, o sea Hércules, como se lo llamó después. Era el mayor de todos y, ser el mayor de todos en Grecia, es ser el mayor del mundo”.

No habrá niño que no se forje en su mente un Hércules del tamaño que Monteiro Lobato quiere darle. Un héroe grandísimo, al que completa aún con estos rasgos inconfundibles: “La principal característica de ese héroe era el ser excesivamente fuerte, extremadamente bruto, pero dotado de buen corazón. Al calor de sus hazañas mató muchas veces culpables e inocentes, y después lloró arrepentido”.

Es una pena que la traducción al español ofrecida por “Acteón” esté muy por debajo del original brasileiro y que las erratas del texto y la calidad de las ilustraciones desmerezcan la presentación que se ha intentado dar a la edición. – M.R.

Para além dos textos veiculados nos jornais, o sucesso da obra se reflète, também, nos números, tal como atesta o balanço da editorial Acteón, de julho de 1946, em que Lobato ganhou 700 pesos de direitos por volume lançado.

Pasta 20  
2474

EDITORIAL ACTEON

PIEDRAS 346-48  
U. T. 33, Avenida 8995

Buenos Aires 21 de julio de 1946

NOTA DE LIQUIDACION N° 2

S/Derechos sobre:

Edición "El Javalí de Erimanto" .....	700,00	
Edición "La corza de los P. de Bronce".....	700,00	
Edición "Las Aves del lago Estingalo".....	<u>700,00</u>	2.100,00
Dibujos correspondientes a los 3 volúmenes, a razón de \$ 85,00 c/u.		
		<u>285,00</u>
	TOTAL . . . . .	2.385,00

N/Entregas:

En mano.....	\$ 500,00	
Idem .....	" 500,00	
Idem (D. Puresinha).....	" 1.000,00	
Idem .....	" <u>100,00</u>	
		TOTAL ENTREGAS = 2.100,00

Saldo a su favor \$ 285,00

Carta Pasta 20 2474, de 21.07.1946, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato.

O fato de *Hercules* finalmente vir a público como um dos primeiros lançamentos da Acteón no ano de 1946 parece, também, ter contribuído para que a circulação do nome de Lobato fosse além de escolas e da imprensa. A “marca Lobato” passaria a render tanto do ponto de vista editorial quanto institucional, pois o magazine Harrod’s, de Buenos Aires, promoveu, em setembro de 1946, a Semana Monteiro Lobato; é o próprio escritor quem relata como será o evento em carta à sobrinha Gulnara:

(...) “Vamos ter no dia 25 a “Semana Monteiro Lobato” no Harrods, que é um Mappin em ponto grande que há aqui, com exposição de todos os meus livros, cartazes, bonecos e representação de comédias extraídas dos livros. Essa semana vai repetir-se antes do Natal” (LOBATO: 1969, 192).

A “Semana Monteiro Lobato” pode ser vista como uma espécie de “colheita dos frutos” lançados pelo escritor assim que pousou na capital portenha vindo de São Paulo, em junho de 1946, pois sua chegada foi motivo de manchete dos jornais de grande



circulação na Argentina; associado a isto, as visitas às escolas colaboraram para que o nome de Lobato não saísse de circulação tampouco da “boca do povo”; o magazine, por sua vez, aproveitando esse *frisson* causado não só pela mudança do escritor como pelo fato de que seus livros circulavam entre as crianças, promoveu a semana, com objetivo mercadológico também, uma vez que vendia as obras lobatianas na livraria do Magazine, que se encontrava no “primer piso” da loja, como se pode observar no anúncio abaixo reproduzido:

**Harrods**

**MONTEIRO LOBATO**

**CREADOR DE UNA LITERATURA INFANTIL**

Su fama de escritor infantil ha traspuesto ya las fronteras del país de origen. Y podemos estar seguros de que los pequeños personajes de la quinta de Doña Benita, además de mostrar qué es el Brasil, a los niños de América, harán un trabajo de confraternización continental profundo y duradero. Y deberemos ese nuevo servicio a Monteiro Lobato.

Ahora esas maravillosas creaciones, se presentan a los niños de habla castellana del continente. Estas Libros constituyen la mejor y mas provechosa biblioteca para la infancia pre-escolar y escolar.

Las Travesuras de Naricita . . . . .	\$ 4.--
Nuevas Travesuras de Naricita . . . . .	\$ 4.--
El viejo al cielo . . . . .	\$ 4.--
El genio del bosque . . . . .	\$ 4.--
Las cacerias de Perucho . . . . .	\$ 3.--
Aventuras de Hans Staden . . . . .	\$ 4.--
Historia del Mundo (1ª parte) . . . . .	\$ 4.50
Historia del Mundo (2ª parte) . . . . .	\$ 4.50
Peter Pan, el niño que no quiso crecer	\$ 4.--
El Quijote de los niños . . . . .	\$ 4.--

COLECCION de la EDITORIAL AMERICALEE

LIBRERIA - Primer Piso

Florida 877 - (R. 5)

Anúncio do Magazine Harrod's, sem data e sem fonte. Álbums de Dona Purezinha.

O anúncio coloca o nome de Lobato em primeiro plano, com o título “creador de una literatura infantil”, o que parece enquadrar o escritor em um tipo diferente da literatura produzida até então no país; isto não significa, porém, que Lobato seja o “creador de LA literatura infantil” na Argentina, papel atribuído pela história da literatura infantil a outros autores locais, porém “su fama de escritor ha transpuesto ya las fronteras del país de origen”.

Mas, se Lobato não é o grande criador da literatura infantil do Prata, sua obra em castelhano promoveu “un trabajo de confraternización continental profundo y duradero”, além de ser destinada “a la infancia pré-escolar y escolar”. Mesmo em terras estrangeiras, o escritor ainda é reconhecido por algumas características que o tornaram famoso também no Brasil: criou uma literatura infantil diferente das existentes desde meados do XIX e estabeleceu profunda e “duradera” relação com a escola. Isso não ocorreu somente no caso argentino; se pensarmos que em 1942, Lobato, enquanto negociava a publicação de seus livros em castelhano, autorizou a publicação em inglês de dois de seus contos – “Um suplício moderno” e “O comprador de fazendas” ambos traduzidos também em castelhano – e que seriam voltados para o ensino:

Pasta 20  
2445

Pela soma de cem dolares(\$100.00),  
valor a receber, concedo pelo presente, á  
Editorial D.C.Heath & Co, de Boston.Mass.,  
U.S.A., permissão para traduzir em inglês  
os contos intitulados "UM SUPPLICIO MODERNO  
e "O COMPRADOR DE FAZENDAS", de minha auto-  
ria, afim de ser dada em uma antologia es-  
colar editada por Braun, Safarjian y Zeitlin,  
para uso das escolas e colegios de lingua  
inglesa e para o ensino do inglês nos  
outros países. Está autorização é exclusiva  
para obras escolares, e não impede que esses  
mesmos contos apareçam em alguma edição  
inglesa ou americana para fins não escolares.  
Declaro que os direitos autorais desses  
contos me pertencem. A tradução deve ser  
feita de acordo com o texto atual desses  
contos, como aparece nos CONTOS PESADOS que  
mando.

S. Paulo, 23 de junho de 1942  
Monteiro Lobato

Adress: J. B. Monteiro Lobato  
Companhia Editora Nacional  
Rua dos Gusmões, 639  
S. Paulo

Carta Pasta 20 2445, de 23.06.1942, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato.

Já a questão de incentivar uma aproximação entre os dois países ficou a cargo da Embaixada brasileira que, aproveitando a carona desse movimento iniciado pelo próprio Lobato, em sua relação com a imprensa, e da "Semana" do magazine Harrod's, promoveu uma Exposição do Livro Brasileiro, cujo lugar de destaque coube a Monteiro Lobato, com cerca de 80 livros, entre traduções e originais, entre 20 de outubro e 20 de novembro.

Duas cartas – uma de Arthur Neves a Lobato e outra dele a Gulnara – registraram diferentes momentos dessa exposição que pode-se chamar institucional:

“Parece incrível que só fora do Brasil haja ambiente e “espaço vital” para o mais brasileiro dos escritores. Conversei longamente com o Caio sobre a melhor maneira de colaborarmos na Exposição que a Embaixada vai fazer. Mandaremos todos os seus livros, desenhos, catálogos, algumas coleções encadernadas”<sup>546</sup>(...).

“E entre as duas semanas vamos ter a Exposição do Livro Brasileiro, promovida pela embaixada, de 20 de outubro a 20 de novembro, na qual o tal Lobato abafa a banca, pois se apresenta com 80 livros – as edições do Brasil e as traduções daqui e da Itália. Quer dizer que teu tio Juca entrou cá com o pé direito e vai indo muito bem”. (LOBATO: 1969, 192)

Diante desse conjunto de estratégias criadas por Lobato – juntamente com outros setores da sociedade argentina – para promover seu nome no país vizinho, o escritor, interessado nas questões políticas do país, resolveu estudar, não castelhano, mas o governo de Perón. Embora Cavalheiro aponte que o escritor não tinha “admiração ou entusiasmo pelo tipo de Governo que Perón está realizando, reconhece o grande esforço do povo argentino para emancipar-se dos imperialismos”. (CAVALHEIRO: 1954, 231).

Aproveitando que se associara à editora Actéon e que resolvera estudar o funcionamento da sociedade argentina, Lobato, sob o pseudônimo de Miguel P[ilato] Garcia, escreveu seu único livro originalmente em castelhano: *La Nueva Argentina*.

### ***La Nueva Argentina* e “Ediciones Juguetes”: fracassos editoriais?**

Após estudar o Plano Quinquenal implantado pelo general Juan Domingo Perón (1895-1974), Lobato escreveu o livro *La Nueva Argentina*, publicado em 1947, pela Editorial Acteón, e que aborda questões políticas, sociais e econômicas da Argentina, através do diálogo entre Don Justo Saavedra, pai de dois meninos: Pancho e Pablo.

Apesar de – segundo Cavalheiro – não ser adepto do governo que Perón realizava, a obra serviria, possivelmente, como livro de leitura, o que, mais uma vez, aproximaria Lobato da instituição escolar; assim como o que ocorreu com *A Menina do Narizinho*

---

<sup>546</sup> Carta Pasta 23A 2789, de 10.09.46, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato.

*Arrebitado* em 1920, quando o governo do estado de São Paulo encomendou 50.000 exemplares do livro, na Argentina, a possibilidade de que *La Nueva Argentina* fosse oficialmente distribuído nas escolas também permitiu que o escritor figurasse entre os autores adotados para o ensino. Uma carta com papel timbrado da Editorial Acteón oferece algumas pistas sobre a condução das negociações com o governo argentino para que a obra pudesse ser editada e distribuída:



La Nueva Argentina: Es una pequeña edición de 3.000 ejemplares, vendida antes de haberse terminado de editar. Su costo es de \$ 1.- cada ejemplar, habiéndose vendido a \$ 4.- con el 50 % de descuento, lo que arroja una utilidad del 100 %. El objeto de esta edición es su oficialización como libro de lectura, que se está tramitando ante el Ministerio correspondiente, lo que permitiría editarlo en gran escala.

Carta Pasta 20 2467, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato. s/d e sem remetente.

O trecho da carta registra alguns dados relativos à edição de *La Nueva Argentina*, como tiragem inicial e preço; há, porém, uma informação relevante no que toca ao projeto de vender o livro ao governo, uma vez que “el objeto de esta edición es su oficialización como libro de lectura, que se está tramitando ante el Ministerio...lo que permitirá editarlo en gran escala”.

A ideia de fazer com que o livro tramitasse pelo Ministério da Justiça e Instrução Pública, o que possibilitaria produção em “gran escala”, além de parecer reproduzir o episódio da venda da *Narizinho*, nos anos 1920, traz, também, a seguinte questão: Lobato, mesmo dizendo não apoiar o governo de Perón, escreveu *La Nueva Argentina*, livro de claro e irrestrito apoio à política peronista, para ser comprado pelo Ministério e, com isso, aumentar suas vendas e sua circulação no país vizinho, tornando sólido o caminho que pavimentara ao longo de todos esses anos?

Aparentemente, sim, visto que, além do reajuste do preço de \$ 4 (quatro pesos), devido ao aumento dos custos de produção, a tiragem saltaria para 50.000:

“Asunto/secretaria: Temos pleiteado, com resultados positivos, segundo notícias últimas, o aumento do preço para os 50.000 ejemplares da Subsecretaria de Informações. No día 7 houve um laudo arbitral para os gráficos e o custo de produção aumentou 20%. Transferimos este custo ao projecto anterior entregado ao Cipolletti e está correndo. Hoje o Pilato voltou com a novidade “que se está redactando el contrato de compra de los 50.000 ejemplares. Y debe estar listo pasado mañana”<sup>547</sup>.

Mas os 50.000 exemplares, na verdade, poderiam dobrar, pois segundo a mesma carta de Prieto, La Plata, capital da província de Buenos Aires, tinha interesse em comprar 100.000 obras para distribuição dos alunos “sem perda de tempo”:

“La Plata: Temos conversado mais com o Conselheiro da Direção Geral de Escolas da Província de Bs.As. O projeto de compra dos 100.000 “Nova Argentina”, ainda não foi apresentado na Direção Geral por que os conselheiros não tem dado número para sesionar, de maneira que será apresentado na seção de amanhã. Eles tem a “sugestão” do Mercante (Gobernador) de que o livro deve ser distribuído aos alumnos sem perda de tempo”.

Embora a “sugestão” (que mais parece imposição) do governador Mercante, apoie que as crianças argentinas tomem conhecimento do Plano Quinquenal através de *La Nueva Argentina*, passar pelo crivo da Subsecretaria de Informações para que fosse “recomendado”, poderia levar mais tempo. No entanto, as notícias, via telegrama, correram mais rápido que a própria aprovação. Segundo Cavalheiro, após o lançamento dos 3.000 exemplares

“Imediatamente as agências telegráficas espalham aos quatro ventos que o maior sucesso de livraria na Argentina é a interessante narrativa infantil de Monteiro Lobato “acerca do plano quinquenal” do Presidente da República, General Perón. “Simulando – diz um telegrama – uma conversa entre dois irmãos e o pai, Monteiro Lobato expôs nessa magnífica obra, ao alcance da mocidade, todo o plano de realizações concebido e posto em prática pelo

---

<sup>547</sup> Carta Pasta 20 2531, de 21.05.1947, enviada por Prieto a Lobato, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato.

Governo Atual da Argentina. Para se ter uma idéia da importância do livro e do apreço em que o têm as autoridades públicas, basta dizer-se que só o Governo da Província de La Plata fez imprimir e distribuir gratuitamente cem mil exemplares” (CAVALHEIRO: 1954, 231).

Embora a compra tenha sido noticiada em telegramas, o livro parecia, ainda, não ter sido aprovado pelo governo da província argentina; mesmo diante da dúvida, um jornal brasileiro escreveu uma matéria intitulada “Prêmio Perón 1947”, sugerindo que *La Nueva Argentina* “fora evidentemente encomendada pelo Governo do General Perón” (Apud CAVALHEIRO: 1954, 231).

Diante dessas afirmações, Lobato escreveu à redação do jornal, dizendo que não se tratava de “negócio escuso ou inconfessável. Trata-se de um escritor livre, libérrimo mesmo, que só diz o que pensa e escreve o que quer, onde quer que esteja, no Brasil, na Argentina, nos Estados Unidos” (Apud. CAVALHEIRO: 1954, 232).

Do mesmo modo que Lobato se considerava livre para escrever o que queria, a imprensa brasileira, de certo modo, porque também se julgava com liberdade, embora sob os olhares da censura do Estado Novo, resolveu dar a notícia do Prêmio Perón sem apurar os fatos, visto que Lobato declarou a Afonso Schmidt que era “Tudo fantasias. Inventionices. Não existe prêmio Perón, como não existe entendimento meu com o Governo argentino” (Apud CAVALHEIRO:1954, 232).

Independentemente das notícias que saíram acerca de *La Nueva Argentina* e do desejo do governador Mercante de que o livro fosse rapidamente distribuído nas escolas, esta aparente repercussão não influenciou o governo a apressar a compra dos exemplares. E as negociações se estenderam para além da volta de Lobato ao Brasil.

Antes disso, porém, o escritor ainda estava na Argentina, com planos de ida ao Peru, país sobre o qual queria escrever “o maior de seus livros”:

“Nestes três meses vou-me ao Peru, morar lá uns tempos, encar-me, lhamar-me, guanacar-me, chinchilar-me, etc. e escrever meu maior livro: minha pandilha lá do sítio, afundada no Peru de Ataulpa assiste ao drama da conquista pelos facinorosos Pizarro e Almagro, os nazistas da época. A história completa da América, desde o tempo em que isto foi um pedaço da Atlântida. Conhecer a formação dos Andes e de todas as plantas e animais que evoluíram no lombo dos Andes e à margem das “crias” dos Andes” (apud. CAVALHEIRO: 1954, 233).

A viagem ao Peru não deu certo, porque Lobato teve alguns problemas de saúde, o que o fizera declinar de conhecer o país que, em sua visão “já tinha mil metros de profundidade quando o europeu chegou. De modo que há lá uma superposição de civilizações e raças coisa muito mais interessante que esse imigracionismo daqui e daí” (apud. CAVALHEIRO: 1954, 233).

Ao que parece, esta declaração do escritor sugere que ele cansara de viver no país vizinho por achá-lo semelhante ao Brasil, do ponto de vista político e cultural. Mas não só: Lobato, durante os 12 meses<sup>548</sup> em que viveu na capital argentina, dedicou boa parte de seu tempo para firmar as bases que lhe permitiram aproximar o público argentino de suas obras, o que culminou com a escrita de uma obra inédita em castelhano.

Mesmo que *La Nueva Argentina* tenha sido vista pela imprensa como obra que promoveu o entendimento do escritor com o peronismo, a função do livro, talvez, não tenha sido, primordialmente, estabelecer essa relação, mas sim, tornar-se popular ante a instituição escolar, o que colaboraria para que Lobato continuasse a sua trajetória de “comum de dois países”, o que lhe traria, ademais, retorno financeiro. Deste modo, pode-se inferir que, mais importante do que ser taxado de peronista era ter o livro adotado pelas escolas argentinas.

Tal situação poderia, assim justificar, em parte, a adoção de pseudônimo para escrever o livro, o que o afastaria de qualquer aparente filiação ao governo de Perón.

A estadia de Lobato na calle Sarmiento 2608 acabou entre maio e junho de 1947, quando regressou a São Paulo, o que fora registrado por jornais brasileiros, de que se tem um exemplo:

“Regressou a São Paulo o escritor Monteiro Lobato  
Festivamente recebido no aeroporto de Congonhas o querido homem de  
letras.

Depois de uma permanência de onze meses na República Argentina,  
regressou ontem a esta capital o escritor Monteiro Lobato, uma das  
maiores figuras da literatura brasileira e cujo nome está intimamente ligado  
à literatura infantil.

Muito antes da aterrissage do avião da Panair, que o trouxe de Buenos  
Aires, o que se deu precisamente às 15 h 30, já era grande o número de

---

<sup>548</sup> As datas do regresso de Lobato e sua família ao Brasil são controversas; CAVALHEIRO (1954: 236), em sua biografia, aponta a data de 08.06.1947; SACHETTA (2000: 194), oferece a data de 08.05.1947.



peças que aguardavam o desembarque do ilustre escritor. Entre eles destacavam-se o tenente Genésio Nitrini, representante do governador Adhemar de Barros; Carlos Rizzini, diretor geral do Departamento Estadual de Informações; Oduvaldo Viana; Otaviano Alves de Lima, J.U. Campos, grande número de jornalistas, intelectuais e admiradores de Monteiro Lobato”<sup>549</sup>.

Embora tenha regressado ao Brasil, Lobato não deixara a editora Acteón, da qual ainda era sócio; mantinha também seus livros em castelhano editados pela Americalee e continuavam correndo as negociações de *La Nueva Argentina*, a cargo de Ramón Prieto. Quase dois meses após a volta de Lobato ao Brasil, Prieto escreve-lhe avisando que, apesar das mudanças no Conselho Nacional de Educação, a adoção do livro é “negócio líquido”:

“NOVA ARGENTINA. –

O Diretor do Conselho Nacional de Educação de La Plata demitiu, e com elle, todo o conselho. Estamos esperando seja preenchida a vaga para terminar este problema. O Secretário da governação jura pela mãe delle que é negócio líquido, mais ainda anda de contrato por ausência do funcionário que deve asinar a orden. O mesmo livro, aqui na capital está sendo trabalhado sem descanso. Ya presentamos pedidos legal para ser oficializado como livro obrigatório de leitura em 5 e 6º grado. Temos “pistolões” de marca que apoyam”<sup>550</sup> (...)

Apesar dos “pistolões” e da apresentação do “pedido legal” para que o livro fosse adotado nos 5º e 6º ano, a aprovação de *La Nueva Argentina* ainda não era certa em agosto de 1947.

E nem em novembro, quando Prieto ainda escreve a Lobato dizendo que “la venta de ejemplares al gobierno que ahora parece ir por camino más firme”<sup>551</sup>. Além disso, o editor oferece mais detalhes acerca das negociações do livro:

---

<sup>549</sup> Cf. Álbum de Dona Purezinha, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato. A notícia não possui fonte e data, provavelmente, de 09.05.1947, se considerarmos a data informada por SACHETTA (2000: 194) na biografia sobre Lobato, ou 09.06.1947, levando em conta a data de Cavalheiro, que registra a volta do escritor em 08.06.1947.

<sup>550</sup> Cf. carta Pasta 202532, de 03.08.1947, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato.

<sup>551</sup> Carta Pasta 20 2533, de 03.11.1947, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato.

“**ACTEON:** Los tres estamos de acuerdo en considerar que Acteón está prácticamente liquidada. Su liquidación física la vamos a realizar reintegrando el capital y las ganancias que hubiere, apenas se realice alguno de los negocios engatillados. La venta en librerías o al Consejo Nacional de Educación, pues el libro está “a punto de ser declarado apto a lectura”. Las gestiones de venta están siendo gestionadas en el organismo Inter-ministerial de propaganda del Plano Quinquenal y las noticias que hay son optimistas. En cuanto a su oficialización, hay un expediente ya del tamaño de un “bond” y ha sido recomendado por el mismo Figuerola. Ya ve que hay renomes para esperar la posibilidad de liquidar físicamente Acteón a breve plazo, con ganancias”<sup>552</sup>.

No trecho acima, Prieto propõe que a venda de *La Nueva Argentina* seja feita tanto em livrarias quanto ao governo, já que o livro está “a punto de ser declarado apto a lectura” e, vendendo das duas maneiras, o lucro seria maior. Afora as burocracias, que seriam resolvidas com a ajuda dos “pistolões” como Figuerola – advogado espanhol, que enveredou para o ramo da educação – o livro, ao que parece, serviria, também, para ajudar na liquidação da Editorial Acteón, pois à medida que os exemplares fossem vendidos, seria possível “liquidar físicamente a Acteón a breve plazos, con ganancias”.

Sendo assim, o livro ganha outros objetivos para além de tornar o nome de Lobato mais popular no país vizinho: diante das negociações que se arrastavam sem muito sucesso, apesar do empenho de pessoas influentes no Conselho de Educação e no organismo Inter-ministerial, no final de 1947, ter *La Nueva Argentina* vendida para o governo não parecia somente uma questão de ampliação do nome do escritor brasileiro, mas sim, um modo de liquidar a Acteón sem prejuízo.

Tal situação também pode ser observada nas vendas de *Las Doce Hazañas de Hercules*, publicada pela Acteón, pois, ainda na carta de 03.11.1947, Prieto menciona os valores arrecadados com o livro, o que colaboraria, também, com a intenção de liquidar a Acteón, sem ter grandes prejuízos:

“**VENTA HÉRCULES:** Hemos vendido 2.000 ejemplares a \$8,00 c/u. De la suma total, 16.000 de la venta, se cobraron al contado once mil y estamos gestionando el cobro de los 5.000 más. Otros 2.000 ejemplares están en negociación y estos días tendremos respuesta final sobre ellos. Si se realiza esta venta, habremos recibido 32.000 por los Hércules y quedarán

---

<sup>552</sup> Carta Pasta 20 2533, de 03.11.1947, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato.

el saldo de ejemplares, el Ateneo y Americalee, para liquidar a medida que se vendan”<sup>553</sup>.

Ademais, observa-se que as editoras El Ateneo e Americalee ajudariam a vender “el saldo de ejemplares”. Antes mesmo desse fato aparecer, Lobato escreveu a Landolfi, dono da Americalee, sobre a subscrição de capital que havia feito à Acteón para a liquidação de sua parte, em julho de 1947, 1 mês depois que voltara ao Brasil; o escritor esperava as vendas do tal saldo, bem como de suas outras obras editadas, em poder da editora de Landolfi, para que fosse repassada à sua sociedade, de modo a liquidar suas despesas:

“Já havia eu escrito a minha de hoje, em resposta à sua de 3, quando recebi uma de Prieto. Diz ele que não pôde receber o pagamento dos 10 mil pesos do meu saldo na Americalee, que pedi fosse feito à ACTEÓN para integralização do capital que subscrevi nessa sociedade. E sou obrigado a escrever novamente ao meu amigo Landolfi, para que esclareça esse ponto. Desejo saber se pode entregar já o meu saldo ao Sr. Pilato, que tem autorização minha para receber, ou se deseja entrar em acordo com ele para um pagamento parcelado. É um ponto de muita importância, pois se eu não puder dispor desse saldo, terei de providenciar de outra maneira a integralização do meu capital na ACTEÓN”<sup>554</sup>.

Apesar de Lobato, Pilato e Prieto estarem de acordo com a liquidação da Acteón, este ainda acreditava que *La Nueva Argentina* pudesse ser comprada pelo governo, o que exigiria que a editora atendesse, de alguma maneira, as compras anuais feitas pelo Estado. Diante disso, o editor faz nova proposta a Lobato:

“Apenas se realice cualquiera de esos dos negocios, Acteón será liquidada. Pero restará algo. El libro. Si logramos su aceptación como texto de lectura, aún que no sea obligatorio, habrá ventas anuales que justifiquen su atención. Por lo tanto, me parece que lo mejor sería tomar la siguiente decisión: Como no vamos a editar nada más (aquí el mercado editorial vae para o beleleu) Acteón seguirá a los efectos exclusivos del libro. Nosotros nos encargaremos aquí de editarlo y venderlo y lo que de se distribuirá, al liquidar cada venta, de acuerdo a los términos del contrato existente. Le parece bien? En cuanto a Acteón, es todo”<sup>555</sup>.

<sup>553</sup> Carta Pasta 20 2533, de 03.11.1947, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato.

<sup>554</sup> Carta de 16.07.1947, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato-CEDAE/IEL/Unicamp. MLb. 3.2.00197 cx 4.

<sup>555</sup> Carta Pasta 20 2533, de 03.11.1947, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato.

A proposta parece ter sido aceita por Lobato, porém, não há cartas que comprovem tal afirmação. No entanto, Prieto, em maio de 1948, ainda tem esperanças que a “desventurada “Nueva Argentina”” seja comprada, o que pressupõe os esforços do editor junto ao governo argentino com o consentimento do escritor. Assim escreve Prieto:

“La esperanza es, como la pereza, madre de vicios. Por lo menos en mí caso. Desde hace ocho días que estoy para escribirle todas las cartas y la maldita propensión el optimismo me hace dejarlo para el día siguiente. Es que quisiera decirle algo animador sobre esta desventurada “Nueva Argentina” que será como el portugués del cuento; ni preña ni sale de arriba. Estamos quemando los últimos cartuchos y los últimos pistolones para ella y vamos a iniciar, sí en la semana próxima no hay novedad, contactos Kapeluzt para ver si hay una brecha por ese lado, cediéndole hasta donde sea posible sin comprometer nada más que los derechos. Personalmente creo que tampoco eso será solución, pues Kapeluzt, que ha logrado evitar hasta ahora que se haga algo concreto, no va a demostrar interés por lo ya manoseado frente a las autoridades educacionales. En fin, basta la salud como dicen muchos”<sup>556</sup>.

Deste trecho da carta, compreende-se que os esforços de Prieto no sentido de vender *La Nueva Argentina* e, assim, liquidar de uma vez a Acteón, parecem não ter sido suficientes para que o livro tivesse o êxito esperado. Como última tentativa e já desesperançoso, o editor recorresse à Capeluzt, editora que se firmou no início da década de 1940 como grande empresa de produção de livros infantis com objetivo de venda ao governo. Mesmo sem muita esperança de que a editora fosse aceitar as condições de venda, Prieto comunica que vai fazer a proposta, preservando, porém, os direitos autorais de Lobato, que, talvez, a essa altura, já nem estivesse contando com retorno financeiro da obra. Prieto ainda completa:

“El caso de este libro es una cosa verdaderamente enloquecedora. Todos los figurones lo conocen, les parece estupendo pero no camina. No camina de ninguna manera, ni siquiera como libro comun, vulgar y silvestre, para ser colocada paulatinamente en librerías. Como si tuviera encima un himalaya de urucuvaca”<sup>557</sup>.

---

<sup>556</sup> Cf. carta Pasta 20 2535, de 08.05.1848, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato.

<sup>557</sup> Cf. carta Pasta 20 2535, de 08.05.1948, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato.

Diante do “himalaya de urucuvaca”, as tentativas de colocar a obra nas livrarias ou vendê-la para o governo fracassaram, dado que, mesmo após esses constantes esforços de Prieto, o livro não obteve o sucesso que se esperava.

Deste modo, todas as estratégias para liquidar de vez e/ou sem grandes prejuízos a editora fundada por Lobato, Pilato e Prieto, concentraram-se no *Hercules*, sobre o qual, o editor também manda notícias na carta:

“En relación a los Hercules, la cosa está así. Vamos a retirar 2.000 de los cuales hemos recibido ya 11.000 pesos y falta recibir otros 5.000. Los retiraremos porque la persona que los tiene puede “sumir” y quedarnos sin libros y sin la plata correspondiente. Hemos llegado a un acuerdo en el sentido de no venderlos a menos de \$8,00 a fin de no perjudicarlo en la venta de los 2.000 que tiene y que compró a ese precio. Poco pues ha variedad en “la perspectiva general del negocio” como dicen los buenos comerciantes”<sup>558</sup>.

Apesar do fracasso editorial de *La Nueva Argentina*, Lobato continuava a ser popular entre os leitores do Prata; isto porque tinha em poder da Americalee, seus livros infantis traduzidos para o castelhano, bem como os *Hercules*, publicado pela Acteón que, apesar de praticamente liquidada, parece ter cedido os direitos de venda à editora de Landolfi.

Nesse ínterim, Lobato, como já era um autor conhecido no país vizinho, independentemente de *La Nueva Argentina*, no mesmo ano de 1947, outra editorial entrou em cena, com desejo de publicá-lo: a Códex, que lançou em 1947, o que se chamou “Libros Juguetes”, cujas ilustrações se movimentavam, dando à cena descrita movimento e vivacidade; o primeiro título – *La Casa de Emilia*, seguido por *Cuento Argentino* – tiveram tiragem de 10.000 exemplares cada, pelos quais o escritor ganhou a quantia de 500 pesos (1000 pesos no total), tal como atestam os recibos, de abril do mesmo ano:

---

<sup>558</sup> Cf. Carta Pasta 20 2535, de 08.05.1948, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato.

“Buenos Aires, Abril 23 de 1947. –  
RECEBI DE EDITORIAL CODEX S.R.L. LA SUMA DE QUINIENTOS  
PESOS MONEDA NACIONAL DE CURSO LEGAL. -----  
-----

EN CONCEPTO DE PAGO POR LOS DERECHOS QUE ME  
CORRESPONDEN E MI LIBRO ORIGINAL “LA CASA DE EMILIA” Y  
UNICAMENTE OR SU PRIMERA EDICIÓN EN IDIOMA CASTELLANO DE  
HASTA 10.000 EJEMPLARES. – QUEDA CONVENIDO QUE ESTOS  
DERECHOS LOS CEDO EN EXCLUSIVIDAD A LA EDITORIAL CODEX  
S.R.L DELEGANDO EN LA MISMA TODOS LOS DERECHOS QUE COMO  
AUTOR DE LA OBRA Y DE ACUERDO A LA LEY 11.723 ME  
CORRESPONDEN. – LA EDITORIAL CODEX S.R.L DEBERÁ ABONAR  
POR CADA NUEVA EDICIÓN EN CASTELLANO DEL MESMO TIRAJE  
IGUAL SUMA DE LA QUE RECIBO. -----  
-----

SON: \$ 500. - - m/n<sup>559</sup>.

“Buenos Aires, abril 29 de 1947. –  
RECEBI DE EDITORIAL CODEX S.R.L. LA SUMA DE QUINIENTOS  
PESOS MONEDA NACIONAL DE CURSO LEGAL. -----  
-----

EN CONCEPTO DE PAGO POR LOS DERECHOS QUE ME  
CORRESPONDEN A MI LIBRO ORIGINAL “CUENTO ARGENTINO” Y  
UNICAMENTE POR SU PRIMERA EDICIÓN EN IDIOMA CASTELLANO  
DE HASTA 10.000 EJEMPLARES. – QUEDA CONVENIDO QUE ESTOS  
DERECHOS LOS CEDO EN EXCLUSIVIDAD A LA EDITORIAL CODEX  
S.R.L DELEGANDO EN LA MISMA TODOS LOS DERECHOS QUE COMO  
AUTOR DE LA OBRA Y DE ACUERDO A LA LEY - 11.723 ME  
CORRESPONDEN. – LA EDITORIAL CODEX S.R.L DEBERÁ ABONAR  
POR CADA NUEVA EDICIÓN EN CASTELLANO DEL MESMO TIRAJE  
IGUAL SUMA DE LA QUE RECIBO. -----  
-----

SON: \$ 500. - - m/n<sup>560</sup>.

Após o envio dos recibos, Lobato recebeu uma carta do sócio-gerente da editora, trazendo algumas explicações relativas à preparação dos livros:

““Falando de outra coisa”, debo decirle que tanto Hirsch como Hidalgo me recomendaron le pida a Ud. que trate en lo posible de adornar las escenas con detalles que puedan ser plasticos y decorativos pues facilitaría mucho

<sup>559</sup> Carta Pasta 202503, de 23.04.1947, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato.

<sup>560</sup> Cf. carta Pasta 20 2504, de 29.04.1947, pertencente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato.

la labor de ellos. Hidalgo especialmente me recomendó la inclusión de escenas con vigor y movimiento pues en los dos originales que ella tiene para hacer ya, no sobran motivos para crear movimientos ingeniosos, como es nuestro deseo<sup>561</sup>. –

Conforme explicado na carta, na composição das “Ediciones Juguetes”, o escritor deveria fornecer o maior número de elementos “plásticos y decorativos”, de modo que o ilustrador pudesse tornar a cena o mais concreta possível. Nesse aspecto, haveria mudanças na perspectiva de produção de livros de Lobato, em que as ilustrações teriam, aparentemente, mais destaque se comparadas ao texto; deste modo, as histórias seriam curtas e, no caso de Lobato, retomariam textos escritos em português e que envolviam as personagens do sítio, como Emília, Saci e o Visconde.

Assim como a saga do sítio fora vendida para outros países da América Latina, as “ediciones juguetes” também parecem despertar o interesse do público para além da Argentina, tal como se observa ainda na carta de junho de 1947:

“Nuestros clientes del exterior nos escribieron algunas cartas con referencia al aviso que publicamos en GACETA DEL LIBRO por la publicación de vuestras obras en libros JUGUETE y nos envían las opiniones mas diversas. Uno por ejemplo, nos dice que sería interesante publicar algunas en libros tipo “Los Mejores Cuentos”. Dejamos la sugerencia de este importante cliente, para la consideración vuestra<sup>562</sup>.-

Note-se que, como no início dos anos 1940, um dos argumentos utilizados pelo remetente da carta – assim como fizera Prieto – foi o de tratar da repercussão de Lobato fora da Argentina, o que impulsionava a ampliação da circulação do nome do escritor, o que, talvez, também o estimulasse o aceite da proposta dessa nova publicação.

O procedimento do sócio-gerente da Códex foi eficaz, e Lobato, juntamente com Arthur Neves, da Brasiliense, editora que, provavelmente tinha os direitos das obras, acertaram a publicação de 10 títulos em formato “juguete”; os recibos acima transcritos atestam a publicação de, pelo menos, dois títulos. Porém, ao que parece, o escritor

---

<sup>561</sup> Cf. carta de 24.06.1947, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato-CEDAE/IEL/Unicamp. MLb 3.2.00460 cx 10.

<sup>562</sup> Cf. carta de 10.09.1947, pertencente ao Fundo Monteiro Lobato-CEDAE/IEL/Unicamp. MLb 3.2.00462 cx10.

brasileiro gostaria que mais textos fossem adaptados a esse formato, ao que obtém a seguinte resposta:

“Quiero hacerle presente que con su pedido se me ha creado una situación un poco violenta, porque me gustaría acceder a lo que usted me pide, y sin embargo, no puedo en su totalidad. La razón principal radica, como usted sabe, en que no somos una editorial como la mayoría, que edita todo cuanto su dirección quiere, sino que se limita a imprimir lo que sus representantes piden. Lo cierto es que habíamos convenido con nuestros distribuidores en editar diez títulos de Monteiro Lobato en Ediciones Juguete, tal como hablamos aquí y como habíamos convenido con Neves hasta casi el último día de mi estadía en ésa. Para demostrarle prácticamente la verdad de lo que le expongo, le ruego que lea el folio N° 3 de mi carta a Neves, de fecha 10 de julio, párrafo “OTRO”, donde aclaro bien este punto. Por lo tanto, momentáneamente sólo puedo hacer 10 de sus títulos en castellano en la seguridad de que a fin de año plantearé el asunto a nuestros representantes para hacer también los otros 10 títulos. Y creo que no se negarán”<sup>563</sup>.

As justificativas apresentadas pelo gerente da Códex, apesar de não garantirem a publicação de outros 10 volumes em edição “juguete”, também não descartam a possibilidade de que estes venham a ser editados. Tanto assim que, na carta de 10.09.1947, há um anexo com todos os títulos da suposta coleção e informações relativas às publicações:

1º A CASA DE EMILIA 2º UMA FADA MODERNA 3º O CENTAURINHO	} Impresos, se enviaran 3.300 ejemplares de cada uno a fin de noviembre.
4º O PERISCÓPIO DO INVISÍVEL 5º A LAMPREIA 6º NO TEMPO DE NERO	} Recibidos facsímiles conformados de Brasil. Para impresión.
7º O CONTAGEM DOS SACIS 8º O MUSEO DE EMÍLIA 9º A GRANDE REINAÇÃO 10º AS FADAS APARECEM	} Facsímil en Brasil } Facsímil en Brasil } Haciéndose los fotocromos } Hidalgo lo está ilustrando

<sup>563</sup> A carta de 10.09.1947 pertence originalmente ao Acervo Monteiro Lobato, carta pasta 20 2501 e 20 2502; há, porém, uma cópia no Fundo Monteiro Lobato-CEDAE/IEL/Unicamp. MLb 3.2.00462 cx10.



11º A VIOLETA BRANCA	}	Ilustraciones em Walt Disney Productions para resolver derechos.
12º O NOVO VISCONDE 13º A REINAÇÃO ATÔMICA		Hirsch lo está ilustrando
14º O DISCO VOADOR	}	En composición
15º O SONHO DE PEDRINO 16º AS NINFAS DE EMILIA 17º OS DOIS VULCÕES		Llegaron originales el 5/11 está en composición
18º 19º 20º	}	No recibimos originales.

Deste documento, pode-se comprovar que as edições feitas foram mesmo as 6 primeiras, tal como sugere a biografia de Cavalheiro. No entanto, a informação sobre o “Cuento Argentino”, também lançado pela Códex, que consta do recibo, porém, não do anexo, também não fora mencionado por Cavalheiro

Embora como já se apontou, Lobato tivesse, na Argentina e no Brasil, livros que lhe garantissem, de certa forma, sustento, vale ressaltar que, à época dessa carta, as negociações de compra pelo governo argentino de seu *La Nueva Argentina* ainda eram incertas, as suas *Obras Completas* em português estavam sendo lançadas, o que não lhe garantia, todavia, grandes retornos financeiros, e fazia pouco mais de 3 meses que voltara ao Brasil, o que lhe trouxe como consequência, viver no apartamento emprestado por Caio Prado Junior, no 12º andar da editora Brasiliense, depois de viver em hotéis (CAVALHEIRO, 1954: 237).

Diante desse contexto, apostar nos outros possíveis 10 títulos das “ediciones juguetes” parecia ser uma boa saída para o escritor, o que, segundo os recibos transcritos anteriormente, lhe renderia, por edição, a quantia de 10.000 pesos. No entanto, a saída dos outros títulos, bem como os 10.000 pesos por edição não saíram, ficando Lobato com, apenas, \$3823,85, referentes ao seu saldo para completar os 10 primeiros títulos, dos quais só se tem certeza de que saíram os 2 indicados nos recibos acima, além de outros 4 apontados pela biografia de Cavalheiro<sup>564</sup>; a respeito desse valor, o gerente já mencionara na carta de 10.09.1947, e o balancete da editora, enviado 2 dias depois ao escritor, comprova a quantia recebida pelo escritor:

---

<sup>564</sup> Os outros títulos são: *Uma fada Moderna, A Lampreia, No tempo de Nero, O Centaurinho*. Cf. CAVALHEIRO, E. *Op.cit.*, p. 267.

**CODEX<sup>565</sup>**  
**EDITORES E IMPORTADORES DE LIBROS**

**Nº 0260**

BUENOS AIRES, 12 de septiembre de 1947.  
 SEÑORES Monteiro Lobato  
 DOMICILIO B. Itapetininga, 93 LOC SÃO PAULO  
 BRASIL

**RESUMEN**

	10	Textos para cuentos infantiles cada uno pagado cuento La casa de Emilia.	500. -		
25 abril/47		“ “ Argentino		500.- 500.- 69.65 106.50	5.000.-
30 abril/47		Comprado por su o/ tonos de Hacia allá y para acá	69.65	1176.15 3823,85	
2 julio/47		Pagado por su o /Sr. Simón			5.000.-
		3823			
<b>SUMA TOTAL</b>					

El pago puntual de sus facturas beneficia su crédito. No lo descuide. **Cheques únicamente a nombre de CODEX S.R.L**

<sup>565</sup> Carta pasta 20 2506, de 12.09.1947, pertenente ao Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato.

A quantia de \$ 3823,85 pesos foi paga, como se observa no balancete, a Rodolfo Simón, que passara a ser agente de Monteiro Lobato; o escritor, depois de alguns anos trilhando, ora sozinho ora com a ajuda de editores, amigos e escritores, o seu caminho, confia a um profissional o cuidado com suas finanças e a sua obra no país vizinho e também na América do Sul. Mas isso, já seria outra história, com outros agentes e outras personagens.

História com os mesmos agentes e mesmos personagens se observa no sucesso de Lobato na Argentina. Tanto *La Nueva Argentina* como as “Ediciones Juguetes” foram dois projetos que, aparentemente, fracassaram, o que pode reforçar a hipótese de que, mesmo ampliando seu nome para além das fronteiras do Brasil, visto que Lobato obteve reconhecimento do público argentino, o escritor se firmou enquanto autor de sucesso praticamente da mesma maneira que no Brasil: através dos livros e das histórias das personagens que compuseram a saga do sítio do pica-pau amarelo.

## Considerações Finais

Monteiro Lobato estabeleceu com a Argentina – no período que compreendeu o intervalo entre 1919 e 1948 – relações literário-culturais, documentadas através de cartas que expuseram, sobretudo, a produção de livros e de artigos de argentinos no Brasil, o que acarretou sua projeção no país vizinho.

As cartas aqui transcritas, anotadas e analisadas revelaram, também, os distintos expedientes de que lançou mão o escritor paulista a fim de projetar seu nome no Prata, ao longo desses anos. Para tanto, alguns nomes do cenário cultural da Argentina nos anos 1920, 1930 e 1940 foram fundamentais para que Lobato pudesse efetivar as desejadas trocas literárias e culturais. Note-se, ainda, que um nome é comum às três décadas: o de Bejnamin de Garay, tradutor e grande responsável pelo intercâmbio literário que envolveu Lobato e seus contemporâneos argentinos.

As relações literárias com os argentinos, promovidas por Garay, permitiram a Lobato traçar uma rota para seus livros na Argentina, primeiramente marcada pela relação com Manuel Gálvez, com quem Lobato se correspondeu entre 1919 e 1925, retomando o contato 3 anos depois que voltou dos EUA, em uma única carta, de 1934; seguindo trajetórias intelectuais muito parecidas em seus respectivos países – ambos foram editores, escritores e diretores de revistas de cultura – a identificação resultou, primeiro em *Urupês*, lançado em castelhano, em 1921, traduzido por Benjamin de Garay, depois em *Nacha Regules* publicado em português em 1925.

Além do livro, o escritor brasileiro teve alguns contos e artigos publicados na imprensa nesse período e contou, para isso, com a ajuda de outro escritor: Horacio Quiroga, com quem também se correspondeu, de 1922 a 1925. O escritor uruguaio, que se consagrou na Argentina, colocou Lobato no circuito de produção em periódicos, uma vez que, como vimos, Quiroga foi pioneiro em ganhar dinheiro para escrever em jornais e revistas.

Quiroga também colaborou, de alguma forma, para inscrever Monteiro Lobato no circuito de publicação dos EUA; embora não se saiba quanto dessa ajuda reverteu, efetivamente, em publicações de contos lobatianos nos EUA na década de 1920, algumas cartas apresentadas ao longo dessa pesquisa apontam o uruguaio como um possível intermediador entre o brasileiro, editoras e agências de escritores norte-americanas.

Ressalte-se, também, que nos anos 1920, as publicações lobatianas em castelhano se concentravam nos textos dedicados ao público adulto, porque em português o escritor ainda se dedicava, quase que integralmente à *Revista do Brasil*, aos seus contos e à Editora que fundara.

É ainda em 1920, que a trajetória de Lobato ganha nova rota: a produção de textos infantis, iniciado por *A Menina do Narizinho Arrebitado*, publicado pela primeira vez na *Revista do Brasil*, e depois em livro, no ano seguinte.

A ideia de lançar textos primeiro na imprensa depois em livro como forma de “testar” a repercussão foi um procedimento bastante utilizado por Lobato ao longo de sua carreira no Brasil, e, na Argentina, não seria diferente: antes da tradução de *Urupês* em castelhano, o escritor publicou contos que integrariam o livro em revistas e jornais de grande circulação no país vizinho: *Plus Ultra*, *La Prensa*, *Nosotros*, *Atlántida* foram alguns veículos que abrigaram textos lobatianos ao longo das décadas de 1920 e 1930.

Mais adiante, com a ajuda do editor Ramón Prieto, Lobato lançou mão de estratégias de publicação na Argentina semelhantes às desenvolvidas no Brasil; o lançamento de seus livros infantis em castelhano para atender, primeiramente, ao público escolar, bem como a publicação de edições populares e de luxo, configuram programas editoriais já desenvolvidos pelo brasileiro quando editor, nos anos 1920. Embora em décadas diferentes, idêntica preocupação com tiragens, ilustradores, texto, propaganda e preços fazia parte das questões lobatianas quando do lançamento de suas obras nos dois países.

Foi, também, no fim dos anos 1940 – mais precisamente em 1946 – que a trajetória de Lobato na Argentina se completou, pois foi viver na capital portenha por cerca de 11 meses, o que contribuiu para que ele, *in loco*, ampliasse a circulação de seu nome, de modo a fortalecer-se enquanto autor de literatura infantil, tal como ficou popularmente conhecido também no Brasil.

O ponto culminante dessa trajetória foi, ademais, a sociedade da Editorial Actéon, fundada em 1945 por Prieto, que incorporou, no ano seguinte, Lobato, Miguel Pilato e Manuel Barreiro; nesta, o escritor brasileiro publicou seu *Hercules* e o polêmico *La Nueva Argentina*, de modo que tais obras colaboraram para inserir Lobato, talvez definitivamente, no sistema literário argentino.

Lobato voltou em 1947 ao Brasil, com um saldo de artigos publicados em revistas e jornais, contos, sua obra infantil traduzida ao castelhano, um livro escrito originalmente na mesma língua, além de promessas de edições de outros textos dedicados ao público infantil, como registraram cartas enviadas por Rodolfo Simón, agente de Lobato desde o final de 1947, a Dona Purezinha e Ruth, respectivamente esposa e filha do escritor, depois de sua morte; em geral, essa correspondência registra os esforços do agente em popularizar o nome de Lobato nos EUA e na Europa:

“Son tantas las dificultades de la industria editorial en todo el mundo, pero yo voy a continuar con mis esfuerzos, y mis representantes en Noruega, Suecia, Suiza, Italia, Francia, Alemania, Austria, CSR y Holanda, Inglaterraa y EE.UU” (carta de 21.04.1949. BL\_ms00034. Fundo Monteiro Lobato-CEDAE/IEL/Unicamp.)

“Después de muchos y continuos esfuerzos, he logrado establecer una nueva y personal relación com HOLYWWOD respecto a la eventual filmación de algunas obras de Monteiro Lobato”. (carta de 12.04.1950. BL\_ms00036. Fundo Monteiro Lobato – CEDAE/IEL/Unicamp.)

“En Praga (Checoeslovaquia) parece que están interesados todavía en la traducción de las “DOCE HAZAÑAS DE HERCULES”, y además, he recibido hoy una carta de la misma ciudad, en la cual se me pide el envío de la obra “O ESCANDALO DO PETROLEO – Tomo VII de las Obras Completas, para poder examinarlo respecto a una traducción”. (carta de 08.11.1950. BL\_ms00037. Fundo Monteiro Lobato-CEDAE/IEL/Unicamp.)

Desse modo, a ideia de que uma adequada relação com diferentes constituintes do sistema literário norteou as relações literário-culturais entre a Argentina e Monteiro Lobato e possibilitou o fortalecimento de sua literatura em língua estrangeira, colocando-a no circuito de produção cultural latino-americano, o que rendeu ao escritor não só a divulgação de seu nome, mas a venda de livros, além de estender a possibilidade de ampliar a sua circulação no mercado norte-americano, como se pôde ler em algumas das cartas enviadas por Horacio Quiroga, o que teve início na década de 1920 e em algumas publicações esparsas, também registradas por carta, dessa vez vinda de uma editora dos

EUA, na década de 1940, culminando com as cartas vindas de seu agente, após a sua morte, em 1948.



## Referências Bibliográficas

- ALBIERI, Thaís de Mattos. “Lobato: a cultura gramatical em *Emília no país da Gramática*”.  
Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/Unicamp, 2005.
- ALTAMIRO, Carlos; SARLO, Beatriz. *Ensayos Argentinos. De Sarmiento a la vanguardia*.  
Buenos Aires: Ariel, 1997.
- ALVES-BEZERRA, Wilson. *Reverberações da Fronteira em Horacio Quiroga*. São Paulo:  
Humanitas, FAPESP, 2008.
- ANTELO, Raul. *Literatura em Revista*. São Paulo: Ática, 1984.
- ARTUNDO, Patrícia. *Mário de Andrade e a Argentina: um país e sua produção cultural  
como espaço de reflexão*. São Paulo: Edusp, FAPESP, 2004. Trad. Gênese de  
Andrade.
- BARBOSA, Alaor. *O ficcionista Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BARROSO, Haydée Jofre. *Monteiro Lobato: um escritor, um país*. Buenos Aires: Editorial  
Galerna, 2000.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2006.
- BIGNOTTO, Cilza C. “Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato”  
(1918-1925). Tese de Doutorado. Campinas: IEL/Unicamp, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.  
\_\_\_\_\_. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo:  
Cia das Letras, 2005. Tradução. Maria Lúcia Machado.
- BROCA, Brito. *O repórter impenitente*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- CAMARGO, Evandro do Carmo. "Um estudo comparativo entre O Sacy-Perê: resultado  
de um inquérito (1918) e O Saci (1921), de Monteiro Lobato". Dissertação de mestrado.  
Assis: FFLC/Unesp, 2006.

- CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas*. Estrategias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires: Paidós, 2008
- \_\_\_\_\_. *Latinoamericanos buscando lugar en el siglo*. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- CANDIDO, Antonio. *A formação da literatura brasileira*, vol I e II. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1955.
- CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros*. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UnB, 1994. Trad. Mary Del Priore.
- \_\_\_\_\_. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1985.
- \_\_\_\_\_. "Textos, Impressão, leituras". In HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CHIARADIA, Kátia N.Pereira. "Ao amigo Franckie, do seu Lobato". Dissertação de Mestrado. Campinas. IEL/Unicamp, 2008.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. Mídia, Cultura e Revolução. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- DE DIEGO, José Luis (dir.). *Editores y políticas editoriales en Argentina 1880-2000*.
- \_\_\_\_\_. "Políticas editoriales y políticas de lectura". In. *Anales de la educación*. Tercer Siglo, año 3, número 6. Julio 2007, pp. 38-44.
- EAGLETON, Terry. *Teoria Literária: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- Trad. Waltensir Dutra.
- FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando. *Brasil e Argentina*. Um ensaio de história comparada (1850-2002). São Paulo: Editora 34, 2004.
- FOCAULT, Michel. *O que é um autor*. Lisboa: Vegas, 1992.
- GÁLVEZ, Manuel. *Recuerdos de la vida literaria*, vol. I e II. Buenos Aires: Taurus, 2005.

- GARCIA, Miguel P. *La Nueva Argentina*. Buenos Aires: Editorial Acteón, 1947.
- GENOVA, Mariana Baldo de. “As terras novas do sítio: uma nova leitura da obra *O picapau amarelo*”. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/Unicamp, 2006.
- GOTLIB, Nádia B.; GALVÃO, Walnice N. (orgs.) *Prezado Senhor, Prezada Senhora*. Estudos sobre cartas. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- GRAMUGLIO, Maria Teresa. *História Crítica de la Literatura Argentina*. El império realista. Buenos Aires: EMECÉ, 2002.
- GUELFY, Maria Lucia F. *Novíssima*. Contribuição para o estudo do Modernismo. São Paulo: IEB/USP, 1987.
- GUERCHUNOFF, Alberto. *Argentina, país de advenimiento*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1952.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. São Paulo: Edusp/T.A Queiroz, 1985.
- KOSHIYAMA, Alice M. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: Edusp, 2006.
- LAFLEUR, Hector; PROVENZANO, Sergio; ALONSO, Fernando. *Las revistas literárias argentinas (1893-1967)*. Buenos Aires: El 8vo.Loco Ediciones, 2006.
- LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.
- LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. (orgs.). *Monteiro Lobato livro a livro* (obra infantil). São Paulo: Imprensa Oficial, Editora Unesp, 2008.
- LIMA, Yone Soares de. *A ilustração na produção literária: São Paulo – década de 1920*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1985.
- LOBATO, Monteiro. “A Argentina e eu”. In *Novíssima*. Ano I, nº 8. São Paulo - Rio de Janeiro, nov./dez.1924, pp. 13-15.
- \_\_\_\_\_. *A Barca de Gleyre*. 1º E 2º TOMOS. São Paulo: Brasiliense, 1969.
- \_\_\_\_\_. *América*. São Paulo: Brasiliense, 1969.
- \_\_\_\_\_. *A Onda Verde*. São Paulo: Brasiliense, 1969.

- \_\_\_\_\_. *Cartas Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Cidades Mortas*. São Paulo: Cia Graphico Editora Monteiro Lobato, 1919.
- \_\_\_\_\_. *Críticas e Outras Notas*. São Paulo: Brasiliense, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Don Quijote de los Niños*. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1938.  
Tradução. Benjamin de Garay.
- \_\_\_\_\_. *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Las Doce hazañas de Hercules*. Buenos Aires: Editorial Acteón, 1945.  
Tradução. Juan Ramón Prieto.
- \_\_\_\_\_. *Los Ojos que sangran*. Buenos Aires: Editorial TOR, 1924. Colección Lecturas Selectas, nº XVI. Tradução de B.Sánchez Sáez.
- \_\_\_\_\_. *Mundo da Lua e Miscelânea*. São Paulo: Brasiliense, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Negrinha*. São Paulo: Companhia Graphico Editora Monteiro Lobato, 1920.
- \_\_\_\_\_. *Na Antevéspera*. São Paulo: Brasiliense, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Obras Completas – Série Infantil*. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1945. Tradução. Juan Ramón Prieto.
- \_\_\_\_\_. *O Macaco que se fez homem*. São Paulo: Editora Globo, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Prefácios e Entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Urupês*. São Paulo: Edições da Revista do Brasil, 1918.
- \_\_\_\_\_. *Urupês*. Buenos Aires: Editorial Patria, 1921. Tradução: Benjamin de Garay.
- \_\_\_\_\_. *Urupês* Buenos Aires: Editorial El Ateneo, 1947. Tradução. Juan Ramón Prieto.
- LUCA, Tânia de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

- LUCA, Tânia de; MARTINS, Ana Luiza. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- MACHADO, Ubiratan. *Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista – Imprensa e práticas culturais em tempos de República (1890-1920)*. São Paulo: FAPESP, Edusp, Imprensa Oficial, 2001.
- MARTINS, Milena Ribeiro. “Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos”. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/Unicamp, 2003.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- MONTALDO, Graciela. *A propriedade da cultura: ensaios sobre literatura e indústria cultural na América Latina*. Chapecó: Argos, 2004. Trad. Eduard Marquardt.
- NAGY, Denise. “Novelas Semanales (1917-1922) ¿Un proyecto de intervención cultural? In “VJornada de Investigación Histórico-Social de *Razón y Revolución*”. Buenos Aires. Diciembre, 2005.
- NEIBRUG, Federico. *Os intelectuais e a invenção do peronismo*. São Paulo: Edusp, 1997. Trad. Vera Pereira.
- PASERO, Carlos A. “Los límites de la lengua: Benjamín de Garay y la praxis de la traducción”. In *Graphos*. Revista de Pós-Graduação da UFPB. João Pessoa, Vol. 6, nº 2, 2004.
- PAGANO, Adriana Silvina. “Políticas de Interação Cultural na América Latina: a tradução no diálogo Brasil-Argentina”. In ÁVILA, M.; MACIEL, M.E; OLIVEIRA, P.M. *América em Movimento*. Ensaio sobre literatura latino-americana do século XX. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.
- PASSIANI, Enio. *Na Trilha do Jeca*. Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil. Bauru: EDUSC, 2003.
- PRIETO, Martin. *Breve História de la literatura argentina*. Buenos Aires: Taurus, 2006.

- PUIGRÓS, Adriana (dir.); BERNETTI, Jorge Luis. *Peronismo: Cultura y Educación (1945-1955)*. Buenos Aires: Editorial Galerna, 2006.
- RAMA, Angel. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985. Trad. Emir Sader.
- REVISTA DO BRASIL. São Paulo: 1916-1925 (número 01 ao 113)
- REVISTA NOSOTROS. Buenos Aires: 1907-1943 (número 01 ao 390).
- REVISTA PLUS ULTRA. Buenos Aires: 1921.
- RIBEIRO, Maria Paula Gurgel. "Monteiro Lobato e a Argentina: mediações culturais". Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2008.
- RIVERA, Jorge B. *El escritor y la industria cultural*. Buenos Aires: Atuel, 1998.
- SACHETTA, Vladimir; CAMARGOS, Marcia; AZEVEDO, Carmen Lúcia. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- SAGASTIZÁBAL, Leandro de. *La Edición de libros en Argentina. Una empresa de cultura*. Buenos Aires: Eudeuba, 1995.
- SARLO, Beatriz. *El Imperio de los Sentimientos*. Buenos Aires: Grupo Norma Editorial, 2004.
- \_\_\_\_\_. *La Máquina Cultural*. Maestras, traductores y vanguardistas. Buenos Aires: Ariel, 1998.
- \_\_\_\_\_. "Modernidade e mescla cultural". Revista *Risco*. São Paulo, ano 4, número 2, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Paisagens Imaginárias*. Intelectuais, Artes e Meio de Comunicação. São Paulo: Edusp, 2005. Trad. Rubia Prestes Goldoni e Sérgio Molina.
- \_\_\_\_\_. *Tempo Presente*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Tempo Passado*. São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. Tradução: Rosa Freire d'Aguiar.
- SCHWARTZ, Jorge. "Abaixo Tordesilhas". *Estudos Avançados*, ano 7, número 17, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Vanguardas Argentinas*. Anos 20. São Paulo: Iluminuras.

- \_\_\_\_\_. *Las Vanguardias Latinoamericanas*. Textos programáticos y críticos. México: Fondo de Cultura Económica, 2002. Trad. Estela dos Santos.
- SHUMWAY, Nicolás. “Nosotros y el “nosotros” de Nosotros”. In SOSNOWSKI, Saúl (ed.). *La Cultura de un Siglo*. América Latina en sus revistas. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1999.
- SILVA, Raquel Afonso da. “Entre livros e leituras: um estudo de cartas de leitores”. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/Unicamp, 2009.
- SOARES, Gabriela Pellegrino; PINTO, Júlio Pimentel. “A América Latina no universo das edições brasileiras”. In *Diálogos*. DHI/PPH/UEM, v. 8, nº 2, 2004, pp. 133-151.
- SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear Horizontes*. Uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- \_\_\_\_\_. “Monteiro Lobato e a conquista de leitores “para a cultura””. In *Releitura*. Belo Horizonte, Dezembro 2003 – nº 17, pp. 2-8.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 1999.
- SORÁ, Gustavo. “Brasilianas: a casa José Olympio e a instituição do livro nacional”. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Traducir el Brasil*. Una antropología de la circulación internacional de ideas. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003.
- TIN, Emerson. “A correspondência do editor Monteiro Lobato. Sistema literário e sociabilidade nos anos 1920”. In I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.
- \_\_\_\_\_. “Em busca do “Lobato das cartas”: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários”. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/Unicamp, 2007.

VASCONCELOS, Sandra G.T.; AGUIAR, Flávio (orgs.). *Ángel Rama*. Literatura, Cultura na América Latina. São Paulo: Edusp, 2001.

ZILBERMAN, Regina (org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

ZILBERMAN, Regina; Lajolo, Marisa. *O preço da leitura*. São Paulo: Ática, 2001.

ZORZATO, Lucila Bassan. "A cultura alemã na obra infantil *Aventuras de Hans Staden*, de Monteiro Lobato. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/Unicamp, 2007.

**Sites consultados:**

Academia Argentina de Letras: [www.aal.universia.com.ar](http://www.aal.universia.com.ar)

Biblioteca del Congreso de la Nación: [www.bcnbib.gov.ar](http://www.bcnbib.gov.ar)

Library of Congress: [www.loc.gov](http://www.loc.gov)

Projeto Memória de Leitura: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/>

Projeto Monteiro Lobato (1882-1948) e outros modernismos brasileiros:  
<http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/>

Sites Monteiro Lobato: [www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato](http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato;);

<http://lobato.globo.com/>.

Site de busca: [www.google.com.br](http://www.google.com.br)



## Índice Remissivo

<i>A Barca de Gleyre</i> 12, 16, 17, 21, 33, 47, 69, 86, 91, 130, 243, 286	<i>Aritmética da Emília</i> 86, 93, 99, 100, 221, 222
<i>A Chave do Tamanho</i> .....98, 99, 120, 224	Arthur Neves.. 119, 140, 255, 258, 265, 276
A la Deriva.....62	Arturo Cancela..... 67
<i>A Lampreia</i> .....279	Assis Chateaubriand..... 12, 17, 31, 45
<i>A Menina do Narzinho Arrebitado</i> 36, 39, 40, 42, 99, 101, 266, 282	Atlantida49, 52, 69, 71, 86, 104, 141, 199, 207, 208
Abel Botelho .....13	<i>Aventuras de Hans Staden</i> .... 105, 107, 290
Adolfo Bellocq.....65	B. de Quirós ..... 5, 6, 149, 152, 174
Adolfo Montiel de Ballesteros.....123	B. Sánchez Sáez ..... 66
Affonso Arinos .....15	Barão de Itararé ..... 126
Afrânio Peixoto 12, 16, 17, 24, 85, 125, 211	Bellocq ..... 65
Aguirre13, 18, 20, 21, 25, 28, 29, 31, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191	Benito Lynch ..... 18, 25, 52
Albertina Berta.....17	Benito Perez Galdós ..... 121
Alberto Bianchi .....117, 235	Benjamin de Garay2, 3, 12, 24, 42, 44, 57, 91, 92, 95, 188, 189, 191, 192, 208, 209, 211, 212, 214, 251, 281, 287
Alberto Rangel.....17	Bianchi ..... 13, 117, 118, 235, 236
Alencar ..... 34, 105, 108, 223	Bilac ..... 17, 32, 189
Alexandre Dumas pai .....77, 122	Billiken..... 105
Alexandrino.....54	Boletín Bibliográfico Americalee ..... 113
Alfonsina Storni18, 45, 50, 192, 193, 202, 203	Bramier ..... 32, 189
Alfredo A. Bianchi.....13	Braz Lauria.....20, 42, 184, 194, 195
Almeida Botelho .....13	Brenno Ferraz ..... 14, 15, 16, 36, 50
Aluizio Azevedo .....13	Buigas ..... 127, 242
Alvarez.....27, 29, 31, 188	<i>Caçadas de Pedrinho</i> ..... 86, 107, 120
Amadeu Amaral.....15, 45, 192, 193	Caio Prado Júnior ..... 119, 123
Amália.....79	Candido de Figueiredo..... 29, 189
Americalee4, 92, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 104, 107, 110, 112, 113, 114, 118, 120, 123, 124, 125, 128, 129, 131, 133, 140, 164, 171, 233, 234, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 244, 249, 255, 270, 272, 274	Caras y Caretas27, 38, 40, 80, 81, 188, 201
<i>Anaconda</i> ..... 48, 50, 53, 202, 203	Carlos Fernandes ..... 16
Andrés Guevara .....98, 126	Carlos Iburguren ..... 6, 83
Anísio.....146	Carmen Hidalgo ..... 163
Antonio Nogueira.....17	Casa Peuser ..... 127, 136, 139, 149, 248
Antonio Salles.....16, 25	Catullo Cearense ..... 15
Antonio Zamora.....91, 92, 217	<i>Cérbero</i> ..... 140
	Cesáreo Quirós..... 52, 188
	Chapeuzinho Vermelho ..... 139
	Chave17, 98, 100, 101, 102, 104, 108, 110, 114, 225, 230, 231

Cia Editora Nacional	26, 86, 89, 91, 92, 93, 96, 98, 105, 106, 107, 108, 115, 125, 146, 153, 197, 243
Cia Graphico Editora Monteiro Lobato	17, 18, 26, 70, 78, 86, 106, 107, 142, 286
<i>Cidades Mortas</i>	21, 24, 48, 52, 69, 74, 80, 86, 94, 181, 186, 189, 286
Cipolletti	159, 267
Claridad	91, 219, 220
Codex	163, 167, 169, 171
Coelho Neto	12, 16, 17, 34, 85, 209, 211
Coelho Netto	12
Coleção América	52
Coleção Brasília	16, 24, 52, 61, 181, 245
Conan Doyle	71
Constancio Vigil	6, 141, 253
Correio da Manhã	15, 16, 33, 49, 126
Cuento Argentino	275, 278
<i>Cuentos de Amor de Loucura y de Muerte</i>	62
<i>Cuentos de la Selva</i>	60
Delfina Bunge	43
Denis Diderot	122
Djalma Viana	142
<i>Dom Quixote das Crianças</i>	92, 214, 231
Domingo Faustino Sarmiento	39
Don Quijote de los Niños	2, 91, 95, 211, 217, 287
Dona Benta	93, 99, 100, 108, 112, 221, 222
Duffield & Co.	61
Dumas	77, 122
Ediciones del Tridente	121, 122, 130, 131, 133, 134, 140, 237, 242, 246
Editora Brasiliense	17, 35, 47, 54, 92, 115, 119, 140, 162, 168, 285
Editora Civilização Brasileira	125
Editorial Acteón	4, 94, 150, 159, 168, 227, 254, 260, 266, 271, 285, 287
Editorial Americalee	89, 92, 94, 98, 105, 106, 107, 108, 115, 123, 164, 214, 217, 219, 287
Editorial Atlantida	141
Editorial Cervantes	44, 189
Editorial Claridad	2, 15, 57, 92, 95, 211, 212, 217, 219, 287
Editorial Codex	8, 162, 163, 168, 169
Editorial Códex	162, 163
Editorial Glem	134, 136, 246
Editorial Losada	107, 110, 114, 120, 121, 232, 233, 234, 286
Editorial Plenitud	138
Editorial Ramirez	134, 246
Editorial TOR	23, 287
Eduardo Barrios	70
Eduardo Blanco-Amor	127
Eduardo Gutierrez	70, 79
<i>El Arca de Noe</i>	43
El Ateneo	44, 94, 119, 272, 287
El Economista	107
<i>El mal metafísico</i>	20, 184
<i>El Mundo</i>	127, 155, 242, 243
El rapto	69, 207, 208
El Tridente	120, 239, 240, 241, 246, 248, 255
EMECE	127, 128, 129, 130, 243, 244
<i>Emília no país da Gramática</i>	86, 91, 93, 107, 284
Emilio Landolfi	164
Era en el Paraíso	80
<i>Éramos Seis</i>	115
Escrach	77
<i>Espanto das Gentes</i>	106, 110, 225
Euclides da Cunha	15, 57, 153
Eugenio Hirsch	162
<i>Fábulas</i>	82, 110, 112, 123, 231
<i>Facundo</i>	39, 40, 45, 49, 52, 65, 70, 72, 73, 77, 192, 193, 194
Falange	128

Figuerola.....	165, 171, 271	Hercules	123, 125, 127, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 172, 175, 239, 240, 241, 245, 246, 247, 248, 258, 260, 262, 274, 282, 287
Firpo .....	69, 71	Hermano Asno .....	52, 70
Fleury.....	153	Hermes Fontes .....	15
Florian Paucke.....	161	História d´um amor turbio .....	68
Francisca Julia.....	16	<i>História das Invenções</i> .....	105
Gabriela Mistral .....	6, 88	<i>História de Arrabal</i> .....	65, 75
Gaceta del Libro .....	163	<i>História do Mundo para crianças</i> .....	93
Gahisto .....	29, 33	Hombres en Soledad .....	119
Gálvez	12, 13, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 33, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 47, 49, 52, 64, 65, 66, 70, 72, 73, 75, 77, 78, 82, 85, 86, 119, 176, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 203, 207, 208, 210, 243, 252, 253	Horacio Badaracco .....	124
Garay	2, 7, 15, 37, 38, 41, 42, 44, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 57, 58, 61, 63, 64, 68, 69, 74, 78, 80, 81, 86, 89, 90, 91, 93, 103, 108, 120, 183, 190, 191, 192, 197, 198, 199, 200, 202, 207, 208, 209, 210, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 234, 237, 238, 281, 288	Horacio Quiroga	2, 3, 5, 6, 18, 48, 49, 50, 51, 56, 58, 59, 60, 68, 69, 84, 127, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 210, 219, 281, 283, 284
General Isidoro .....	99, 222	Houston Publishing .....	62, 207
General Perón .....	268	Humberto de Campos.....	17
Gerard de Nerval .....	122	<i>Idéias de Jeca Tatu</i> .....	18, 35, 52, 147
Gilberto Amado.....	17	Ignacio de Loyola.....	122
Gilka Machado.....	18	Ingenieros .....	19, 38, 40
Godofredo Rangel	12, 16, 17, 24, 39, 44, 66, 91, 93, 182, 242, 250, 252	Isaac Goldberg.....	44, 45, 175, 194, 207
Goldberg.....	45, 47, 49, 52, 65, 77, 192	J.U.Campos .	91, 93, 98, 105, 115, 258, 260
Goya .....	173	Jorge Isaacs.....	79
Graça Aranha .....	13	José de Alencar .....	34
Grenet.....	40	José F. Maañon Lopez .....	124, 241
Guilherme de Almeida.....	15, 16	José Ingenieros.....	13, 18, 19, 29
Gustavo Barroso.....	12, 13	José León Pagano .....	149
Hacia allá y para acá.....	279	Juan Carlos Alonso.....	6, 81
Hayes .....	29	Juan Darien.....	76
Heitor de Morais .....	15, 54	Juan Manuel de Rosas .....	39, 79
Heitor Lima .....	16	Juan Moreira .....	70, 79
Henry Favre.....	117, 235	Juan Ramón Prieto	3, 8, 9, 94, 150, 213, 214, 217, 287
		Juan Torrendell .....	199
		Juanita .....	60, 62
		Julia Lopes de Almeida.....	17
		Julián Aguirre .....	14, 28
		Julio Aramburu.....	44, 199
		Julio Usandivaras.....	20, 184

Jurandyr U. Campos .....	7	233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240,
Kipling.....	49, 50, 91, 122, 202, 216	241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248,
Koch .....	77, 183	249, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257,
<i>La Maestra Normal</i> .....	13, 16, 23, 176, 186	258, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267,
La Nación	12, 13, 16, 17, 27, 39, 50, 67, 69,	268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275,
	76, 122, 127, 176, 199, 202, 206, 207	276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283,
La Nota .....	29	284, 285, 288, 290
<i>La Nueva Argentina</i>	3, 159, 266, 267, 268,	Lorenzo Stanchina.....
	269, 270, 271, 272, 273, 274, 278, 280,	75
	282, 285	Loucura na Argentina.....
<i>La Prensa</i>	2, 12, 44, 57, 92, 95, 99, 127,	38
	130, 131, 213, 214, 231, 243, 245, 282	Lourenço Filho .....
Landolfi	7, 92, 128, 129, 131, 160, 164, 171,	40
	172, 233, 237, 238, 239, 244, 272, 274	Luis Carlos Prestes.....
<i>Las Doce Hazañas de Hercules</i>	150, 259,	131
	261, 272	<i>Luna de Miel</i> .....
Leborio Justo .....	123	40
Leo Vaz .....	24, 31, 252	Machado de Assis.....
Leopoldo Lugones.....	25, 49, 60, 127, 206	12, 15, 24
Lila .....	51, 61, 68, 74, 203	Manuel Barreiro .....
Lila Escobar de Camargo.....	51, 61, 203	4, 94, 150, 282
Lima Barreto .....	16, 24	Manuel Gálvez
Livraria Lealdade .....	38	1, 2, 3, 5, 6, 10, 11, 12, 13,
Lobato	1, 3, 5, 6, 7, 10, 12, 13, 14, 15, 16,	14, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27,
	17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27,	29, 31, 32, 33, 37, 38, 40, 42, 44, 45, 47,
	28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40,	49, 51, 52, 64, 65, 67, 70, 72, 73, 75, 77,
	41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 52, 53,	78, 79, 82, 85, 119, 182, 183, 184, 185,
	54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 68,	186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193,
	69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 80, 82,	194, 195, 196, 197, 198, 200, 208, 210,
	84, 85, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 98, 99, 100,	252, 281
	101, 105, 107, 108, 110, 115, 123, 125,	Manuelita Rosas .....
	127, 130, 133, 135, 140, 142, 146, 149,	83
	150, 151, 152, 154, 156, 159, 162, 163,	Maria
	164, 165, 168, 173, 175, 177, 178, 179,	12, 15, 36, 37, 45, 57, 69, 75, 79, 88,
	180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187,	91, 107, 114, 115, 127, 163, 284, 286, 288
	188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195,	Mário Benedetti.....
	196, 197, 198, 200, 202, 203, 204, 205,	146
	206, 207, 208, 209, 210, 211, 213, 214,	Marta .....
	215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222,	91, 150
	223, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232,	Martim Francisco .....
		18
		Martins Fontes .....
		15, 285
		Max Nordau .....
		129
		Medeiros de Albuquerque.....
		17
		Medeiros e Albuquerque.....
		12, 16, 17
		Mello e Souza .....
		97
		<i>Memórias da Emília</i> .....
		89
		Menendez .....
		38
		Menotti .....
		16, 28, 36, 70, 142
		Menotti del Picchia.....
		16, 70, 142
		Mercante .....
		159, 268, 269
		Miguel Arteché .....
		97
		Miguel Pilato
		4, 94, 150, 159, 168, 257, 282

<i>Minotauro</i>	93, 95, 97, 98, 99, 114, 117, 120, 218, 221, 222, 229, 235, 236
Molina Campos	174
Mont. Lobato	21, 24
Monteiro Lobato	1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 59, 60, 61, 64, 67, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 107, 110, 112, 114, 115, 117, 119, 120, 123, 125, 127, 130, 134, 136, 139, 140, 141, 142, 146, 147, 150, 153, 156, 159, 162, 163, 164, 168, 170, 171, 173, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 227, 228, 229, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 246, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 265, 266, 267, 268, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291
Monteiro Lobato & Cia	12, 13, 15, 16, 17, 24, 32, 42, 45, 47, 52, 61, 70, 73, 79, 92, 110, 112, 146, 181, 192, 210
Mora Guarnido	140
Motta Lima	131
Mucio Leão	45, 49, 192
Mundo da Lua	12, 23, 71, 287
Murature	69
Murilla Torres	26, 70, 73
Musset	122
Mussolini	128, 133
<i>Nacha Regules</i>	21, 23, 25, 26, 29, 33, 45, 52, 65, 183, 185, 192, 193, 194, 195, 196, 252, 281
<i>Negrinha</i>	13, 25, 34, 36, 48, 50, 52, 66, 69, 74, 86, 94, 181, 202, 203, 206, 208, 287
Neves	140, 160, 162, 165, 168, 169, 255, 256, 257, 258, 277
Nicolás Olivari	75, 91
<i>No tempo de Nero</i>	279
Nosotros	13, 16, 17, 18, 20, 28, 29, 33, 39, 40, 42, 43, 44, 49, 65, 67, 95, 127, 172, 191, 199, 273, 282, 289
<i>Novas Reinações de Narizinho</i>	115
Nueva Era	45, 192
Nuñez	107, 114, 124, 127, 129, 241, 243
Nuñez-Arca	107, 114
<i>O Centaurinho</i>	162, 279
O comprador de estâncias	38
<i>O Escândalo do Petróleo</i>	123, 153
<i>O Estado de S. Paulo</i>	17, 27, 35, 60, 177
<i>O garimpeiro do Rio das Garças</i>	105
O Gato de Botas	139
O Jornal	17, 20, 31, 33, 83
<i>O Novo Visconde</i>	162, 163
O pai da guerra	60, 207
<i>O periscópio do invisível</i>	168
<i>O Picapau Amarelo</i>	105
<i>O Professor Jeremias</i>	24
O rapto	69, 94
<i>O Sacy</i>	82, 92, 105, 107, 120, 284
Olivari	75, 82
Oliveira Lima	17, 18, 175
<i>Os cavalos de Diomedes</i>	140
Os Faroleiros	25, 37, 190
Otales	146, 250
Otaviano Alves de Lima	175, 270
Pablo Barreto	13
Pablo Cataldi	165
Papel e Tinta	28, 31, 70
<i>Pater</i>	42

Pelayo Sala .....	123, 239	Rosalina .....	25, 61, 62, 63, 69, 71, 76, 172
Perón .....	159, 171, 266, 267, 268, 269, 270	Rosalina Coelho Lisboa .....	25, 61, 76
Plus Ultra	12, 25, 27, 32, 37, 38, 40, 50, 61, 66, 94, 187, 190, 191, 282	Rudyard Kipling.....	50, 122, 203
Ponson .....	77	Ruy Barbosa .....	12, 32, 34, 54, 188
Prieto	92, 94, 97, 107, 117, 126, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 138, 140, 160, 164, 166, 172, 176, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 227, 228, 229, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 255, 256, 257, 258, 260, 267, 268, 270, 271, 272, 273, 274, 276, 282	Saens Peña .....	127
Problema Vital .....	35	Salaverri.....	45, 52, 193, 194
Quiroga	48, 50, 51, 52, 53, 57, 59, 61, 63, 71, 74, 76, 77, 84, 194, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 243, 253, 281	Sánchez Sáez.....	6, 24, 66, 75, 86, 287
Quirós	52, 54, 55, 76, 127, 144, 145, 147, 149, 150	Saravia.....	119
R. Prieto	94, 96, 98, 100, 103, 109, 111, 114, 116, 118, 122, 124, 133, 218, 236	Sarmiento	39, 40, 45, 52, 77, 118, 141, 192, 193, 194, 236, 253, 270, 284
Rafael Barret .....	124	Sarmiento 2608.....	141, 253, 270
Ramón Prieto	3, 4, 44, 92, 96, 98, 105, 113, 115, 120, 159, 214, 217, 220, 230, 241, 246, 254, 255, 256, 257, 270, 282	Sarmiento 846.....	118, 236
Rangel	7, 16, 17, 18, 21, 24, 26, 27, 33, 34, 36, 39, 47, 52, 60, 69, 70, 71, 78, 86, 91, 92, 98, 99, 105, 115, 128, 178, 179, 186, 243, 244, 249, 250, 252	Sérgio Milliet .....	142, 195
<i>Reforma da Natureza</i> .....	106, 112	<i>Serões de Dona Benta</i> .....	105
Revista Atlántida.....	141	Shiang Kay-Sheck .....	165
Revista do Brasil	3, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 61, 65, 66, 69, 70, 75, 78, 79, 80, 86, 92, 110, 123, 142, 147, 175, 177, 179, 181, 182, 184, 185, 190, 192, 193, 194, 195, 199, 203, 208, 209, 230, 245, 252, 282, 287	Spencer.....	156
Rodolfo Gonzalez Pacheco.....	124	Sra Leandro Dupré .....	115
		Sra Villareno .....	114
		Stanchina .....	75, 78, 82
		Stendhal.....	122
		The Foreign Press Service .....	60
		Tolstoi.....	23, 129
		TOR.....	86, 121, 124, 241
		<i>Tragédia de um homem forte</i> .....	64
		Tridente	4, 120, 121, 123, 124, 125, 127, 129, 133, 134, 139, 239, 240, 241, 246, 248
		Tristão de Athayde.....	24, 31
		<i>Uma Fada Moderna</i> .....	162
		Unamuno .....	25, 176
		Unión Cinematográfica Argentina..	118, 236
		<i>Urupês</i>	12, 13, 37, 50, 131, 183, 192, 198, 199, 202, 245, 287
		<i>Urupês</i>	3, 12, 13, 16, 18, 21, 25, 27, 28, 29, 34, 35, 37, 39, 42, 44, 45, 48, 52, 54, 74, 86, 92, 94, 140, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 204, 206, 208, 209, 210, 211, 213, 214, 244, 245, 251, 281, 282, 287

Usandivaras.....	20, 28	Visconde .....	101, 108, 276
V. Salaverri .....	45, 192	Vito Dumas .....	117, 235
Velha Praga.....	27, 34, 54, 204	Walt Liuton .....	125
<i>Viagem ao Céu</i> .....	86, 96, 98, 99, 105, 107, 108, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 222, 227, 235, 236	Washington Luís Pereira de Sousa .....	99
<i>Viagem ao Céu</i> .....	96	Wast.....	14, 77
Vicente de Carvalho .....	16	William Paucke .....	162
Vicente de Salaverri .....	6, 67, 193	Xavier Marques.....	16
<i>Vida Ociosa</i> .....	39, 41, 66	Zamacois .....	77
		Zamora.....	91, 93, 216, 218, 219, 220
		Zola .....	23, 129



## ANEXOS

- . Cronologia Lobatiana na América Latina
- . Mapa Editorial de Lobato na Argentina

## CRONOLOGIA LOBATIANA NA AMÉRICA LATINA

### DÉCADA

### EVENTO

1900

1903

1906

1907

- . Manuel Gálvez funda a revista *Ideas*.
- . Manuel Gálvez é nomeado Inspector de la Enseñanza Secundária.
- . Roberto Giusti e Alfredo Bianchi fundam a revista *Nosotros*.

### Década de 1910

1914

- . A editora da revista *Nosotros* lança *La Maestra Normal*, de Manuel Gálvez.
- . Monteiro Lobato publica na seção "Queixas e Reclamações", do *Estado de S.Paulo*, o texto intitulado "Urupês"

1916

- . Manuel Gálvez cria, em Buenos Aires, a "Cooperrativa Editorial Buenos Aires".
- . Nasce Ruth, a filha mais nova de Monteiro Lobato.
- . Publicação do primeiro número da *Revista do Brasil*, em janeiro.
- . Lançamento, na Argentina, de *El Mal Metafísico*, de Manuel Gálvez.

1918

- . Lançamento, em português, do livro *Urupês*.
- . Lançamento, em português, de *Problema Vital*.
- . Lançamento do *Sacy Pererê*: resultado de um inquérito.
- . Lobato compra a *Revista do Brasil*, em junho

1919

- . Lançamento, no Brasil, de *Idéias de Jeca Tatu e Cidades Mortas*.
- . *Revista do Brasil* lança a propaganda "Novidades Literárias Argentinas".
- . Gálvez cria, em Buenos Aires, a "Editorial Pax". Por iniciativa dele é criada também a "Agencia General de Librería e Publicaciones", que se encarregava de distribuir aos países vizinhos os livros editados pela "Cooperativa Editorial".
- . Carta de Manuel Gálvez a Monteiro Lobato (FML - CEDAE). MLb3.2.00234cx5.
- . *Nacha Regules*, de Gálvez, sai em espanhol, em dezembro, pela editorial Pax, com tiragem de 3.000 exemplares.
- . Monteiro Lobato escreve 03 cartas a Manuel Gálvez, de agosto a dezembro.(Academia Argentina de Letras).

## Década de 1920

- . O conto "Os faloreiros" teve adaptação cinematográfica, produzido pela Sociedade de Cultura Artística Romeiros do Progresso.
- . Lançamento de *Negrinha*
- 1920 . Lançamento de *A Menina do Narizinho Arrebitado*.
- . Lobato escreve 09 cartas a Gálvez, de janeiro a dezembro. (Academia Argentina de Letras)
- . Múcio Leão publica, no *Correio da Manhã*, de 11.11.1920, texto sobre *El Mal Metafísico*, livro de Manuel Gálvez.
  
- . A Editorial Patria, de Buenos Aires, publica *Urupês*, traduzido por Benjamín de Garay.
- . Bernaldo Cesáreo Quirós, artista plástico argentino, realiza uma exposição em São Paulo, à qual Lobato comparece.
- . Lançamento de *A Onda Verde*, que reúne a produção jornalística de Monteiro Lobato.
- 1921 . *La Novela Semanal*, de Buenos Aires, publica *Alma Negra*, versão de *Negrinha* para o espanhol.
- . Resenha de *Urupês*, escrita por Júlio Aramburu, é publicada na *Nosotros*, de junho.
- . Horacio Quiroga envia 03 cartas a Monteiro Lobato, no período de Agosto a Novembro. (FML - CEDAE)  
MLb3.2.00261cx5,MLb3.2.00268cx5,MLb3.2.00269cx5
- . Em maio, Lobato publica na revista *Nosotros*, da Argentina, o artigo "Letras Brasileñas: Visión General de la Literatura Brasileña".
- . Em julho, Mucio Leão publica, na *Revista do Brasil*, um artigo sobre o livro *Nacha Regules*, de Manuel Galvez.
- . A *R.B* publica um artigo intitulado "A literatura Brasileira na Argentina: o "Urupês", de Monteiro Lobato"
- . Lobato escreve 07 cartas a Gálvez, no período de janeiro a novembro. (Academia Argentina de Letras)
  
- . Lobato aceita concorrer à cadeira 11 da ABL, vaga com a morte de Pedro Lessa.
- . No ano do Centenário da Independência, Lobato e Ronald de Carvalho publicam artigo na *Nuestra Revista*.
- . Sai na seção "Notas do Exterior", da *Revista do Brasil*, uma resenha sobre as publicações de Gálvez na Argentina.
- 1922 . Ronald de Carvalho publica na *Nosotros* o artigo "La Novela Brasileña".
- . Na *Revista do Brasil* sai o texto "La tragedia de un hombre fuerte", livro de Gálvez publicado na Biblioteca de Novelistas Americanos.
- . Ronald de Carvalho publica no *O Jornal* uma crítica ao livro *El Metafísico*, de Manuel Gálvez.
- . Horacio Quiroga escreve 06 cartas a Monteiro Lobato, no período de Junho a Novembro (FML - CEDAE)MLb3.2.00278cx5, MLb3.2.00279cx5, MLb3.2.00281cx6,MLb3.2.00285cx6,MLb3.2.00287cx6,MLb3.2.00288cx6
- . Monteiro Lobato publica na seção Bibliografia, da *R.B* crítica sobre *Anaconda*, de Horacio Quiroga.
- . Em maio, sai na *Nosotros* o texto lobatiano, "La evolución de las ideas argentinas", sobre o livro do argentino José Ingenieros.

- . É lançada na Espanha (editorial Nuñez/Cervantes) uma coletânea de contos lobatianos intitulada *El comprador de haciendas*, traduzida por Benjamín de Garay.
  - . Lobato lança, em português, *Mundo da Lua*, fruto de um diário da juventude.
  - . Lançamento de *O Macaco que se fez homem*.
- 1923
- . Lobato recebe 02 cartas de Horacio Quiroga, no período de junho a novembro.(FML - CEDAE). MLb3.2.00312cx6, MLb3.2.00323cx7.
  - . 03 cartas são escritas por Lobato e destinadas a Gálvez, no período de março a novembro.(Academia Argentina de Letras).
  - . Sai, na *Gazeta de Notícias*, de 04.06, texto sobre o livro *El Mal Metafísico*, de Manuel Gálvez.
- 
- . "Barba Azul", conto de *Negrinha*, é publicado na revista *Lecturas*, de Buenos Aires, com tradução de Braulio Sánchez-Saez.
  - . Galvez passa a ser colaborador da revista brasileira *Novíssima* (número 4); o texto de estréia intitula-se "Jovens e velhos".
  - . Os argentinos Nicolás Olivari e Lorenzo Stanchina passam a colaborar na *Novíssima*.
  - . Stanchina entrevistou Manuel Galvez para a revista *Novíssima*.(numero 6)
  - . Olivári publica na *Novíssima* o texto "A jovem poesia Argentina" (número 8) e passa a ser colaborador efetivo da revista.
  - . Lobato publica "A Argentina e eu", na *Novíssima* (número 8).
  - . O texto "O ritmo da vida", de Manuel Gálvez é publicado pela *Novíssima* (número 8).
- 1924
- . Lobato recebe 02 cartas de Quiroga, 01 de Manuel Galvez e 01 de Juan Carlos Alonso, no período de janeiro a dezembro.(FML- CEDAE).MLb3.2.00238, MLB3.2.00328cx7,MLb3.2.00330cx7,MLb3.2.00333cx7.
  - . *Nacha Regules*, em português, é publicado pela Cia Editora Monteiro Lobato, com tiragem de 2000 exemplares.
  - . Lobato envia 02 cartas a Manuel Gálvez entre maio e outubro.(Academia Argentina de Letras).
  - . O poema "Como la primavera", de Juana de Ibarbourou é publicado na *Novíssima* (número 6).
  - . No número 7 da *Novíssima*, Juana de Ibarbourou publica o poema "Suprema Oferenda".
  - . "Criando o Teatro Brasileiro" é o título da entrevista concedida por Garay à redação *Novíssima* (número 7).
  - . A Editorial TOR publica, na coleção "Lecturas Seletas", o volume com o texto "Los Ojos que sangran", de Monteiro Lobato.
- 
- . Em 28.02 saiu no *Diário da Noite* texto sobre *Nacha Regules*, de Manuel Gálvez
- 1925
- . Ronald de Carvalho publica, no *Diário da Noite*, de 13.12, texto intitulado "Manuel Gálvez".
  - . 01 carta é enviada por Lobato a Gálvez, em janeiro de 1925.
  - . Lançamento de *Hans Staden*.
- 
- . Lobato publica n´O *Jornal*, do Rio de Janeiro, artigo sobre o livro *Manuelita Rosas*, do argentino Carlos Iburguren.
  - . Monteiro Lobato sai d´O *Jornal*.
  - . Iburguren escreve a Monteiro Lobato agradecendo a crítica ao livro. (FML - CEDAE). MLb3.2.00343cx7.
- 1926

- 1927 . Lobato é nomeado Adido Comercial do Brasil nos EUA.  
. Lobato recebe uma carta de Horacio Quiroga (FML - CEDAE). MLb3.2.00356cx7

### Década de 1930

- 1931 . Monteiro Lobato volta dos EUA  
. Lançamento de *Reinações de Narizinho, Ferro, O pó de pirlimpimpim*.
- 1934 . Lobato escreve 01 carta a Manuel Gálvez, em agosto.
- 1937 . É publicado no *La Prensa*, jornal argentino, *D. Quijote de los niños*, adaptação de Monteiro Lobato.  
. "Una camella sobre el lodo de un saladero", de Monteiro Lobato, foi publicado no *La Prensa* e traduzido por Benjamín de Garay.
- 1938 . *Don Quijote de los niños*, traduzido por Benjamín de Garay é publicado em livro pela Editorial Claridad.  
. A Editorial Claridad publica também *Las Travesuras de Naricita, Las Cacerías de Pedrito e Los cuentos de la Negra Nastácia*.  
. "El jardinero Timoteo" (conto de *Negrinha*), ilustrado por Miguel Petrone, é publicado no *La Prensa*.  
. O texto "Je prends le soleil" foi publicado no *La Prensa*.  
. "Un hombre de conciencia sai no *La Prensa*, em 12.01
- 1939 . O texto de Monteiro Lobato "El Conejito de lana" foi publicado no *La Prensa*.  
. O texto de Monteiro Lobato "Herederero de si mesmo" foi publicado no *La Prensa*  
. *La Prensa*, de 02.04, publica "La Remolacha de Maricota", de Monteiro Lobato.  
. *La Prensa*, de 21.06, publica o texto "Machado de Assis", de Monteiro Lobato.

### Década de 1940

- 1941 . Monteiro Lobato é preso na Casa de Detenção, de São Paulo, de onde escreve a Benjamín de Garay.(FML - CEDAE)MLb 3.1.00177cx3  
. Jornal Portenho registra a prisão de Monteiro Lobato.

- 1942 . Monteiro Lobato conheceu Bráulio Sanchez-Saez, que publicou na *Revista Magazine* o artigo "O novelista Manuel Gálvez".  
 . *Revista Suplemento* publica os seguintes artigos, de Manuel Gálvez: "Geca Tatu na Argentina" e "*Urupês* na Argentina".  
 . Juan Ramón Prieto, da Editorial Americalee, manifesta seu interesse por traduzir a obra infantil de Monteiro Lobato para espanhol.  
 . Lobato recebe 06 cartas de Prieto, de setembro a dezembro. (BIJML). Pasta 20 2507, Pasta 20 2508, Pasta 20 2509, Pasta 20 2510, Pasta 20 2511, Pasta 20 2512.  
 . Em 01.03, o texto de Braulio Sánchez Sáez - "O novelista Manuel Gálvez" - saiu na *Gazeta Magazine*.
- 1943 . Morte de Edgard, filho de Monteiro Lobato  
 . Monteiro Lobato fecha contrato de publicação de 26 de seus livros em Buenos Aires, com a Editorial Americalee, graças ao contato estabelecido em 1942 com Ramon Prieto.  
 . Prieto escreve 07 cartas a Monteiro Lobato, de janeiro a agosto.(BIJML). Pasta 20 2513, Pasta 20 2514, Pasta 20 2515, Pasta 20 2516, Pasta 20 2517, Pasta 20 2518, Pasta 20 2519.  
 . *El país de la gramática* é publicado pela Americalee.
- 1944 . A Editorial Tridente pede que Lobato autorize a publicação dos *12 Trabalhos de Hércules*.  
 . *Las Travesuras de Naricita e Viaje al Cielo* são traduzidas por Ramon Prieto e publicadas pela Americalee.  
 . Prieto escreve 03 cartas a Lobato, de agosto a outubro.(BIJML). Pasta 20 2520, Pasta 20 2521, Pasta 20 2522.  
 . Em 10.09, Braulio Sánchez-Sáez publicou, no *Correio Popular*, de Campinas, o texto "Manuel Gálvez, historiador biográfico de América.
- 1945 . Lançamento de *Nasino*, tradução italiana de *Reinações de Narizinho*.  
 . "A menina do Narizinho Arrebitado" é transformada em novela infantil, pela Rádio Globo, do Rio de Janeiro.  
 . Assinatura do contrato com a Brasiliense para a edição das *Obras Completas* em Português.  
 . O jornal *La Prensa*, através de Prieto, manifesta interesse em publicar a correspondência que compõe *A Barca de Gleyre* no jornal.  
 . A Editorial Americalee publica *Cacerías de Perucho e Don Quijote de los niños*, ambos traduzidos por MJ Sosa.  
 . A Americalee publica *Aventuras de Hans Staden*, com tradução de Ramon Prieto.  
 . *Peter Pan: el niño que no quiso crecer*, traduzido por MJ Sosa, é publicado pela Americalee.  
 . Lobato recebe 08 cartas de Prieto, de janeiro a outubro.(BIJML). Pasta 20 2523, Pasta 20 2524, Pasta 20 2555, Pasta 20 2526, Pasta 20 2527, Pasta 20 2528, Pasta 20 2529, Pasta 20 2530.

- 1946
- . Lobato muda, com sua família, para a Argentina.
  - . Funda, com Ramon Prieto, Miguel Pilato e Manuel Barreiro, a Editorial Actéon.
  - . Monteiro Lobato escreve, de Buenos Aires, 02 cartas a J.U.Campos, seu genro.(FMI-CEDAE) MLb3.1.00189cx4, MLb3.1.00190cx4
  - . Lobato recebe 02 cartas de Quirós e 01 carta de Constancio Vigil. (FML - CEDAE) MLb3.2.00445cx9,MLb3.2.00449cx9, MLb3.2.00451cx9.
  - . A Editorial Acteon publica *Las 12 Hazañas de Hercules*.
  - . Lançamento,pela Editora Brasiliense, da primeira série (literatura geral), em 13 volumes, das *Obras Completas* de Monteiro Lobato.
- 1947
- . Monteiro Lobato publica *La Nueva Argentina*, sob o pseudônimo de Miguel P. Garcia
  - . A família Lobato retorna ao Brasil, depois de 1 ano vivendo em Buenos Aires.
  - . Durante o tempo em que vive na capital Argentina, escreve 05 cartas aos mais diversos amigos brasileiros e 01 carta ao senhor Emílio Landolfi, da Americalee.(FML - CEDAE). MLb3.1.00191cx4, MLb3.1.00192cx4,MLb3.1.00193cx4,MLb3.1.00194cx4, MLb3.1.00195cx4, MLb3.1.00197cx4.
  - . Lobato recebe 03 cartas de Prieto, no período de maio a novembro. (BIJML).Pasta 20 2531,Pasta 20 2532, Pasta 20 2533.
  - . A Editorial Americalee lança 23 volumes das *Obras Completas* Infantis de Monteiro Lobato traduzidas para o espanhol
  - . A Editorial Codex envia 02 cartas a Monteiro Lobato. (FML - CEDAE). MLb3.2.00460cx10, MLb3.2.00462cx10.
  - . A Editorial Codex lança uma série de "Ediciones Juguetes" com 10 títulos de Monteiro Lobato, a saber: *A casa da Emilia, Uma fada Moderna, O Centaurinho, O periscópio do Invisível, A Grande Reinação, As fadas aparecem, O novo Visconde, A Lampreia, No tempo de Nero, O Museu da Emilia*.
  - . *Urupês* é relançado em Buenos Aires, pela Editorial El Ateneo, com tradução de Ramon Prieto.
  - . Quirós envia 01 carta a Monteiro Lobato. (FML - CEDAE).MLb3.2.00465cx10.
  - . A Editora Brasiliense publica a série infantil das *Obras Completas* de Monteiro Lobato em 17 volumes.
- 1948
- . Monteiro Lobato recebe 02 cartas de Juan Ramon Prieto, de março a maio (BIJML).Pasta 20 2534, Pasta 20 2535.
  - . Morre, em julho,aos 66 anos, em São Paulo.

## As obras de Lobato nas Editoras Argentinas

<b>Editora</b>	<b>Proprietário</b>	<b>Obras lobatianas publicadas/Ano</b>
Editorial Claridad	Antonio Zamora	Don Quijote de los niños: 1938
Editorial Americalee	Emilio Landolfi	Obras Completas Infantis de Monteiro Lobato: 1944
Casa Peuser	Jacobo Peuser	Responsável pela distribuição das obras publicadas pela Americalee: 1944-45
Editorial Losada	Gozalo Losada	Responsável pela distribuição das obras publicadas pela Americalee: 1944/1945
Ediciones del Tridente	Vários	Interesse em publicar os livros de Lobato que não era editados pela Americalee: 1945
Editorial Plenitud	Juán Ramón Prieto	Interesse na publicação de <i>Las Doce Hazañas de Hercules</i>
El Ateneo	Pedro García	<i>Urupés</i> . Tradução de Juan Ramón Prieto, 1947.
Editorial Acteón	Monteiro Lobato, Juan Ramon Prieto, Miguel Pilato	<i>Las Doce Hazañas de Hercules</i> : 1945; <i>La Nueva Argentina</i> : 1947.